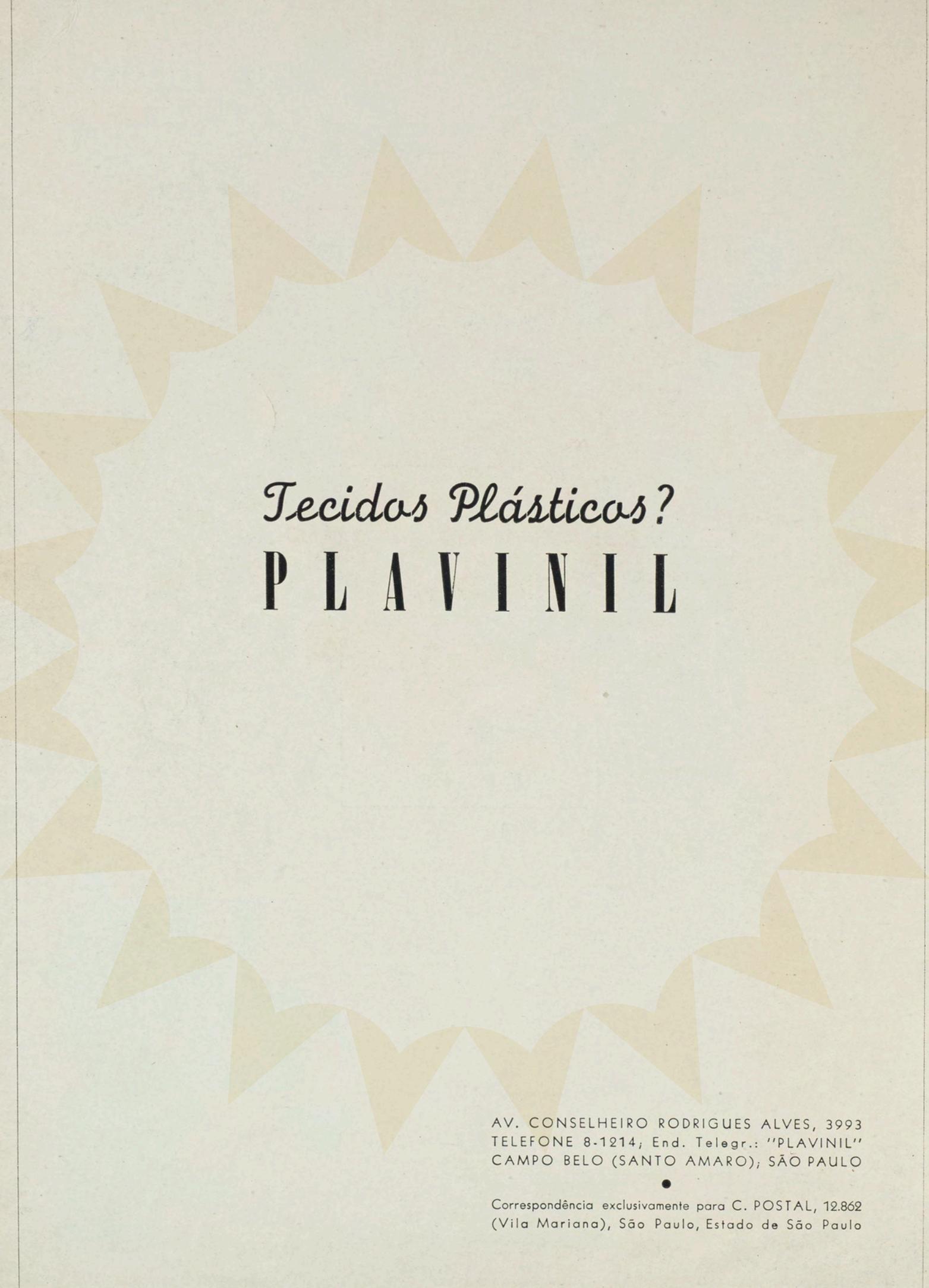


# 5

# HABITAT

revista das artes no Brasil





*Tecidos Plásticos?*

**P L A V I N I L**

AV. CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES, 3993  
TELEFONE 8-1214; End. Telegr.: "PLAVINIL"  
CAMPO BELO (SANTO AMARO); SÃO PAULO

●  
Correspondência exclusivamente para C. POSTAL, 12.862  
(Vila Mariana), São Paulo, Estado de São Paulo

# KNOEDLER

Established 1846



Velasquez, Cabeça de Anjo, 1630 (14 1/2 x 18 1/4)

OLD MASTERS  
AMERICAN PAINTING  
FRENCH IMPRESSIONISTS  
CONTEMPORARY PAINTING

Framing

Prints

Restoring

**NEW YORK CITY**

14 East 57th Street

**LONDON**

14 Old Bond Street

**PARIS**

22 Rue des Capucines



Sir Isaac Newton (físico inglês - 1642 † 1727). Profundo estudioso de Óptica, autor das teorias da composição da luz branca e das cores produzidas pela superposição de lâminas delgadas. Decomps a luz solar, através de um prisma, para provar a primeira dessas teorias.

...luz regulada

para os seus olhos

- fator de equilíbrio para o estado de espírito!

**NOVITAS** as persianas mais vendidas em todo o país, têm um papel importantíssimo na saúde dos olhos e no bem estar comum, pois, possibilitam a adaptação do ser humano ao ambiente onde se encontra, corrigindo o excesso de luz. A variedade de cores em que são fabricadas as persianas **NOVITAS** permite o seu uso em ambientes os mais variados, desde o mais rústico até o mais sóbrio.

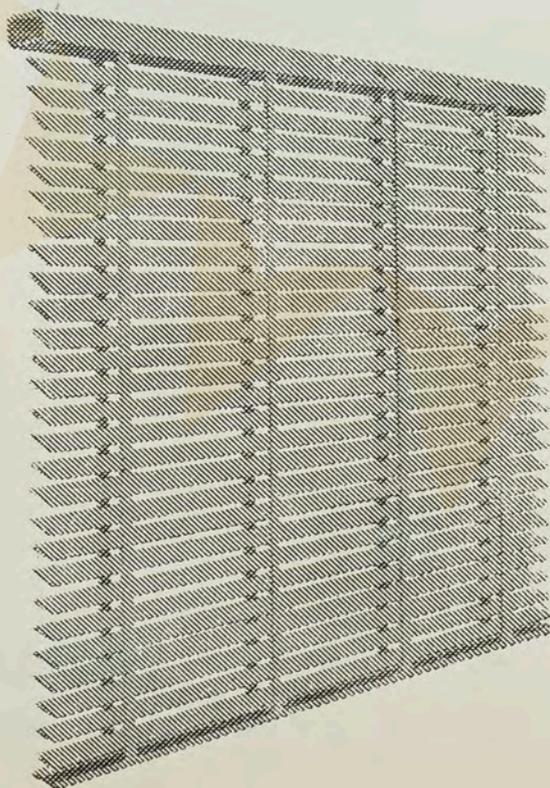
persianas

**NOVITAS**

a luz regulada para os seus olhos

INDUSTRIAL MECÂNICA **NOVITAS** LTDA.

R. 7 de Abril, 252 - 2a. S/L - Sala 4 - Fones 36-7287 e 35-1494





## TRADIÇÃO - QUALIDADE

DE SÃO PAULO PARA O BRASIL

São Paulo trabalha sempre. De seu parque industrial espalham-se pelo Brasil múltiplos produtos que, de dia para dia, conquistam maior preferência dos mercados. O trabalho é uma TRADIÇÃO bandeirante, e a produção paulista, que se caracteriza pela QUALIDADE, encontra sempre e cada vez mais justificadas simpatias e, máquinas, aparelhos, artefactos, dos mais simples aos mais complexos, procedentes de São Paulo, emprestam de norte a sul, por toda a parte, sua valiosa colaboração ao progresso do Brasil.



A METALÚRGICA PAULISTA S/A foi fundada em 1897. Acompanhou de perto o surto gigantesco do país em mais de meio século. Cresceu, tornou-se uma cidade de trabalho, contribuindo com os produtos COSMOPOLITA para a higiene, o conforto e a beleza dos lares, prosseguindo em sua jornada, sempre com maior intensidade. A METALÚRGICA PAULISTA S/A reúne em seus produtos COSMOPOLITA as mais acentuadas características da produção paulista: TRADIÇÃO E QUALIDADE.



TRADIÇÃO - QUALIDADE

M E T A L Ú R G I C A P A U L I S T A S / A  
R U A S A P U C A I A , 4 5 2 S ã o P a u l o

# Crescendo...

## SERVINDO!

Bastante expressivo tem sido o desenvolvimento do BANCO NACIONAL IMOBILIÁRIO, nestes últimos 5 anos.

Entretanto, o progresso de uma Instituição bancária não se mede apenas pelos algarismos constantes de seu balanço.

No nosso caso, mais expressivos ainda do que os números, são os bons serviços e a responsabilidade com que temos procurado atender a uma enorme clientela, que constantemente nos honra com a sua confiança.

A fim de honrar essa confiança, tudo faremos para alcançar um alto índice de evolução, sempre através de melhores e eficientes serviços.

### RESUMO DO BALANCETE

Em 31 de Outubro de 1951

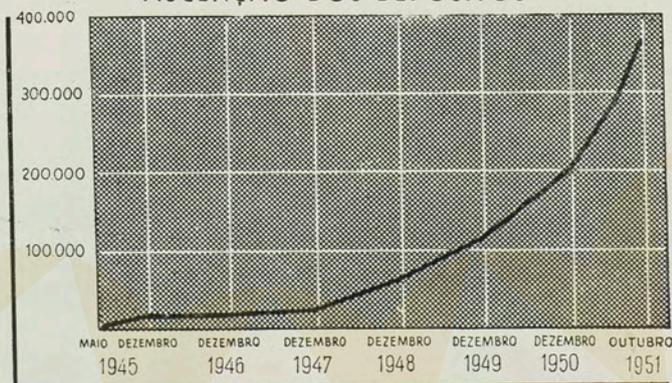
#### DISPONIBILIDADES E APLICAÇÕES

Dinheiro em Caixa, no Banco do Brasil e em Bancos Correspondentes .....	79.866.332,90
Empréstimos .....	276.335.766,70
Empreendimentos Imobiliários .....	60.061.260,70
Edifício Sede e Instalações .....	21.415.123,30
Outras Aplicações .....	112.377.012,20
Contas de Compensação .....	758.561.004,60
Total .....	<u>1.308.616.500,40</u>

#### RECURSOS PRÓPRIOS E RESPONSABILIDADES

Capital, Reservas e Lucros Suspensos .....	72.126.460,40
Depósitos .....	365.229.691,90
Diversas Responsabilidades .....	112.699.343,50
Contas de Compensação .....	758.561.004,60
Total .....	<u>1.308.616.500,40</u>

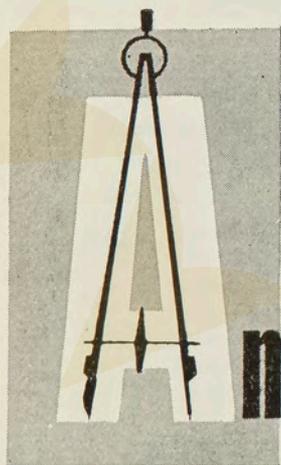
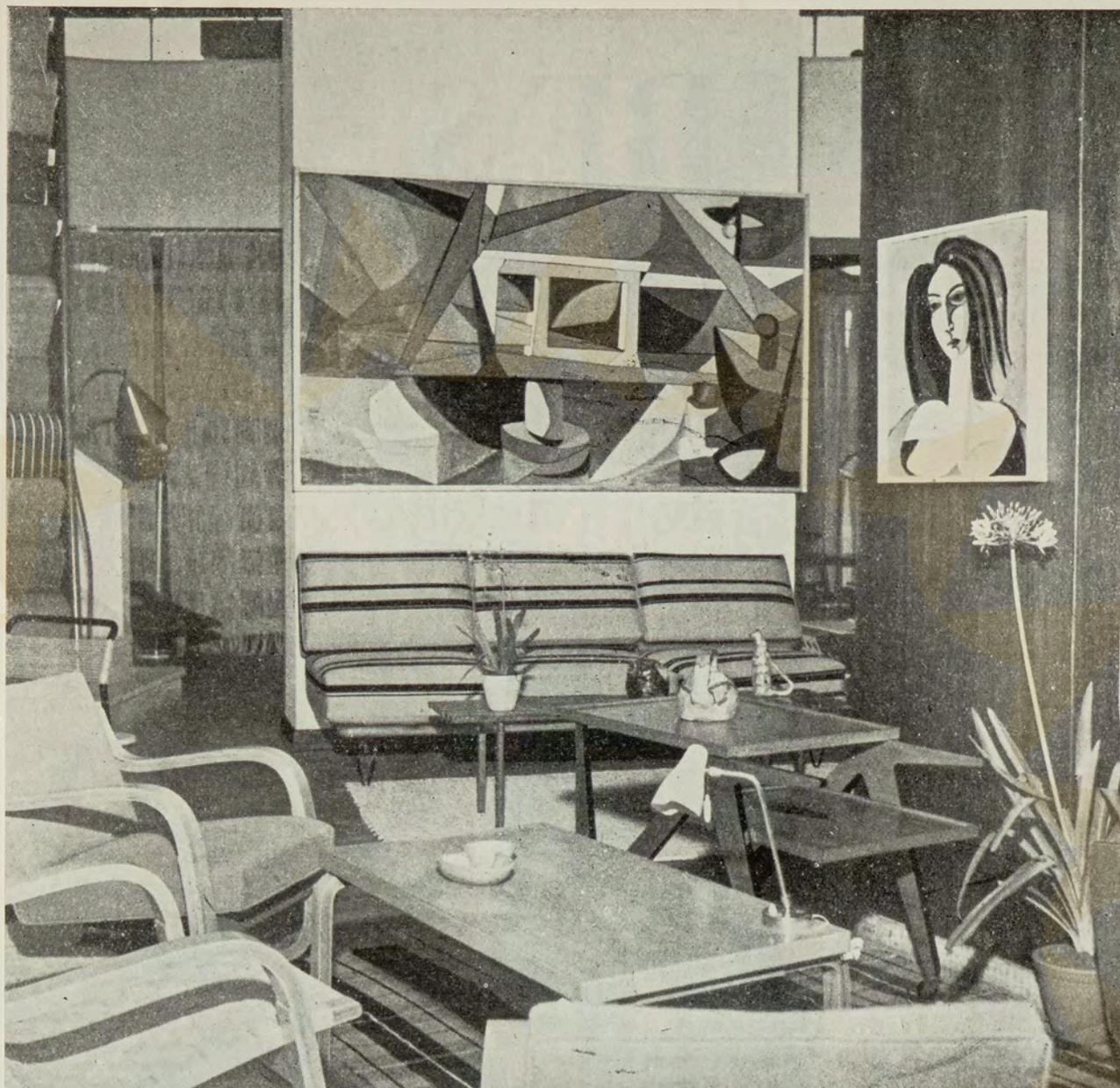
#### ASCENÇÃO DOS DEPÓSITOS



## Banco Nacional Imobiliário S.A.

— UMA INSTITUIÇÃO PARA SERVIR O PÚBLICO —

**Séde Central:** Rua Álvaroes Penteado, 72 - Telefone 35-6131  
**Agência Pinheiros:** Rua Teodoro Sampaio, 2347 - Tel. 8-1604  
**Agência do Braz:** Av. Rangel Pestana, 2121 - Telefone 9-7700  
**Agência Paraíso:** Rua Paraíso, 915 - Telefone 31-3234  
**Agência Jabaquara:** Av. Jabaquara, 812 - Telefone 70-2932  
**Agência São João:** Av. São João 1133 - Telefone 52-8327  
**Agência Penha:** Rua da Penha, 371 - Telefone 9-0273  
**Agência Paula Souza:** Rua Paula Souza, 62 - Tel. 34-4952  
**Agência Marechal Deodoro:** Av. S. João, 2176 - Tel. 52-7064  
**Agência Tatuapé:** Avenida Celso Garcia, 3760  
**Agência Bom Retiro:** Rua José Paulino, 390



**ambiente**

rua martins fontes, 223, telefone 35-6240, são paulo

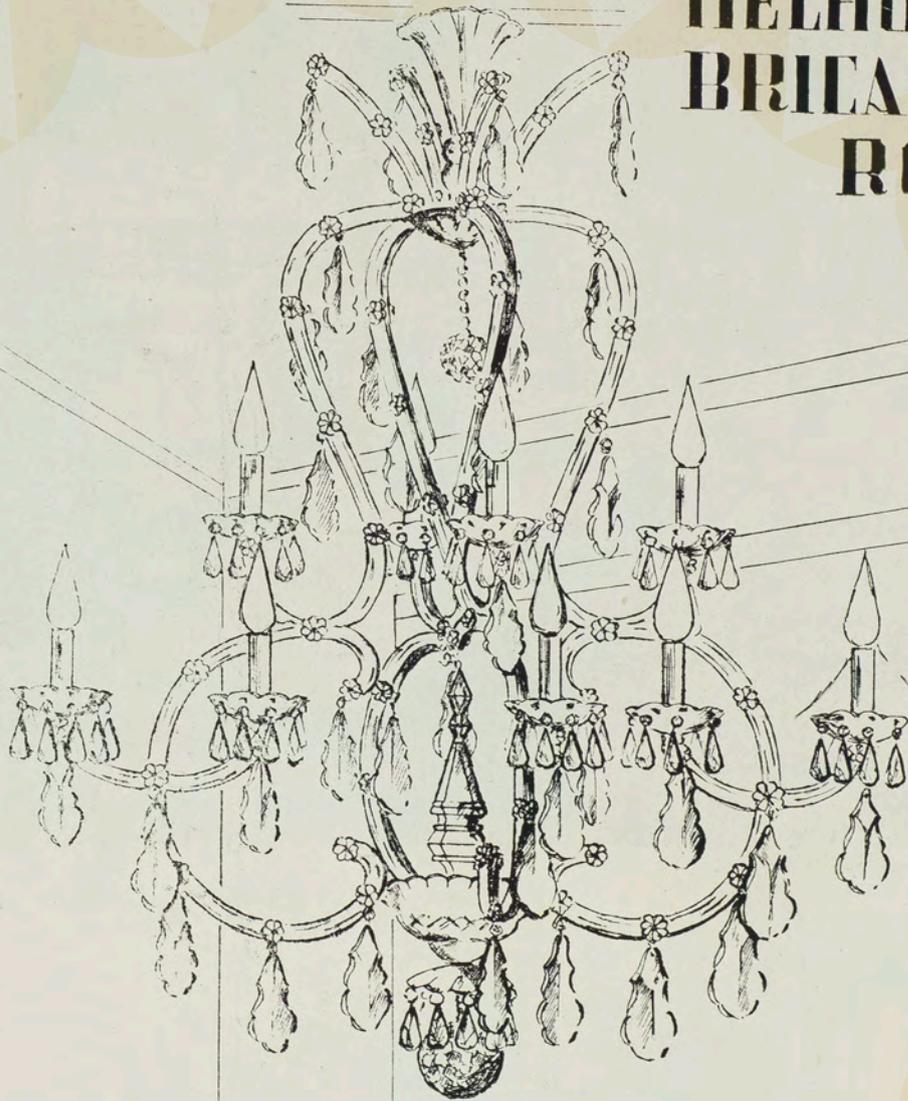
**Ambiente** decora seu lar

desenhos e orçamentos sem compromisso

moveis modernos  
decorações  
tapeçarias  
instalações  
objetos de arte

# LUSTRES

IMPORTADOR  
DIRETO DAS  
MELHORES FA-  
BRICAS DA EU-  
ROPA



**LUSTRES MASUET**  
exposição e vendas:

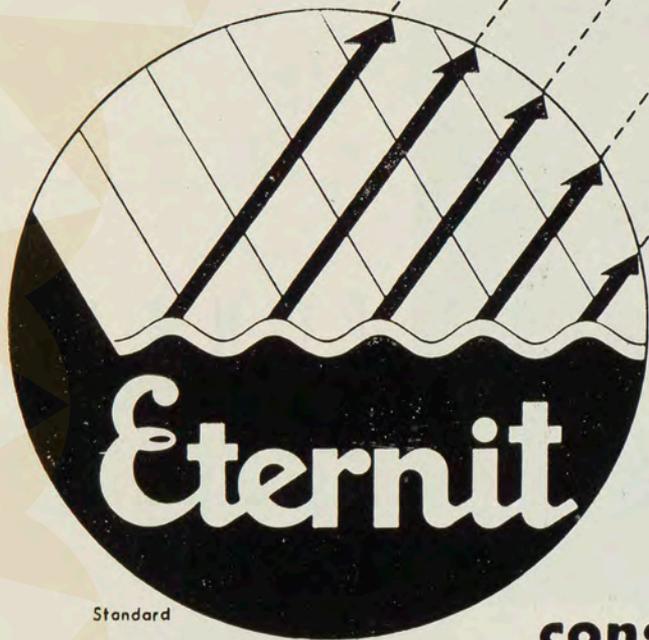
**AV. BRASIL, 216** fone: 8-2958

**S. PAULO**

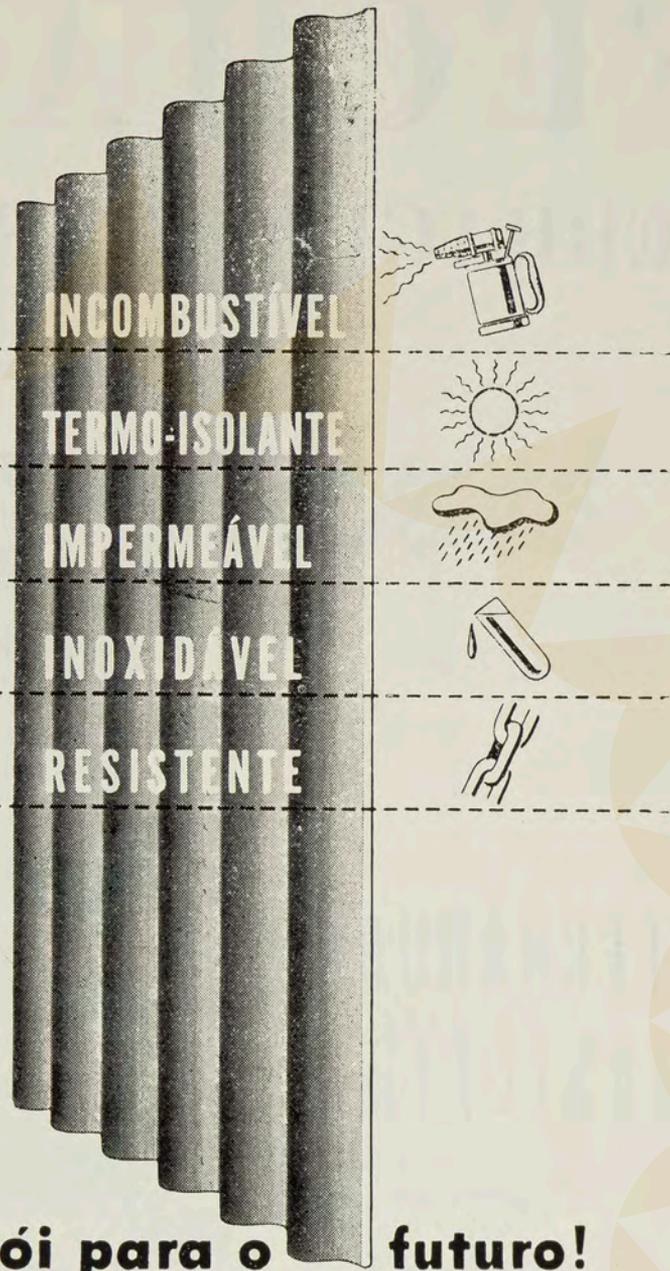
A maior exposição do Brasil em lustres finos. Permanente-mente se recebem os modelos mais originais das produções européias: lustres, plafons, e arandelas em cristal Bohemio, porcelana francesa, bronze artístico e cristal colorido. - Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua Residência. - Especialidade em grandes lustres sob encomenda para finas Residências, Igrejas, Hotéis, Bancos, Cinemas, etc. - Colocação gratuita por pessoal especializado.



**CIMENTO  
AMIANTO**



Standard



**constrói para o futuro!**

**Alguns dos produtos da  
linha ETERNIT**



Chapas onduladas  
para coberturas  
e paredes



Chapas lisas para  
paredes e fôrros



Colhas e tubos  
de descarga.



Tubos para ar  
condicionado e  
ventilação.



Caixas d'água  
e de descarga.



Fossas sépticas e  
caixas de gordura.

**DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL**

Aplicado em escala sempre crescente, nos mais variados tipos de construções, ETERNIT constitui poderoso fator de progresso da técnica arquitetônica, em nosso país. Incombustível, termo-isolante, impermeável, inoxidável e resistente à maioria dos agentes químicos, ETERNIT proporciona outras vantagens que conquistaram a confiança dos engenheiros e construtores: devido ao seu peso reduzido, ETERNIT alivia as estruturas, facilita o transporte e reduz o custo da mão de obra. Nas cidades em que mais se constrói no mundo inteiro, ETERNIT é o material de escolha obrigatória para múltiplas aplicações.

**Porque ETERNIT é o material de cimento amianto da mais alta qualidade**

ETERNIT foi, de fato, o primeiro material de cimento amianto obtido por processo moderno. ETERNIT é fabricado exclusivamente com amianto de fibras rigorosamente selecionadas e cimento "Portland" da melhor qualidade.

**ETERNIT DO BRASIL CIMENTO AMIANTO S/A**

**MATRIZ: SÃO PAULO** - Fábrica em Osasco - São Paulo - Tels.: 57 e 58  
Caixa Postal, 7044 - São Paulo - Enderço Telegráfico: "Eternit São Paulo"

**FILIAL: RIO (D. F.)** - Fábrica em Honório Gurgel - Rio - Esc.: Pça. Pio X, 78  
9.º and. - Caixa Postal, 3338 - Rio - End. Telegr. "Eternit Rio de Janeiro"

Vendas no Rio e em São Paulo:

Montana S. A. Engenharia e Comércio - Rio: R. Visc. de Inhaúma, 64 - 4.º - Tel. 43-8861 - S. Paulo: R. Cons. Crispiniano, 20 - 4.º - Tel. 34-5116  
Sociedade Técnica e Comercial Servo Ribello S. A. - S. Paulo: R. Flor. de Abreu, 779 - Tel. 32-3148 - Rio: R. Teófilo Otoni, 123-A - 6.º - Tel. 43-1952

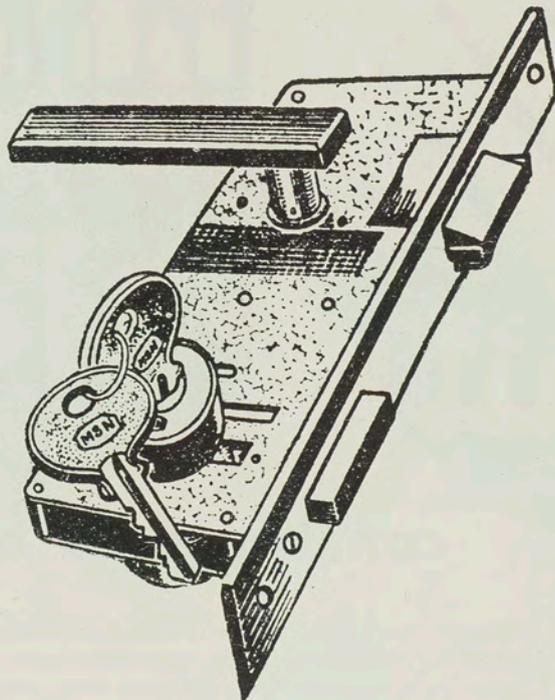
# FECHADURAS

## FERRAGENS PARA CONSTRUÇÕES

SÍMBOLO DE GARANTIA  
E SEGURANÇA



A FECHADURA  
BRASILEIRA



IGUAL À  
ESTRANGEIRA

FABRICAÇÃO DA:

**M**ETALURGICA **S**ÃO **N**ICOLAU LTDA.  
RUA SILVEIRA DA MOTA N.º 1 - TEL. 33-1429

REPRESENTANTE:

**OTTO LUETSCHG**

Escritório e Exposição:

Av. Ipiranga, 313, 1.º conj. 10

Sempre a cargo de  
**FICHET & SCHWARTZ-HAUTMONT**  
as obras de maior vulto em

# ESQUADRIAS METÁLICAS

O Banco do Estado  
de São Paulo o prédio  
mais alto da  
América Latina tem  
janelas Guilhotinas Fichet



O Edifício C.B.I.  
Esplanada o prédio maior  
da América Latina tem  
janelas Maxim-Ar Fichet

FABRICAMOS  
JANELAS  
DE TODOS  
OS TIPOS

Janelas Fixas  
Janelas Basculantes  
Janelas de Correr  
Janelas Guilhotinas  
Janelas Maxim-Ar  
Portas e Portões  
Grades Corrimãos  
Brise Soleil  
Grandes Conjuntos  
de Ferro Forjado

COMPANHIA BRASILEIRA DE CONSTRUÇÃO

## FICHET & SCHWARTZ-HAUTMONT

ESCRITÓRIO: RUA XAVIER DE TOLEDO, 14 — 5.º ANDAR  
FONE: 34-7015 — SÃO PAULO  
OFICINAS EM SANTO ANDRÉ



Estruturas em madeira  
Esquadrias  
Material de Desenho

R. Major Quedinho, 99 - 10.º  
Fones - 33-4329 e 36-4920  
SÃO PAULO

Escritório e Fábrica  
Av. Brasil, 9110, Tel. 30-2066  
RIO DE JANEIRO

End. Teleg. TEKNO

Soc. **TEKNO** Ltda.



*A marca dos*  *cristais finos*

**Cristais**

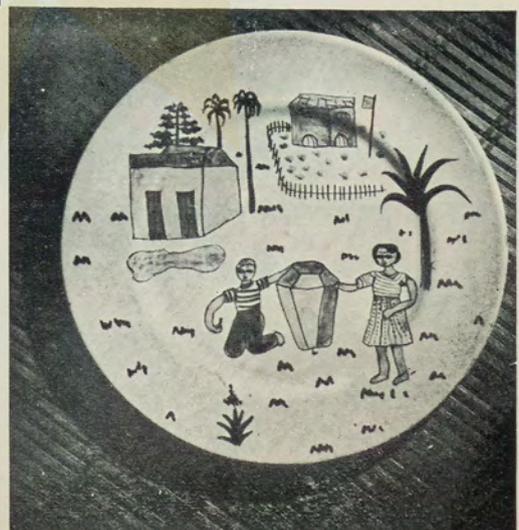
**Ceramica**

**CRISTAIS PRADO**

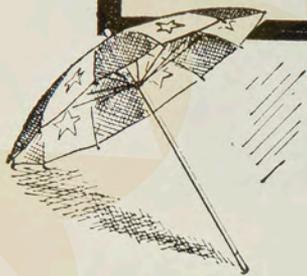
São Paulo

Loja: Rua 24 de Maio, 57

Fone: 34-8472



# Complete a Elegância de seu lar...



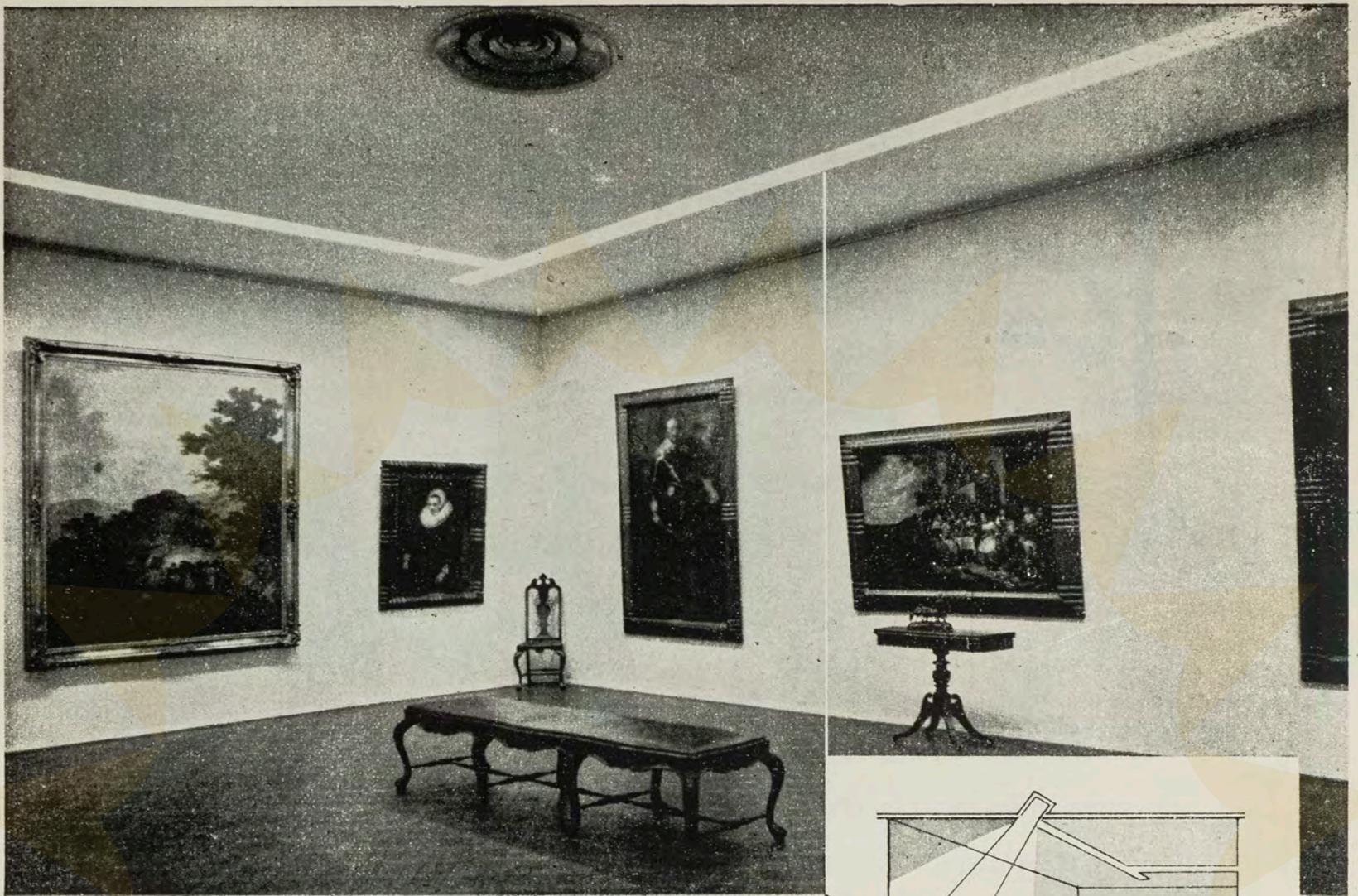
...adquirindo móveis para  
terraço, jardim, praia ou campo  
em COPA-CABANA,  
a maior e mais bem  
instalada casa do ramo.

V. S. encontrará os mais lindos  
modelos em ferro, junco, cana  
da índia e madeira, somente  
em COPA-CABANA



Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 378 — Telefone 32-7847

AS SEGUNDAS E SEXTAS-FEIRAS NOSSA LOJA PERMANECERÁ ABERTA ATÉ 22 HORAS

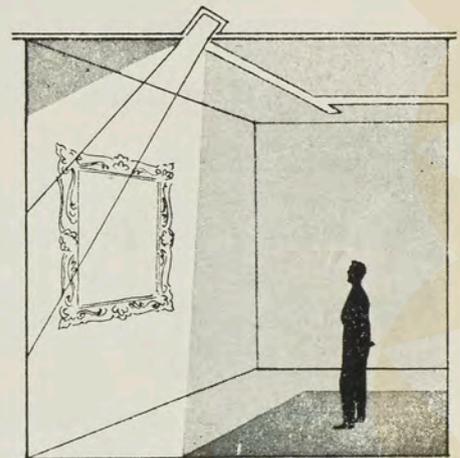


## PARA VÊ-LOS MELHOR

...em todo o esplendor de suas cores e de suas linhas!

O Museu Nacional de Belas Artes, na Capital da República, é dotado de um magnífico sistema de iluminação em que foram utilizados exclusivamente lâmpadas fluorescentes e acessórios General Electric. A direção do Museu oferece, pois, aos amantes da Arte e ao movimento cultural brasileiro uma pinacoteca bem iluminada, à altura das obras que expõe.

S. 48.



*Galerias do Museu Nacional de Belas Artes. Projeto de Iluminação: Raul da Silva Vicitas. Execução de Manoel V. Rios com lâmpadas fluorescentes e acessórios General Electric.*

LÂMPADAS FLUORESCENTES



PARA QUALQUER PROBLEMA DE ILUMINAÇÃO, CONSULTE A **GENERAL ELECTRIC**  
SOCIEDADE ANÔNIMA

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE — SALVADOR — CURITIBA — PORTO ALEGRE

marco da aviação comercial brasileira



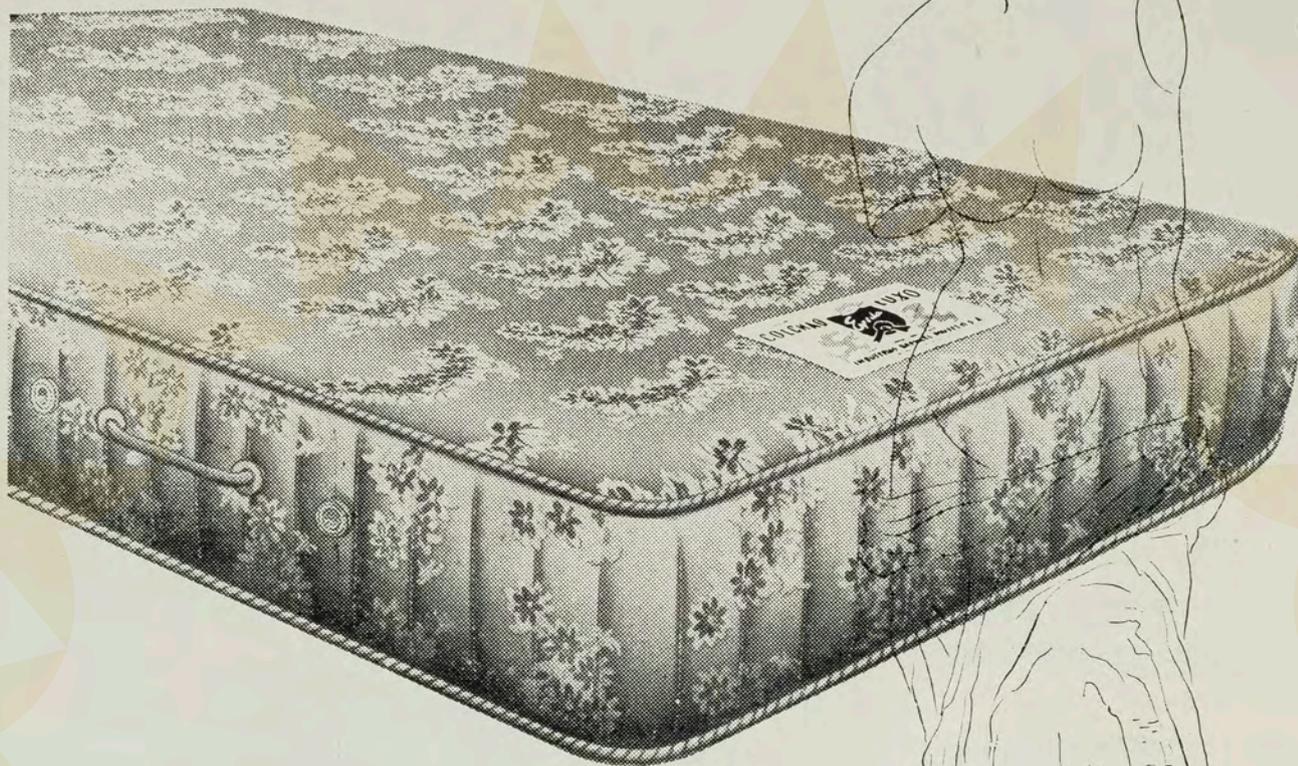
# PANAIR DO BRASIL

*22 anos nos céus do Brasil e do Mundo!*

*...um recorde de 2.000 saltos sobre o Atlântico Sul!*

Panair do Brasil... a maior linha aérea do mundo, dentro dos limites de seu próprio país... completa este mês 22 anos de existência. Desde aquele remoto 1929, em que um hidro-avião levantou vôo da cidade de Santos, em São Paulo para Belém do Pará, levando 3 dias para unir o Sul ao Norte, a Panair do Brasil cresceu, humana e tecnicamente, realizando centenas de milhares de vôos e batendo recordes sucessivos. Hoje, as linhas da Panair se estendem à América do Sul, Europa, Ásia e África! Coincidindo com seus 22 anos de existência, os pilotos da PAB acabam de realizar uma nova façanha, orgulho da aviação brasileira, ao completarem 2.000 travessias sobre o Atlântico Sul! Eis porque homens de todas as nacionalidades viajam confiantemente nos luxuosos Constellations da Frota Bandeirante da Panair do Brasil!





# INCONFUNDÍVEL!

- ☆ No Fio de Aço do Molejo
- ★ Em cada Espiral do Molejo
- ★ No Material de Estofamento
- ★ Na Fabricação

COLCHÃO DE MOLAS DE ALTA CLASSE  
DE RENOME MUNDIAL

**PARA PRONTA ENTREGA  
EM MEDIDAS PADRONIZADAS**

**EPEDA LUXO**

Solteiro - 78 ou 88 x 188 ..... Cr.\$ 1.600,00  
Casal - 128 - 133 - 137 ou 140 x 188 ..... Cr\$ 2.400,00

**EPEDA JUNIOR**

Solteiro - 78 ou 88 x 188 ..... Cr\$ 1.350,00  
Casal - 128 - 133 - 137 x 188 .. ..... Cr\$ 1.950,00

Preço: São Paulo, sem embalagem e com 4% Imposto de Consumo  
Continua, porém, EPEDA a ser fabricado também "sob medida"  
À venda nas boas Casas do Ramo

# EPEDA

**LOJA-EXPOSIÇÃO**

Rua Vieira de Carvalho, 169

Fone: 34-1691

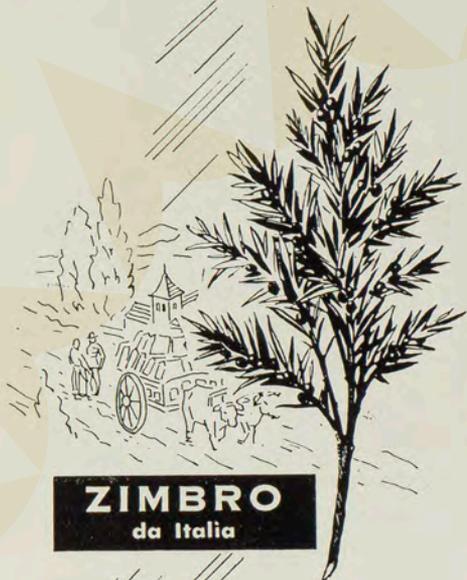
As 2as. e 6as. feiras, aberta até as 10 horas da noite

Únicos fabricantes no Brasil:

**INDÚSTRIAS RAPHAEL MUNETTI S. A.** R. Catarina Braida, 79 - Fones: 9-2486 e 9-3857 - S. Paulo



*Na Inglaterra... no Brasil... em todo o mundo...*



**ZIMBRO**  
da Italia

**SEAGERS**  
*é o melhor*  
**GIN**



**ANGÉLICA**  
dos E. Unidos

**PORQUE É PREPARADO  
COM INGREDIENTES ESPECIAIS  
QUE LHE DÃO O SABOR  
E O AROMA INCONFUNDÍVEIS!**

Para oferecer aos brasileiros o *melhor gin* fabricado no mundo - SEAGERS GIN - a SEAGERS DO BRASIL S. A., além de empregar alcool de cereais, 100% puro, de sua exclusiva fabricação, importa as melhores matérias primas existentes nos países de origem. Na Inglaterra, desde 1805 e no Brasil há mais de 16 anos, fabrica-se o *melhor-gin* - SEAGERS GIN!



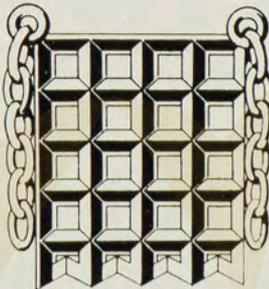
**COENTRO**  
da Inglaterra



**LARANJA**  
do Brasil



**CÁLAMO**  
da Espanha



MARCA REGISTRADA

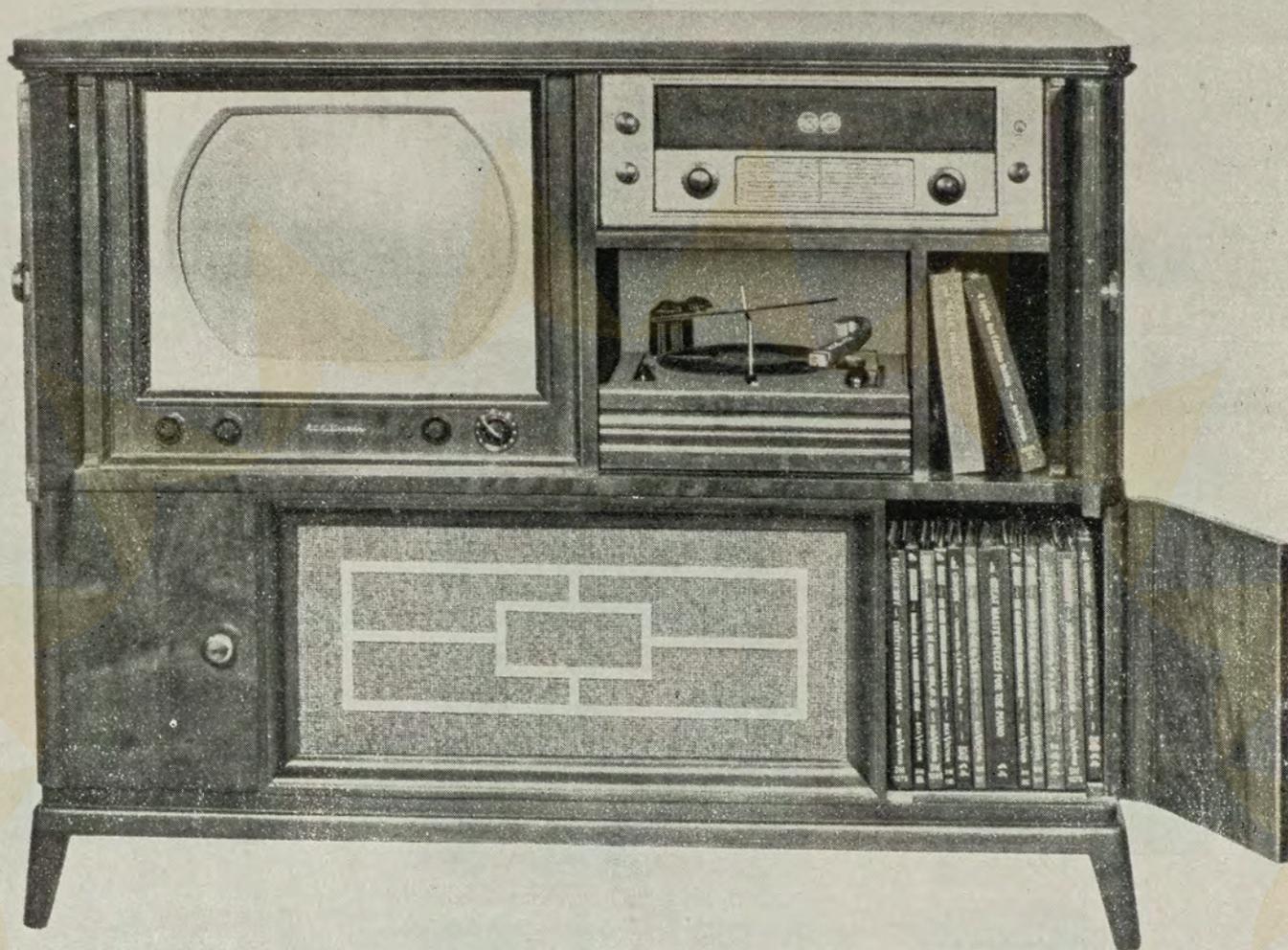


**LÍRIO**  
da Italia

**SEAGERS DO BRASIL S. A.**

Rua Humberto Primo, 961 — São Paulo

Ag. Pettinati



## Para os que exigem o melhor:

Um móvel admirável, do mais alto luxo... O modelo que é a realização de um sonho de beleza. Imagem maior e nitidez absoluta com o Kinescópio de 19 polegadas. Rádio de 9 válvulas, com sintonização por permeabilidade. A famosa "Garganta de Ouro", que constitui o Sistema Tonal por excelência, exclusivo da RCA Victor. Toca-Discos de 2 velocidades: 78 e 33 1/3 r. p. m. Televisão... Rádio... Victrola... Três obras-primas da engenharia eletrônica num só aparelho!

*Televisão*  
*Rádio*  
*Victrola*



**RCA VICTOR**



A VOZ DO DONO

LIDER MUNDIAL EM RÁDIO E DISCOS... A PRIMEIRA EM TELEVISÃO!

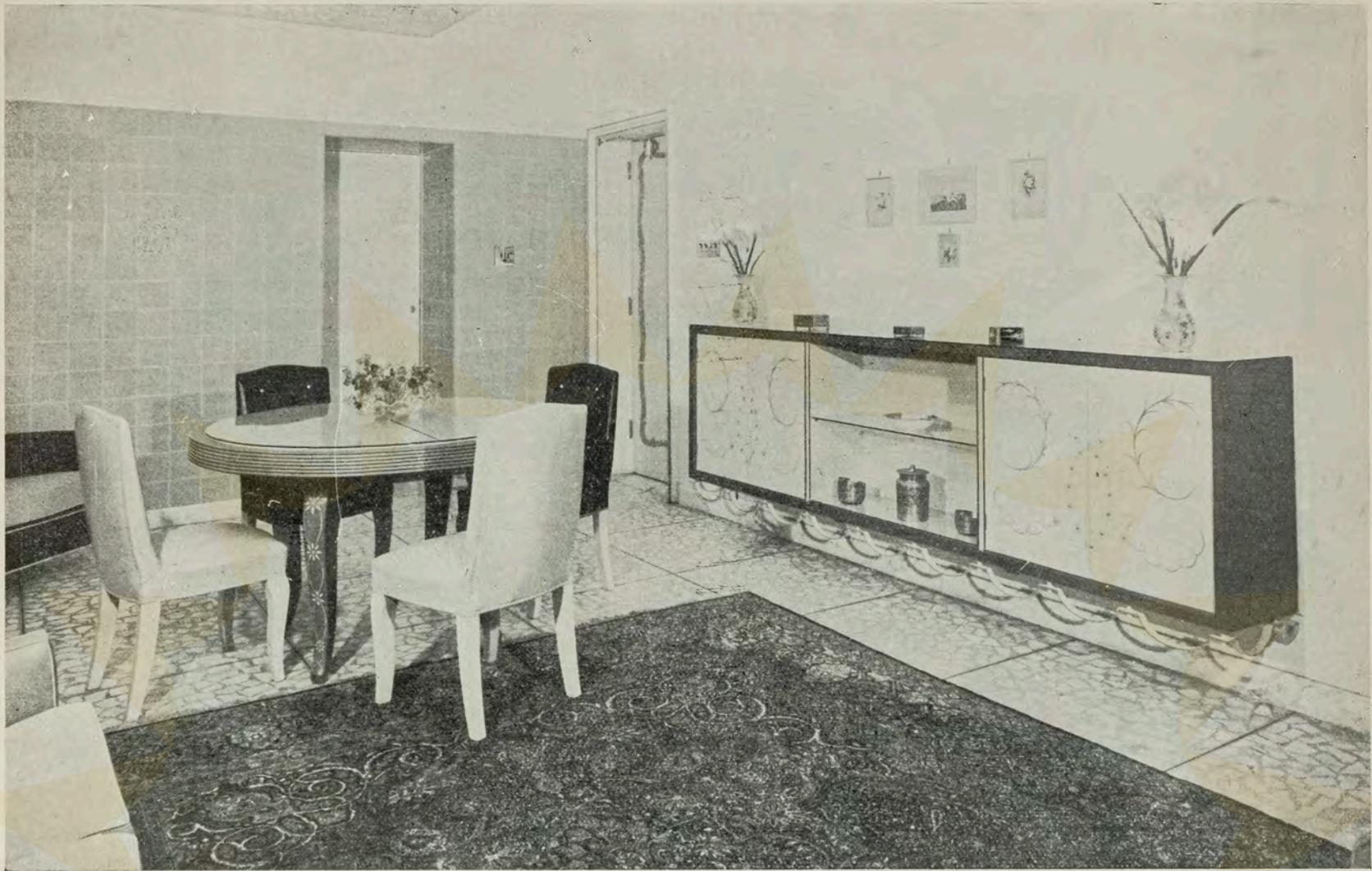


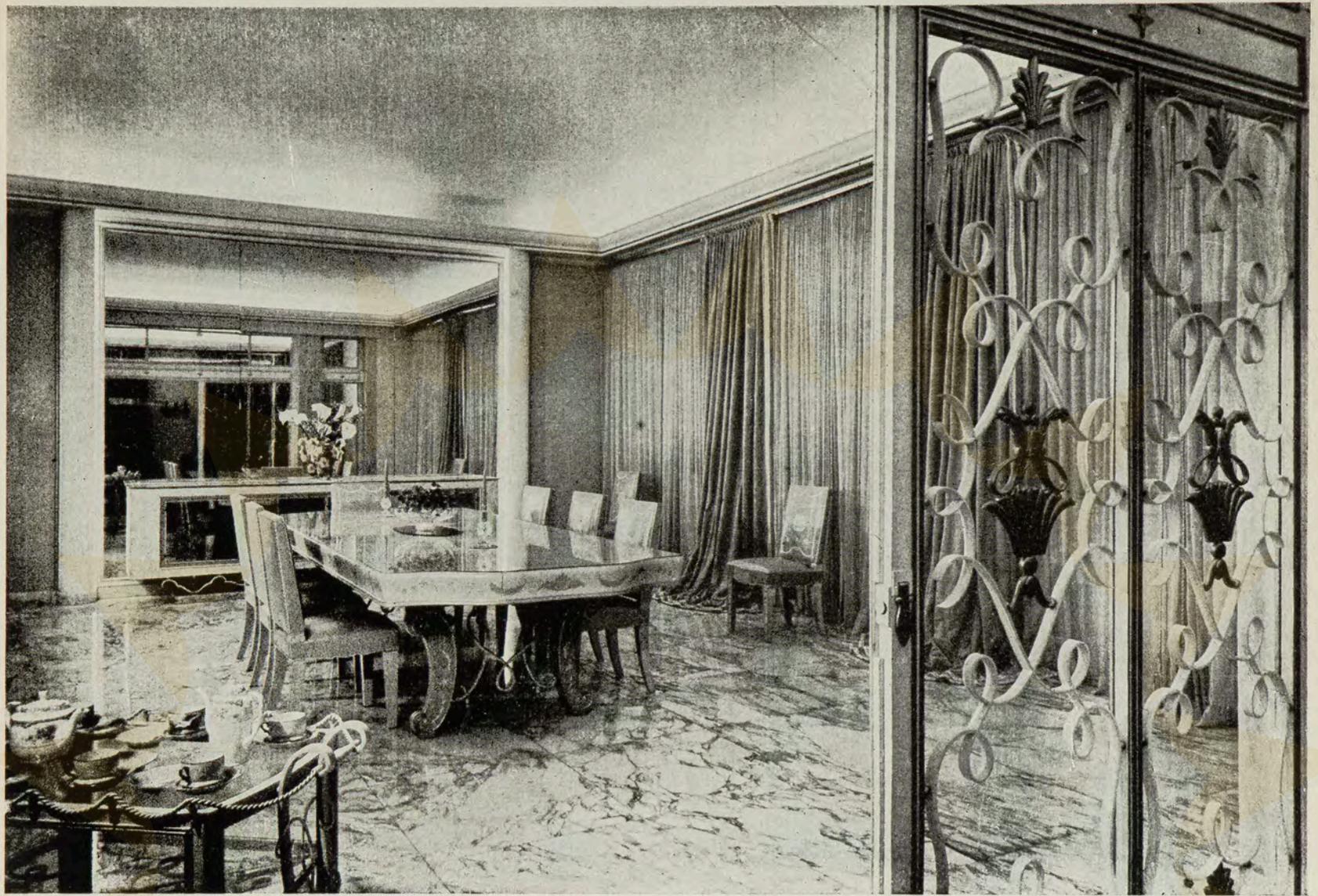
*Fachado do Prédio da Manufatura de Tapetes Sta. Helena S. A., onde se executam tapetes e passadeiras, feitas a mão e sob encomenda*

## MANUFATURA DE TAPETES STA. HELENA S.A.

**Matriz: SAO PAULO**  
**Rua Dona Antonia de Queiroz, 183**  
**Tels. 36-7372 - 34-1522**

**Filial: RIO DE JANEIRO**  
**Rua do Ouvidor, 123 - 1.º andar**  
**Telefone 22-9054**





RESIDENCIA DA SNRA. e SNR. AZIZ ABRAS

BELO HORIZONTE

PROJETO E EXECUÇÃO  
DE

**DINUCCI DECORAÇÃO DE INTERIORES**

ARQUITETURA - MÓVEIS - ESTOFAMENTOS - CORTINAS

RUA AUGUSTA, 762 A 770 — FONE: 34-8718 — SÃO PAULO

REPRESENTANTES ESPECIALIZADOS NAS PRINCIPAIS CAPITAIS DO PAÍS

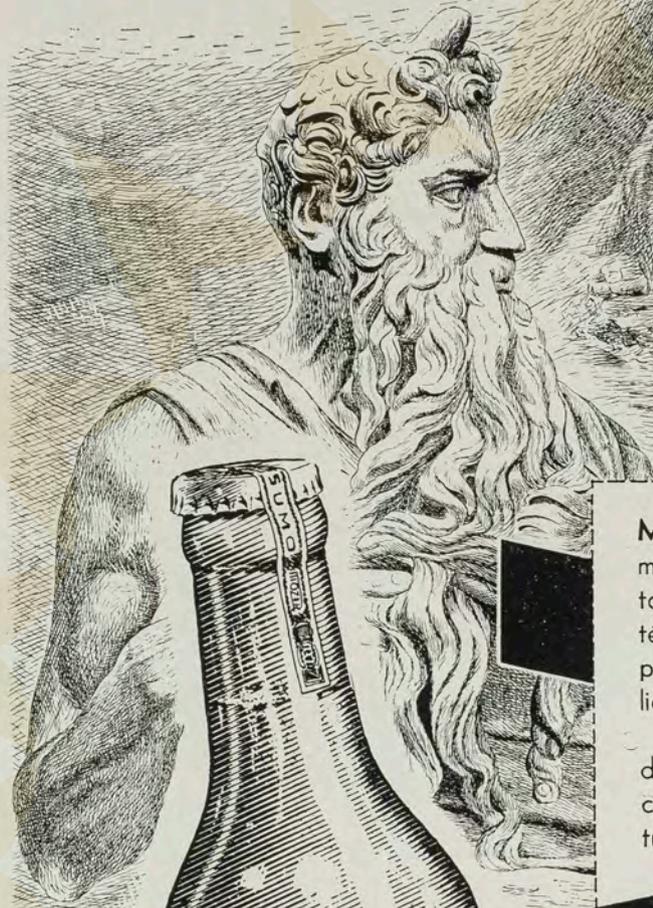
ANTES DE CONSTRUIR, REFORMAR



OU COMPRAR CONSULTE O DECORADOR

EMBLEMA DE ARTE E QUALIDADE

## NA ESTATUÁRIA



MICHELANGELO figura entre os escultores mais famosos. Conhecedor profundo da anatomia humana, esculpiu seus mármore com uma técnica até hoje não igualada. Conta-se, que o próprio Michelangelo, arrebatado ante a naturalidade de seu célebre Moisés, exclamou: "Parla!"

Com justiça, entre as criações desse grande artista do cinzel, essa, sobretudo ...

*... não admite confrontos!*

A ÁGUA TÔNICA DE QUININO da Antártica, o refrigerante que diariamente saboreamos, é um produto cujo inconfundível paladar não pode ser igualado e, sendo uma alta conquista no campo dos refrigerantes, para orgulho da indústria nacional **TAMBÉM**

**NÃO ADMITE CONFRONTOS!**

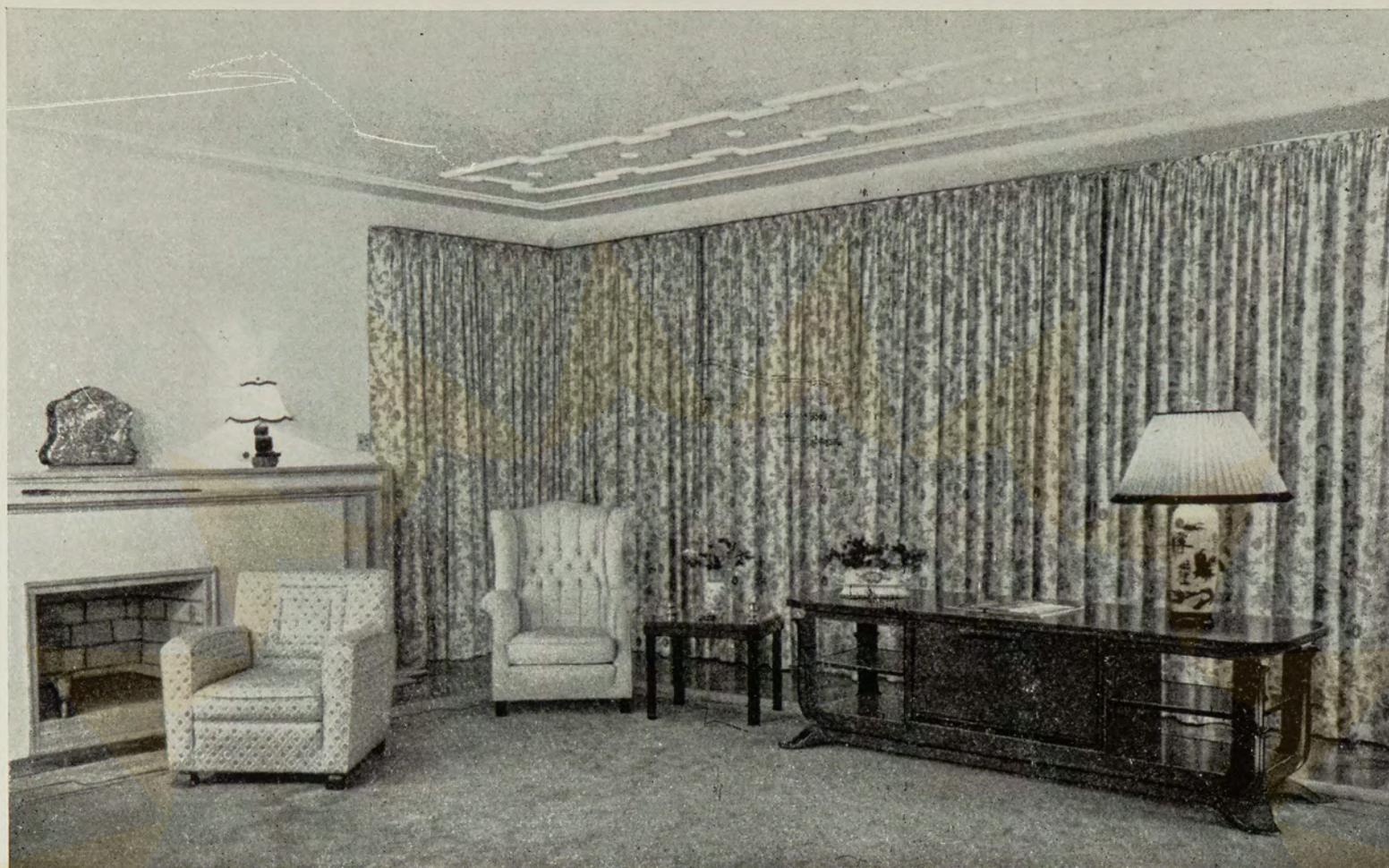


ÁGUA

TÔNICA

DE QUININO

**ANTARCTICA**



## **Decorações Cortinas**

**Oficina propria - Estudos e orçamentos sem compromisso**

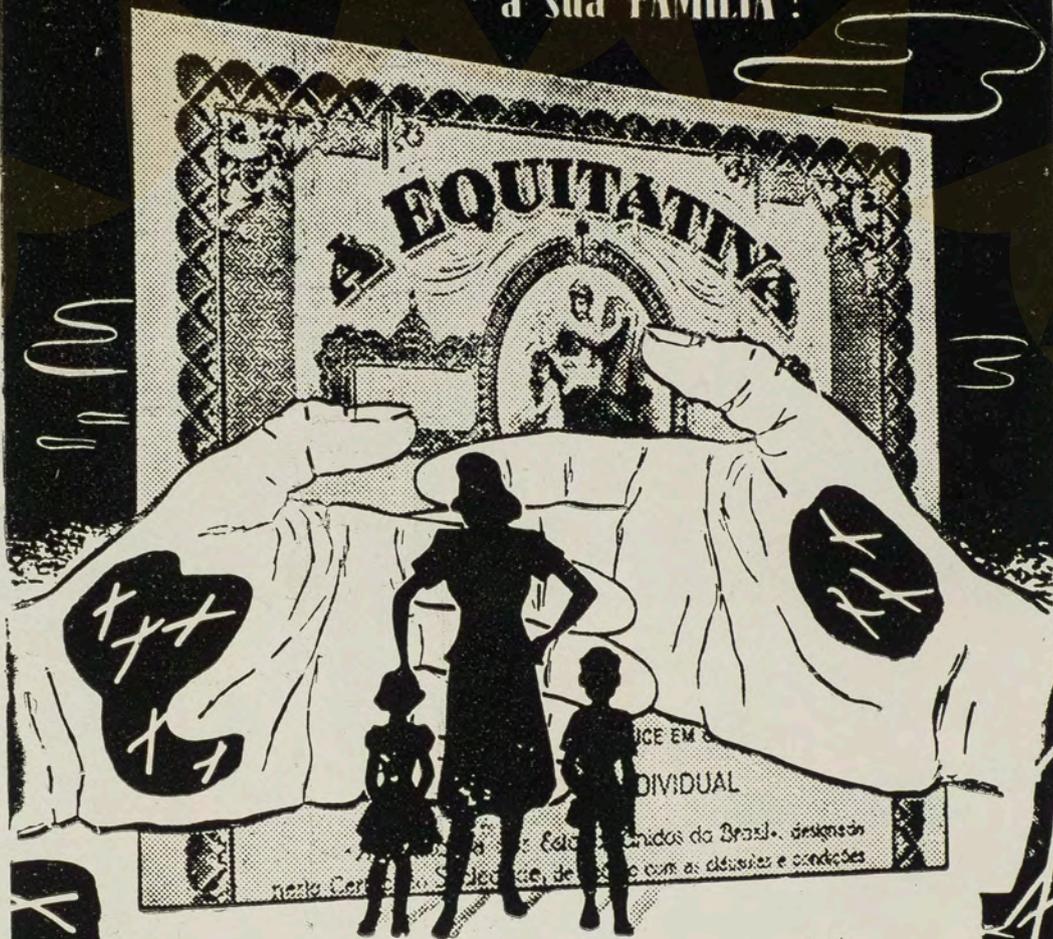


# **TAPEÇARIA ALFREDO**

**Rua Santo Antonio N.º 811  
Telefone: 34-7472**

**São Paulo**

Dê maior PROTEÇÃO  
a sua FAMÍLIA!



A sua família deve ser dada a maior garantia de segurança! O "SEGURO EM GRUPO" que, sem exame médico a A EQUITATIVA DOS EE. UU. DO BRASIL lhe oferece por módica mensalidade, é uma necessidade de amparo coletivo inadiável em nossos dias. Facilitando a garantia do futuro, num ato de previdência generalizada, o "SEGURO EM GRUPO" foi criado especialmente para proteção e benefício às famílias das grandes classes de trabalhadores. Peça informações e esclarecimentos sobre a forma mais eficiente, módica e garantida de amparar a sua família contra os riscos e incertezas do futuro.

**A EQUITATIVA** DOS EE. UU.  
DO BRASIL

Sociedade Mútua de Seguros Sôbre a Vida  
DEPARTAMENTO DE SEGUROS EM GRUPO  
Av. Rio Branco, 125 — Rio de Janeiro



**ELEVADORES  
ATLAS**

# EDIFÍCIO CBI ESPLANADA

SÃO PAULO

33 PAVIMENTOS

50.000 m<sup>2</sup>

12 ELEVADORES ATLAS

CAPACIDADE 20 PESSOAS

VELOCIDADE 210 m p/ m

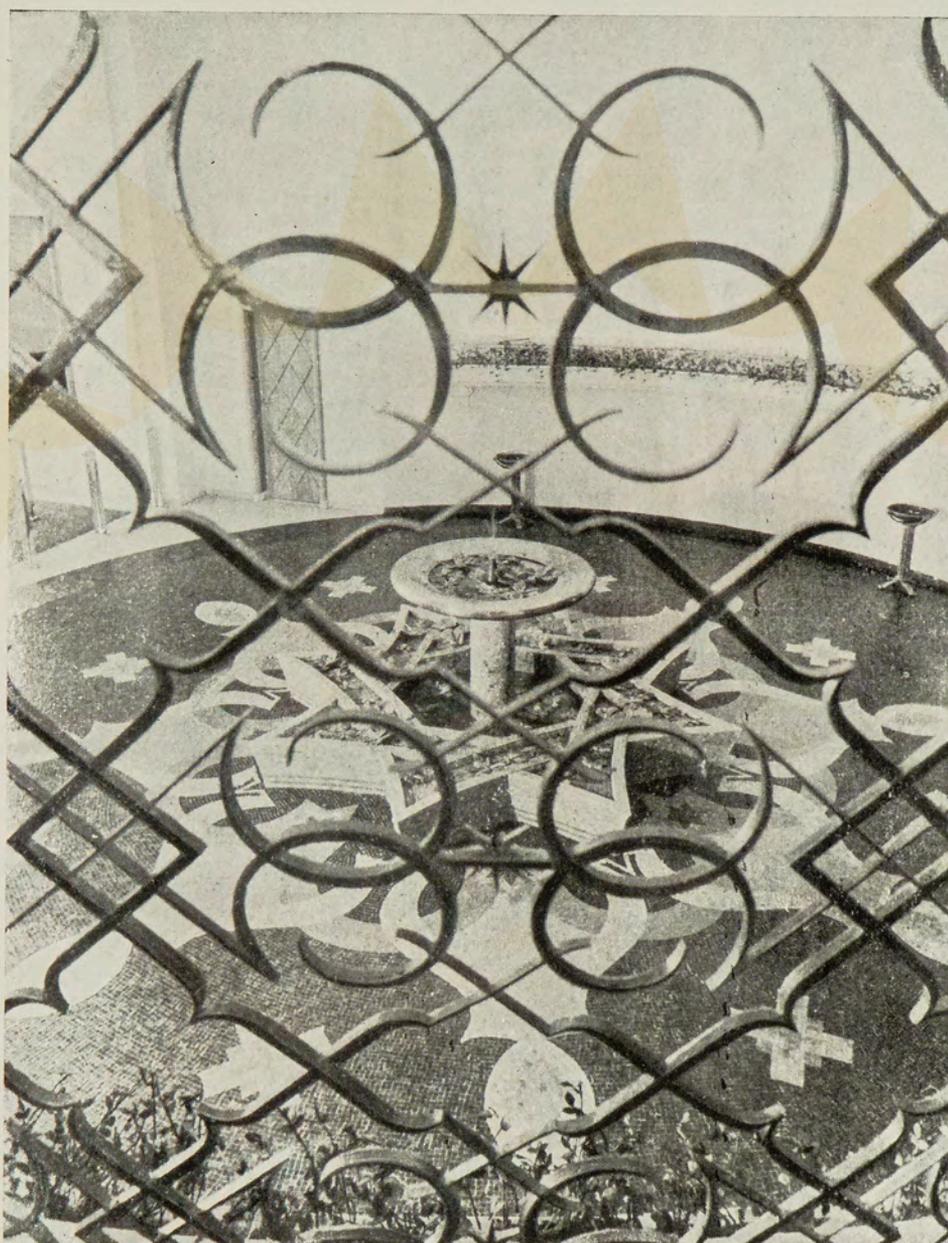
**SELECTOMATIC  
CONTROL**

ARQUITETO: LUCJAN KORNGOLD



**ELEVADORES ATLAS S. A.**

São Paulo - Rio de Janeiro - Belo Horizonte - Santos - Campinas - Recife  
Porto Alegre - Salvador - Curitiba



MOSAICO  
VIDROSO

## "VIDROTIL"

VENDAS :

SÃO PAULO: S/A DECORAÇÕES EDIS - Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 300, Telefone, 32-23-26

RIO DE JANEIRO: ARTHUR P. KRUG - Rua Almirante Alexandrino, 200, S. 202, Fone, 22-43-94

PORTO ALEGRE: C. TORRES S. A. - Rua Voluntários da Pátria, 338 - Fone, 7144

SALVADOR: GERALDO GONZAGA - Rua Alvares Cabral, 8

BELO HORIZONTE: BITTENCOURT & CIA. LTDA. - Av. Amazonas, 266, 12.º andar, Sala 1218, Fone, 2-6354

DECORAÇÕES

# Citytax

A ORGANISAÇÃO MAIS COMPLETA DO RAMO

*Nossa secção de decorações  
é dirigida por Carlos Martins Spira  
conhecido decorador recém chegado  
dos Estados Unidos.*



# Para proteção e controle das instalações elétricas

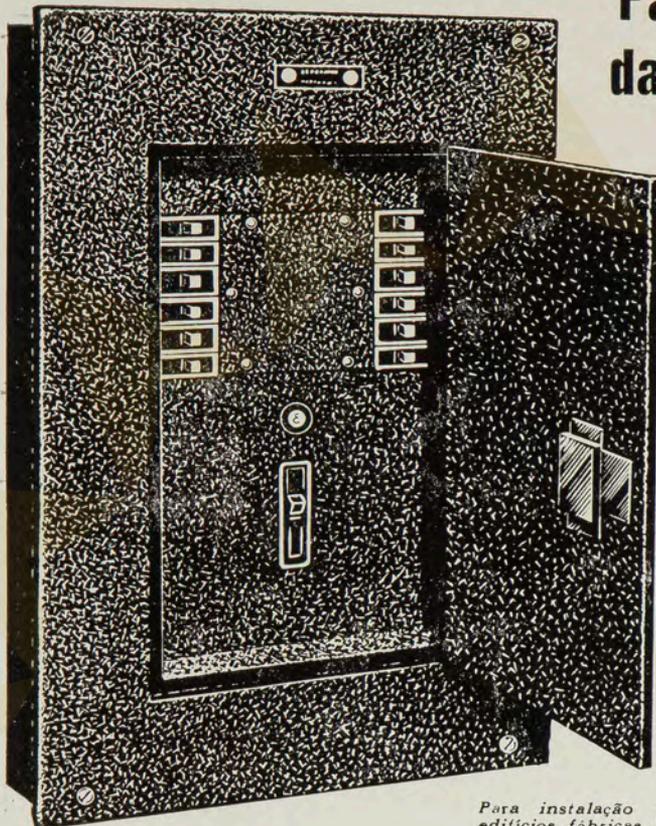
*empregue os modernos*

**Quadros de Distribuição**

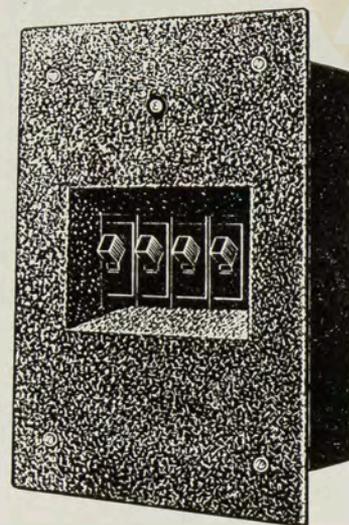
**"QUICKLAG"**

**Centros de Distribuição**

**"QUICKLAG"**



*Para instalação em edifícios, fábricas, hotéis e construções de grande porte.*



*Para instalação domiciliar, pequenos escritórios etc.*

O controle e a proteção dos circuitos e aparelhos elétricos exigem dispositivos automáticos que permitam o desligamento e a religação rápida e segura. Com as chaves "Quicklag" cada circuito é automaticamente desligado por sobrecarga (corrente acima do norma), o que garante a proteção da fiação e do equipamento e aparelhos elétricos. A religação de circuito é feita com uma sim-

ples manobra de alavanca, não requerendo substituição dos fusíveis, como acontece com as antigas chaves. As chaves "Quicklag" são montadas em caixa metálica, com formato moderno e atraente, em arranjos adequados, permitindo sua fácil adaptação a qualquer tipo de instalação, embutida ou externa.



## "ELETROMAR"

**INDÚSTRIA ELÉTRICA BRASILEIRA S. A.**

**MATRIZ:** Rua México, 90-1.º and. - Tel. 32-8103 - End. telegráfico: MARELETRO - Rio de Janeiro

**FILIAL:** Praça da República, 299,-8.º and. - Tel. 36-2745 - São Paulo

★ Proteção segura da fiação e do equipamento e aparelhos elétricos.

★ Fácil operação.

★ Os quadros possuem interruptores automáticos tipo IQ-1006, de 1 polo, 15 Amp., até 50 Amp., 125 ou 250 V. c. a., de proteção termomagnética conjugadas.

★ A montagem dos quadros é feita em base especial, moldada em baquelite.

★ Acabamento em cristal cinza.



**Claude Lorrain**

Pertence à coleção de Sir Joshua Reynolds, Rev. Staniforth e Sir John Philipps. O quadro foi mencionado na literatura sobre Claude Lorrain e foi duas vezes gravado: primeiramente por John Pye, em 1775, e mais tarde, no famoso «Liber Veritatis», de Turner. Tela, 101x159 cm.

## **THE MATTHIESEN GALLERY**

**PAINTINGS AND DRAWINGS BY**

**OLD MASTERS**

**AND**

**IMPRESSIONISTS**

**LONDON (ENGLAND) 142 NEW BOND STREET, W. I.**

**Cables: MATTHIART, WESDO, LONDON**

# HABITAT 5

ENGLISH Summary

## The reporter at the "Bienal"

pag. 2

Everybody knows what an international art exhibition is. Even if one has never seen one, there are frequent references to it in the papers.

Going straight to the point, we find that São Paulo, following that pre-war fashion, has also decided to organise a show of what had been done in the field of arts over the last two years.

The author of the idea was Sr. Francisco Matarazzo Sobrinho who also persuaded public authorities to make available a considerable amount of money for the venture. With this same amount, the most complete art collection of our days could have been acquired for São Paulo.

The importance of advertising in our days is of greater value than one might think and especially in the present case it was the only machine which really proved efficient. Somehow, looking at the "Bienal", one is reminded of a poor little boy of one of William Saroyan's novels. He had seen a most wonderful advertisement of an airplane in one of Chicago's newspapers. No sacrifice was big enough for him to save up the necessary sum and when he finally got the toy and found out that it was only made of painted cardboard, he thus expressed his disgust: "Those scoundrels of Chicago!"

The existing chaos of modern art commences with people who interfere with it for the sake of snobism and convenience.

From the outside, looking at the structure of the building where the "Bienal" is taking place, it would be sufficient to mention that one looks back, with a certain melancholic regret, at the old-fashioned building as it was. There is no need to say anything else in this respect.

An exhibition of this kind must be understood from every point of view, as that of surroundings, presentation, informative elements and critic spirit. To show nearly two thousand works which were picked out at random, without the least criterium, is tantamount to inviting people to see a market, not an art exhibition.

In his opening speech, the minister Simões Filho displayed a happy amount of well dosed criticism in this respect. We transcribe a part of it below:

"It should be considered that the social-artistic phenomenon reveals a period, a moment of human progress. Let us be indulgent and understanding. In a tormented world one cannot expect artists to maintain the serenity of times when life was smooth and calm. Art does not change but the world does. This esthetic revolution places the artist in a position of constant shocks and varying tendencies. They try to find in primitivism a source for purer creative instincts or search for the solution in abstract art, a tendency which seriously threatens to divorce Art from Beauty."

It is a serious mistake to accept wholeheartedly everything that has been done in Europe before. Why should we copy the weak prescriptions of biannuals as they are done abroad and incidentally in a bureaucratic and vulgar manner?

What Holland sent out to us can be considered as an offense to the cultured public. And what became of France? Why did not the public see something by Braque, Rouault, Matisse or some more Picasso? The bitter truth is that we merely got the remnants of their artistic production. Two steps are absolutely necessary here in Brazil amongst art-loving people:

1 — To select, themselves, those pieces of art which are worth being seen and not allow other countries to send out what they please.

2 — Refuse rubbish.

A few remarks about the artists: Di Cavalcanti occupied half a room and more than any other Brazilian artist showed unity of style and personality.

Portinari presented his three famous pictures "The retiring ones", "Burial in the net" and "Death of the child", which are already well known to São Paulo's public.

We found Giorgi rather different, but up-to-date.

If the art-critics would have bothered to look at the individual exhibition of Lasar Segall in the Art Museum of São Paulo, perhaps he would have been given a better and deserved standing amongst the national artists.

Coming away from Brazil we find the U.S.A. section. What has been sent from there, really does not make sense to us. It would appear that those paintings which usually are hidden in deposits were sent out to get some fresh air. To call it a lot of junk is in no way exaggerated.

Great-Britain, for instance, presented a certain solemnity, however we would have very much appreciated it to see something of Henry Moore.

No doubt Italy was at the first place with works from Filippo de Pisis, Giorgio Morandi and Virgilio Guidi.

What got the name of International Architecture Exhibition was merely a pell-mell of drawings and photographs of works done by architects who have less to do with architecture than a flower-girl.

Perhaps our criticism is too strong, however, we think that at the present "Bienal" nobody bothered to criticize and if there were any critics they must no doubt have worn dark spectacles!

## Segall in Germany

pag. 22

Anticipating the publication of Lasar Segall's monography, we transcribe below an extract of the chapter referring to the artist's participation in the German Expressionistic Movement, together with illustrations of his work at that stage.

Segall's first step to break the strict rules of German academic schools was the fact that he joined officially the schools of Liebermann and Lovis Corinth. He then wrote:

"I felt as one in a sinking boat with a dim hope for salvation. Yet this new school did not satisfy me completely. It was mostly based upon impressionism, where I could not find a way of expressing the joys and griefs of my inner world. This new language I only found in Expressionism."

Once, while Lasar Segall opened his folder and produced a number of lithographies and drawings from that period of his life, we could almost see him, growing up, running away from home and feeling rebellious just as we feel about our own moral rebellions, our still undefined ideas, our taste for the grotesque and for the pessimistic.

Segall came from Vilna with these feelings and his stay in Berlin only served to make them more acute. In Dresden, at last, he succeeded in finding the desired expression for his almost unbearable restlessness.

Thus was the situation in Europe before the first world-war, resulting in a school called "New objectivity" or neo-realism. This was the phase in Segall's life which brought out his true artistic personality.

It was only natural that when Segall was in Berlin, somehow in the position of an apprentice but on the other hand with a very definite sensation that this was not yet right and feeling that increasing restlessness, he could not be satisfied with Berlin's schools which merely repeated what had been done by the impressionists before, not adding any new means of expression.

It was in Expressionism, finally that Segall found the desired solution. Not that he found in this school entirely understood elements, subject to a dominating and definite idea. Just as in the case of impressionism, there cannot be avoided a certain heterogeneity due to the difference of individualities and ethnic provenience of its participants.

## Contribution to the Baroque

pag. 32

We illustrate another contribution to the Baroque erroneously called Brazilian colonial style. This is one of those figures which can only be the product of a simple mind or a last-minute artist who wanted to glorify the Christian belief.

This last bloom of Baroque which flourished in the hands of monks and Indians came spontaneously and independent still maintaining the flavour of the evangelisation of Indians. It is the work of men who found more inspiration in faith than in art-schools, who had more phantasy than theory, more ignorance than knowledge. This together presented us with that amazing treasure of Baroque churches and saints, a happy

combination of art and faith. One day the world will learn to know and admire the Brazilian Baroque. Why not start already and give it a chance to be better known?

### The "Tyrans" by Caron

pag. 33

Here we have the study of a painting in every detail, composition and building up which might invite the observer to see, through all the different effects, the core of the artist's idea.

Antoine Caron belonged to the XVI century and was a master of the French Fontainebleau school. In the enormous canvas which we illustrate, he tried to tell the story of the three reckless counts which sacrifice the people in Beauvais.

It all looks like a huge scenery where everyone has a role. The tyrant orders, the soldiers cut off people's heads and bargain their prices. Everything is done gracefully without the least effort, like a well trained ballet group.

### Some cats

pag. 37

Cats have always been indispensable companions of artists, either as an inspiration or merely as a dear friend. In our days, where figurative art is giving way to abstract art, all a cat really can do in a studio into chase rats. With our deepest respect for abstract painting, we reserve three of our pages for painters, sculptors and photographers who still found interest and inspiration in felines.

### A Baroque mine

pag. 40

There is another museum in São Paulo, although very little known. We mean the "Curia Metropolitana do Arcebispo Paulistano" at the Pça. Clovis Bevilacqua which appears to us as a real mine of most interesting objects both from the artistic and historic points of view. The "Wise Madonna" which appears to be from the XVIII century is an example of the interesting items which can be seen there.

### "Ex-votos"

pag. 42

It is common amongst simple people to look upon the supernatural as an explanation of things they cannot solve by rational logic. In recognition of these supernatural interventions they offer the so-called "Ex-votos" to the miraculous saints of their devotion. These "Ex-votos" can be in the form of a wood-carved figure, a painting, a photograph, pieces of jewelry, wax figures etc. There is an enormous variety of "Ex-votos". Those in gratitude for an achieved cure, generally show the formerly affected part of the body in wax or wood, or otherwise at a drawing or photography. There are gifts to the saints asking for protection or figures of Saint Gonçalo who favours marriage and cures rheumatism at the same time. Women generally offer embroideries, lace, bits of hair and drawings. From the collectors' point of view the drawings and carved figures present the greatest interest.

### The necessity of criticism in architecture

pag. 46

In Brazil critic is being employed in the fields of cinema, theaters, plastic arts and literature but so far as architecture is concerned, this has been completely neglected by art-critics. Critic is just as important as art itself, as it keeps it alive, brings up new ideas, different opinions and calls attention to new angles.

Architecture in our days is considered merely from the functional point of view, regardless of esthetic and beauty. After a steady development of Brazilian architecture during the last 20 years, the world has begun to notice its existence. It is now the critics' duty to divulgate, within our own country, the present importance of our architecture and the possibilities for the future.

### Popular art

pag. 55

This vase, containing flowers and birds made of paper and cotton, are a part of Brazilian popular art of the north. The critics will claim: "Bad taste, sheer junk, enough naivety for us!" In return we say: "Only those who live far away from civilization and "good-taste" can see things as they really are, like children do. We call this poetry".

### New plastics

pag. 57

The new possibilities arising out of modern plastic art, enable us to create a new space organization, providing at the same time a new and surprising visual sensation, to be placed at the service of shop-fronts or exhibitions in the commercial and industrial fields. Architecture being nowadays the basic element of window displays, with the support of light constructions and harmonising colours and shapes, create an atmosphere of good-taste and sobriety in the presentation of a product.

### Shop - fronts

pag. 60

Shop-fronts are like mirrors, reflecting the personality of a town. There are two ways of attracting public. One might be compared to a piece of cheese placed in a cage to attract the unaware little rat. The others one is sincere and correct, showing a sense of responsibility and this latter form has been winning its way into the public's hearts.

### Chairs

pag. 62

The principle of contemporary industrial drawing is the search for shapes which reveal the natural logic and sense of the object within the established laws of nature and, therefore, laws which men cannot ignore without falling into the arbitrary. Even a chair, made outside this limitation is as false as a Louis XV chair made today.

### Two objects

pag. 64

The two objects shown, one made of a cocoa shell and the other one a rustic bottle are very much appreciated by modern artists, but never noticed by the common observer. The latter might ask — "What on earth have they got?" and the modern artist will tell you that they have got that simplification and close contact with nature which make them essentially true.

### Paintings in the streets

pag. 70

This beautiful photo by Wilda reminds us of the problem of that kind of cheap and vulgar art which is sold in the streets. People, of course, want to decorate their homes with pictures, and how are they supposed to know what is good and what is not? If no-one helps them to distinguish values they will go on for ever preferring rubbish to Picasso!

### The Gallery of the Museum of Art

pag. 71

#### Gauguin

His auto-portrait painted in 1896 and recently incorporated to the collection will acquaint us with the contradictory nature of Gauguin's unhappy life: a Parisian gentleman trying fruitlessly to become a native of Tahiti.

#### Boucher

The two paintings shown here are an example of how a painter can be great, even by copying master-pieces belonging to other periods. Boucher's work was often mistaken for that of the great Paolo Veronese.

#### Degas

Degas is closely linked with the image of ballerinas, dancing or resting back-stage. He imprisoned on canvas all the flickering and colourful life which he loved and understood more than anyone else.

#### Zurbaran

Another contribution of a great Spanish painter, who can be placed amongst Velasquez and El Greco. The canvas of Zurbaran shows his concern in finding a solution for the plastic shapes and light effects.

#### Majolica

Since majolica already existed while Europe ignored the Chinese technique of manufacturing china, this collection will prove particularly interesting.

#### A "Guercino"

pag. 78

G. F. Barbieri, called "Il Guercino" on account of being blind of one eye, was one of the most famous painters of the XVII Century. His drawings and engravings are also excellent with remarkable black-and-white effects.

His best works date back to his early youth, before being influenced by others. His "Madalena" is perfect from both the psychological and plastic points of view.

#### Reproductions

pag. 79

The graphic reproductions of great masters are generally not shown in museums except for those in Europe where they represent a valuable contribution.

Fac-similes, however, are of very great interest to those who are not in close contact with historic centres and with the development of European art.

The Museum was in a position to organize an exhibition of reproductions with the assistance of the local Goethe Society, the British Council and Orion Publicity, an enterprise which met with lively interest and approval of the public.

#### Alberto Lattuada

pag. 80

One of our friends recently had the chance of meeting Alberto Lattuada in Italy. He is considered one of the most intelligent cinema directors and besides is also an architect. His pictures are, therefore, built up on a firm structure, taking into consideration logic, estatic and balance. He traces a straight line and fines logic solutions. The photograph shown is that of the entrance of a house, built on a narrow street by an anonymous architect. To him, for his intelligent solution, our heartiest applause and also to Alberto Lattuada, the inventor of the "Square eye".

# HABITAT 5

Diretor: ARQ. LINA BOBARDI

## SUMARIO

SERAFIM	O reporter na Bienal
P. M. BARDI	Segall na Alemanha Exposição de Segall Contribuição ao Barroco
M. MARGULIES	Os tiranos de Antoine Caron Alguns gatos
W. P.	Uma mina do Barroco
A. MAYNARD	Ex-votos e «premissas»
MÁRIO CRAVO	Ex-votos (fora texto)
E. CORONA	Da necessidade de crítica sobre arquitetura
G. N. FASOLA	A arte menos estudada <b>Arquitetura:</b> Gilberto M. Tinoco e Ibsen Pivatelli; Eduardo Corona e Roberto Tibau; Eduardo Corona, Luis Fernando Corona e Roberto Tibau <b>Arte popular</b> Leopold Haar
LEOPOLD HAAR	Plásticas novas Vitrinas Cadeiras Dois objetos Tecidos de Lillí Morumbí Fotografias Pinturas nas ruas A Pinacoteca do Museu de Arte (Gauguin, Boucher, Degas, Zurbaran) Majólicas no Museu Um Guercino Reproduções Alberto Lattuada
ARTURO USAI	<b>Cinema:</b> Argumento
V. VELTCHIK	<b>Bailado:</b> Notas sobre uma história
M. D. S.	<b>Teatro:</b> Jaime Costa
ALENCASTRO	
Fotografias:	Diários Associados, Zygmunt Haar, Peter Scheier, Alice Brill, Giacomelli, Flieg, Eduardo Tanon, C. de Boer, E. M. Czako, Becherini, Louise Leiris, Paul Bijtebier, A.S.A.C., Marc Vaux, Leão Rosemberg, Tibor Örkényi, Halfeld

*Ganharemos para as artes também este dorminhoco?*



## Bienal

Não se pode deixar de salientar o interesse constante e sempre em aumento das autoridades governamentais, federais, estaduais, municipais — para com a causa da arte. As vultosas subvenções invertidas na Primeira Bienal de São Paulo, são testemunhas da vontade de trabalhar no campo da arte com a máxima participação. O próprio projeto de oficializar a Bienal, por parte da Prefeitura, é a demonstração de que São Paulo irá afirmando sempre mais sua primazia brasileira nas artes. A oficialização, o que em outras palavras significa que o Erário pagará as despesas da manifestação, custosa por sua natureza, a oficialização — aizíamos — acarretará a formação duma entidade (nos moldes daquela de Veneza, sendo que, em lugar de inventar um novo tipo de exposição periódica, se escolheu, infelizmente, de copiar) na qual participarão de direito, além das autoridades da rua Líbero Badaró, os representantes dos Sindicatos dos Artistas, os representantes dos Museus e Pinacotecas, os representantes da cultura da cidade. E' evidente que a Bienal, paga pelo Erário, não pode ser monopólio de nenhuma igreja, mesmo — mas não é o caso — se fosse o expoente do talento paulista na arte e para a arte. Por outro lado, a Bienal não pode ser um fato municipal, pois está se proclamando internacional; e deve ser porisso um fato nacional por excelência. Deverá ser, portanto, após esta primeira, apressada edição, a expoente duma realidade artística brasileira, e ao mesmo tempo prova de que a capacidade organizatória não aparece somente escrita nos comunicados da imprensa. Como observou, muito justamente, o delegado italiano à nossa reportagem, uma vez feito o primeiro esforço, é necessário agora dar sistema, sistematização e estruturar a idéia.

Os delegados estrangeiros vindos ao Brasil para êsse fim, bem como os delegados aqui encontrados na última hora, de um lado louvaram a Bienal, como é lógico e também nós mesmos a louvamos, e do outro, denunciaram suas falhas. Mas o que esperavam êles, que acontecessem milagres num país novo para com êsses problemas e que se submetia à prova para experimentar e encontrar o caminho certo? A Bienal significa um esforço, a afirmação duma vontade de atuar e romper o gelo; isto tudo deve ser portanto recebido, por parte de todos com o máximo de palmas, tanto mais que foi a cidade toda que com sua contribuição tornou possível o *tour de force*. Àqueles que, brincando, chamaram a exposição da Avenida Paulista de "única", não demonstraram capacidade de ver no futuro: uma vez que a Prefeitura de São Paulo toma a si a honra e o peso da iniciativa, não há dúvida nenhuma que em 2051 celebraremos o centenário da Bienal.

Mas para que isto se realize é necessário que a Bienal não se torne organismo de funcionários públicos com direito a aposentadoria, é necessário que não se estabeleçam presidentes vitalícios; mas que seja pelo contrário um foco de homens vivos, ativos, inteligentes.

Diretor responsável: GERALDO N. SERRA  
Propriedade: HABITAT EDITORA LTDA.  
R. 7 de Abril, 230, 8.º, Sala 820, São Paulo

Administração e Publicidade:  
HABITAT EDITORA LTDA.  
Rua Sete de Abril, 230, 8.º  
Sala 820, Fone 35-2837, São Paulo

Assinaturas: (4 números anuais)  
Brasil . . . . Cr\$ 150,00 Exterior . . . . US\$ 6,00  
c/registro . Cr\$ 165,00 c/registro . . US\$ 7,00  
Nº avulso . Cr\$ 40,00 Exterior . . . . US\$ 1,75  
Nº atrasado Cr\$ 60,00 Exterior . . . . US\$ 2,75

DISTRIBUIDORES NO RIO DE JANEIRO:  
Livros de Portugal, Rua Gonçalves Dias, 62

Clichês: Clicheria e Estereotipia «Planalto»  
Avenida Brigadeiro Luis Antônio, 153,  
fones 33-4921 e 35-4048, São Paulo.

Impressão: Empresa «O PAPEL» Ltda.  
Rua Lavapés, 538, Fone, 36-3689, São Paulo.



O que significa uma exposição internacional de arte cada um de nós sabe, mesmo se nunca viu nem sequer uma de fato. As seções dos domingos dos jornais sempre referem algumas notícias sobre Veneza ou outras cidades onde, há muito tempo vem se realizando essas resenhas, nas quais os artistas deveriam mostrar o que há de melhor na sua produção dos últimos cinco anos, se as exposições forem quinquenais, dos quatro as quadrienais, dos três as trienais e, enfim, dos dois as bienais.

Para entrarmos logo no âmago do assunto eis que também São Paulo, a fim de seguir uma moda que data do ante-guerra, quiz agrupar a produção dos últimos dois anos dos nossos maiores artistas contemporâneos, arquitetos, escultores, pintores, gravadores. A idéia cabe ao sr. Francisco Matarazzo Sobrinho que, para realizá-la conseguiu que os poderes públicos gastassem um monte de dinheiro, enquanto com o mesmo dinheiro a cidade teria podido comprar a maior coleção de arte dos nossos dias. Mas não é fácil resistir à tentação de passar na história como Fradeletto ou Vittorio Pica, e não foram poupados esforços para dar a São Paulo também essa primazia de cópia ruim das grandes exposições internacionais, cópia montada no estilo de execução musical de ouvido.

Já tocaram as fanfarras dos jornais — aqueles confeccionadores de crônica que, coitados, não sabem de nada — informando os cidadãos que na Avenida Paulista, sobre as bases do velho Trianon há uma venda de arte internacional (desde algum tempo emprega-se esta palavra num sentido de ocidental, e em nosso sentido de pequenas partes

do ocidente, sem respeitar a geografia). E as fanfarras já anunciaram tratar-se da exposição maior do mundo.

Na vida moderna a publicidade tem tamanha importância; as cabeças não raciocinam mais de per si, sentem a necessidade de raciocinar com as idéias dos centros de propaganda: porém devemos admitir que no caso da Bienal a única máquina que funcionou foi justamente esta, criando uma onda de expectativa até em Santo Asdrubal do Rio Tal, expectativa para o fato como naquela novela de Saroyan, do menino hipnotizado pelos anúncios dos jornais de Chicago mostrando um avião bellissimo. O menino da província faz o inacreditável para mandar o dinheiro; afinal recebe quanto esperava, mas é um brinquedinho de papel e pronuncia então a frase famosa: — Porcos aqueles de Chicago.

Vendo a Bienal, não sei porque, surge à mente a novela de Saroyan. Há a atenuante que o comitê diretor não tem prática, no entanto nós nunca inventaríamos de escrever uma gramática finlandesa. Tratando-se porém de arte cada um se agita e se mexe, e quanto mais inadequado e virgem no assunto, tanto mais embeleza. A confusão da arte contemporânea começa justamente aqui: das multidões que nela se interessam por snobismo ou conveniência. Queríamos ser mais tolerantes porque, afinal de contas há a intenção de empregar para fins artísticos as vultuosas importâncias dos cofres públicos. (Mas acredite o visitante que com a metade da metade pode-se fazer muito melhor). Devemos salientar que o Trianon não era o lugar apropriado para organizar os pavilhões; quando nos informaram que aqueles

pagodezinhos iriam ser derrubados, ficamos satisfeitiísimos, porque nada representavam, porém nunca imaginamos iriam fazer uma sobre-elevação que priva a Avenida Paulista da única vista sobre a cidade. A arquitetura nova faz lembrar com saudade a antiga, rehabilitando-a. Com mais fantasia, no jardim em frente do Trianon ter-se-ia podido organizar um conjunto de pavilhões adequados para o fim, com despesa menor, com mais atmosfera brasileira, com maior comodidade para o público. Mas quando não se sabe, acontece assim.

Uma exposição deve ser entendida antes de mais nada, como uma obra de arte: do ponto de vista do ambiente e da apresentação, do pensamento informador, da razão crítica. Apresentar hoje em dia algumas das telas que figuram na secção holandesa e em algumas outras, significa não se preocupar com a época, com o espírito de nosso tempo, da crítica de arte de suas tendências. Apresentar dois ou três mil trabalhos, que ninguém escolheu porque determinados por ministérios e funcionários dos vários países, ou ainda por comissários improvisados, significa convidar o público para uma feira, não para uma exposição de arte, ou no mínimo, para um caos.

E teria sido talvez inteligente apresentar um caos: teria sido uma função, um empreendimento educativo. Em todo caso, porém, era necessário conhecer as componentes do caos, superar as sínteses de primeira mão, expondo suas razões com segurança histórica e crítica. No entanto, apresentar os trabalhos confusamente, ao acaso, sem cri



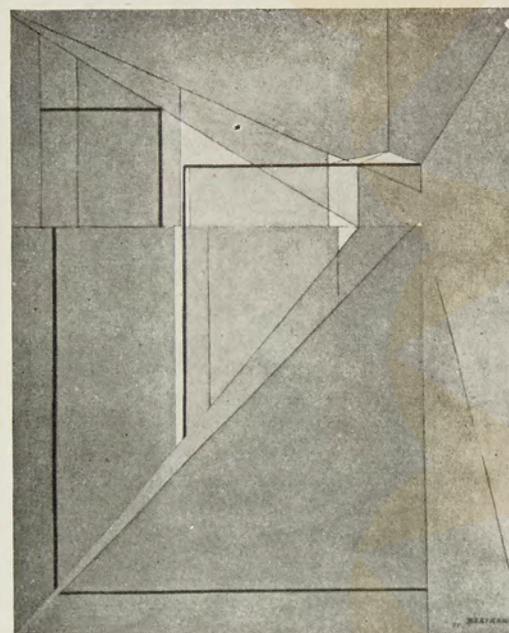
André Marchard, *Os flamengos em vôo*



Marc Mendelson, *Estatuetas no atelier*



Paul Delvaux, *As passeantes*

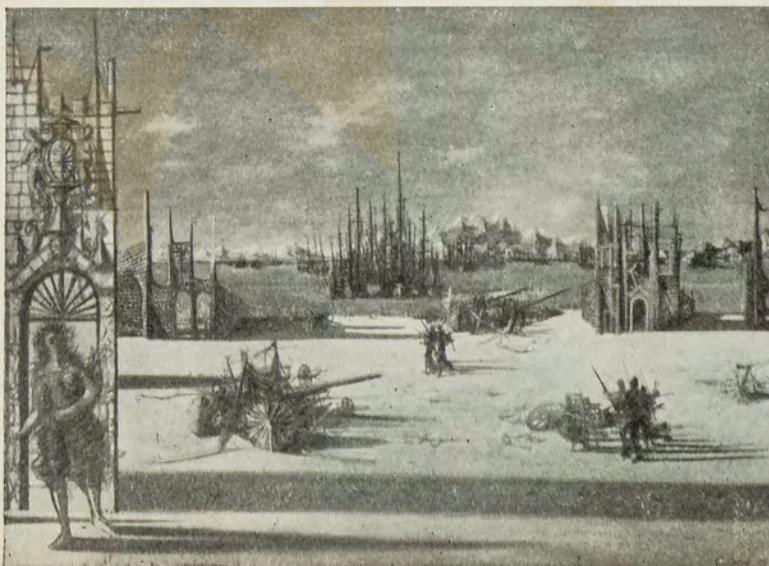


Gaston Bertrand, *Composição de triângulos brancos*

André Masson, *A toilette da manhã*



Carzou, *O pôrto abandonado*



tério nenhum, sem saber mesmo onde se pretende chegar (a não ser de imaginar uma exposição das que se usavam na Europa, há meio século), significa não considerar a finalidade educativa dum certame.

O único ato crítico, o único pensamento crítico surgido na Avenida Paulista, veio duma pessoa de gosto "oitocentescos", mas pelo menos fator de um gosto, o ministro Simões Filho que, em seu discurso inaugural disse as seguintes palavras:

*Resta considerar que o fenômeno social-artístico revela uma época, um momento de evolução humana. Sejamos um tanto indulgentes, outro tanto compreensivos.*

*Num mundo atormentado não há como exigir que o artista guarde a serenidade dos tempos em que a vida era doce como um favo de mel do Himeto. Não é a arte que se transformou, o mundo é que foi convulsionado, e ela, como expressão animada da vida, teria que revelar as inquietudes em que nos debatemos. Nem por cedidos nos seja defeso repetir que a arte acompanha, nas minúcias mais caprichosas, a história da própria humanidade.*

*Essa revolução estética é, por isso mesmo, um campo de conflitos, de choques, de tendências onde os artistas se vêem colocados em coordenadas opostas.*

*Numerosas correntes os solicitam, sem faltar a que tenta retroceder às fontes do primitivismo para de lá extrair alguma coisa que restitua ao artista, nestes tempos avançados, a seiva do instinto criador. Outros, intelectualizados e ressequidos, procuram uma forma abstrata, cujos extremos suscitam temores de que acabe por um divórcio entre a Arte e a Beleza.*

O tema da exposição poderia ter sido o seguinte: proporcionar ao público paulista, que a mais do esforço de destinar o dinheiro dos cofres públicos à Bienal deve ainda suportar o pagamento da entrada, proporcionar a este público — dizíamos — um panorama do conflito apontado pelo ministro, não colocando quadros ao acaso, mas compondo as paredes, mesmo com contrastes de trabalhos, para esclarecer às pessoas que não lêem "Cahiers d'art" ou "Formes" sobre o significado da locução "arte moderna". A exposição deveria ter visado esta tarefa e este fim, ter-se-ia diferenciado das demais mostras-elfantes. São Paulo teria inaugurado novo tipo de manifestação, na qual os dirigentes teriam aparecido como homens vivos, cultos, inteligentes e — o que mais vale — originais, com idéias próprias, não emprestadas e mal assimiladas.

Aceitar como coisa boa quanto se vem fazendo na Europa desde meio século, parece boa fé beirando a ingenuidade, ou melhor, asneira. Quem escreve não é europeu, e tampouco um daqueles americanos que, indo à Europa, acham tudo feio; a Europa, em sua fase atual de bizantinismo, tem também coisas excelentes, ninguém poderá depauperá-la de sua tradição; quantos, no entanto, são os fatos que mecanicamente se repetem, não considerando o espírito do mundo em transformação, em reforma. Porque devemos nós, americanos, copiar as fracas fórmulas das Bienais, e ainda de maneira passiva, burocrática, vulgar? Quem se preocupa com a arte holandesa da forma como foi embalada e enviada? Estes são antes cartazes de

1925, cartazes para fins turísticos, destinados às colônias; isto não é arte. Secções como a da Holanda são um desacato para o público culto, ciente que em Amsterdam existe um grupo de artistas jovens, de primeira ordem, que bem poderiam figurar ao lado dos Suíços.

Nisto está a incapacidade, ou melhor, o dilettantismo dos organizadores da Bienal: apresentar dois países como a Suíça e a Holanda, de forças modernas paralelas, mostrando um como o "mais avançado" e o outro, como o "mais atrasado".

Este caos europeu devia ser representado por nações. Mas teria sido necessário tomar o avião, ir à Europa, e possivelmente não de olhos fechados.

Os organizadores da Bienal prometeram uma exposição de Van Gogh. Esta notícia foi consolo para todos os que até agora da obra de Van Gogh viram somente a "Arlesienne" do Museu de Arte de São Paulo. Levantou-se um cântico de aleluia ao saber da grande notícia: vinte trabalhos do maior pintor moderno (um paulista teria conseguido pelo menos mais dez em empréstimo) teriam bastado para animar o público e reconciliar o ministro Simões Filho com a assim chamada arte moderna. No entanto, a prometida exposição de Van Gogh não veio, talvez por ter a Bienal — conquistando a primazia absoluta no mundo das exposições — inaugurado o sistema de não segurar os trabalhos. (Gostaríamos ver nos registros de nossos industriais se as mercadorias que mandam vir do estrangeiro não são seguras). Van Gogh teria entusiasmado nosso público, ter-se-ia festejado o acontecimento, teria sido a razão de ser duma exposição embora errada. A Holanda, terra de Van Gogh e de Rembrandt, mandou pelo contrário a "Coroação da Rainha"; e os bienalistas nos ministraram esta tela com diplomático deleite.

E que dizer da França, da querida França, de cujo espírito todos capazes de ler e escrever deveriam avivar sua alma? Por entre tantas exercitações extraviadas de sua juventude pictórica, eis a exposição de Seraphine. São estas curiosidades, folguedos, ou melhor negócios de mercantes ladinos; e isto conservando o maior respeito para com os mercantes de arte; mas eles não de agrupar também importantes exposições de arte contemporânea; reservam-nas talvez para países que supõem mais adiantados no campo da arte?

O público teria gostado de ver uma mostra individual de Braque, Rouault, Matisse ou pelo menos do espanhol Picasso: uma mostra instrutiva dum grande pintor francês, para nós, obrigados a apreciá-lo nos clichês de revistas e agora, felizmente, nas belas edições de Skira. A pintura deve ser vista na realidade, como é, como emana seu espírito. Os franceses organizaram às pressas uma mostra para a América do Sul.

Enviaram à Veneza toda aquela fatura de salas (talvez a sala de Rousseau le Douanier para fazer elevar os preços) e para a metrópole de São Paulo, onde centenas e centenas de jovens estudam a língua francesa unicamente para fins culturais, os franceses mandam um refúgio. Perguntamos ao sr. Lassaigue o porquê desta falta de consideração e o porquê de não terem eles man-

dado pelo menos uma mostra de Matisse, cujos trabalhos se encontram em toda parte da França. Mr. Lassaigue respondeu-nos: Matisse foi convidado a expor no Japão. Nós retorquimos: — Mas aqui existe uma grande colônia japonesa.

E' necessário que se comece a ter firmeza, sobre dois pontos, aqui no Brasil entre as pessoas que se interessam de arte: 1 — Escolher nós mesmos o que desejamos conhecer e fazer conhecer aos outros, não permitindo que os países mandem o que bem entendem. 2 — Recusar os abacaxis.

Eis algumas observações.

Di Cavalcanti, mais do que qualquer outro artista brasileiro, soube montar uma bela meia sala, escolhendo entre os trabalhos do último período, demonstrando unidade, estilo, personalidade sem desvios.

Portinari recorreu aos seus três quadros mais famosos, "Os Retirantes", "Entérro na Rêde", "A Morte da Criança", que o público admira desde vários anos na pinacoteca do Museu de Arte de São Paulo. A estas três belas telas, acrescenta a "Missa", que é pelo contrário menos forte, e duas pequenas telas pintadas sem o *verve* antigo. Portinari encontra-se num momento de crise: debate-se entre a encomenda de painéis, de carácter histórico-exaltativo, e o retrato de agrado do cliente, o qual não suporta a linguagem da arte nova; o exímio pintor paulista não consegue encontrar seu caminho, o caminho que tão bem trilhou nos três trabalhos de acima, nos quais um espírito livre, álaque, renovador, procura ilustrar as coisas de sua terra e de sua gente. Não sabemos porém até que ponto seja possível sentir este grandioso drama humano e ao mesmo tempo os "parfumes et frivolités" da senhora que exige seu retrato em "estilo clássico". A hora da resolução decisiva soa para o pintor, e não soubendo-la enfrentar, acabará êle no "mettier" com prejuízo para a arte. Estas palavras são dirigidas a um artista verdadeiro: se assim não fosse, não gastaríamos inutilmente tempo e tinta.

Outra, das muitas meias-salas, é reservada a Maria Martins, das visões ousadas e estranhas, à maneira de Lipschitz: escultura é algo diferente, e isto vale para todos os que soldarem seus pedacinhos de cobre e arame, abstrata e distraidamente, sem razão lógica, de lógica comum e intelegível.

Também Brecheret, com suas formas meio amorfas não chega a nos convencer. Brecheret é um escultor que sabe se exprimir com eficácia, quando não pensa na pré-história e nas cavernas. Sua meia-sala, com coluna no centro, coluna que não permite ver nada, poderia ter sido o documento da sua escultura verdadeira, sem preocupações. Giorgi se nos afigura renovado, mais atual: abandonado o maneirismo post-maillolesco, predilige agora as formas inventadas pelo primeiro Moore, com soluções que não carecem de fineza.

Lasar Segall quiz apresentar uma lembrança de sua arte, pelo espaço escasso em sua meia sala, ou melhor "stand". Segall confiou sua mostra individual ao Museu de Arte de São Paulo: um artista de sua altura, após tantos anos sem exhibir, devia apresentar o melhor de sua história de pintor, numa ocasião em que os críticos do mundo aqui se reuniam; mas é sabido que os críti-



*Mário Cravo, Briga de galos, cobre, 1951*



*Mário Cravo, Ogúm, cobre repoussé*

cos, também os estrangeiros, sofrem da mesma doença dos garçons: não aguentam demorar em pé, e porisso não viram bem a mostra da rua 7 de Abril.

De Lívio Abramo e de Goeldi, os dois bons gravadores brasileiros, numa sala-escaninho para cada um, falaremos dentro de breve. O prêmio de gravura de Goeldi foi bem merecido.

Após o Brasil, seguindo o caminho não indicado por sinal ou conselho lógico algum, chega-se à secção dos Estados Unidos, na qual o sr. d'Harnoncourt, diretor do Museum of Modern Art de Nova York e comissário de seu país, querendo romper a monotonia das paredes brancas e painéis cinzas (côres avisadamente inspiradas no modelo do Museu de Arte de São Paulo) deulhes outra côr, tão desentoadada de fazer observar todos os incompetentes; Viu o d'Harnoncourt que celebridade êle é? Mudou as côres e como ficaram bem! O diletante em arte brasileiro está súcubo ao diletante em arte norte-americano, os dois avançam num acórdido perfeito, compreendem-se tão bem que assinam tratados de aliança e cooperação, como os três, ou quatro grandes.

A cooperação norte-americana manifestou-se desta vez com uma mostra sem fio nem cabeça. Parece que os museus americanos que "cooperaram" mandaram as pinturas, geralmente guardadas em depósitos, a tomar um pouco de calorzinho tropical. Drogas incríveis aquelas dos pintores americanos, que por mais que se esforcem nunca lhes será permitido entrar no santuário da arte; e essas drogas foram-nos ministradas pensando que somos cegos. O norte-americano é um povo extraordinário, muitíssimo civilizado, que gosta da arte (país nenhum proporciona à arte a atenção, cuidado e paixão que os Estados Unidos lhe oferecem); mas qual falta de sensibilidade, compreensão, *finesse*. Por que trazer até cá aquelas figuras de Philip Evergood, as paisagens cobertas de neve de Charles Burchfield, e assim por diante? Salões, os temos aqui também, com suas respectivas "secções acadêmicas". Vimos que fim levaram na América do Norte George Grosz e Max Weber e, um artista que no tempo do Expressionismo fora um talento, Lyonel Feininger. Esta transformação, à qual pode-se acrescentar a de Beckmann, é testemunha de que os Estados Unidos ainda não se tornaram terra para pintura.

Em seguida, a reportagem não teve mais o prazer de ver demoradamente. Pensa-se com tristeza que a pintura sempre mais se confunde com ilustrativismo, que o palavrear dos críticos está confundindo a língua. Da participação americana, por entre fórmulas e formulinhas a Dali e o polimaterismo com atrazo de quarenta anos, só resta a lembrança duma bela tela: "Carvão e Madeira", de Loren Maciver.

Passa-se em seguida ao Chile. No caso de nações com sômente pequenos grupos-tipos, não teria talvez sido melhor convidar só uma ou duas telas? Ou então avivar a sala como fêz o Uruguai, aliás muito avisadamente, com as pinturas de Pedro Figari (1871-1938)? Arte moderna, locução vaga, não deve ser tomada ao pé da letra, como no passado e ainda fala-se em "arte futurista" querendo dizer arte atual. (Agora usa-se

até dizer "arte abstracionista", no Brasil há uma verdadeira fartura, e quanta tapeação: todos aquêles hieroglifos que, segundo os incompetentes possuem alta significação moral e até social, e por que não política é, na maioria dos casos um exercício no qual não se falará mais, como não se fala mais em Mensorier e seus fieis).

Voltando ao Chile, devemos dizer que há aí duas pequenas estátuas em granito de Lily Garufolic e Sérgio Mallol, muito graciosas, que fazem supor o prazer de admirar as ilustrações da plástica egípcia e o leite de lêr Maspero. Victor Carvalho, muito conhecido no Brasil após suas mostras individuais, reconfirma sua altura de decorador elegante à Klimt.

A Grã-Bretanha não carece de solenidade; todavia o artista que teríamos gostado de conhecer é Henry Moore, que realizará no próximo ano uma mostra individual no Museu de Arte de São Paulo, conforme prometido e afirmado pessoalmente ao diretor daquela instituição, quando na Inglaterra.

A Itália apresenta uma bela secção, a melhor sem dúvida alguma. Tem um catálogo belíssimo que pode ser comparado — para melhor compreender — com o catálogo da Bienal, provincianismo incrível, cheio de êrros, com clichês de cabeça para baixo, com poucos nomes acertados; basta dizer que Jean Cassou tornou-se Jean Lasson, e assim por diante. A secção italiana apresenta-nos dois Carrá antigos e vários inúteis pintados

recentemente; duas séries magníficas de Filippo de Pisis e Giorgio Morandi (os senhores do juri, com a preocupação de serem considerados pessoas "à la page", isto é, ao par da moda, excluíram do Prêmio de Pintura êsses dois pintores de altura verdadeira, dois pintores que nos ligam à tradição, preferindo bizantinizar se o prêmio havia de ser conferido a Bazaine ou Chastel, isto é, a um abstracionista, esquecendo que a pintura é pintura e as brincadeiras são brincadeiras. Em todo caso, querendo mesmo premiar um abstracionista, havia, na secção italiana, Alberto Magnelli).

Também Campigli é bem representado na secção. Mas quantos pintores inúteis como Luigi Bartolini. Nós teríamos conferido o prêmio internacional de pintura a "Figuras no Espaço", de Virgílio Guidi; imaginemos porém o efeito da palavra "figura". Êste não é um lugar para uma crítica, no sentido amplo da palavra. Cada visitante poderá ver e considerar por sua conta. Na secção italiana o escultor que mais teríamos apreciado de ver era Marino Marini, que porém não participou. Desta forma, não foi possível ver os três maiores escultores europeus: Laurens, Moore e Marini.

As demais secções não apresentam interêsse especial, excluindo a Suíça que quiz realizar uma exposição entre o cartaz e o desenho geométrico, no entanto muito significativa desta nação. A mostra de tôda a obra de Max Bill, apresentada há uns meses no Museu de Arte de São Paulo, esgotava o assunto; e justamente a uma escultura já apresentada naquela mostra, o juri conferiu o grande prêmio de escultura: o belíssimo aço foi colocado pelos organizadores da Bienal naquela espécie de porão, no subsolo, como expletivo do plácido comercialismo artístico das senhoras diletantes de São Paulo, as caras e belas damas que não podiam faltar, expondo seus partos no subsolo duma mostra internacional. (A arte não é algo para a ambição social ou snobística; é algo de sério, de profundamente sério; o mundanismo feminino deveria ter sido marginal, pois o mundanismo excessivo acabou confundindo a arte internacional com as caixinhas duma boite "demodée". Êrros êstes que serão evitados nas futuras edições, e evitando o êrro da incompetência poder-se-ia salvar tudo).

Teríamos que falar agora em outras coisas, como por exemplo da Exposição Internacional de Arquitetura: é necessário ter uma coragem singular para chamar de Exposição Internacional um recinto de fotografias, escolhidas ao acaso, com "arquitetos" que estão à Arquitetura como um pastificio está a Miguel Ângelo. Nunca teríamos imaginado que a falta de consideração e interêsse chegassem a êste ponto. Basta dizer que a memória do patrono da Exposição, o notável arquiteto da estação de hidro-aviões do Rio de Janeiro, Attilio Corrêa Lima, é representada por um "in memoriam", usado pelos familiares atingidos por um triste acontecimento.

Somos talvez demasiadamente críticos; se nos afigura porém que na Bienal ninguém exerceu seu poder crítico, e que os críticos, se houveram, usaram óculos de lentes escuras.

SERAFIM





Bruno Giorgi, *Figura*, 2.º Prêmio nacional de escultura



Victor Brecheret, *Índio e a suaçuapara*, 1951, Prêmio nacional de escultura

Germaine Richier, *A floresta*, prêmio de aquisição



Oscar Jespers, *Torso de mulher*, 1935



Oscar Jespers, *Torso de mulher*, 1935

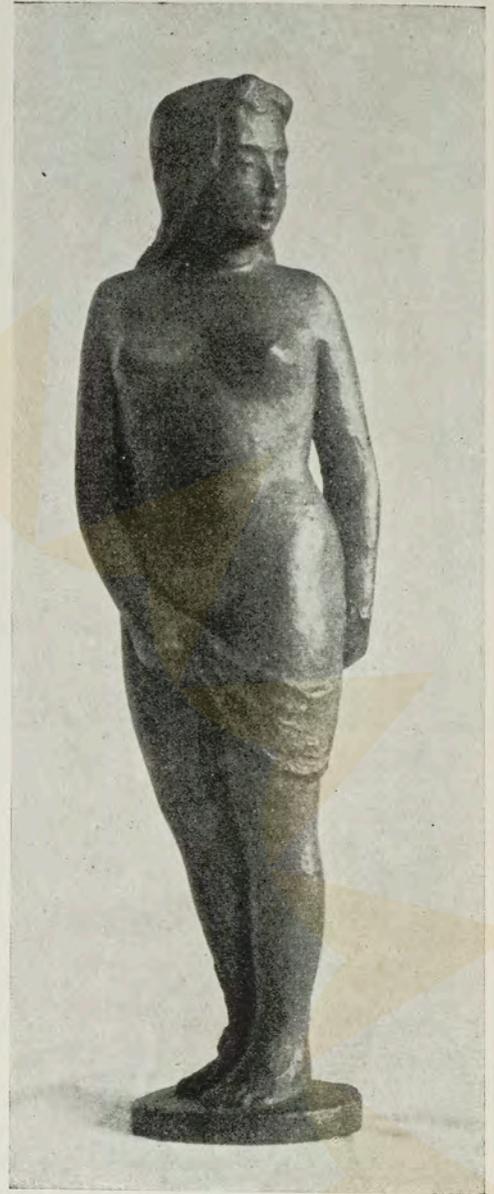
Houve artistas que, tendo farejado, não os tempos novos, mas a vinda dum júri formado à nova moda, se atarefaram para produzir trabalhos que teriam agradado os eméritos senhores da comissão julgadora. Em alguns casos os neo-surreal-abstracionistas su-

peraram a si próprios e desenformaram formas que em zoologia se chamam de mame-lões, sem razão artística nenhuma. E, sendo que nas exposições vale também a sorte, como nas Loterias Federais, aconteceu que o bilhete conseguiu vencer a aposta.



Felix Labisse, A palavra

Às vèzes, pode-se perder a tradição da boa pintura, mesmo um povo que sempre a teve no sangue. A Itália, por exemplo, perdeu-a durante o Oitocentos. Agora é a França que a está perdendo. E prova disto é a secção da Bienal. Onde são os "jovens", depois de Picasso, Matisse, Braque, Rouault? Se excluímos Pignon, não se vê ninguém no horizonte.



Toyochi Yamamoto, Mulher de pé

A diferença entre uma pintura acadêmica e uma pintura abstracionista não existe, quando a pintura "abstracionista" é feita com o intuito de seguir a moda, isto é, quando a pintura abstracionista se torna por isto mesmo "academia", que nada tem de ver com os problemas da pintura. Pintura que compreende, quando Pintura, também o figurativismo, também o abstracionismo e quem sabe, talvez até a assim chamada academia.



Leo Leuppi, Desordem

Roger Chastel, Namorados num café, 1950 (primeiro prêmio de Pintura)



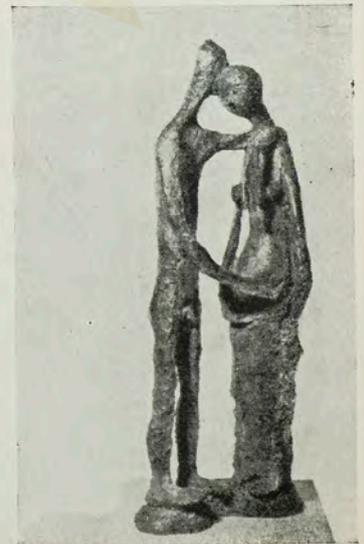
Kees Verwey, No atelier

O número de palavras que qualquer cidadão pode ouvir diante das telas na exposição oceânica da Avenida Paulista, é algo de impressionar. É fato já estabelecido ser a pintura uma arte que convida ao silêncio; mas aqui, pelo contrário, se colocam em frente de pinturas e esculturas, abrindo a boca para falar um monte de asneiras. Entre as asneiras mais usuais há a seguinte: — Também meu menino é capaz, etc., etc. Como poderá progredir a arte com pais tão bobos?

O único público em São Paulo que entende de pintura é o povo, o povo verdadeiro. Pode-se dizer que o pintor que realmente agradeu o público foi Permeke.

Basta alguém repetir dez vèzes o nome dum artista que se verifica o "fenômeno da repetição": os dez que o ouviram repetem-no a outros dez, e isto faz cem: os cem a outros cem e assim por diante. Daí acontece que toda a população da cidade diz que Fulano é escultor.

Rob. Couturier, Par de pé, 1948



O ano passado, por ocasião da Bienal (aque-la verdadeira), de Veneza, alguém de nós disse que uma pintora que devia ser imediatamente convidada era Maria Leontina. E não foi convidada. Agora que a pintora — aliás uma das poucas pessoas que sabem pintar no Brasil — foi premiada (e fizeram-lhe a injustiça de não lhe conferir o primeiro prêmio), vão fazer dela uma heroína. Mas não demonstramos talvez que as pessoas que escolheram os trabalhos da Bienal precedente (verdadeira), deviam passar sob o arco de triunfo da incompetência?

Os membros do júri disseram que os Grandes da pintura brasileira não deviam ser tomados em consideração por serem já Grandes, de fama universal, e também pelo próprio fato de serem convidados com salas individuais, testemunhas de grandeza. Conceito justo e lógico.

Mas como explicar então que o mesmo conceito não foi aplicado à Escultura? De fato, dois entre os premiados tinham uma sala (salinha). Conclue-se daí que o júri julgou ao acaso, como conceitos de máxima, e não soube sistematizar seu julgamento.



Aldemir Martins, Cangaceiros, desenho premiado (já publicado em Habitat 3)

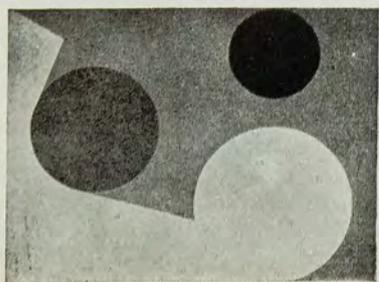


Maria Leontina, Natureza morta, excelente pintura, infelizmente premiada em segundo lugar



Tarsila do Amaral, E.F.C.B., 1924, pintura premiada

Marcelo Grassmann, Hapias n.º 2, Gravura



Ivan Ferreira Serpa, Formas, "pintura" também premiada

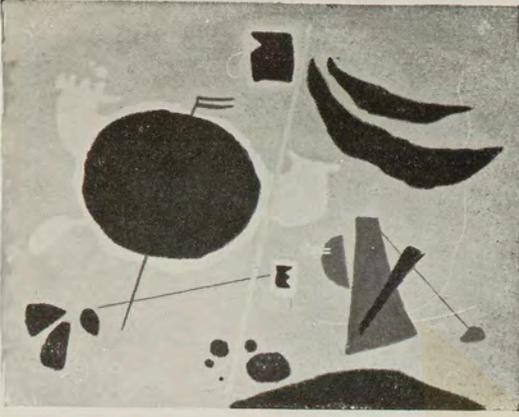


Heitor dos Prazeres, Moenda, 3.º Prêmio de pintura nacional

Era necessário ter a coragem de premiar este pintor nacional, porque esta é a pintura feita com naturalidade, fervor, com uma idéia da arte; algo de bem diferente daquelas limões de Di Prete, dos quais cada um pode ver o precedente em pinturas análogas de quem sabe quantos artistas, desde Bonnard até Marquet, desde Matisse até o italiano Tosi. Os críticos tiveram memória muito lábil; mas isto é da conta deles. O que nós queremos afirmar é o seguinte: que devia ser premiado, com o primeiro prêmio, e honrado um daqueles pintores que respondem ao nome de Lula, dos Prazeres e Silva. Os críticos poderiam objetar que se trata de arte de "primitivos". Isto é, para nós, a única pintura autêntica e original do Brasil. Não seremos, por certo, a levar a sério os muitos picassianos locais, ou, pior ainda, os rabiscos dos assim-chamados abstracionistas

José Silva, o maior pintor brasileiro da nova geração, não foi convidado à inauguração, graças às suas botas, e permaneceu no seu sertão de São José do Rio Preto





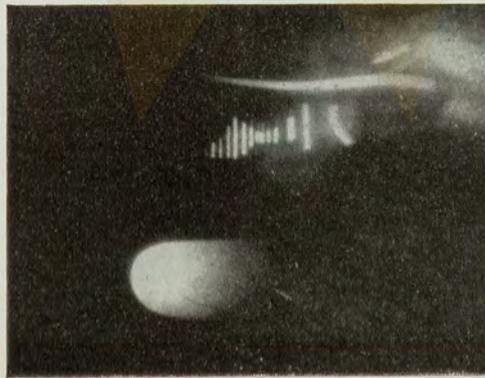
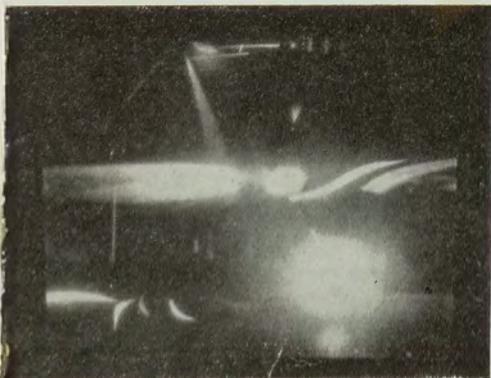
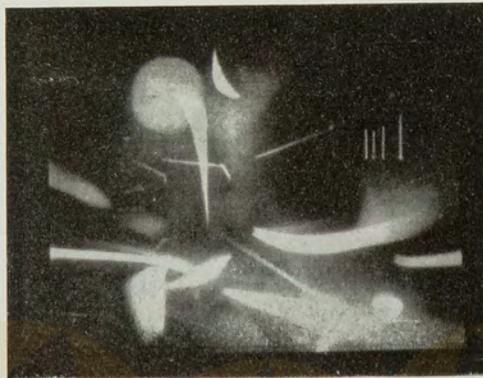
Willi Baumeister, Gesto cósmico



J. B. Brusselmanns, Composição

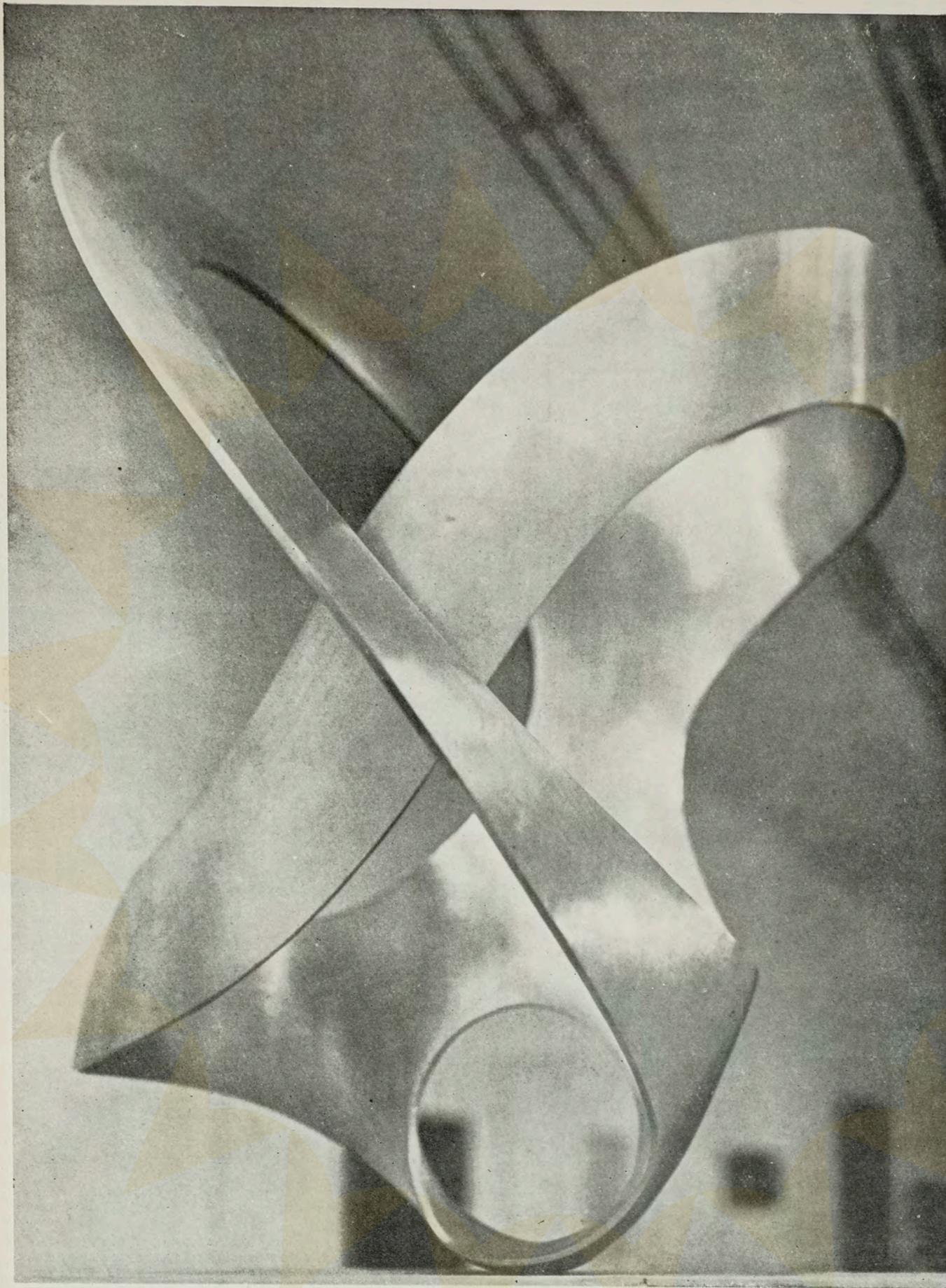


E então, porque não premiar também o inventor do sistema de pendurar músicas nas costas do companheiro, pensando na contribuição da banda para o sucesso do certame?



Na Bienal foi apresentado, como consequência extrema do abstracionismo, uma tentativa de imagens em movimento, ideadas por Abraham Palatnik. Trata-se dum aparelho de lanterna mágica, projetando formas abstratas. Para quem conhece o aparelho de Brewster e o relativo aperfeiçoamento de Debus, este aparelho não traz nenhuma nova contribuição a quanto já foi feito nesse campo. Todavia a "novidade" conseguiu despertar a curiosidade no público que por tradição gosta dos desenhos graciosos do popularíssimo caleidoscópio ou cromatoscópio, se quizer, que viu nas feiras. Eis algumas imagens obtidas por Abraham Palatnik, que gentilmente as trouxe à nossa redação.

Formas obtidas através do Caleidoscópio luminoso de Abraham Palatnik



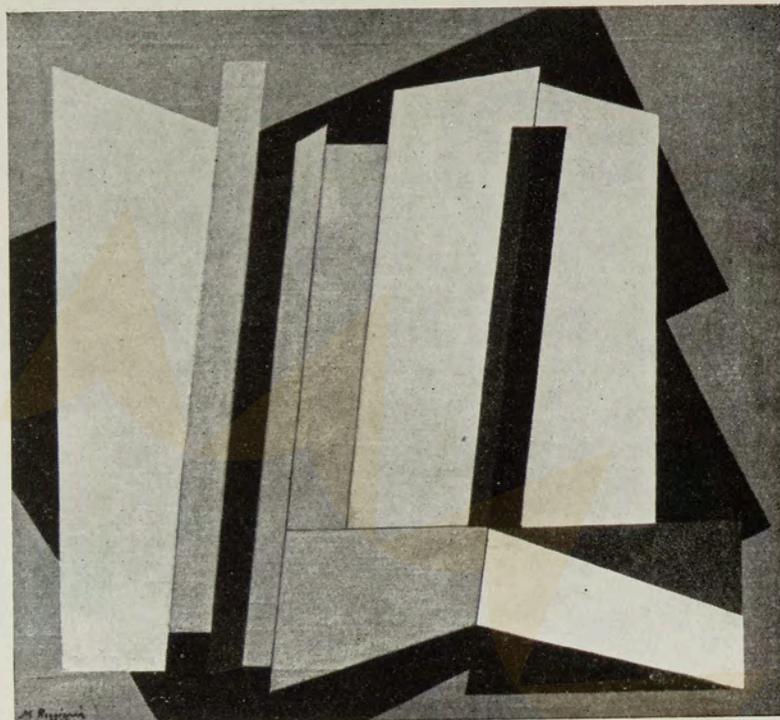
*Max Bill, Unidade de três partes. 1.º prêmio para escultura de autor estrangeiro na 1.ª Bienal*

Esta escultura, o trabalho central da exposição que Max Bill realizou no Museu de Arte de São Paulo, foi cedida à Bienal para ser exibida na secção da Suíça; mas isto não se deu: foi colocada, pelo contrário, no porão do Trianon, onde, apesar de tudo, a comissão soube descobri-la, admirá-la, pondo por trás uma fôlha de papel (porque colocada contra um fundo de nível inferior) e soube premiá-la

Max Bill é um talento, e isto foi visto e averiguado na grande exposição organizada pelo Museu de Arte de São Paulo (a não ser confundindo com homônimos adjetivizados): rigor geométrico, fantasia álcere, originalidade fluente, capacidade no "metier". Mas todo aquele enxame de pseudo-geometrizes, de latinos, de coitados que ruminam quanto viram dos outros; trabalhos que nos entristecem; mesmo se as comissões distraídas, a eles conferem os Grandes e Pequenos Prêmios, nas quermesses da arte.



Osvaldo Licini, Amalassunta n.º 4, 1959



Mauro Reggiani, Composição 9, 1951



M. Reggiani, Composição 19, 1951

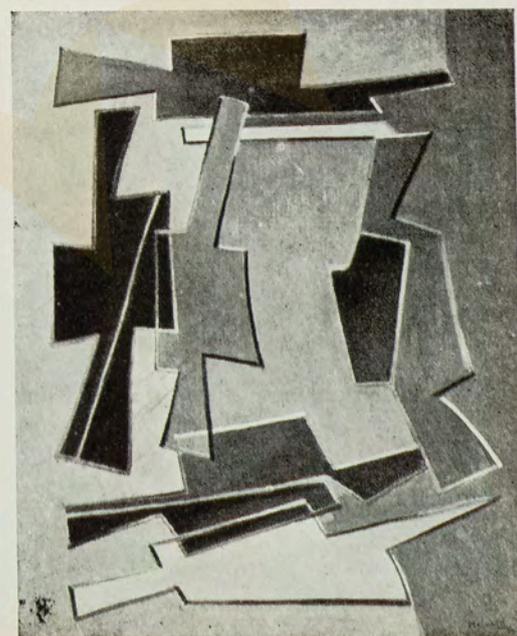


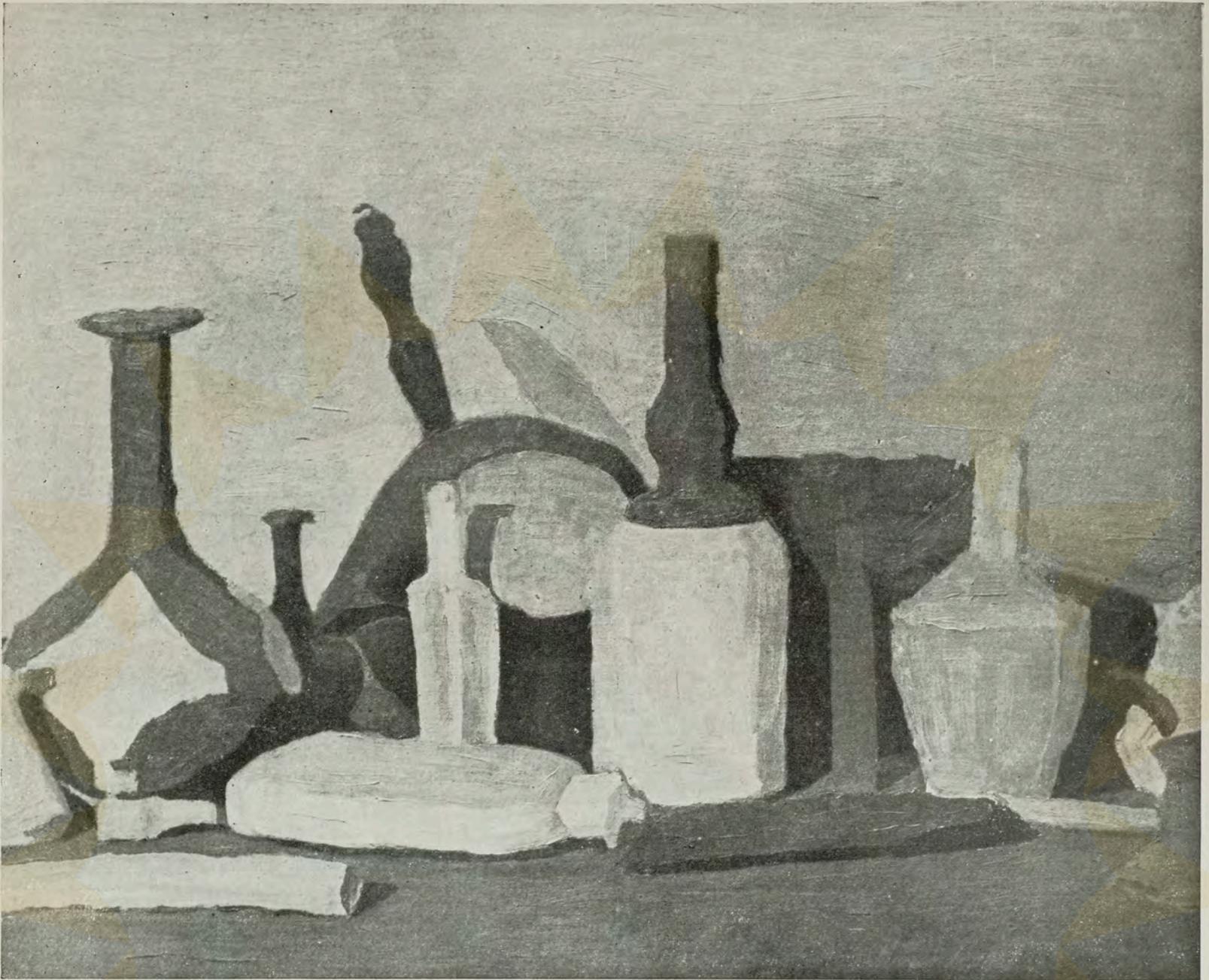
M. Reggiani, Composição 24, 1951

Alberto Magnelli, Avec mesure, 1950



Mattia Moreni, No molhe, 1951





Giorgio Morandi, *Natureza morta com objetos em violeta*, 1937

## Morandi

Para nosso uso interno e nosso divertimento, instituímos uma comissão que — prévio pagamento do ingresso (dez cruzeiros, exatamente três vezes o preço do ingresso do Louvre) — julgou pacientemente os trabalhos da Bienal, afim de conferir os prêmios de Habitat. Após uma primeira, refletida seleção, durante a qual foram rejeitados os trabalhos sem valor nenhum, na maioria trabalhos dos diletantes da cidade e de lugares próximos, devidos especialmente à mão, por vezes aos pés de elegantes senhoras da sociedade, nossa comissão passou à segunda escolha, obedecendo os seguintes critérios:

1. *Descobrir se o autor era artista ou intrometido no campo da arte;*
2. *Descobrir se o trabalho apresentava autonomia própria e mostrava personalidade;*
3. *Descobrir se o "metier" indicava com certeza que o autor tinha dotes e era apaixonado de arte.*

Este trabalho de seleção feito com toda a prudência de que nossa comissão era capaz, levou a limitar ainda mais o número de can-

didatos ao prêmio de Habitat. Para a pintura, o trabalho ficou quase que reduzido à seção italiana, e os artistas tomados em consideração acabaram sendo:

*Giorgio Morandi  
Filippo de Pisis*

Não havia dúvida alguma que estes pintores, muito bem representados embora não seguindo um critério histórico, apareciam os únicos que podiam ser tomados em consideração: Morandi, pela grandiosidade de uma pintura evocativa de mundos poéticos; de Pisis pelo ímpeto de seu pintar a fogo de faiscas, com sentimento caprichoso, inconstante, inesperado. A comissão estava em dúvida. Todavia após cuidadosa discussão, na qual foi falado do seguinte:

1. *contribuição à história da pintura italiana, desde o futurismo ao metafisicismo, à pintura européia;*
2. *autonomia de Morandi do futurismo, do qual porém foi simpatizante;*
3. *consciência de Morandi e do rigor por ele estabelecido em cada trabalho;*

4. *originalidade da pintura de Morandi e coragem polêmica de suas "garrafas";*
5. *necessidade que um prêmio internacional, embora conferido num país jovem e sem conhecimentos dos problemas de arte, seja uma chamada à ordem, quase que a indicação de decoro e exaltação da Pintura;*
6. *ignorância do mundo para com os fatos da pintura italiana, que é por antonomasia, à terra da pintura;*
7. *inúmeras outras coisas entre as quais a constatação que pintura contemporânea pode julgar somente quem a conhece intimamente e de primeira mão, bem como sua história, seu âmago, suas manipulações, etc.;*

chegou-se à conclusão que o Grande Prêmio de Pintura de Habitat devia ser conferido a

*Giorgio Morandi*

No que diz respeito à escultura (*omissis*) o Grande Prêmio foi conferido a

*Pericle Fazzini*



Giorgio Morandi, *Natureza morta, aguaforte, 1928*



Giorgio Morandi, *Natureza morta, 1941*



Giorgio Morandi, *Paisagem, 1943*



Giorgio Morandi, *Natureza morta, aguaforte, 1928*



Giorgio Morandi, *Paisagem, 1940*



Giorgio Morandi, *Natureza morta*



Morandi, *Paisagem*, 1929



Giorgio Morandi, *Flóres*, 1931



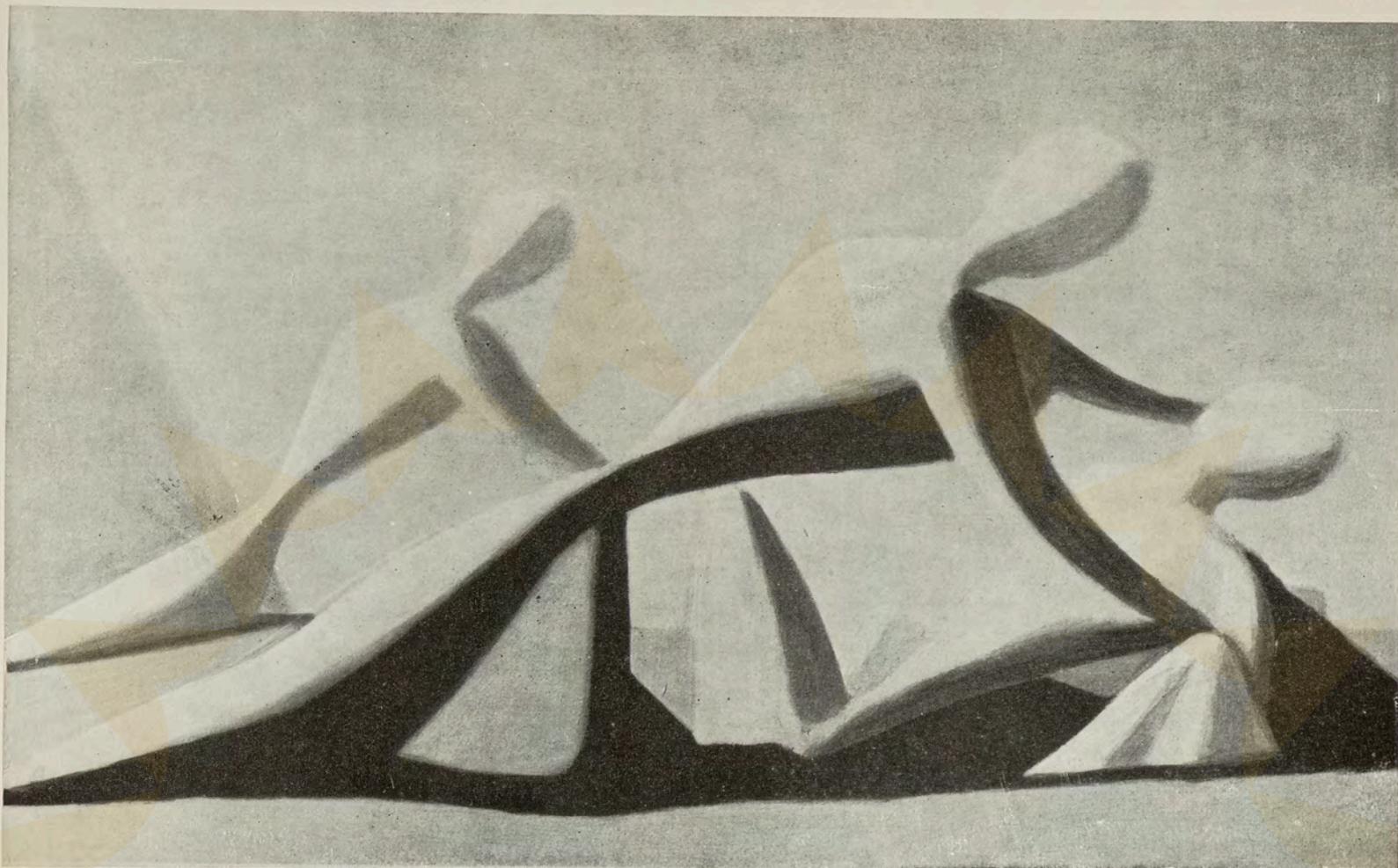
Giorgio Morandi, *Natureza morta*, 1917



Giorgio Morandi, *Aldeia*, 1927

Giorgio Morandi, *Natureza morta*, 1929





Virgílio Guidi, *Figuras no espaço*

Constant Permeke, *"Over Permeke"*



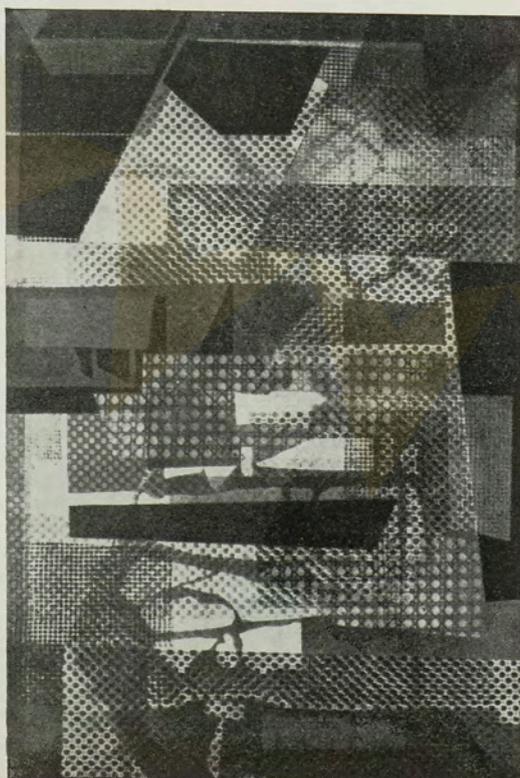
O conceito de mostra internacional assim como fora imaginado nas grandes exposições do "Oitocentos", especialmente nas de Paris (1889, 1900), já é superado. É lógico que em países novos se chegue também aos problemas da arte, quase porque devem eles percorrer de novo o caminho feito na Europa. No entanto, o leitor mais inteligente forçosamente se pergunta se não existirá a possibilidade de encontrar fórmulas novas, e se, ao invés de aceitar as velhas, não é possível criar outras mais adequadas à nossa mentalidade e exigências. A distância julga-se mal, e por outro lado o provinciano inculto que, chegando a Veneza goza de tudo quanto vê e proclama a eminência de tudo, faz um papel bem mesquinho. Sem dúvida, a Bienal de Veneza tem uma bela história, especialmente após a guerra quando Pallucchini a avivou com iniciativas, com "novidades", procurando pôr a surdina aos "pavilhões estrangeiros", que foram a praga das exposições venezianas. Mas a história das Bienais venezianas é também a história duma arte pompier, é antes de mais nada a história da arte pompier, e nós que somos talvez os únicos na cidade de São Paulo com alguma experiência de mostras venezianas, podemos afirmar que não existe artista moderno europeu que não tenha exposto a todo o transe em Veneza.



Massimo Campigli, *A torre e a roda gigante*



Massimo Campigli, *Quatro tecedoras*



Corrado Cagli, *Escalas cromáticas de Viena, 1930*



Francesco Menzio, *Mulher costurando*



*Pompílio Mandelli, Figura em cinza*



*Pietro Martina, Retrato*



*Emílio Vedova, O incêndio de Varsóvia, n.º 1*



*Toti Scialoja, Natureza morta*

*Ennio Morlotti, Solidão*



*Chegou também à Itália, com o trem "carangueijo", o grande Picasso, juntamente a muitas outras experiências desconhecidas na Península, e pintores de talento indiscutível, como por exemplo Afro e Birolli, procuraram em esquemas que sempre lembrarão a água onde foram lavados outros pratos, uma inspiração artificial, sem sentido e idéia própria.*



Renato Birolli, *Moça à janela*



Giuseppe Viviani, *Batistério-cadeira-vela-mar, aguaforte*

Parece que os críticos da Comissão estivessem de acôrdo sôbre o fato que o primeiro prêmio (grande) de pintura devia ser conferido a um dos grandes pintores aqui representados: Morandi, ou de Pisis, ou Campigli. Mas as votações acabaram sempre rejeitando os pintores italianos, o máximo de votos para Morandi foi de cinco: um belo sucesso, para um grupo de críticos que talvez não estavam bem ao par do fato que a Itália hoje em dia tem pintores verdadeiros, da classe dos grandes pintores franceses que passaram ou estão se aproximando aos setenta anos. Excluída a possibilidade do prêmio a Morandi, os críticos concentraram-se (como se concentra o tomate, centripetamente) no prêmio a um francês, e no ímpeto este prêmio foi conferido ao pintor Chastel, porque fora o único que prestara homenagem ao Brasil, incluindo no título a palavra café. Ouvimos o seguinte comentário por parte dum paulista, filho de napolitanos "Cá nisciuno é fesso".

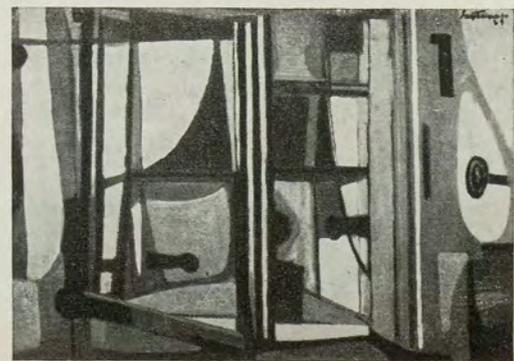


Afro, *Novo Testamento*



Mino Maccari, *A nova escola*

Giuseppe Santomaso, *Janela*





*Filippo de Pisis, Os pássaros empalhados*



*Filippo de Pisis, Casas em Brugherio*



*F. de Pisis, "La Court de Com."*

## Lasar Segall na Alemanha

*Antecipando a publicação da monografia de Lasar Segall, apresentamos aqui uma parte do capítulo referente à participação do artista no movimento expressionista alemão, ilustrado com os trabalhos daquele período*

O primeiro acontecimento na fase de vanguarda de Segall, em Berlim, é seu contacto com as Secessões de Liebermann e Lovis Corinth, nas quais ele participa oficialmente. Infringidos, assim, os severos regulamentos acadêmicos e acusado de insubordinação, largou o jovem, de uma vez por todas, as inúteis aulas de Hochschule. Escreve Segall: "Sentia-me como um naufrago que de repente entrevê esperanças de salvação. Apesar disto, minha nova atmosfera artística não me satisfazia. Sua nota dominante era o Impressionismo, que, numa exuberância luxuriante de côres, relatava aspectos da natureza com pinceladas largas e livres. Não correspondia a minhas aspirações íntimas, cujos primeiros assomos já tinha sentido em Vilna, de uma forma de expressão que obedecesse unicamente à minha voz pessoal e fôsse capaz de expressar, até os seus limites mais recônditos, as dores e alegrias de meu mundo interior. Essa nova linguagem, que já sentia viva e fermentando em mim, iria eu encontrá-la no Expressionismo".

O austríaco Hermann Bahr, que fôra o primeiro a falar, já em 1891, no fim do naturalismo e a registrar, com rapidez de compreensão deveras rara, o fenômeno do Expressionismo, escrevia em 1920: "Nunca houve tempo mais torvado pelo desespero, pelo horror da morte. Nunca silêncio mais sepulcral reinou no mundo. Nunca o homem se sentiu tão pequeno. Nunca andou tão desassocegado. Nunca a alegria esteve mais ausente e a liberdade, mais morta. E eis o desespero a bradar: reclama o homem, em altos brados, sua alma, um único grito de angústia sobe do nosso tempo. Também a arte grita nas trevas, clama por socorro, invoca o espírito: é o Expressionismo". Era chegada a hora das mais desenfreadas idiossincrasias pela realidade e extrema agitação, nervosismo e angústia se apoderaram do espírito dos pintores mais sensíveis. Dionisíacos, furibundos, tétricos, iam eles vaticinando a catástrofe de um mundo por demais pacificado. Punha-se abertamente em dúvida a intangibilidade de toda e qualquer entidade espiritual, repudiavam-se os mitos

da véspera, escarneciam-se os exemplos de pintura severa e composta bem como as leis legadas pelo passado e acreditadas e apre-goadas como tábuas sagradas. O mundo das artes agitava-se nos espasmos de torturante convulsão. Pregava-se a volta às forças originárias, essenciais, bíblicas, exigia-se o renascer de dramas religiosos e morais esquecidos pela placidez das crônicas, validavam-se expressões cada vez mais exaltadas e aparentemente deshumanas: o paradoxo era o denominador comum indispensável de toda a especulação e a deformação exasperada, a marca da tendência. Já se falava em "estética cemiterial".

O nebuloso porvir dos instrumentos de destruição, os conflitos entre os diversos conglomerados de humanidade, a tarefa de reconstruir um ser humano pronto para combater contra a natureza, o próximo, o sobrenatural, iam afiando todas as armas possíveis para empenhá-las em batalhas decisivas; tudo isto em meio de uma babel de idéias, polêmicas e agitações. Praticava-se a vivisseccção na matéria para reduzi-la a uma nova geometria antigeométrica e, depois, tornar a elaborá-la com furioso afã. Assim, a natureza acabará desdobrada, desmantelada, arrancada da sua superfície, olhada mais adentro, convertida numa combinação problemática e indefinida de novos símbolos. Todas as coisas assumirão valores sensitivos e de alusão e as formas mais afastadas de qualquer consideração humana, inclusive as impossíveis e ocultas, receberão os reconhecimentos mais clamorosos. O protesto tem somente uma ala, a extrema, pois não há lugar para os tímidos ou os apaziguadores; tão só os satíricos, os subvertedores, os exaltados têm direito de cidadania em a nova república e quanto mais são extravagantes e zombeteiros, tanto mais se consideram os benjamins. A reivindicação dos direitos da fantasia e o banimento de todo o rigorismo normativo são radicais; não há meios têrmos, subentendidos ou contemplações. Trata-se de uma tarefa estabelecida com lucidez fria e divinatória: implantar a anarquia para refazer as leis, mas, estas,

quanto mais tarde seja possível. Todo o empenho é posto, agora, na obra de desorientar, apontar falsos fins como finalidades prefixadas, anular os postulados até aqui aceitos como verdadeiros: uma ação de sabotagem sistemática, confusa, na aparência, e, por vêzes, airada e galhofeira, mas, na realidade, organizada com paciência digna de missionários. É uma revolução incubada à procura de satélites.

Voltam à cena, em última análise, os rebeldes do tempo do romantismo, mas, desta feita, com um modo de sentir levado até às últimas ramificações e consequência, ou melhor, até à última consequência de uma ramificação do romantismo: a alucinação. Já foi frequentemente observado: havia nisso tudo qualquer coisa de melancólico, desalentado, evanescente e irreverencioso, um desejo de evasão de mundos já sem vida, regelados e repetidos sem um mínimo daquele entusiasmo que acompanha as adesões originais, uma vontade de reconsiderar, se bem que de modo inadequado e vacilante, os fatos cristalizados em dúbios formalismos e um ansiar por pesquisas mais aventurosas que pusessem o sangue em alvoroço — um trabalho, enfim, contra tudo o que era ou parecia estável, contra a paz, contra todo o sentimento de satisfação.

É que um cansaço e um relaxamento generalizados, a decisão de deixar correr o marfim, o desinteresse por qualquer atividade renovadora, o hábito gasto e cômodo à idéia de ser tão pequena a razão humana e tão grande a natureza estavam, com efeito, viciando o ar do século que haveria de ser o mais emocionante. O espírito burguês prevalecia. Das descobertas científicas ao vestuário, da literatura à justiça, das normas da boa educação ao teatro, da bicicleta ao fonógrafo, dos monogramas bordados nos lenços aos espartilhos de barbatana, tudo era burguês. Até o cinema nascia burguês e conformista. E que eram os grandes videntes, de Baudelaire a Cézanne, a não ser meros nomes?

Este o sentido geral da Europa às vésperas da primeira grande guerra; e nós ainda o



*Lasar Segall, Oração lunar, 1918 (xilogravura)*



*Lasar Segall, Viuva, 1919 (óleo)*

*Lasar Segall, Os eternos caminhantes, 1918 (óleo)*





Lasar Segall, *Interior de trem*, 1911 (óleo)



Lasar Segall, *Duas amigas*, 1914 (óleo)



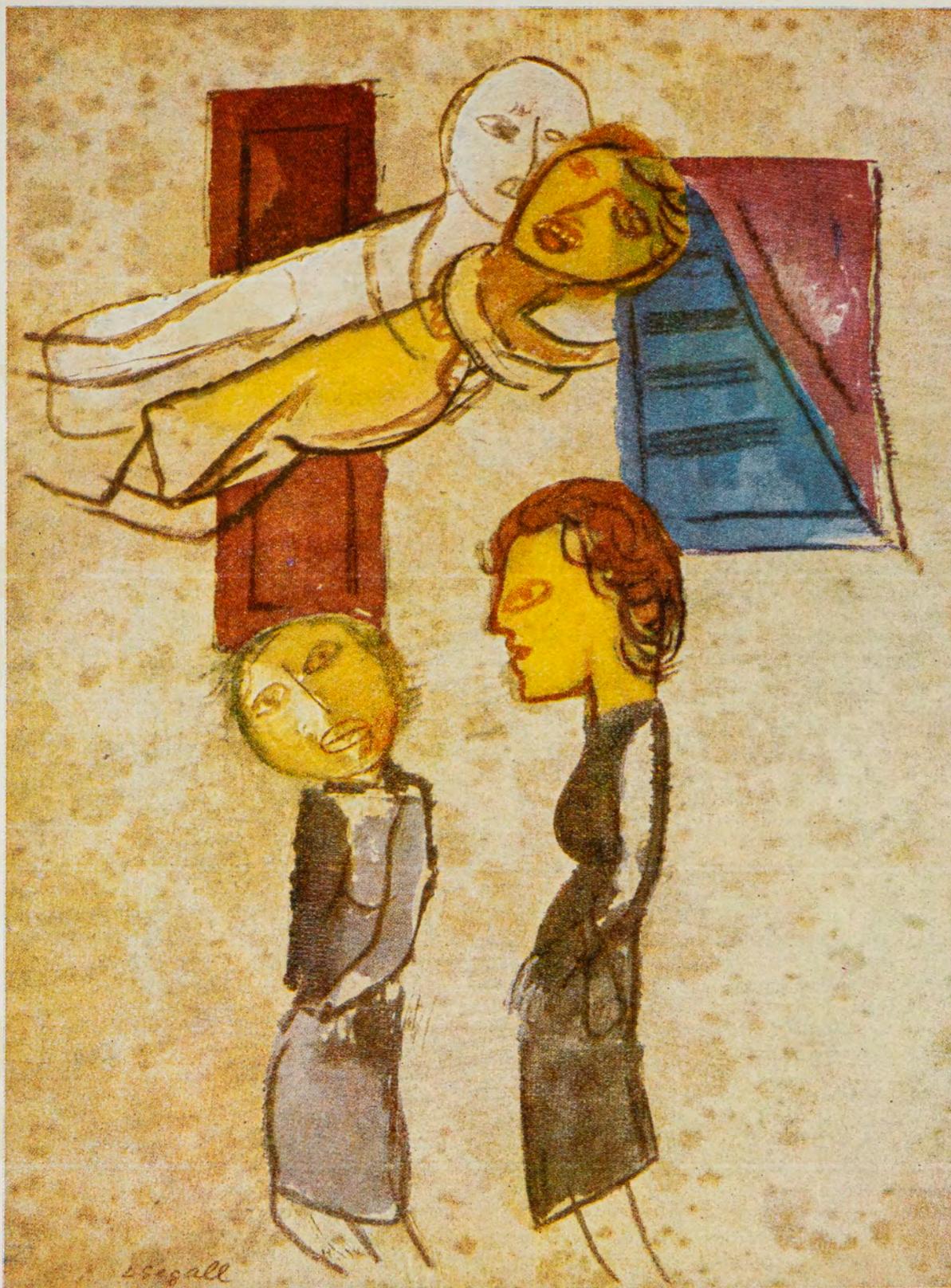
Lasar Segall, *Crianças abandonadas*, 1918 (óleo)

lembramos como espectadores impassíveis: o reino do enfado, a busca ansiosa, em o noticiário dos jornais, da ocorrência sensacional, fôsse uma notícia escandalosa ou uma excomunhão lançada pelo Papa. Mesmo quem morava na província, nas pequenas cidades onde o único acontecimento importante era a mudança do prefeito, aguardava, sem meios de defesa, que desabasse algum temporal; e a simples chuvada que viesse atrapalhar o passeio domingueiro da população já constituía motivo de autêntico prazer. Havia, é verdade, as bandeiras dos anarquistas, rodeadas pela polícia, o alarme provocado pelo suposto aparecimento de um monstro na cidade e os pactos de morte dos amantes; tudo o mais, porém, era marasmo e tédio.

Cada um de nós aguardava o fim do mundo e quanto mais longe morava dos centros onde era presumível que se preparassem as grandes emprêsas, tanto mais projetava a fuga para um mundo diferente e, afinal, menos comodista e sensaborão. Partir, viajar, lançar-se às aventuras ou, simplesmente, imaginar isto tudo, auxiliava a viver. Mover-se, emigrar, despedaçar os grilhões da rotina cotidiana foi, para todos, a necessidade mais impelente, a primeira felicidade. E tal deve ter sido para Lasar.

Também nós tornávamos a pensar no tempo da adolescência, nas fugas de casa, na guerra, enquanto Lasar Segall, certo dia, com gesto patriarcal, abria diante de nós uma pasta contendo suas litografias e desenhos daquele período. As imagens que víamos e, se não víamos, pressentíamos, eram as imagens de nossas próprias rebeliões morais, de nossa linguagem ainda em formação, de nossas ideologias farejadas no ar, de nosso esoterismo, de nosso gosto ao grotesco e ao pessimismo.

Segall viera de Vilna com êsses pressentimentos e Berlim apenas lhe valera para torná-los mais agudos. Pensou que talvez lhe conviesse nova transferência, para conseguir um abrandamento da tensão, e decidiu ir para Dresde, onde sua inquietação pôde, enfim, desabafar livremente. "Já pouco tempo depois de minha chegada, percebi com clareza que o espírito ali reinante no domínio da arte, por novo que fôsse para mim, faia ressoar cordas familiares no meu íntimo e que com êle me ligavam afinidades profundas. A aspiração de uma nova linguagem artística, sempre viva e latente em mim, ali encontrava um solo fecundo e um clima faorável à sua realização". Assim escreve Segall que, na suasiva Atenas do Elba, abre seu primeiro e conveniente atelier e estabelece contacto com o tesouro que a antiga cidade, durante séculos de amor pelas artes, além de que pelos tráficos soubera acumular como nenhuma outra cidade da Alemanha. Recebido como "Meisterschueler" na Academia, tornou Lasar a encontrar aquele sentimento da liberdade de vocação que lhe fôra negado, em homenagem ao pedantismo professoral, na capital prussiana. Fêz, ademais, amizade com dois futuros mestres da arte germânica, duas das mentes mais meditativas daquela Alemanha aparentemente marcial e burocratizada: primeiro, com Georg Grosz, que cedo irá incumbir-se de pôr a nu, com seu buril de ponta aguda como um bisturi, o verdadeiro espírito da burguesia de sua terra; e, pouco mais tarde,



Lasar Segall, *Figuras errantes*, 1919 (aquarela)

com Otto Dix, o ríspido definidor de caracteres enigmáticos, o qual participava na criação de uma atmosfera artística que as reações, às quais sumariamente nos referimos, estavam preparando para um próximo futuro: a *Neue Sachlichkeit*.

À *Neue Sachlichkeit*, “novo objetivismo” ou “nova objetividade” ou, ainda, “neorealismo”, conforme a interpretação que se queira dar à expressão, cumpre-nos dedicar aqui algumas linhas, a fim de determinar melhor o ambiente germânico, em que viveu Segall, tal como se apresentava em suas contradições formativas. Foi a *Neue Sachlichkeit*, mais do que um movimento que possa definir-se dentro de precisos limites cronológicos ou em termos de gênero e de prática, um clima, uma atmosfera, decorrente, em qualquer caso, de um vasto descontentamento e das surdas pressões de uma angústia coletiva; e que haveria de revelar-se como forma ou expressão caótica da inquietação e do sentimento de amargura que a pasmaceira culturalista e a alegre balbúrdia intelectualista e *esthétisante*, em que se deleitaram e espelharam as vanguardas artísticas da Europa, tinham deixado nos espíritos, principalmente alemães.

Será somente em plena guerra mundial e, especialmente, no imediato após-guerra que esse clima irá patentear-se como negação de todo e qualquer idealismo artístico, tornando efetivas a transfiguração e a deformação do objeto, como quer que se entendessem e praticassem, mediante a negação de qualquer valor ao sonho em tôdas as suas formas — pesadelos, devaneios, automatismos, individualismos arroubados. Propunha-se a *Neue Sachlichkeit* acabar, na arte, com os caprichos da imaginação e com os individualismos, sacrificando, para esse fim, todo e qualquer ideal humanista ou revolucionário. Nessas condições, dirigia o movimento sua amarga e azeda censura contra uma sociedade onde o difundir-se dos derradeiros resíduos e das penosas alterações do romantismo tardio, bem como dos vários fenômenos de decadentismo, afrouxara a exata compreensão dos deveres do indivíduo em face do objeto e do mundo objetivo. Algum crítico observou que não falta sequer, na formulação teórica da *Neue Sachlichkeit*, uma acentuada simpatia e adesão ao realismo tomista.

Não obstante seu radicalismo, permanece ela, entretanto, íntima e essencialmente ligada, como atividade e como visão, ao ruidoso tumulto da época em que nasceu. E reagindo embora contra os vários movimentos artísticos de seu tempo — Expressionismo, Futurismo, Pintura metafísica, Cubismo, Surrealismo, etcétera — participava, levando-os, por sinal, a suas últimas consequências, dos que eram os pressupostos naturais e os estímulos concretos daqueles movimentos.

Otto Dix era, justamente, o fator mais severo de uma ação absolutamente atual e presente, nua e despojada de todo o referimento e de todo o meio que não fôsse o do objeto puro e absoluto, não sobrecarregado pelo ônus das tradições e das reminiscências. Assim, a obra desse artista caracteriza-se por uma violenta agitação dos conteúdos estéticos, visando especialmente a áspera crítica aos costumes, conteúdos, êsses, que, de outro lado, também pode atribuir-se ao Expressionismo e que, justamente, exerciam grande atração sobre o jovem russo, inclusive por motivos étnicos.

Foi esse ambiente de Dresde quem libertou em Segall os estímulos de sua sinceridade artística, relacionando-a com os pensamentos que as sombras melancólicas de sua terra natal, a vegetação e as paisagens da Lituânia, o carácter estático das arquiteturas dos becos que encerravam a vida como em recintos fechados, despertavam nele, espécie de personagem à Doeblin.

A nosso panorama, necessariamente resumido, dos movimentos por entre os quais Segall tornava a encontrar-se a si mesmo, cumpre acrescentar o espírito dominante fora da Alemanha; e é com prazer que citamos, como testemunho útil para sua melhor compreensão, as palavras de um russo perspicaz que nele amadureceu. Escreve Muratov: “Na arte européia, durante os anos que precederam a guerra, manifestava-se claramente uma ansiedade intuitiva dos imensuráveis revolvimentos a que a guerra e suas consequências haveriam de arrastar-nos. No decênio que vai de 1905 a 1914, mostrava-se a arte possuída por extrema agitação nervosa, dominada por uma grande aflição, torturada pelo afã de rasgar o tecido da realidade a fim de remover a enganosa superfície do mundo visível. Ninguém com-

preendia o alcance desses alarmantes sintomas, naquela Europa aparentemente tão sossegada, florescente e venturosa. A pintura européia, naqueles anos, parecia tomada por convulsiva mania de alterações e deturpações”.

Havia, de um lado, o Cubismo, com sua desafiada estabilidade, sua fixidez imobilizada nas regras de uma geometria que pretendia esquadrihar o âmago das coisas e, de outro lado, o Futurismo, com seu frenesi de movimento. (“Tudo move-se, corre, passa rapidamente. Uma figura não está nunca diante de nós mas aparece e desaparece continuamente. Graças à persistência da imagem na retina, os objetos em movimento multiplicam-se, deformam-se, sucedendo-se imediatamente uns aos outros como vibrações no espaço que percorrem”). Cubismo e Futurismo foram as premissas necessárias para se superarem os aspectos amorfos do Impressionismo mas, ao mesmo tempo, a condição preliminar das novas intuições dos Expressionistas, os quais, já desde algum tempo e, pode-se dizer, desde os últimos anos do século XIX, vinham violentando a estrutura da pintura.

Também um jovem como Segall, que vive nessa atmosfera um pouco como um aprendiz, mas já possuído pelo espírito de desasocôgo, não tardará a cansar-se de seu primeiro encontro com as Secções berlinenses. Levavam essas, de certo modo, a repisar o Impressionismo, que já se esgotara nas iniciativas de poucos pintores compenetrados da literatura compilada a respeito de suas heterogêneas produções. Não que o Expressionismo, entretanto, canalize elementos inteiramente compreendidos e fieis a uma idéia dominante e definitiva, por isso que se verifica nele, em certa medida, o mesmo que acontecera no desenvolvimento do Impressionismo; a heterogeneidade — devida, não apenas, à diversidade dos temperamentos individuais como, também, à proveniência étnica dos participantes, em que prevaleceu a Europa oriental — fermentando, desta feita, numa terra anticlássica, isto é, romântica por excelência no múltiplo variar das preferências sobre a base comum dos anseios pela liberdade espiritual e da rejeição dos mundos poéticos tradicionais.



*Lasar Segall, Cabeça, 1919 (aguaforte)*



*Lasar Segall, Duas figuras, 1916 (óleo)*

*Lasar Segall, No atelier, 1916-17 (óleo)*





Lasar Segall, Autoretrato, 1919 (óleo)



Lasar Segall, Duas irmãs, 1919 (óleo)

Lasar Segall, Retrato de P. F. Schmidt, 1921 (óleo)





Segall, com o pintor Hohlfeld, já falecido, antes de seu embarque para o Brasil, Hamburgo, Setembro de 1912



Os alunos da Escola de Belas Artes se divertem com os seus modelos em gesso, Berlim, 1908



Primeiro Carnaval da cidade de Dresde, instituído por alguns jovens da Academia de Belas Artes, Fevereiro de 1912

### Album de Segall na Alemanha



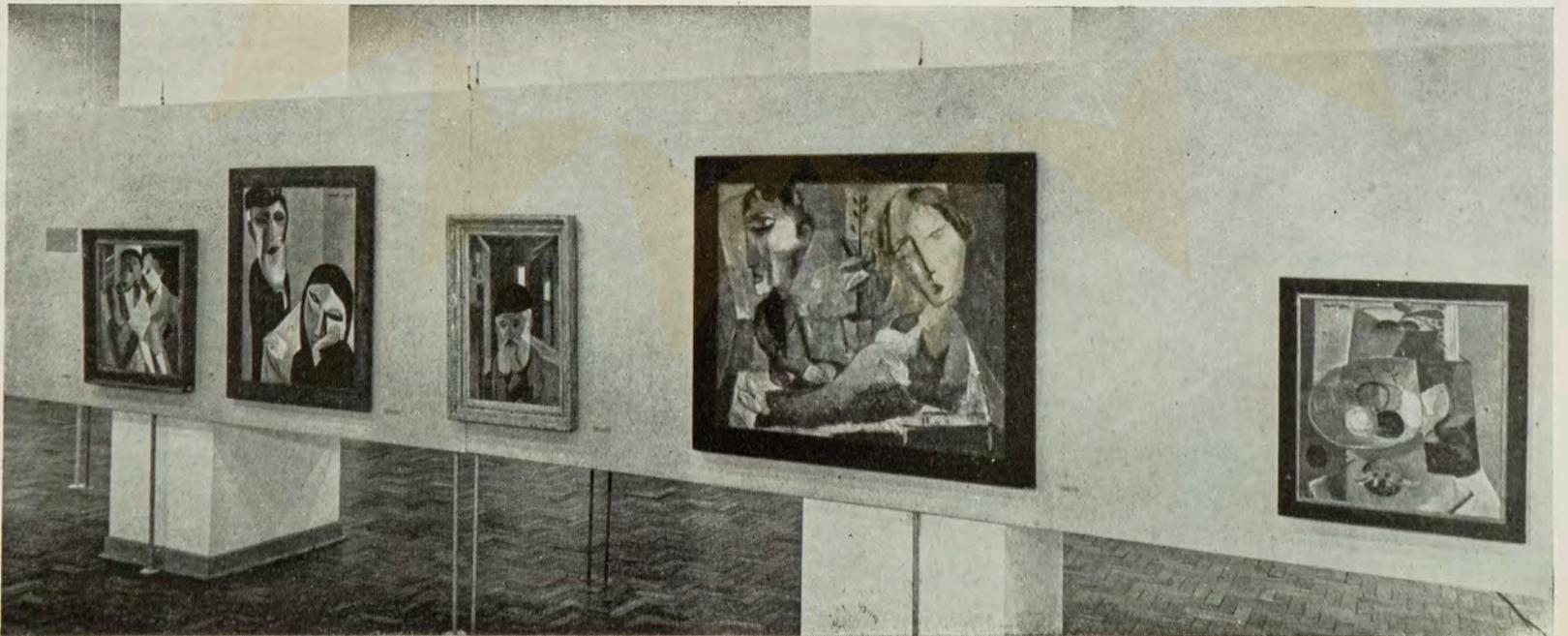
Segall em seu atelier de Dresde com o crítico de arte Will Grohmann, 1919



Segall aos 16 anos, na Escola de Belas Artes de Berlim, em que acabava de ingressar, 1907



*A exposição retrospectiva de Lassar Segall no Museu de Arte de São Paulo*





*Leão de madeira (séc. XVIII) na Igreja de Embú*

*Sto. Onofre e São Francisco*



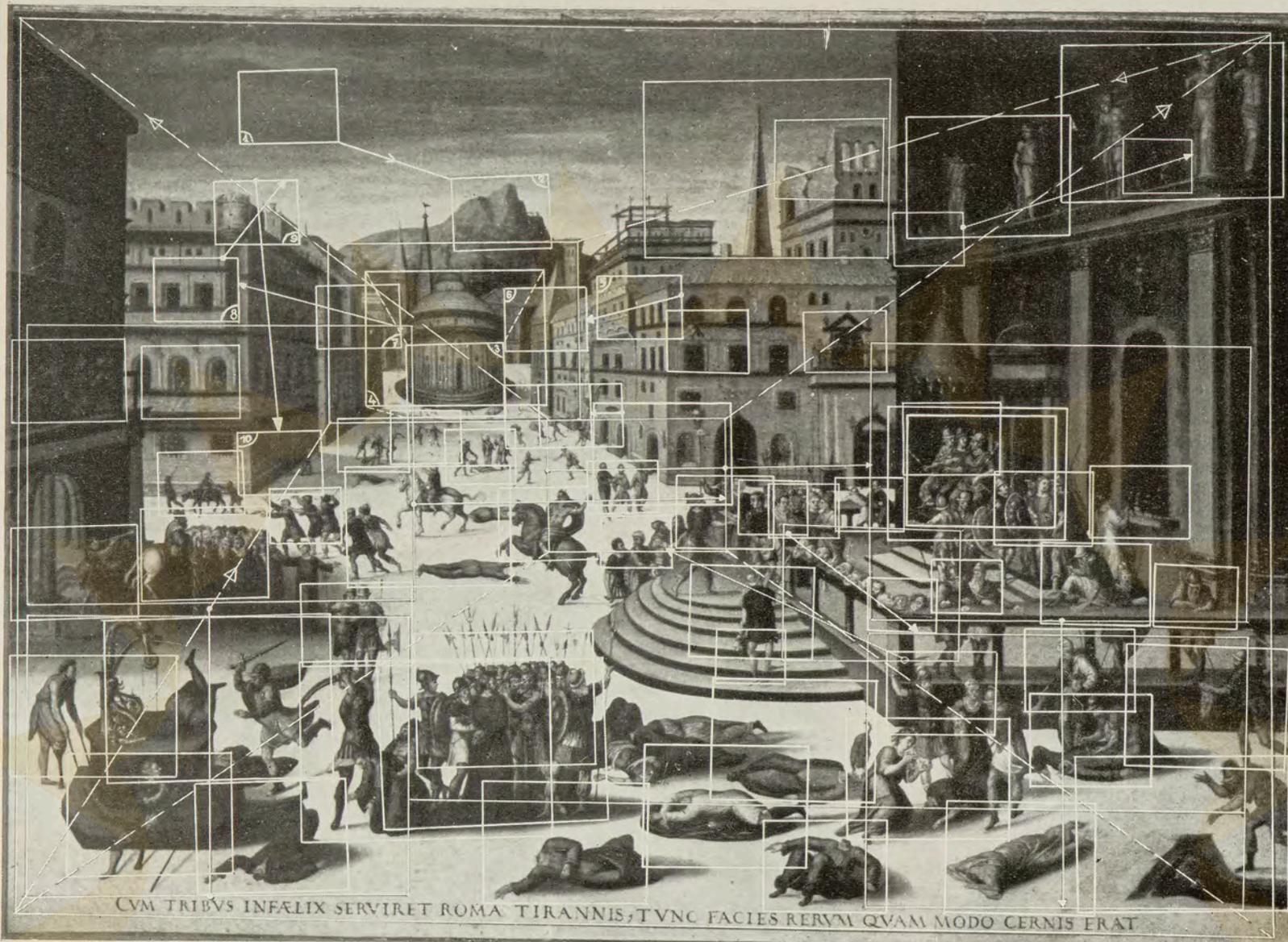
## Contribuições ao Barroco

Eis outra contribuição da iconografia do barroco brasileiro, o barroco impropriamente denominado colonial. Estamos perante um daqueles exemplos de estatuária apaixonada, excessiva, dramática que podia ser ideada sômente por artistas singelos e improvisados, artistas timorados, quer do Deus idolatrado à maneira feiticista, quer da natureza circunstante, fragorosa, invasora, insensata, sômente êsses artistas podiam criá-la para glorificar o mito cristão.

A tendência do gôsto contemporâneo na arte figurativa favorece a fuga das normas do classicismo, favorece a evasão das harmonias que, antes os Gregos do Partenon e mais tarde os Florentinos da Renascença e por último os Parisienses do Neo-Classicismo, valorizaram e exaltaram; a deformação é, hoje em dia, a norma que dirige a arte, é quase que um delírio êste procurar, esmiuçar, dilatar, desenglobar a figura humana, protagonista principal do mundo visível dos pintores e escultores. Esta é a razão pela qual olhamos para as deformações do barroco americano com interêsse e reconsideração de valores, como não poderia ter acontecido há cinquenta anos: porque nêsses Cristos de síntese anatômica arbitrária, de rostos reduzidos a expressões de dôr tão pura embora tosca, neles reencontramos a sensibilidade da nossa época de história perturbadora, parecendo quase véspera de Apocalipse.

No tempo em que os artifices dessas plásticas — monges, artezãos, indígenas, — assentavam seus formões no vivo das madeiras, a Europa vivia épocas de acontecimentos tempestuosos que encontraram equilíbrio no império napoleônico e, como reflexo artístico, na arte neo-clássica, fria e compassada. No entanto no Brasil o barroco, esta idéia exaltativa da Contra-Reforma que os jesuitas desfrutaram até o último com subtilidade e perspicácia dum acumen singular na prática das Ordens, continuou, desenvolveuse, dominou. Não como fenômeno de arte atrasado, mas sim pelas condições do ambiente e exigências da história. Uma arte de caracter trágico, com profunda incisão de sentimentos e às vêzes, exagêros, surgiu espontânea, independente, convincente, como a última florescência do barroco, subentendendo tôda a dramaticidade da evangelização dos indígenas. O barroco na mão de artistas inspirados mais pela fé que por escolas, mais pela fantasia que por teorias, mais pela ignorância que por doutrinas, trouxe êste patrimônio estupendo por entre as arquiteturas de igrejas, nas casas: imagens queridas, nas quais a arte apresenta momentos felizes em delicado contacto com o sentimento.

A escultura barroca brasileira será um dia proporcionada na história da arte do Seiscentos e Setecentos, será descoberta como novidade. No congresso dos Museus que se realizou recentemente na Cidade do México, um dos diretores do Louvre, o sr. Charbonneau, perguntou-me porque não se organizava na "Orangerie" uma exposição de barroco brasileiro. E é justamente isto que estou me perguntando: porquê esta arte, tão ligada à história do Brasil não é enfim mostrada, para ser universalmente conhecida?



Exemplo do roteiro com indicação de planos fotográficos da pintura "Os tiranos", de Antoine Caron (1520-1598). Coleção Lina Barçã

Uma equipe de alunos do emínario de Cinema do Museu de Arte, sob a orientação de seus professores, realizaram a filmagem dum quadro da pinacoteca do Museu, de autoria de Antoine Caron. Nas páginas a seguir vemos alguns momentos da filmagem, bem como alguns dos detalhes que compõem a tela complexa.

Eis a pintura revelada em sua composição, estrutura e significado, convidando o observador a ver a obra através da multiplicidade do seu conjunto, revelando o valor dos detalhes, indagando no âmago a idéia perseguida pelo artista.

Antoine Caron, pintor francês do século XVI, um dos mestres da assim chamada Segunda Escola de Fontainebleau, procurou contar-nos nesta grande tábua uma história religiosa, as misérias perpetradas pelos três condes, sacrificando o povo com seus sicários. Caron faz crônica por meio de alegoria, supondo que em Roma um triunvirato, sentado na praça, mandasse cortar cabeças por tudo quanto é lado, a fim de se desfazer dos inimigos de religião contrária.

Roma, na fantasia do artista que nunca a vira, torna-se fantástica e cenográfica, teatral e deselegante: as colinas são montanhas, as colunas do Pantheon estão engastadas na própria estrutura; a Coluna Trajana foi reduzida a uma coluna minúscula; os obeliscos estão no ar; os muros desbeçados, as ruínas; os templos pagãos, palácios com estátuas nos nichos.

E eis o ballet da chacina: não há nada de trágico, cada um parece conformado em representar elegantemente seu papel, vítima ou assassinado que seja, príncipe ou sicário ou cão lambendo o sangue derramado, ou cavalo de Leonardo se empinando. O tirano aponta, o soldado corta as cabeças, leva-as aos capangas que as avaliam e pagam.





*Anunciando a entrada dos tiranos*



*As ruínas de Roma na imaginação de Caron*



*Construções de Beauvais transplantadas para Roma*



*A preço de ouro*



*Os perseguidos*

Os alunos dividiram a tela em vários episódios, sublinhando a importância dos acontecimentos e tirando de cada detalhe o máximo de significado. Este é um trabalho didático realmente útil, pois acostuma o futuro cineasta a distinguir os valores duma narração e a recompô-los, a fim de dar-lhes vida e expressão numa unidade cinematográfica



*O cavalo leonardesco, detalhe*

*No laboratório de cinema do Museu de Arte de São Paulo*



*Acertando a iluminação*



*Negociando as vidas, detalhe*



*Ampliando as fotografias*



*Todos parecem contentes de seu papel e Caron, o pintor com predileção para a teatralidade e grandiosidade retórica, presságio do barroco e da ênfase, imagina sua composição que poderia ser um ballet moderno. A tela é uma dança de episódio, narração meticulosa de fatos e personagens existentes em Beauvais com os condes crueis, e de tudo só resta a recordação deste quadro, que o público poderá ver no Museu de Arte de São Paulo*

*Um positivo da película*



*Examinando o negativo*

*Revelando*





Filmagem da tela de Caron na pinacoteca do Museu de Arte

Certamente, a idéia não é nova. Foram na Itália Emmer, Storck na Bélgica, Lods na França e no Brasil Lima Barreto, que puseram a câmara à disposição da criação plástica. Nasceram desta concepção centenas de filmes curtos, fortes, profundos, filmes desconhecidos, filmes sôbre arte.

Mas se há algo de novo em nossa fita, é a idéia — de Florentino Barbosa e Silva — de realizar um filme sôbre o quadro, e não sôbre um pintor, uma época ou um estilo, como de costume.

“Os Tiranos”, de Antoine Caron, tem apenas 133 cm. x 92 cm. Para ampliar às dimensões da tela, as figuras de alguns milímetros, fazer travellings sôbre o espaço de alguns centímetros, necessitaríamos de um equipamento bom e preciso: a coragem o substituiu e as diversas invenções próprias, com corda e “durex” para sustentar o quadro, foram empregadas. Não permitiram evitar tôdas as trepidações. Mas não temos vergonha destas. São trepidações de um homem procurando equilíbrio. Já temo-lo, o equilíbrio necessário para prosseguirmos na produção dêste gênero de fitas. Se o Museu de Arte tomou esta decisão é por acreditar na importância dos filmes sôbre arte. Dão movimento ao estático, dão vida e dinamismo às transposições de realidades velhas e imortais, ajudam aos espectadores sentirem emoções novas em frente de detalhes quasi imperceptíveis.

Há um outro elemento novo em “Tiranos”. Trata-se da oportunidade dada aos elementos novos de participar nos trabalhos práticos da realização cinematográfica. E' por isto que sete alunos do Seminário de Cinema entraram na equipe. Aceitaram-nos os três profissionais da equipe — o diretor, o cameraman e o compositor — não como intrusos, não como hóspedes, mas sim como iguais. E se foram realizados o roteiro e a narração, não por terem sido da autoria do diretor artístico, mas sim por terem sido aceitos pela equipe tôda.

Trabalhavam como iguais. Talvez não fosse muito profissional que o assistente de produção ajudasse na iluminação e a apontadora na revelação, como o leitor pode ver nas fotografias. Mas, hoje posso afirmar, pelo menos, que juntamente com o filme nasceu entre êstes futuros cineastas o espírito de camaradagem e de colaboração. São êles: Zulmira Tavares, Plínio Garcia Sanches, Glauco Mirko Laurelli, Sérgio Toffani, José Mauro Pontes e Luís Carlos Pereira, que serão substituídos por outros alunos, nas próximas produções do Museu, a fim de que aumente o número de cineastas jovens, que farão cinema no Brasil.

MARCOS MARGULIES



A equipe estudando o roteiro com o compositor José Sá Porto (terceiro da direita)



Marcos Margulies, diretor artístico



Eduardo Tanon, diretor de fotografia



Fase final do laboratório



## Alguns Gatos

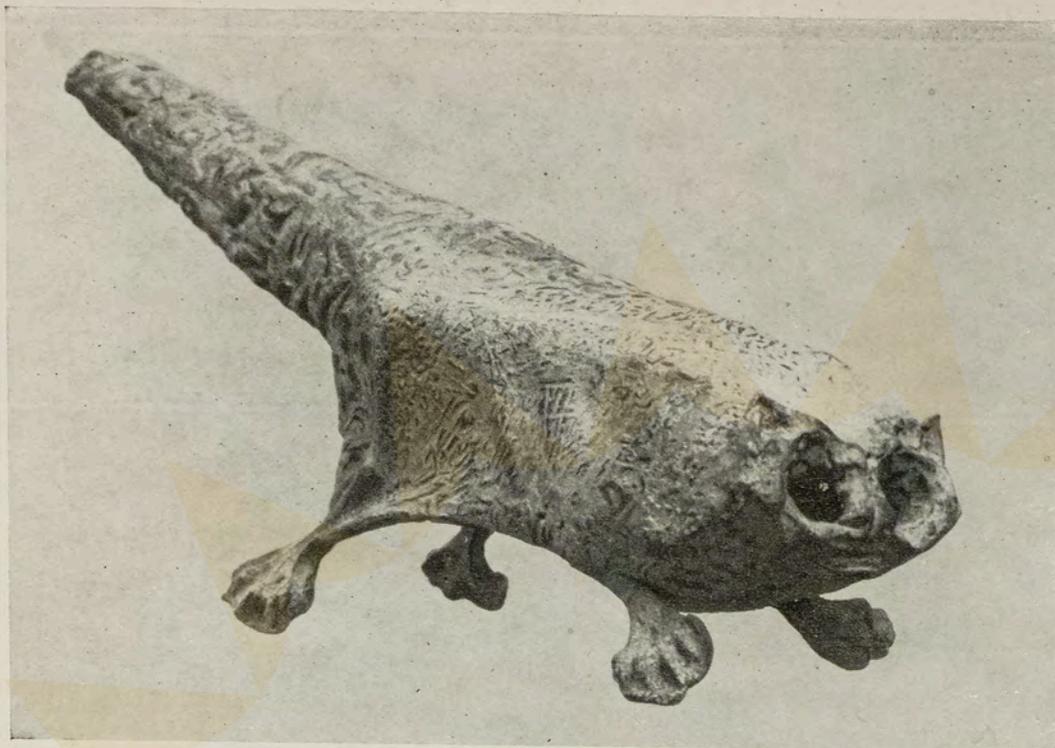
O mês de novembro foi o mês em que mais se pensou em gatos. Os gatos têm relações muito estreitas com as artes, não só por darem o nome ao público que se interessa das Musas — quatro gatos pingados — mas por ter esse animal docil, inspirado e continuar inspirando os artistas.

Desde Colette que sempre tem nove ou dez gatos em sua mesa de trabalho até uma ilustre escritora paulista que deixamos de mencionar porque talvez ficasse ofendida de ser aproximada à autora de "Claudine", pela alusão à idade, o belo felino é mascote e muitas vezes modelo, como vimos no caso de dois esplêndidos exemplares dos escultores Minguzzi e Fazzini expostos na secção italiana da Bienal.

Melífluo, delicado, esquivo, fugitivo, o gato é o amigo dos artistas, não como na interpretação do Raiberti em seu famoso livro, mas, antes, o ser da superstição, do qual se necessita num atelier por misteriosas razões de companhia, por motivos de fantasia, por estímulo imaginativo.

Nas pinturas dos mestres antigos figuram sempre gatos em profusão. Hoje em dia, nessa triste época de não-figurativismo, nesse momento em que o artista assim chamado abstracionista repudia polemicamente o mundo criado e por conseguinte o que Noé salvou em sua Arca, o gato, no atelier dum artista pode somente ser útil para caçar ratos; todavia quantos artistas consideram ainda — felizmente — um gato como algo de vivo e de eterno, assim como o fizeram os artistas egípcios que reproduziam aqueles felinos decorando-os de hieroglifos com a narração de seus acontecimentos e histórias.

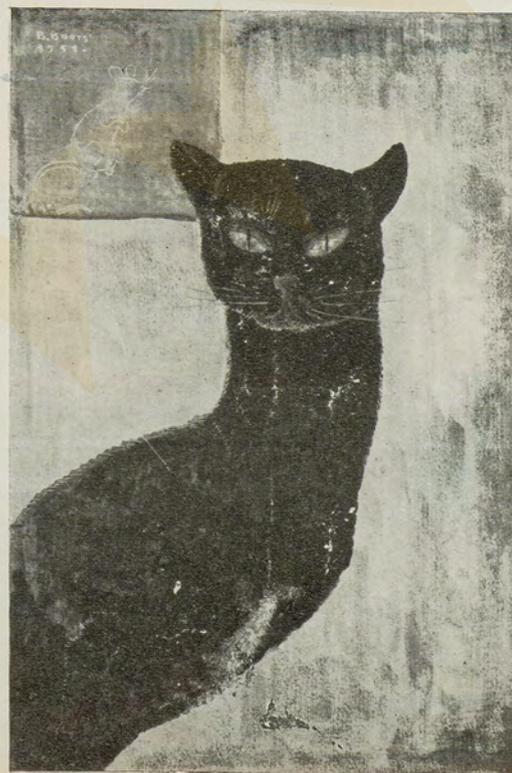
Embora nosso respeito para com os abstracionistas, dedicamos aqui três páginas a pintores, escultores e fotógrafos (Zygmunt Haar nos dá um exemplo magistral dum gato em seu ambiente), a esses artistas, pois, que no animal em questão encontram o objeto de sua atenção e afago.



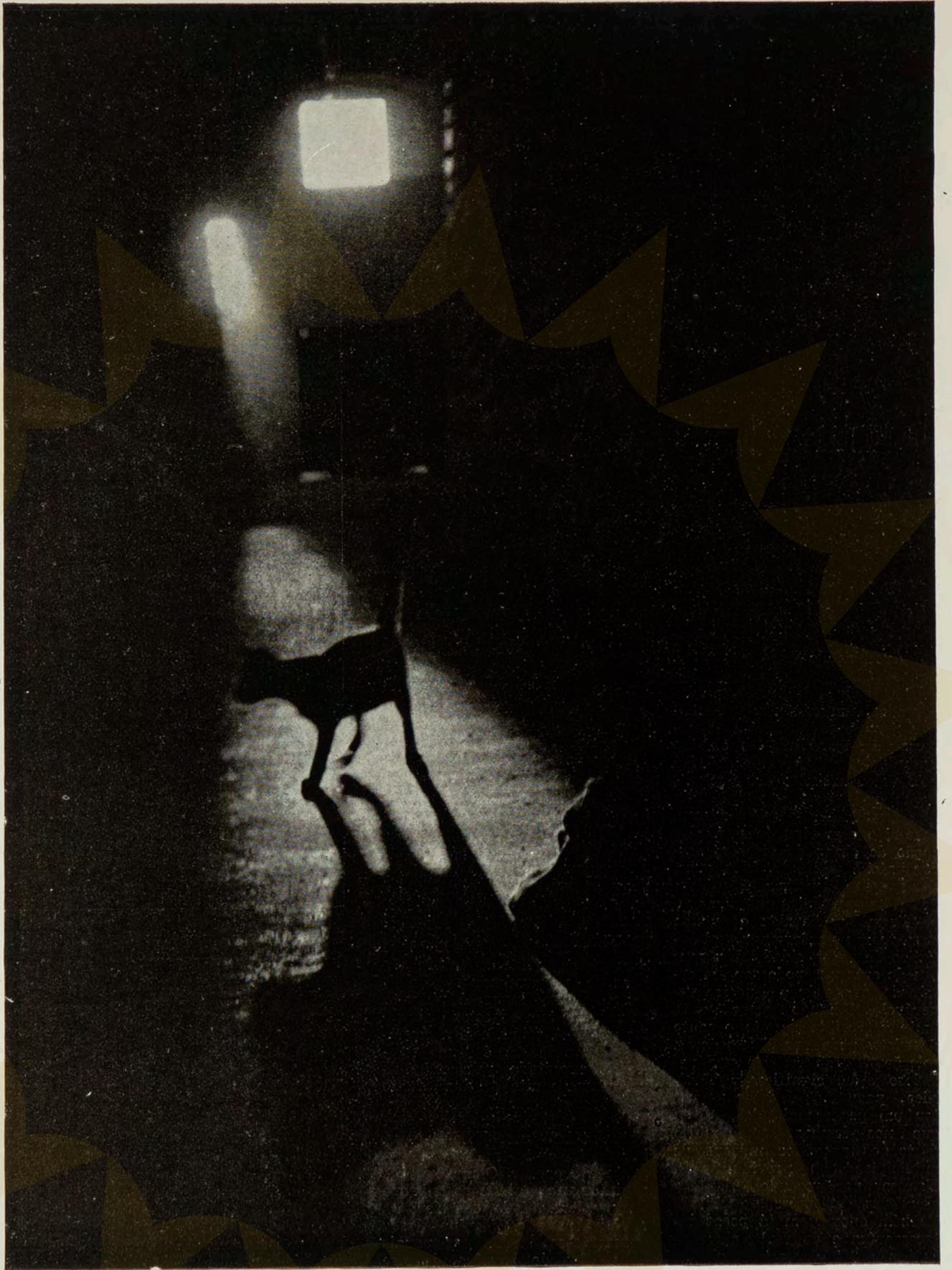
*Luciano Minguzzi, Gato persa, 1.ª Bienal de São Paulo*



*Luise Ficker, Gato*



*B. Bouts, Gato, Exposição na Livraria Francesa de São Paulo*



*Foto Zygmunt Haar*

## Uma mina do barroco

São Paulo tem mais um museu, geralmente desconhecido para o público. Este museu se encontra na Cúria Metropolitana do Arcebispado Paulistano, na Praça Clovis Bevilacqua. No mesmo prédio, de aspecto conservador, um corredor nos conduz para uma "mina" bem interessante de diferentes objetos veneráveis, naturalmente não só pelo valor artístico das antiguidades, mas também religioso e histórico. Não sendo este museu recolhido com fins da apresentação de obras de artes, o seu conjunto é diferente. Mas, ousado a dizer que é melhor arranjado assim do que várias galerias que se dizem ser de arte e que se encontram no acervo nacional artístico de nossa cidade. Um museu de arte não pode ser um cemitério, com veludo e poeira venerável. Olhando para uma "mina" tão interessante, o ponto de vista pode ser diferente, a coleção dos objetos do uso religioso e de significação histórica, para nossa terra, pode ter um pouco mais do aspecto que nos lembra, com muito gosto, os pequenos museus de municípios das províncias da França, por exemplo. Mas, os amadores das artes no Brasil, também encontram lá peças interessantes e de real valor artístico. Mencionemos alguns exemplos. As esculturas dos santos, antigamente na Matriz de Parnaíba, já fazem surgir muitos problemas. São feitos de pedra, artísticos e podem ser fundidos. As formas das capas e das cabeças são bem simplificadas. O panejamento, caindo pesadamente, com pouco movimento. A cabeça de São Francisco de Paula pode ser retirada. Assim já surge a questão: se estas figuras foram feitas de uma vez só ou pertencem a uma fabricação em série destinada às colônias, ao interior. O carácter das figuras, mostrando poucos traços significativos de um estilo especial dentro do bar-

roco colonial, naturalmente torna mais difícil um resultado de estudos sobre a proveniência e o tempo na qual eles foram modelados. Parece justificado pensar no século XVIII, ou mesmo, no século XVII. Mas existem poucos indícios indicando uma pista certa. Mais pronunciado apresenta-se o estilo da estátua de uma das Virgens Sábias da legenda: é um barroco muito mais elaborado, mais elegante e ornamental. Esta escultura se junta a muitas da Baía e até algumas, mesmo, já publicadas nesta revista. Não sabemos de onde foi recolhida a estátua, mas a época da sua moldagem deve ser o século XVIII. Voltamos para as artes mais populares refletindo sobre duas telas, pintadas sobre tábuas, e provavelmente recolhidas do mesmo lugar. A pintura, entretanto, tem aspectos diferentes nelas. A tábua com a consagração de Maria é bem popular e executada pela mão de um pintor muito original, tanto na força primitiva das formas como no uso de tintas fortes. Na outra tábua reconhece-se uma influência certa, muito interessante a observar. O modelo, que o pintor usou, ainda se exprime na particularidade das formas. A Virgem com Menino Jesus apresenta-se em formas usuais no começo do barroco, do fim do século XVI e começo do século XVII, um certo maneirismo que prolongue as formas, assim como a posição da figura contra o fundo de um muro, caracterizam os traços tirados de um modelo deste período. Aquilo ainda não diz sobre o tempo no qual foi pintada exatamente a nossa tábua, mas com observações deste tipo já se abrem muitos caminhos para o amador e interessados em fazer mais pesquisas sobre tais obras de arte antiga desta terra. O Museu da Cúria Metropolitana, em todo caso é uma "mina" a ser notada.

W. P.



*Virgem Sábia, escultura brasileira, séc. XVIII (Museu da Cúria Metropolitana, São Paulo)*



*Sta. Maria com Menino Jesus, pintura sobre madeira, evidentemente de procedência dos esquemas italianos da Renascença*



*Uma Sta. Maria Imaculata, segundo o estilo das pinturas de "ex-votos"*



*Crucifixo, escultura colonial, como todas nestas páginas, hoje no Museu da Cária Metropolitana de São Paulo*



*S. Bento, estátua, antigamente na Matriz de Parnaíba*

*S. Francisco de Paula, antigamente na Matriz de Parnaíba*



## Ex-votos e "premissas"

E' comum no meio rural os moradores quando não conseguem algo racionalmente, buscarem no sobrenatural o reforço para a realização de seus intentos. Tal crença no poder da intervenção do sobrenatural os leva a aceitar milagres de determinadas entidades extra-terrenas, os santos, por exemplo. Como forma retributória a essa intervenção miraculosa ofertam elementos materiais — os "ex-votos" — concretizando dessa forma o agradecimento da graça recebida.

Não seria justo dizermos que apenas o homem do meio rural age dessa maneira, mas é preciso referir-nos também àqueles que avolumam as classes incultas das cidades, aos cidadãos menos esclarecidos que levam seus "ex-votos" às Salas de Milagres dos grandes templos urbanos.

"Ex-voto" é portanto um quadro, imagem, desenho, escultura, fotografia, peça de roupa, joia, fita, mecha de cabelo, etc., que se oferece e se expõem nas capelas, igrejas e salas de milagres em regozijo de um voto alcançado. O nosso caipira paulista chama o "ex-voto" de promessa ou como diz no seu linguajar peculiar "premissa".

Entre os males que afligem o homem, a doença, é o mais comum. A doença é ainda para muitos ocasionada pela introdução de um corpo estranho e para sua expulsão, também há necessidade de uma fórmula mágica. A promessa é uma fórmula mágica. O restabelecimento da saúde é sempre procurado por todos os meios, e quando as dificuldades econômicas impedem que a ciência intervenha e a falta de esclarecimentos dificultam a ação médica, o "remédio" é apelar para o sobrenatural. E é na doença que o santo vale mais. Uns mais do que os outros. Há santos que estão na moda, então, esses, socorrem mais rapidamente do que os outros já merecedores de uma aposentadoria pelos muitos milagres realizados. Assim é que não se pode hoje em dia comparar o volume de fiéis que buscam o santuário de Nossa Senhora da Aparecida com o dos que procuram o de Bom Jesus de Tremembé, outrora muito viistado. Nada melhor para aferirmos o grau de intervenção miraculosa desses células do que visitarmos as Salas de Milagres. Ali, pelo número incontável de "ex-votos" poderemos avaliar a posição hierárquica dos santos milagrosos.

Há mesmo santos especializados na cura de determinadas moléstias: São Sebastião — feridas; São Roque — peste; São Bento — venenos de bichos peçonhentos; São Lourenço — dores de dentes e queimaduras; São Brás — engasgos (S. Brás, S. Brás, acuda este rapaz); Santa Luzia — doenças dos olhos (Santa Luzia passou por aqui, com seu cavalinho comendo capim). São concepções que vem ainda da Idade Média, pois lá encontramos santos padroeiros das profissões e tais especializações na cura de determinadas doenças, nos fazem acreditar que sejam sobrevivências das corporações de ofícios.

O fiel promete, se no caso de se curar, de proteger a roça e plantações, ofertar algo ao santo de sua devoção. Uma vez realizada a cura, o fiel se vê na obrigação de pagar o voto feito. Dessa transação com o sobrenatural, às vezes, resulta a confecção de peças artísticas como os "ex-votos". Quasi sempre impossibilitados de comprar uma peça industrializada, como sejam as de cêra, o agraciado procura executar uma peça esculpindo-a geralmente na madeira. Acontece, que nem todos poderão trabalhar-lo na madeira, daí resultando outros tipos e formas de "ex-votos". Apresentam outros substitu-

tivos para essa forma de pagamento da dívida ao poder superior. Não o fazem porém de barro, porque além de seu material pouco duradouro, é mais utilizado para a confecção de figuras de presepe, que são de duração pequeno, pois o barro não é cozido.

Não existem tão somente "ex-votos" ofertados em regozijo da cura. Vários são os tipos encontrados. E é claro que o próprio meio geográfico condiciona o maior número de um determinado tipo. Poderíamos, grosso modo, classificar os "ex-votos" em elementos materiais do ritual mágico protetivo e produtivo. Seriam *protetivos* todos aqueles que, segundo a própria denominação nos diz, visam uma proteção. A cura é uma proteção da saúde ameaçada. A escultura de um pé, em madeira, é um "ex-voto" do ritual protetivo. A oferta de uma mecha de cabelo, uma oferta primicial de grande valor, porque as forças que atuam sobre o seu crescimento são por eles desconhecidas, é um ritual protetivo também porque visa obter a proteção para o ofertante. Já as promessas feitas por ocasião da passagem da bandeira do Divino Espírito Santo pelos sítios, bairros rurais angariando óbulos para a grande festa — "pottlatch" religioso — quando pagas, os "ex-votos" são do ritual produtivo. E' óbvio que não pode haver uma linha rigorosamente marcante a dividi-los em quais são os produtivos, quais os protetivos.

As promessas não visam apenas a proteção do homem, mas também dos animais e até das plantas.

Quanto à forma teríamos "ex-votos": *simples*, *antropomorfos*, *zoomorfos* e *especiais* ou *representativos de valor*. Os *antropomorfos* são aqueles que procuram representar o corpo humano, todo ou parte, quer na escultura, desenho, pintura ou fotografia. *Zoomorfos*, representações de animais. Há um tipo de "ex-voto" que não poderíamos encaixar nestas e nem tampouco na *especial* — é o que chamaremos de *simples*. Por exemplo, uma fita com a medida da circunferência do pescoço, ou doutra parte do corpo humano, não seria antropomórfico, e sim um "ex-voto" *simples*, colocado no tope da Bandeira do Divino, ou amarrado ao pé da imagem de um santo.

Há também, promessas pagas em *espécie*, milho, feijão, ovos, que seriam convertidos em moeda e esta iria para beneficiar a manutenção do culto ou da casa de culto religioso católico romano; outros tipos, por exemplo, joias, seriam os "ex-votos" *especiais* ou *representativos de valor*. Este "valor" tem o carácter exclusivo e alusivo tão somente ao que pode ser imediatamente trocado por dinheiro, porque para nós, uma peça esculpida em madeira, um "ex-oto" antropomorfo tem um valor artístico, etc., que jamais poderá ser comparado ao de uma joia, uma arrecada ou um alqueire de feijão ou uma quarta de fubá.

Podemos afirmar que os fiéis do meio rural não ofertam joias. Este tipo de "ex-voto" é feito pelos moradores das cidades. Acontece também que a joia é sempre ofertada visando a felicidade futura, no caso dos casamentos como fazem algumas esposas logo que acabam de se casar no santuário de Aparecida do Norte. E' um ritual protetivo e ao mesmo tempo produtivo.

Os "ex-votos" *antropomorfos*, *zoomorfos* e alguns *simples*, são em geral provenientes do livramento miraculoso de um desastre, da cura de uma enfermidade, por isso mesmo, mais de cunho protetivo. Os "ex-votos" *especiais* ou *representativos de valor*, são provenientes doutras negociações com as divin-

dades, com o sobrenatural, por isso mesmo produtivos: alqueires de cereais, gado, aves, ovos, ofertados ao Divino.

Uma forma imaterial de "ex-voto" se tal fosse possível, seria a dança de São Gonçalo feita em cumprimento de promessa para arranjar casamento (S. Gonçalo é santo casamenteiro) ou curar reumatismo. E que sacrifícios faz um engaragado ao dançar cumprindo promessa para sarar! Não devemos nos esquecer que o conceito sacrificial tem íntimas ligações com a medicina popular. Feitas as distinções acima, vejamos alguns "ex-votos" mais comuns no meio rural paulista.

As mulheres fazem "ex-votos", dando rendas por elas manipuladas. As fitas ou rendas são da sua altura. Raríssimo é o "ex-voto" feminino feito em madeira. Outra forma de "ex-voto" de que as mulheres comumente lançam mão é o desenho, a lapis prêto, que às vezes, fazem no verso da cartolina de folhinhas. Aparecem muitos "ex-votos" desenhados com lapis de côres, havendo sempre a predominância da côr vermelha, que é utilizada de preferência para indicar o local afetado. Um desenho comum de mulher é representá-la no leito, com o crucifixo ou um santo de sua devoção ao lado e, na parte inferior do desenho, os dizeres acerca do milagre alcançado. E' pena que são poucos os "ex-votos" que trazem datas. Em regra é o agraciado que deve fazer o seu "ex-voto"; como, porém, nem sempre têm habilidade, solicitam a outras pessoas para fazê-lo. No bairro rural sempre há um "curioso" que sabe fazer: desenhar, pintar, esculpir...

As mulheres adultas deixam mechas de cabelos, amarrando-as com fitas brancas, quando virgens, e vermelhas, quando casadas ou viúvas. Já os homens não deixam mais os fios de barbas depois de uma longa permanência no leito. Em casos de febres costumam representar o corpo todo ou apenas a cabeça. Pelo fato de localizarem na cabeça a "vontade de trabalhar", vontade esta que fica abolida devido à doença, há uma quantidade enorme de "ex-votos" representando uma cabeça.

Os "ex-votos" feitos pelos homens são mais ricos em detalhes e mais variados. Deles são as muletas, as tipóias em miniatura, os barcos, as esculturas em madeira, os desenhos e as pinturas em papel ou madeira.

No desenho, geralmente, representam a cena tal qual teria ocorrido o acontecimento ou desastre e mesmo morte se não houvesse a interferência miraculosa do santo invocado. Na zona litorânea, há uma profusão enorme de "ex-votos" onde se vê a representação do afundamento de barcos e naufrágios; nas zonas pastoris e agrícolas, encontramos representação de quedas de animais, picadas de cobra, chifradas de boi. Modernamente, já estão aparecendo nos "ex-votos" os desenhos de automóveis, trens e até de aviões. E' indescritível o número de "ex-votos" representando pernas e pés; temos a impressão que as doenças e os acidentes atingem com maior frequência os membros inferiores.

Nos "ex-votos" desenhados ou pintados temos encontrado a assinatura dos devotos. Quando é mulher que o fez, até o nome dela o coloca no feminino. Por exemplo: "Milagre que fez nossa Senhora aesta sua devota estando com Rematismo muito Ruim e feis um voto para nossa Senhora ecom o voto que feis foi valida a Benedita Monteira". Outro: "Milagre que feis nossa Senhora aesta sua devota estando sua filha com o zolho muito Ruim e feis um voto para nossa Senhora e com o voto que feis foi valido a



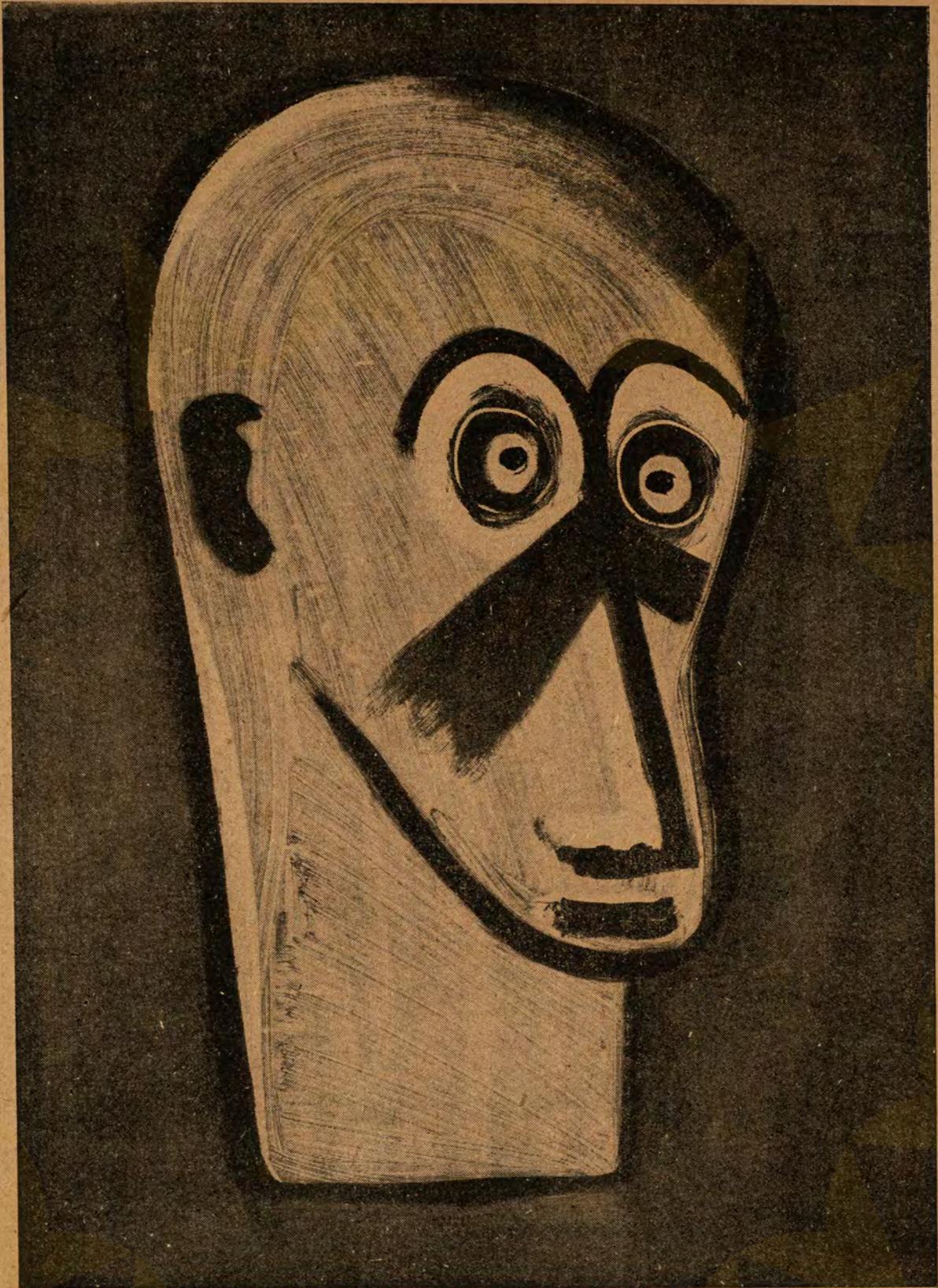
*Mário Cravo, "Ex-voto", monotipo*



*Mário Cravo, "Ex-voto", monotipo*



*Mário Cravo, "Ex-voto", monotipo*



Mário Cravo, "Ex-voto", monotipo

Etelvina Loba". Certamente, dessa mesma família dos Lobo do bairro distante que é a Cachoeirinha, mais êste "ex-voto": "Milagre que feis nossa senhora aparecida a esta grande queimadura no pé e feis um voto para nossa senhora e com o voto que feis foi valido a Dorvalina Loba. Bairro da Cachoeirinha 21 de Junho de 1933".

Quando o beneficiado é uma criança, sua mãe ou madrinha faz uma camisola branca, da sua altura. Não seria bem uma camisola e sim u'a mortalha. A mortalha é feita porque, estando às portas da morte, a promessa feita ao santo de sua devoção livrou-a de usá-la. Quando se dá a cura, a pessoa que esteve na contingência de vesti-la, na primeira oportunidade que se lhe oferece, procura a capela ou igreja onde está o santo que a curou. Chegando nas proximidades veste a mortalha, tira os sapatos, acende uma vela e entra. Genuflexo recita suas orações, persigna-se e ao levantar-se tira a mortalha e a deixa dependurada num canto da capela.

Na Capela de Nossa Senhora do Alto (assim é mais conhecida a Capela de Nossa Senhora Conceição Aparecida do Bairro da Cachoeirinha, situada num morro de mais de 1.000 metros de altitude, metade do caminho entre São Luís do Paraitinga e Ubatuba), quando algumas pessoas mais abastadas deixam roupas, camisolas ou mortallas confeccionadas em pano bom, o zelador sr. Luís Emboava, passado algum tempo, num gesto caritativo faz distribuição dessas peças entre as crianças mais necessitadas do bairro da Cachoeirinha. Os agraciados com as dadas não aparentam escrúpulo em receber, e não parecem cogitar da existência de alguma sanção sobrenatural, pois o que esteve numa capela é sagrado, não há perigo de que seja surrupiado. Em capelas de beira de estrada, temos encontrado dinheiro aos pés dos santos, e muitas imagens são obras de valor, esculpidas em madeira e, se porventura não erramos, têm mais de século. Certamente foram tirados dos oratórios das casas dos abastados fazendeiros de antanho pelos seus descendentes, que hoje possuem santos modernos de massa ou argila, bem trabalhados e pintadinhos, documentando o gosto contemporâneo pelas suas linhas aereodinâmicas. Outro motivo de alguns santos dos ricos oratórios dos velhos latifundiários irem parar nas capelas foi a degradingolada econômica que muitos fazendeiros sofreram. Ao deixarem a casa-grande, preferiram levar os santos para as capelas a deixá-los nos oratórios embutidos para os novos proprietários, os "forasteiros" como são chamados. Com isso sentiam-se aliviados, porque seus santos estariam num lugar sagrado comum, onde poderiam adorar suas imagens quando quizessem. Ali ninguém ousará tocá-los.

Talvez temendo um castigo, vindo do Alto, talvez pelo respeito acendrado que o caipira tem pelo "sagrado" os objetos existentes numa capela são intocáveis, e é por isso que temos encontrado certa dificuldade para enriquecer a nossa coleção de "ex-votos"; esbarramos sempre com êsse obstáculo e, como pesquisadores, devemos respeitar a crença do pesquisado.

Como "ex-votos" são também ofertadas mechas de cabelo amarradas com fitas. Sendo criança do sexo masculino, fita rosa; do feminino, fita azul. Ofertam ainda sapatinhos, touquinhas e, mais modestamente, uma fita da altura da criança. Quando dão fotografias garatujam, no verso, a descrição do milagre. Para os adultos também adotam

esta última forma de pagamento de promessa. Isto, porém, parece-nos que o fazem mais por narcisismo do que por devoção. Gostam que sua fotografia figure na sala de milagres, onde outras pessoas de sua vila ou bairro distante, quando em romaria, possam vê-la ou quando, êle mesmo, ali voltar, ter o prazer de namorar a fotografia tirada por ocasião de uma das suas peregrinações. Vimosromeiros procurar com interesse a sua fotografia, "deixada noutra visita". E por isso que pulula nas imediações das salas de milagres que há nas igrejas das quatro Mecas do catolicismo romano em nosso Estado (Bom Jesus de Iguape, Bom Jesus de Perdões, Bom Jesus de Pirapora e Nossa Senhora da Aparecida, que substituiu Bom Jesus de Tremembé) muitos fotografos profissionais, os "lambe-lambe", que aprontam, em poucos minutos, uma foto que servirá de "ex-voto".

Na fotografia, o devoto procura reproduzir a posição em que estava quando se operou o milagre. Alguns homens por exemplo, deixam-se fotografar deitados num banco de pedra de um jardim, sem a menor cerimônia, pois isso é comum; tiram o paletó, dependuram-no numa árvore próxima, deitam-se em decúbito dorsal e depois amarram um pano que o próprio fotógrafo lhes empresta no lugar que foi curado (no rosto, pescoço, cabeça, etc.); dêsse modo são fotografados. As mulheres arranjam uma cama, colocam na calçada, deitam-se vestidas, cobrem-se e são fotografadas. Às vêzes, a família tôda tira fotografia e os beneficiados com o milagre tomam a posição devida: se estiveram de cama deitam-se; vendam as vistas com as mãos se a doença foi nos olhos; colocam as duas mãos na cabeça quando tiveram febre e assim por diante. E' muito comum, com os cônjuges, quando um deles esteve doente, ser fotografado ao lado do leito do outro que fica deitado. Encontram-se também fotografias só da parte afetada e, neste particular, pudemos verificar uma boa centena de fotos de pés e pernas, onde se vêem claramente as cicatrizes, pois quando estas não aparecem bem nítidas, o devoto reforça-a com risco de tinta ou lapis. Certamente a facilidade de obter-se um "ex-voto" tão vivo e representativo, como seja a fotografia, é que tem substituído a confecção de peças em madeira que são geralmente mais demoradas. Daí concluir-se que nos lugares mais afastados e desprovidos do recurso fotográfico, apareçam mais comumente os "ex-votos" em madeira, desenhos em papel, pinturas em tábuas, etc.

Antes do aparecimento da fotografia, um "ex-voto" de 1696 e outro de 1768 que conhecemos, são pintados em madeira, tendo ao redor molduras. Nota-se, nestes, a preferência pelo emprêgo da cor vermelha que, na interpretação do caipira, representa a doença, a dor, etc. Como herança medieval, o Satanás é sempre representado em trajes vermelhos e, para o homem simples da roça, a doença é, em geral causada por arte do Diabo, mormente quando se trata de um desastre. As doencinhas mais comuns, são "as doenças que Deus lhe deu". "Ex-votos", como os dêste tipo são uma fonte documentária de valor, para verificarmos trajes, moveis, etc. Bem merecem um estudo minucioso; é pena que muitos deles, ou por serem pintados a têmpera, ou devido ao abandono em que são geralmente encontrados, estão em péssimo estado de conservação.

Embora tenhamos observado que as capelas do Vale do Paraíba são frequentadas por um número apreciavel de pretos, fotografias

deles são raríssimas. Êles dão de preferência fitas e trabalhos em madeira.

O devoto oferta também o seu próprio pêso em cêra. Antigamente compravam nas casas (que se especializam na venda de artigos religiosos e que exploram êsse comércio intenso realizado ao redor dos santuários), a cêra e a levavam para a Sala de Milagres. Hoje, simplificaram: pesam-se, multiplicam o número de quilos pelo preço de um e a importância total é ofertada à igreja. E' uma pena que o convalescente seja sempre mais leve, daí alguns ofertarem o pêso que tinham antes da doença, em pleno vigor e saúde.

Forma curiosa de "ex-voto" é a de dar capa nova à N. S. da Aparecida. Depositam mil cruzeiros nas mãos do padre zelador do santuário, o qual dá consentimento para que se troque a capa antiga da santa por uma nova. E' claro que o cumprimento de tal promessa esteja reservado apenas para uma elite de fieis economicamente bem situados.

Nas Salas de Milagre observamos uma profusão de "ex-votos" zoomorfos. A representação dos animais curados de bicheira (como sejam boi, vaca, carneiro, porco, etc.) ou de bouba ou pigarra (quando é uma galinha) é feita em madeira. Abro aqui um parêntesis para dizer que, neste casos de curas, as doenças dos animais, bem como do próprio homem, nem sempre são tratadas cientificamente; predomina, ainda, a cura pela simpatia, pelas rezas e benzimentos, recitativos de breves, etc., providências que auxiliam a promessa feita visando a cura. Chamou-nos a atenção um papel com o desenho de 10 porcos e 5 leitões. O fazedor de "ex-voto", Amaro de Oliveira Monteiro, narrou-nos o seguinte: "os porcos do compadre fugiram todos; êle fez promessa para que aparecessem e quando obteve a graça pediu-me para que desenhasse os que apareceram e levou a promessa para a capela, onde pregou na parede".

Um outro "ex-voto" zoomorfo interessante era o de uma vaca que comeu erva e ia morrer. Estava desenhada a lapis prêto e o corpo colorido com largas listas vermelhas para significar certamente o estado deploravel em que ela se encontrava. Na frente dela desenharam o seu terneirinho. Os dizeres abaixo do desenho são os seguintes: "esta vaca comeu erva de Rato e estava Quazi morta E a D. Maria Marciana Gustodio feis um voto a bondoza Nossa Snr. do Alto E a vaca sarou imediatamente". Outro, onde há desenhada uma pata de animal, com os seguintes dizeres: "Milagre que feis nossa senhora da aparecida estando uma egua machucado no braço e fizero um voto para nosa senhora e com o voto que feis foi valido. Bairro de São Luiz — 27 de Junho de 1931 — Algirda Frade".

Quando se trata de cura de animais os devotos mandam fotografá-los para "ex-votos" se bem que só tenhamos visto fotos de mares e equinos. Em geral, nessas fotografias, o cavaleiro é fotografado ao lado do animal curado. Como não há fotógrafos ambulantes nas proximidades dos sítios, dificilmente encontramos fotos de galináceos, suínos e bovinos. Dêstes tivemos oportunidade de ver tão somente desenhos ou esculturas em madeira.

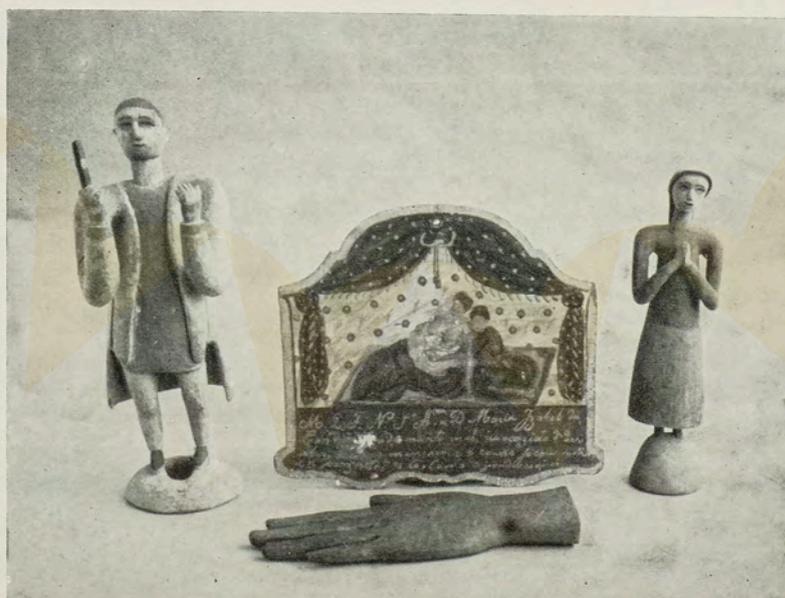
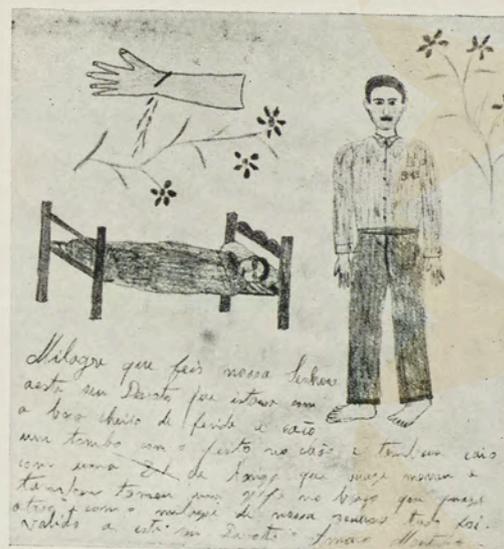
Em 1854 foi proibida pelo clero, através da ordem de um bispo, a representação por meio de figuras e pinturas em papel dos milagres obtidos, sendo só permitida as de MADEIRA E CERA, e quase um século depois, a despeito da proibição que não foi apenas para o santuário de Aparecida, mas



Este "ex-voto" pintado é de 1696. Possivelmente seja o mais antigo do Brasil. Está em Guararapes, Pernambuco, na igreja de N. S. dos Prazeres, onde repousam também os restos mortais de André Vidal de Negreiros, nosso herói da guerra contra o invasor holandês. O "ex-voto" está perfeitamente conservado, podendo-se ler os dizeres escritos na faixa "Mercê que fêz N. S. dos Prazeres, etc."

(Foto do autor)

Reconhecimento pelo milagre do restabelecimento de grave enfermidade



"Ex-votos" em madeira recolhidos no Vale do Paraíba do Sul. As duas esculturas e o "ex-voto" pintado foram dados pelo autor ao etnologo Herbert Baldus. A mão feita em cedro, foi recolhida na "Sala de Milagres" de Aparecida do Norte, em 13 de Novembro de 1948, com a devida autorização do zelador. Pertence à iconoteca do autor

para todos, é sem dúvida inenarrável o número de "ex-votos" pintados e desenhados em papel. Si por um lado, tal ordem eclesiástica, incrementou e aprovou a confecção de "ex-votos" em madeira e cêra, parece-nos que nem por isso lançaram mão desses meios, mórmente no que se refere aos feitos de madeira, pois já assinalamos que no Vale do Paraíba, são raramente encontrados. Os feitos de cêra, pelo fato de serem peças industrializadas, deixamos de estudá-las, porém constatamos que seus preços são bem elevados, dificilmente um "romeiro" roceiro poderá adquiri-las.

O "ex-voto" "in vivo", ou seja a oferta de animais é a oferta em espécie, parece-nos que só é utilizada nas transações do devoto com o Divino. No Vale do Paraíba do Sul, pudemos recolher muito material a este respeito. Quando vão plantar, quando querem que o gado prospere, ou a criação de galinha vá adiante, fazem promessa por ocasião da passagem, pela roça, da Folia do Divino. Certa vaca, tôdas as vezes que dava cria, perdia o bezerro, então o seu dono fez uma promessa: "si vingar a sua próxima cria, darei prô Divino". "Si a seca ou a chuva não prejudicar a roça, darei uma ou duas quartas do produto prô Divino". "Si os pintinhos não morrerem, darei um frango prô Divino". No dia da festa, marcada pelo pároco, vão chegando de todos os recantos por onde passou a Folia do Divino as pagas das promessas dos devotos. Na "Casa da Festa" são improvisados galinheiros, chiqueiros, etc., para depositar as prendas. Nos caixões são colocadas as quartas de farinhas, nos jacás o milho, feijão, nos cantos as abóboras. Muita cousa será consumida pelos fieis nos dias de Festa do Divino Espírito Santo. Muitos "ex-votos" entrarão em leilão e serão, em última análise, transformados em dinheiro, para pagar as despesas tidas com as festas, ficando o que restar para a Igreja. Há o máximo respeito em observar a guarda dos "bens ofertados ao Divino". Corre mesmo a credence de que festeiro que se apropria de cousas ofertadas ao Divino, mais cedo ou mais tarde ficará na mais negra miséria. Em São Luís do Paraitinga, apontaram-nos um cidadão, que hoje está em dificuldades financeiras por ter se apropriado das ofertas feitas ao Divino. Aliás, em Cunha, também constatamos êsse fato, e diziam que o festeiro morreu dois meses depois da festa. Por outro lado fomos informados que algumas pessoas melhoraram o "status" econômico, após a realização de uma festa do Divino em que foram festeiros e por terem apropriado de boa parte do muito das pagas de promessas que vêm para o Divino. Em alguns lugares, o padre é o festeiro, para evitar o desvio das importâncias apuradas, evitando essa "sociedade indébita com os bens do Divino".

Promessas feita ao Divino é rigorosamente paga! O caboclo não deixa de fazê-lo, pois atribue, ao não pagamento, as desgraças advindas da mínima quebra desse solene compromisso.

As vezes aparece um "curioso" que se especializa em fazer "ex-votos". Certamente êle faz um "ex-voto" que passou de mão em mão, antes de sua peregrinação. Isso será o bastante para que receba constantemente encomendas de "ex-votos"; daí o fato de encontrarmos nas salas de milagres trabalhos altamente representativos da arte popular. O "curioso", isto é, indivíduo que tem espírito inventivo e excepcionais habilidades, encarrega-se de fazer os "ex-votos" para os fieis contribuindo, dêsse modo, para que êles fujam da regra de que o agraciado é que deve fazer o seu próprio "ex-voto".

A forma comum de ofertar o "ex-voto" é leva-lo até à cruz, santa cruz, capela ou sala de milagre do santuário. Reza e depois vai depositá-lo na sala de milagres, no caso de ter feito romaria ao santuário. Encontramos na zona litorânea de Iguape a seguinte forma de ofertar o "ex-voto": consiste numa canoa de dois palmos de comprimento, feita de madeira levíssima, chamada caixe-

ta, que é lançada ao mar pelos pescadores. Quando um pescador fica doente, faz uma promessa; sarando oferece um "ex-voto" dessa natureza. No primeiro dia em que volta à faina marítima, lança ao mar o "ex-voto", no ponto mais distante que puder atingir. Devido aos movimentos das ondas, às correntes marítimas, às marés, etc., essas canoas vão dar às praias. As que batem nas praias do Mar de Dentro, nas proximidades da cidade de Iguape, são recolhidas e levadas até a Sala de Milagres. Se um pescador ou membro de sua família, que residindo muito distante de Iguape, lá pela Ilha do Cardoso, Cananéia ou Ararapira e, mesmo nos confins da Praia de Juréia ou Deserta, encontrar na praia do seu "pôrto" uma canoa, trata de recolhe-la e, no mesmo dia ou no imediato, o "ex-voto" é levado e atirado novamente ao mar, pois acreditam que chegará até ao santuário, as forças da natureza colaborarão. Os "ex-votos" achados na praia da Juréia, quase na barra do Ribeira, defronte Icapara, no "Registro de Nosso Pai", local onde foi encontrado o São Bom Jesus, são guardadas até o dia em que possam leva-los à Sala dos Milagres, em Iguape.

ALCEU MAYNARD ARAUJO



"Ex-voto", simples recomendação para que os deuses preservem os porcos das doenças



Coisas de pernas



Coisas de vacas

## Da necessidade de crítica sobre arquitetura

A crítica de arte tem por função explicar ao homem que a arte é uma expressão dele mesmo e da sociedade. Uma expressão objetiva e ideológica ao mesmo tempo.

A crítica tem sido exercida no Brasil em todos os setores da atividade artística. Na literatura, na pintura, na poesia e na música, está o público, bem ou mal, armado de argumentação suficiente, pois grande é o número de jornais, periódicos e revistas onde comparecem com regular frequência os críticos do romance, da novela, da exposição de pintura, do concêrto e, mais recentemente, do cinema.

A isto, o público representado pelo homem comum, tem reagido com sinceridade. Cada uma das artes referidas conta com o seu grupo de interessados, de estudiosos e de principiantes. Considere-se a crítica de arte que aí está eficiente ou inexpressiva, sempre, porém, ela cumprirá sua finalidade: alertar, levantar opiniões.

Não é pela crítica que se pode avaliar o desenvolvimento artístico de um povo, nem mesmo pela obra de arte em si. Si esta é a imagem do homem refletida no plano artístico, àquela, é a imagem da sociedade espelhada na própria arte.

O conjunto dessas forças sociais nos dará o conteúdo de uma atitude humana e o vigor de uma ideologia. Quando isto é explicado ao povo em termos de compreensão imediata, esse povo não dispensará a manifestação artística e a colocará no campo de suas preocupações comuns.

Esta função social da crítica de arte — contribui de maneira decisiva para o desenvolvimento da cultura e divulgação das leis que regem a sociedade, a vida do homem e sua natureza, e a correspondente manifestação de arte.

A arquitetura, essa arte antiga, para a qual reclamamos maior consideração, tem sido atualmente, por diferentes motivos, objeto do mais completo descaso da crítica de arte. O homem comum, a que nos referimos há pouco, tem a oportunidade de tomar contacto com as artes na medida de suas necessidades ou de suas preferências. E bem ou mal pode se considerar um amador e dirigir sua sensibilidade para o belo. Quanto à arquitetura porém, não existe a preocupação de seu conhecimento como criação artística.

O homem tendo necessidade da moradia, sabe que sua felicidade em parte depende disso, mas afasta completamente de sua cogitação o conceito, o equilíbrio, do colorido, da forma plástica em arquitetura. Não fa-

lamos somente do homem comum, do trabalhador, do semi-analfabeto mas também do homem educado, que constitue a classe dominante. Esse, despreza a "arte" da arquitetura para servir-se apenas de um utilitarismo primário que concorre para a deturpação da arte em geral e de sua conceituação. Se a arquitetura tem lugar ao lado de suas irmãs nos salões oficiais de Belas Artes, ela não é apreciada com os mesmos olhos pelo público. O que é mais acessível à compreensão geral num simples quadro, não é da mesma forma numa fachada de uma obra de arquitetura, ainda que colorida. Disso, naturalmente, não tem culpa total o indivíduo interessado na obra de arte, mas, a crítica, essa sim tem o que ver com esse problema.

A essa crítica de arte caberia despertar no público a compreensão da arquitetura. E' sabido que a crítica profissional tem desenvolvimento precário em nosso meio, por circunstâncias alheias à sua vontade, e que tem competido aos próprios artistas um importante papel na explicação das obras de arte e de sua razão de ser. Portanto, aos arquitetos também pode ser apontada a deficiência de conhecimento e divulgação do edifício como obra de arte.

Épocas houve, na história da arte, em que se pode constatar o interesse marcante pela obra arquitetônica como coisa plástica e de preocupação artística. Por uma minoria privilegiada e quasi proprietária da arte, é verdade. Porém, se hoje as condições da vida bastante alteradas pela ocorrência de duas guerras brutais, pelo fato de o mundo se considerar dividido em duas forças antagônicas, uma nascente — criadora — outra em agonia decadente — assim mesmo ainda compete à crítica de arte orientar e esclarecer ao homem que ele habita, trabalha, circula, que inventou a cidade para o seu próprio bem e que tudo isso constitue uma importante arte: a arquitetura.

Adotando qualquer das tendências artísticas de hoje, usando o "ismo" que achar conveniente, em qualquer dos casos, a crítica de arte, deve se fazer sentir na arquitetura, para que a apreciação de um edifício, de uma residência, de uma escola, seja coisa real e o debate sobre o assunto faça parte da letra de fôrma para que o público se acostume a ver, sentir e julgar o quadro, o romance ou o poema, o concêrto ou a cena de palco ao lado da obra arquitetônica.

E pela voz do crítico ou do arquiteto continua de pé a necessidade de manifestação

tal qual reclamava o 1.º Congresso Internacional de Arquitetura moderna, realizado em La Sarraz a 28 de junho de 1928:

"E' indispensável que o arquiteto exerça uma influência sobre a opinião pública e a faça constatar os meios e os recursos da nova arquitetura. A opinião está mal informada e os que dela fazem uso, em geral, não sabem mais do que formular muito mal seus desejos em matéria de arquitetura."

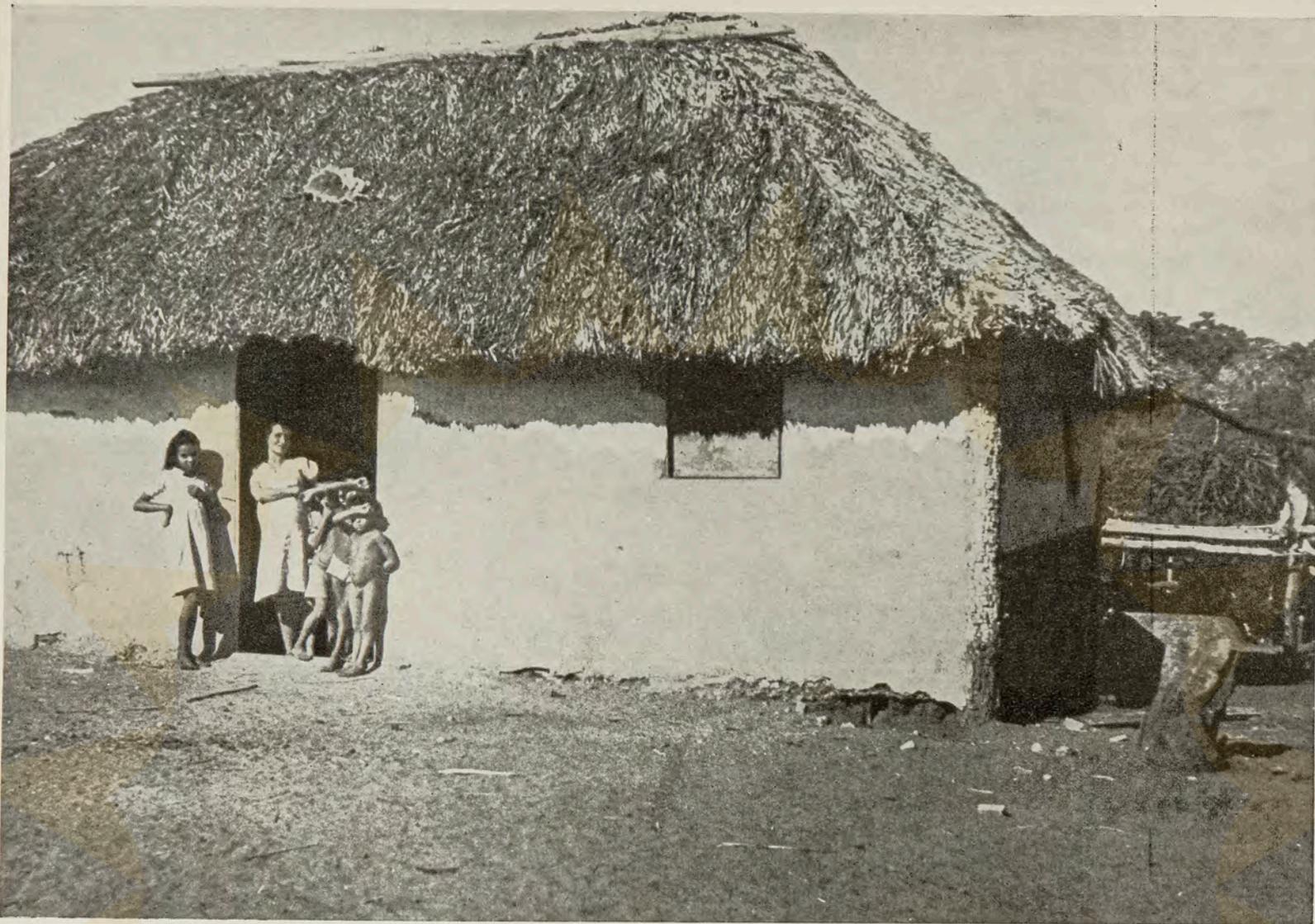
O século XIX, veículo histórico do chamado mau gosto na decadência da arte, condicionou toda uma gama de predileções que trazidas para o Brasil, alastraram-se em todos os centros de população e dinheiro para contaminar a arquitetura. Daí ao ecletismo, ao sensabor e finalmente à indiferença artística foi questão de permanência no tempo e no espaço. Hoje, quando a arquitetura brasileira renasce, usando dos grandes princípios da nova arquitetura ditados pelos Congressos do C.I.A.M. e toma, para surpresa geral caracter e vigor insuperáveis, é a crítica de arte quem pode divulgar e caracterizar a função social dessa arquitetura que para Le Corbusier é "o jogo sábio, magnífico e correto das formas sob a luz".

Em nossa terra afora a iniciativa oficial, responsável por grande número de obras importantes, o próprio particular já se tem deixado levar pela evidência dos fatos, mantendo-se, no entanto em atitude de desconfiança, não muito certo da coisa, contemplativo, às vezes, seguindo a moda por que é bonito. Deve-se o desassombro da divulgação dessa arquitetura ao grupo já extenso de arquitetos brasileiros que chefiados pelos criadores Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, tem levado por todos os lados o ar, a luz, o verde, partícipes sempre do âmago da habitação.

O caracter plástico e o valor artístico nunca deixaram de comparecer ao lado daqueles objetivos. Falta, assim, o concurso necessário como ficou provado, da crítica de arte para que a arquitetura não fique isolada no movimento artístico brasileiro.

Decorridos mais de 20 anos de desenvolvimento, a nova arquitetura brasileira por sua força objetiva e sua racionalidade marcante, é admirada pelo mundo inteiro como obra de arte consequente e digna de consideração. Portanto, à crítica, exercida com honestidade, dentro de nossas fronteiras, tem que caber a divulgação de seus princípios, a grandeza do seu presente e o alcance do seu futuro, na luta pela paz e pelo bem estar do homem brasileiro.

EDUARDO CORONA



*Casa no Goiás, foto Alice Brill*

### A arte menos estudada

De tôdas as artes, a arquitetura é ainda a menos estudada e a menos compreendida; a arte está na moda, isto todavia não se refere à arquitetura, como muito do que se esvreve em nome dela não se refere à arte. Quer dizer, embora a necessidade de construir e seus problemas inerentes sejam da maior atualidade e urgência, não sempre há consciência que arquitetura é também um fato espiritual humano e não mecânico, ou então, pensa-se em arquitetura como luxo não pertencente à nossa época.

Lembrar que o homem que constroe não pode se estranhar de sua humanidade sem isto significar um malogro para êle, parece meritório. E, sôbre mais alguns fatos simples embora descuidados parece oportuno chamar a atenção de todos. Justamente esta arte, hoje a menos considerada, é a que possui relação mais contínua conosco, a que mais incide sôbre nossa vida: sem procurá-las dificilmente conseguimos hoje em dia contacto com a pintura, escultura, música ou poesia; no entanto — como T. F. Hamlin aponta — nove décimos de nossa existência passam no meio da arquitetura, dentro e por entre casas, quer trabalhando, descan-

sando ou passeando. Temos talvez que incluir também o último décimo, pois nem o aspecto da paisagem é alheio à arquitetura.

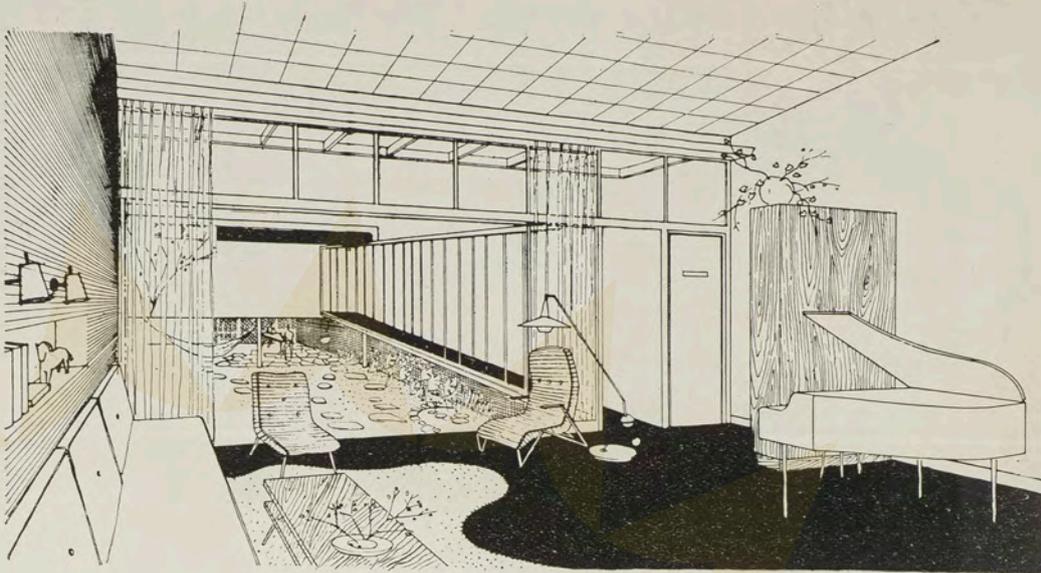
Os edifícios originam em nós, de contínuo, razão de alegria ou de descontentamento, talvez o tom de nossa vida é determinado mais do que o suspeitemos, pelo caracter do lugar em que vivemos. Quem abre cada dia os olhos por entre construções disformes pela miséria, mau gôsto ou descuido, encontra-se em condição diferente em relação à vida de quem vê, pela manhã, formas amigas ou conjuntos que agradam e descansam o olhar. Todavia, se a insensibilidade reinasse, seria o pior dos males.

E ainda: a fim de conseguir uma boa arquitetura não bastam bons arquitetos; é necessário que êles tenham a possibilidade de executar sua obra, isto é, de encontrar acôrdo e confiança dos comitentes, do público que apoia ou critica, precisando êles porisso do julgamento contínuo dos outros. Uma boa compreensão do fato arquitetônico parece portanto necessária e julgamos útil tudo o que fôr realizado com o intuito de esclarecer seus problemas.

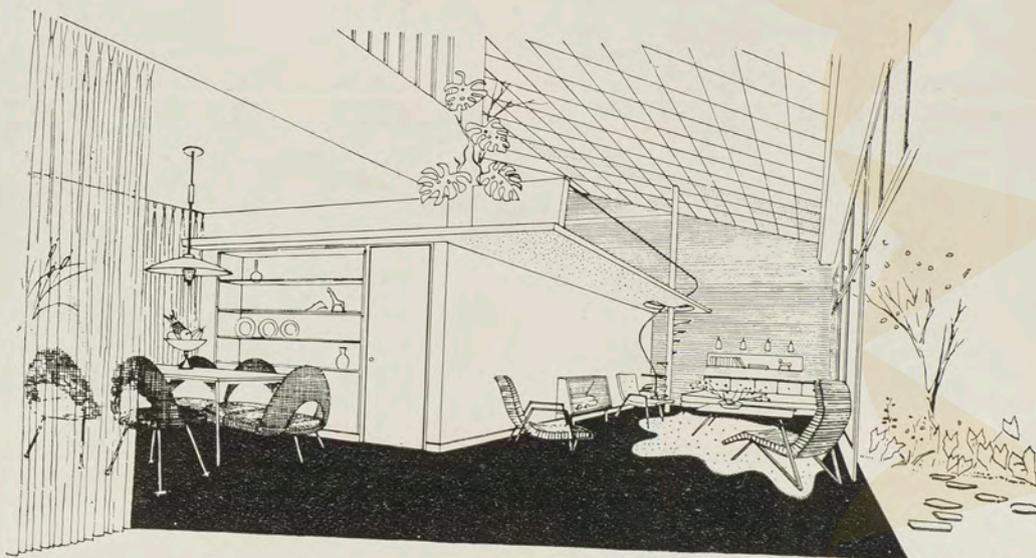
GIUSTA NICCO FASOLA

*Casa em Blumenau (The New Brazil, 1901)*





Vista para o jardim interno



Vista perspectiva do living-room

## Uma residência em São Paulo

ARQUITETOS GILBERTO M. TINOCO e IBSEN PIVATELLI

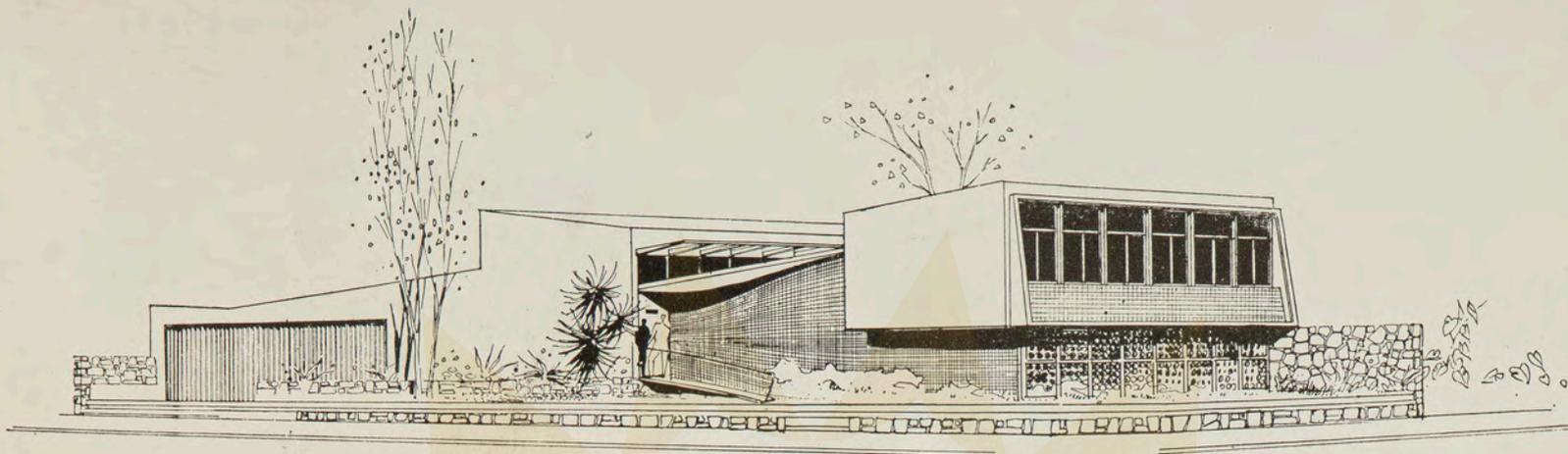
O partido adotado para essa residência em São Paulo consiste de três blocos com funções distintas, separados por áreas ajardinadas. Os dois blocos principais foram ligados por rampa a fim de criar um ambiente interno, parte descoberto e parte coberto sob os dormitórios sustentados por pilotis. Este artifício permitiu que todos os compartimentos principais de permanência diurna e noturna ficassem orientados para o norte. Exteriormente, o aspecto da casa não é o de um sobrado, devido ao aproveitamento máximo dos pés direitos, principalmente na parte do "atelier", do qual se descortina ampla vista para o jardim interno e para a Avenida Indianópolis.

Destinando-se a residência em aprêço a um casal, a rigor, apenas um dormitório seria necessário. Devido, entretanto, à feliz disposição das peças, a casa possui realmente três dormitórios, transformando o quarto de costura em quarto de hóspedes e o tocador em cômodo independente por meio de uma parede móvel de três metros de comprimento. Essa possibilidade valorisa consideravelmente o prédio comercialmente falando, pois é sabido que com três dormitórios alcança-se um preço teto de venda. O atelier que se nota em elevação foi o compartimento que o arquiteto escolheu para seu refúgio espiritual, e de tal maneira foi localizado que dele se pode observar todos

os pontos da casa. O conjunto todo do prédio é moderno, funcional e confortável.

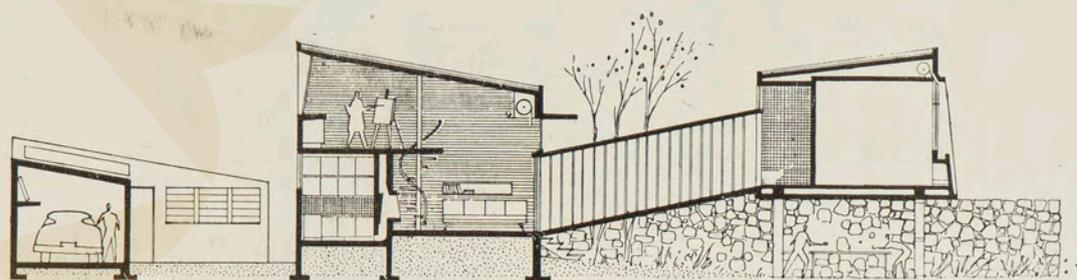
*Materiais e sistemas construtivos*

- 1 Estrutura de concreto armado
- 2 Cobertura de telhas de alumínio, sobre lajes de concreto, isolados térmica e acusticamente por camada fibra de vidro
- 3 Revestimento de mosaico vidroso na fachada e em todos os pisos e paredes de banheiros e cozinha
- 4 Elementos vasados de concreto na fachada para o Largo do Infante
- 5 Esquadrias metálicas
- 6 Portas internas e externas de contraplacado a prova d'água, sendo algumas revestidas de plástico ou alumínio
- 7 Aquecimento central

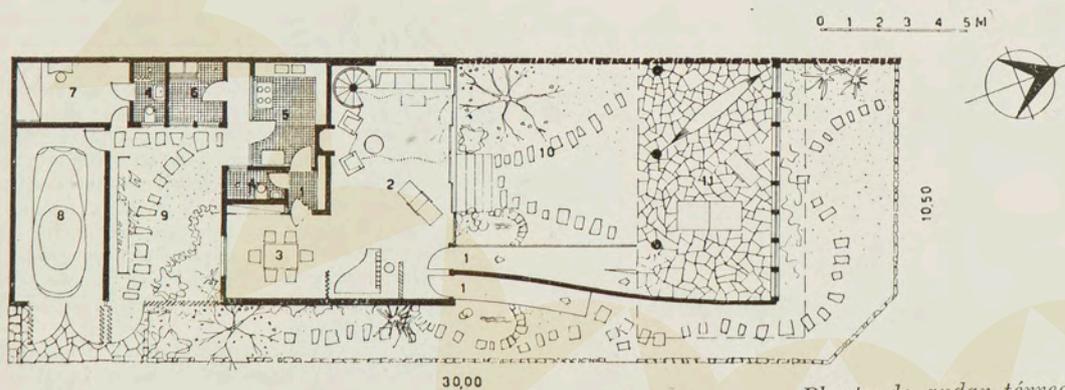


Arquitetos Gilberto M. Tinoco e Ibsen Pivatelli, casa

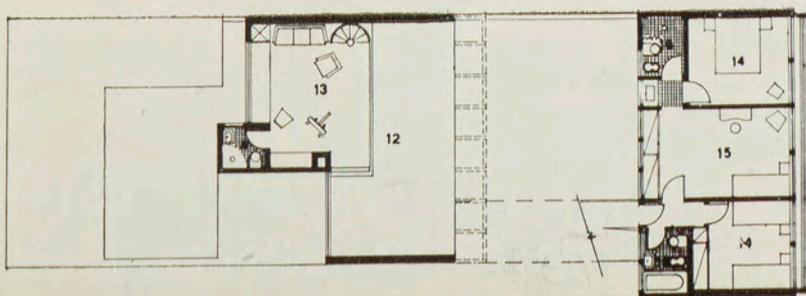
Fachada para a rua do Gama e Largo do Infante



Corte longitudinal

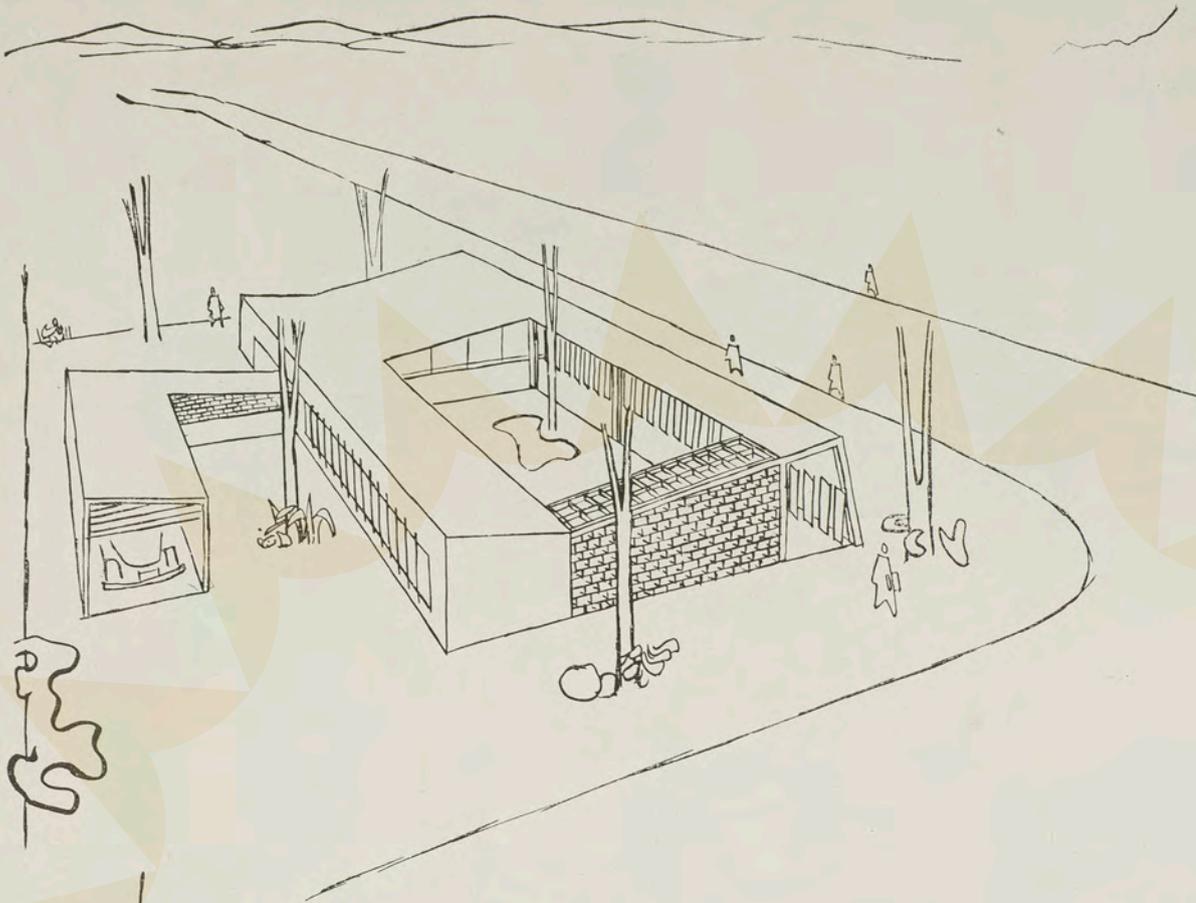


Planta do andar térreo



- 1 RAMPA
- 2 LIVING
- 3 REFEIÇÕES
- 4 LAVABO WC.
- 5 COSINHA
- 6 LAVANDARIA
- 7 QUARTO EMPREGADA
- 8 GARAGE
- 9 ÁREA DE SERVIÇO
- 10 JARDIM DESCOBERTO
- 11 JARDIM COBERTO
- 12 VASIO DO LIVING
- 13 ATELIER
- 14 DORMITÓRIO
- 15 TOUCADOR
- 16 BANHEIRO

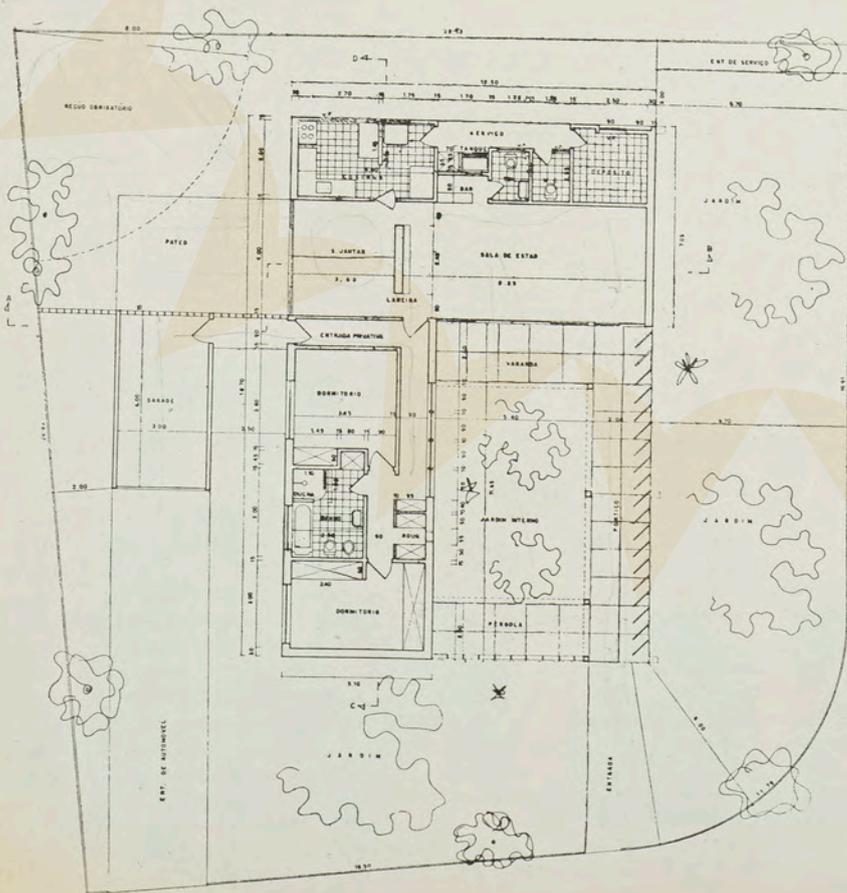
Planta do andar superior



Arquitetos Eáduardo Corona e Roberto Tibau. Residência

## Residência em São Paulo

ARQUITETOS EDUARDO CORONA  
e ROBERTO TIBAU



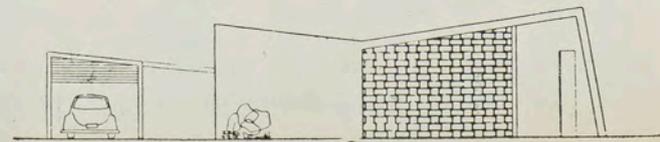
Escala 1:250

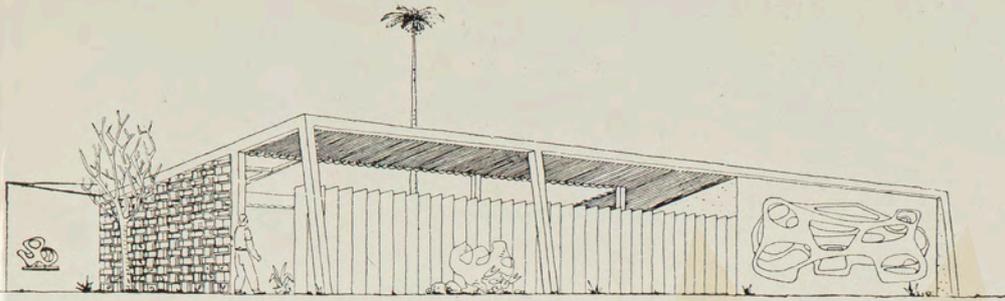
Fachada N-O

Publicamos dois projetos de residências, dos arquitetos Corona e Tibau, que estão sendo construídas em São Paulo.

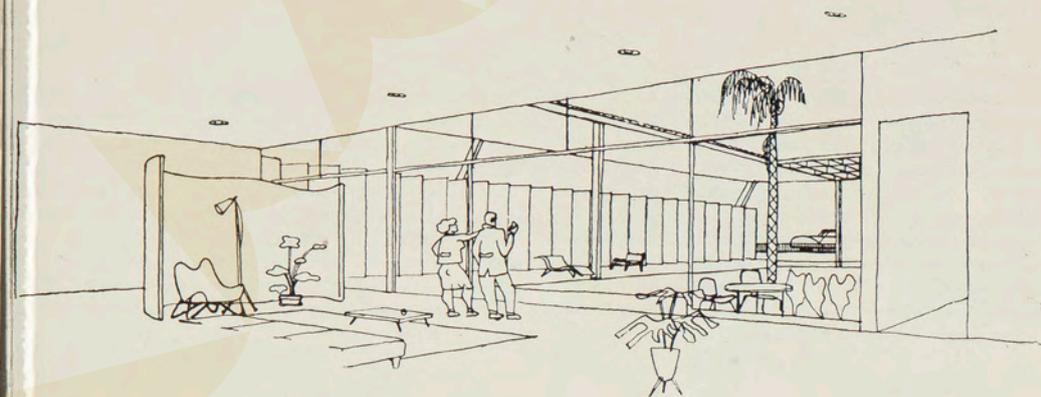
Publicamos-os como exemplos típicos do que se poderia definir "arquitetura doméstica" brasileira, arquitetura bem definida pelo seu caráter de movimento, leveza e principalmente de côr. A côr é o caráter peculiar dessa arquitetura, bem como os elementos tradicionais da arquitetura colonial portuguesa reelaborados pelos arquitetos contemporâneos brasileiros e revivificados num sentido oposto da reprodução culturalística. De fato, os azulejos, as treliças, as assim chamadas "rótulas" são usadas não só pelos arquitetos modernos brasileiros, como pelos refazedores do "colonial", podendo todos avaliar a diferença.

A primeira casa, projetada para o casal Rodolfo Mesquita Sampaio, tem o jardim interno, a entrada através dum passadiço fechado por placas verticais com o fôrro em treliça de madeira pintada, a parede lisa correspondendo ao living, será decorada, externamente, com mosaico. A planta é muito simples e clara, obtendo-se movimento sobretudo pelo jôgo de materiais.



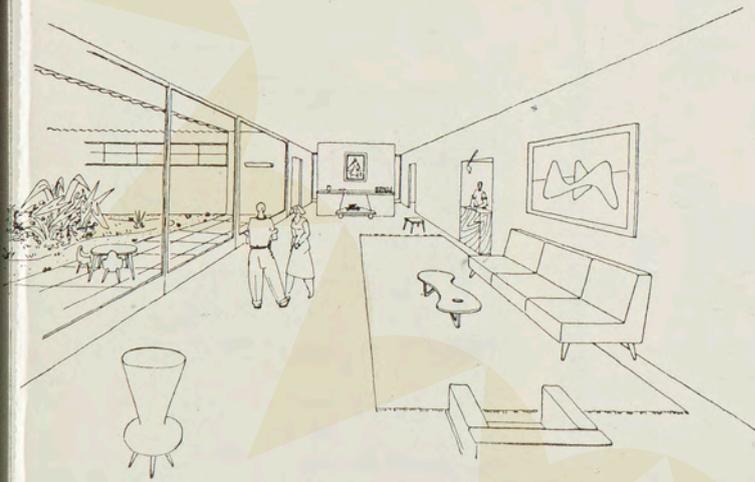


Vista da casa do lado do jardim. O mural será em mosaico cerâmico, bem como todo o revestimento externo



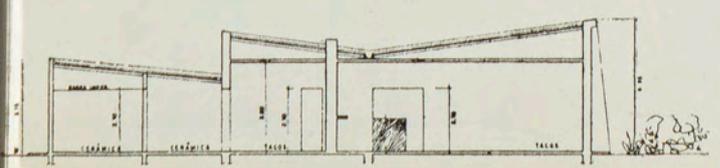
O jardim interno visto do living

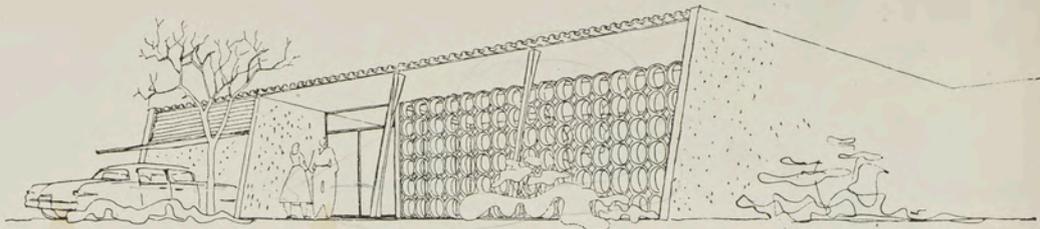
O mural exterior é em mosaico cerâmico, bem como todo o revestimento externo; as placas verticais de concreto, os blocos vasados, de cerâmica; a cobertura em fibrocimento. Tôdas as peças levam o fôrro em lage mista de concreto e tijolo furado. O fôrro no passadiço da entrada será em treliça de madeira pintada



Vista do living

Corte A - B





Perspectiva do lado da entrada

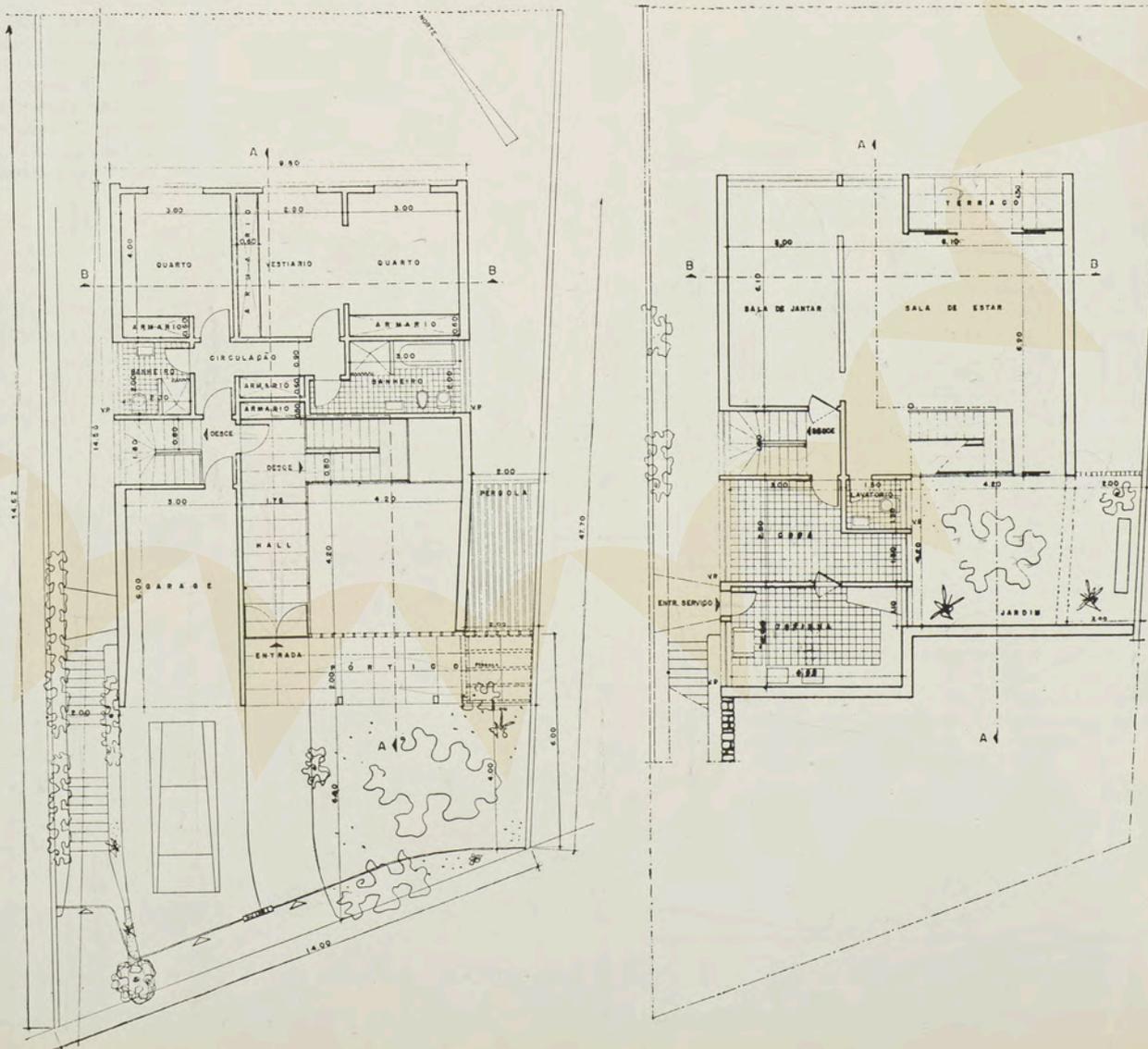
ARQUITETOS EDUARDO CORONA, LUÍS FERNANDO CORONA e ROBERTO TIBAU

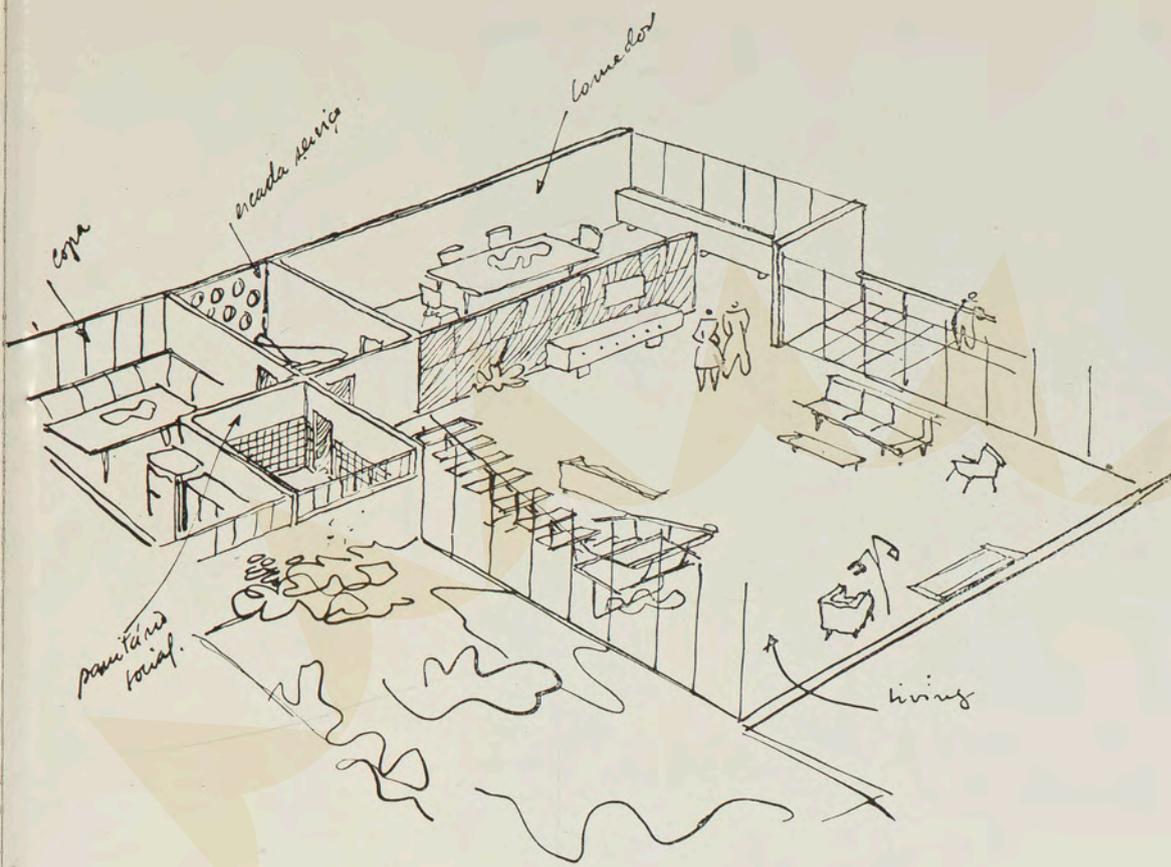
## Outra residência

Esta casa é construída num terreno de forte desnível, daí a necessidade de elaboração sobre planos diferentes em níveis diferentes, obtendo um resultado "paisagístico" realmente feliz. Um pórtico aberto e um hall envidraçado levam à escada que desce até o living, beirando um jardim interno delimitado por uma parede, com decorações em mosaico. No nível da entrada estão os dormitórios e banheiros, enquanto a cozinha, com escada independente, e o living estão no pavimento

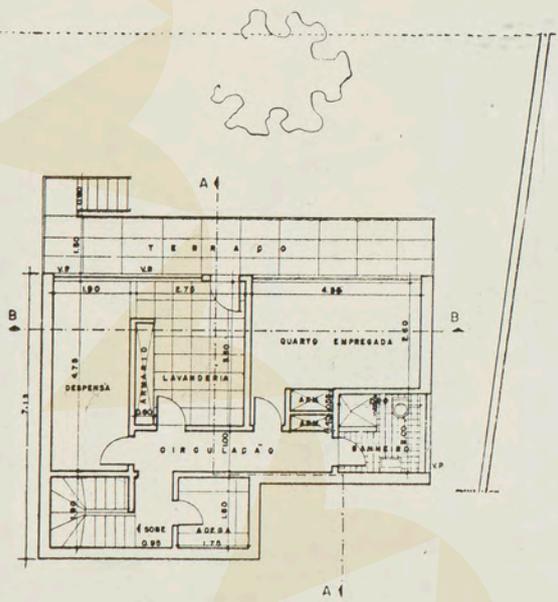
intermediário; no pavimento inferior estão os serviços e a garagem está no lado da entrada. O movimento devido ao desnível é, desse modo, um pretexto para realizar movimentos "não arbitrários", mas perfeitamente justificados. A cobertura foi ideada com o beiral aparente de telhas de azulejos azul e branco, tipo colonial antigo. A este projeto, apresentado no Salão de Arte Moderna, foi conferido o prêmio do Governo do Estado.

Plantas no nível da entrada e do living

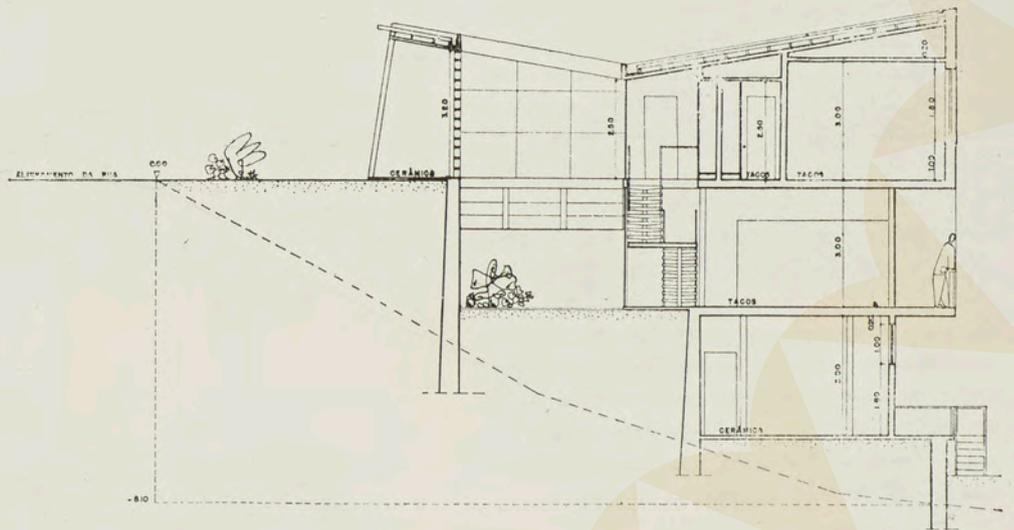




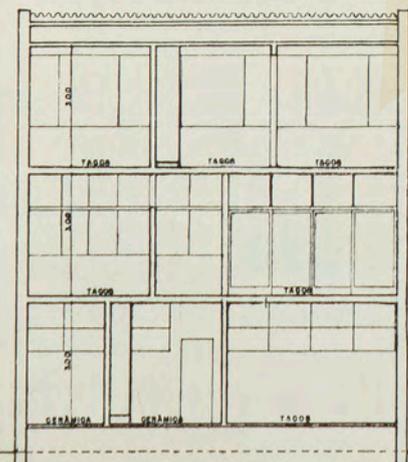
Esquema perspectivo da casa, no nível do living



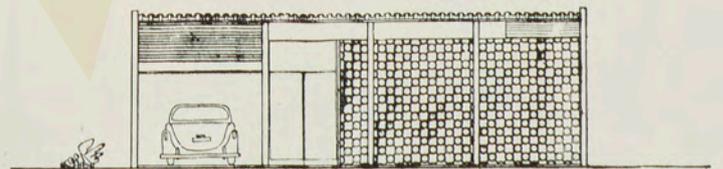
Planta no nível dos serviços



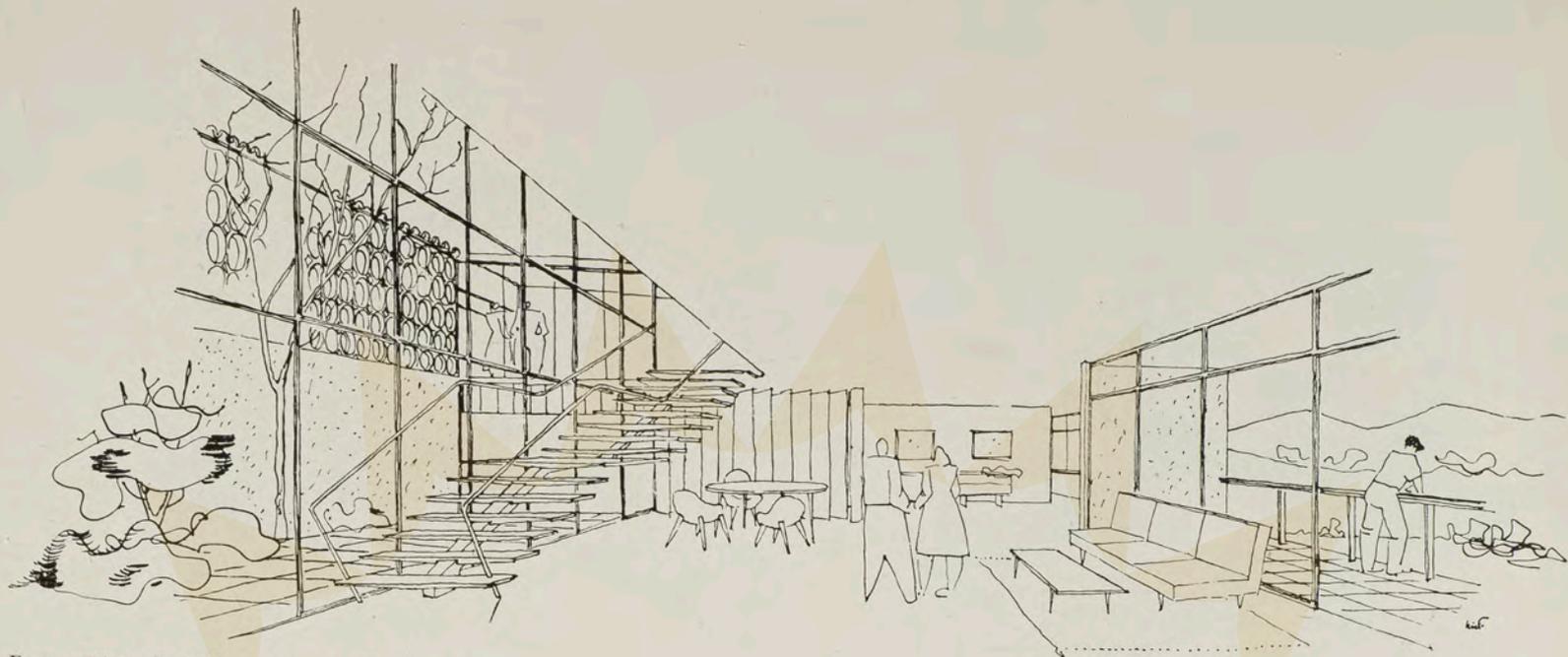
Corte A - A



Corte transversal

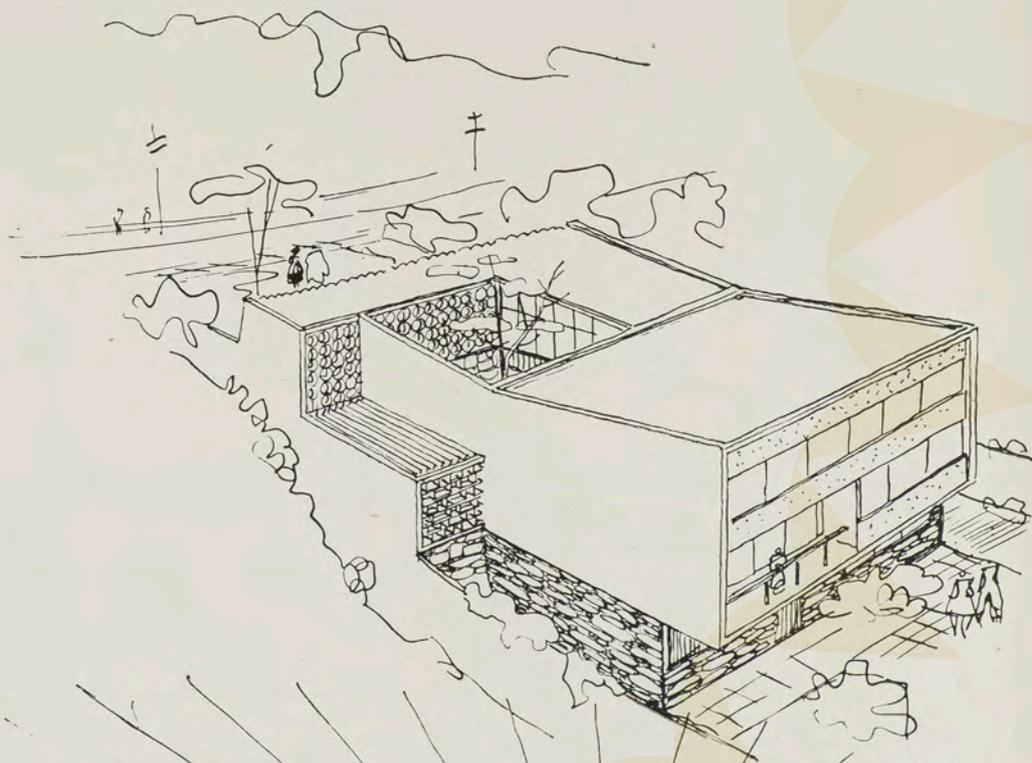


Frente para a rua

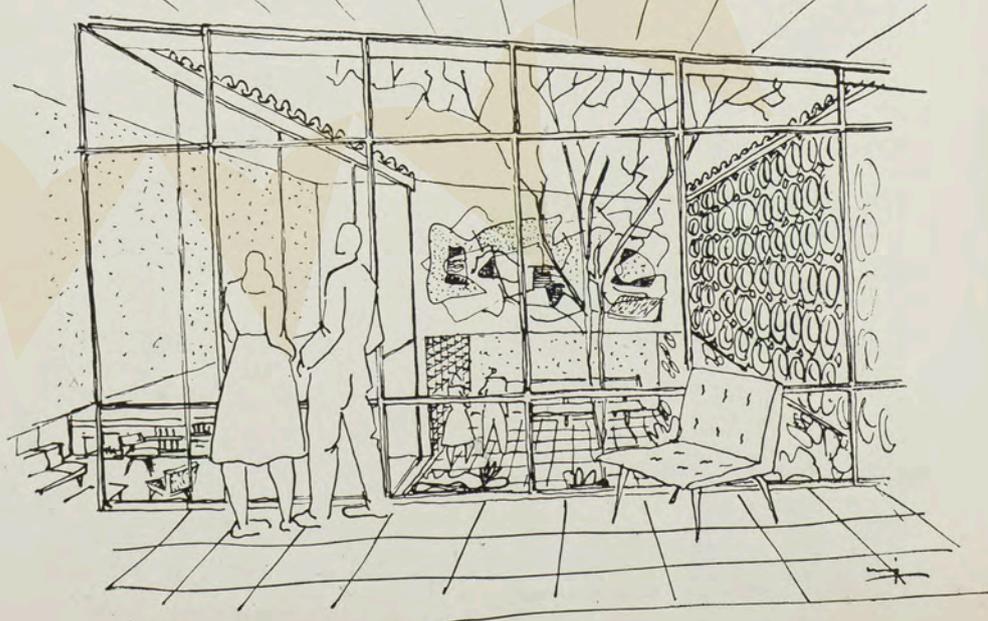


*Perspectiva do living com escada interna*

*Vista geral da casa*



Revestimento: pastilha cerâmica nas colunas e paredes externas, beiral aparente de telhas de azulejo azul e branco; a parede da garage é revestida de cangica seca (granito ferruginoso), o fôrro da varanda leva um revestimento de treliça de madeira à moda das nossas casas tradicionais, os elementos vasados de forma circular são em cerâmica. O telhado é de telha cerâmica tipo colonial, assentado diretamente sobre a laje, o que permite uma declividade bem mais suave. O jardim na frente é executado sobre uma laje de concreto armado. A parede lateral do jardim interno leva um painel mural em mosaico cerâmico. As lajes são nervuradas a fim de vencer grandes vãos de vigas aparentes e inclui os rebaixos dos banheiros que assim não ficarão aparentes na sala



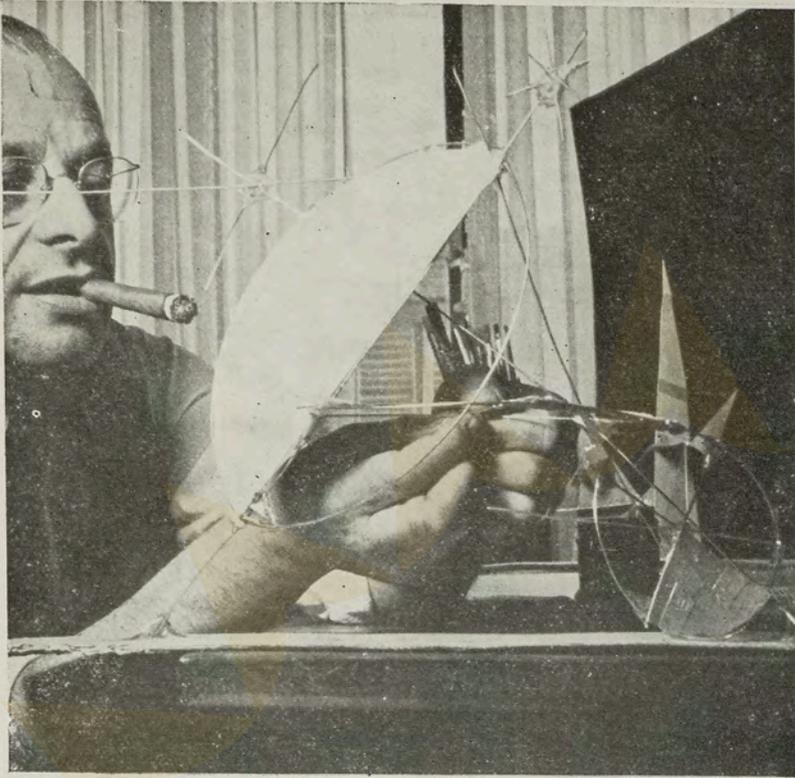
*O jardim interno visto do hall*



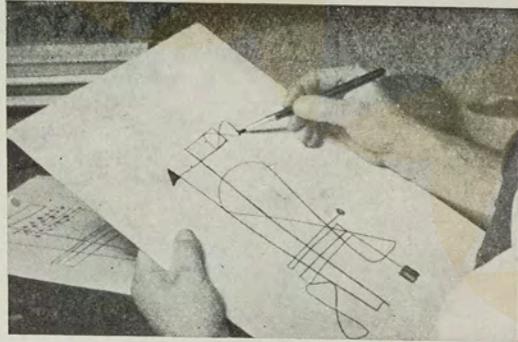
*Vaso de flores, executado por caboclos do Ceará*

## Arte popular

Este vaso com flôres e aves faz parte daquela série de produções populares brasileiras, do Norte, que vão das cerâmicas aos ex-votos. Aldemir Martins trouxe-o de Pernambuco, onde o achou, num mercado, com uma velha cabocla. O vaso é de papel crepe, amarelo e verde, as flôres côm de rosa e as duas aves confeccionadas de retalhos de algodão estampado. E' sempre a história de sempre, dos primitivos e dos ingênuos (podemos já ouvir os "críticos" e "técnicos" protestar — chega com essas ingenuidades que estais aproximando à Arte). No entanto, não queremos afirmar que este objeto modesto seja uma "obra de arte", objeto tão perto ao mau gôsto que bastaria um nada para perde-lo; queremos sômente continuar documentando o fato que, aqueles sem o luxo de se ocupar de idéias e lugares comuns da assim chamada civilização, rotina, bom gôsto, aqueles que não puderem sustentar êsses luxos, vivem perto das coisas e continuam vendo-as e sentindo-as com o que pode ser paragonado à maneira do sentir das crianças, ingenuidade, que nós, porém, chamamos de poesia.



Leopold Haar trabalhando



## Leopold Haar

No ano passado, atraído pela cidade em extraordinário aumento, veio a São Paulo o desenhista gráfico Leopold Haar. Procedia da Itália, onde tinha chegado da Polônia, pelos acontecimentos da guerra. É essa uma belíssima aquisição para cidades como a nossa, cidades que necessitam especialmente de artistas para dirigir o gosto e o bom gosto em caminhos que não sejam justamente os contrários. Mais um bom desenhista, em São Paulo, é um verdadeiro acontecimento, contribuindo para estabelecer um clima no qual não somente o duro labor triunfe, mas que seja também caracterizado pelo belo, pelo gosto, pela arte. Era fatal que Leopold Haar, o mais original dos artistas que aqui temos, acabasse no atelier de propaganda da "Olivetti". Conhecemos desde, pelo menos, há trinta anos, a história dessa fábrica que sempre fundiu num fato único a técnica e a estética, fazendo das duas atividades a expressão de sua maneira de produzir. A "Olivetti" é precursora da arte definida imprópriamente de aplicada; os diretores desse es-

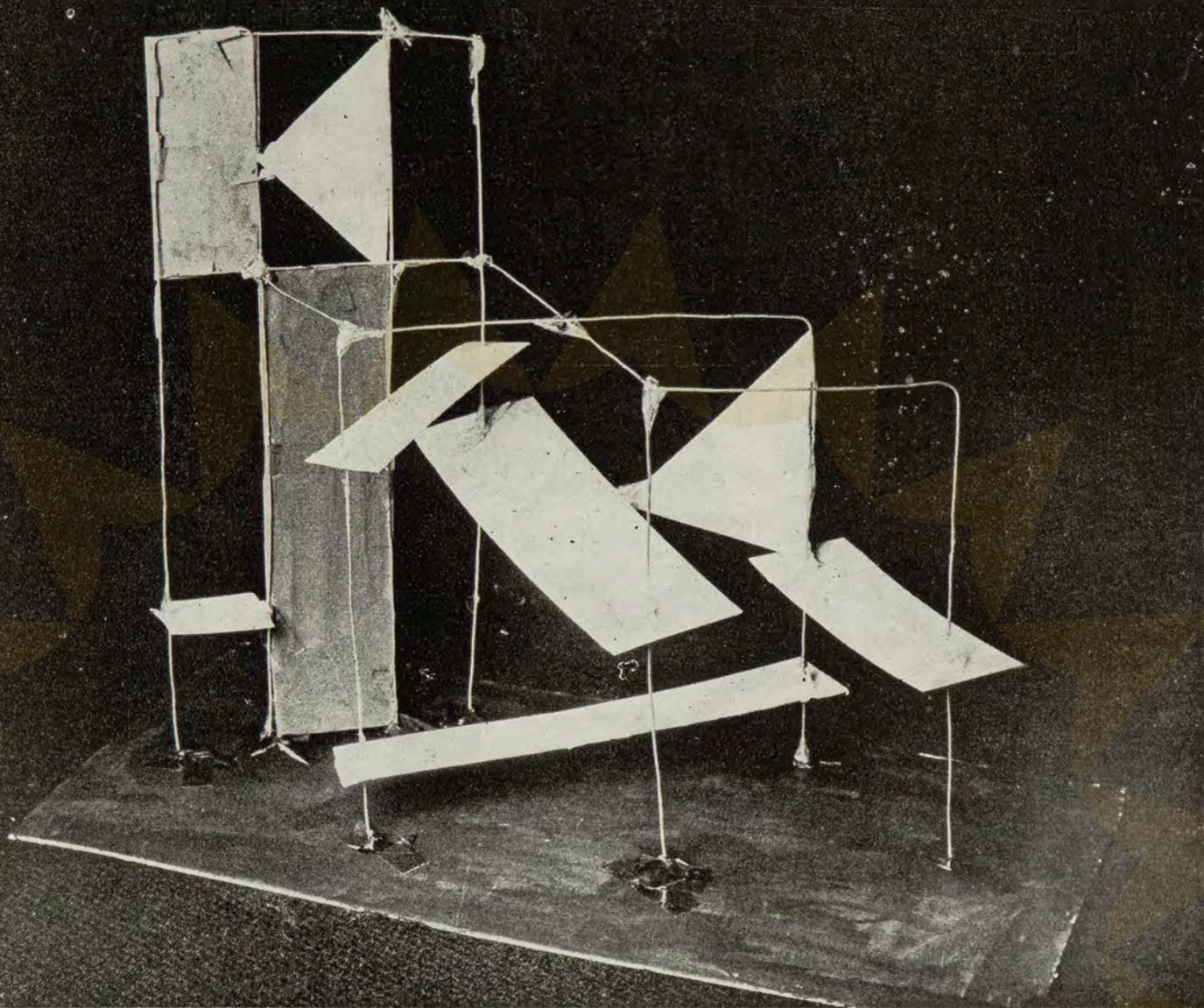
tabelecimento dirigem a arquitetura, os modelos, a publicidade, enfim cada fato, segundo uma ética estética; no ano passado, a fábrica de Ivrea, a pequena cidade italiana, recebeu a Copa do Mundo, destinada a uma indústria benemérita no campo da publicidade. Se existissem na terra dez mil fábricas, dirigidas com outro tanto bom gosto, não estaríamos aqui endireitando as pernas dos vários cachorros que fazem as leis provincianas, obsoletas, retrogradas no campo da propaganda industrial. Haar trabalha hoje na "Olivetti", leciona no Instituto de Arte Contemporânea do Museu de Arte. Nosso reporter foi à sua procura para pedir as notas que aqui publicamos e para fotografar alguns dos seus trabalhos dedicados principalmente à decoração das vitrinas. Haar possui talento inventivo, é o executante habilíssimo dos seus projetos, é um daqueles artistas capazes de levar seus empreendimentos até a conclusão final. Com verdadeiro prazer, apresentamos este artista aos nossos leitores.

Composição de papel cortado



Estudo





Leopold Haar, Estudo de composição para uma vitrina

## Plásticas novas

As novas possibilidades resultantes da plástica contemporânea nos permitem criar uma organização espacial, revelando inclusive nova e surpreendente sensação visual. Paralelamente a essa organização surge, como soma dos seus resultados, a nova estética funcional, hoje imprescindível à realização das exposições e apresentações no campo comercial e industrial.

Uma das mais comuns e também mais importantes, verdadeira janela para o mundo, é a vitrina, que tem a beleza como função, possui uma atividade intensa e qualidades que precisam ser acentuadas, atendendo que sua vida é bastante efêmera.

A arquitetura — arte especial por excelência — é a base para a realização da vitrina.

Tôdas as correntes plásticas contemporâneas — abstracionismo, construtivismo, néoplasticismo — acompanham a construção da vitrina, e são as fontes inesgotáveis para a invenção do artista, que expressa a arte pura numa linguagem utilitarista.

Construções leves, côres, fôrmas, disciplina e clareza na apresentação do produto, o sentido de distribuição, evitando sobrecarregar

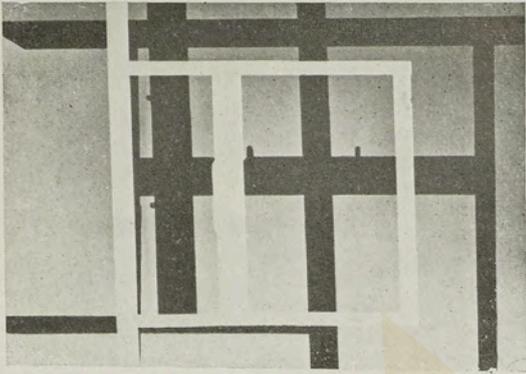
o espaço, criam uma impressão de bom gosto e sobriedade.

Psicológicamente apresentado, o produto que figura na vitrina, acentua e justifica a própria vitrina. O uso da madeira, do vidro, de metais leves, a aplicação de vários "patterns", a mistura de materiais e contrastes para o fim puramente decorativo, o uso apropriado e feliz dos mais importantes fatores como a luz, resultam num ambiente onde o produto surge e automaticamente vende-se sozinho.

Papel não menos importante fazem os outros elementos que acompanham o produto, e que são, por um lado, decorativos, e, por outro, relatam, dentro de um sistema de clareza, ordem e movimento (fatores que correspondem ao espírito do tempo) — a importância e a necessidade do produto apresentado.

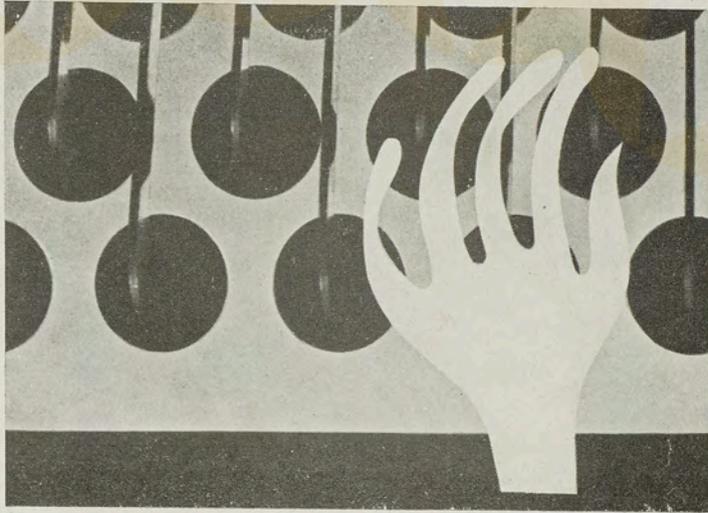
As banais, impróprias e sobrecarregadas vitrinas dos últimos 50 anos, hoje cedem lugar às conquistas da arte, da ciência, da psicologia, etc. — exigências estéticas do homem que usa geladeira, conhece as sulfas e é contemporâneo de Max Bill.

LEOPOLD HAAR

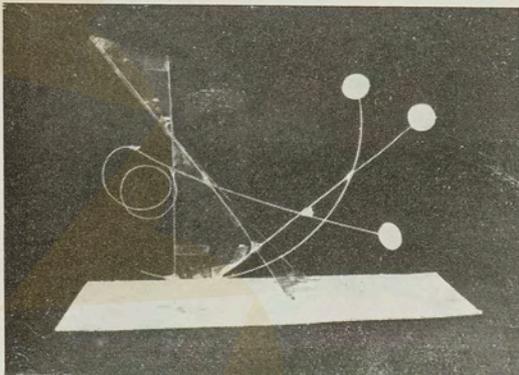


*O ângulo reto numa intersecção de planos*

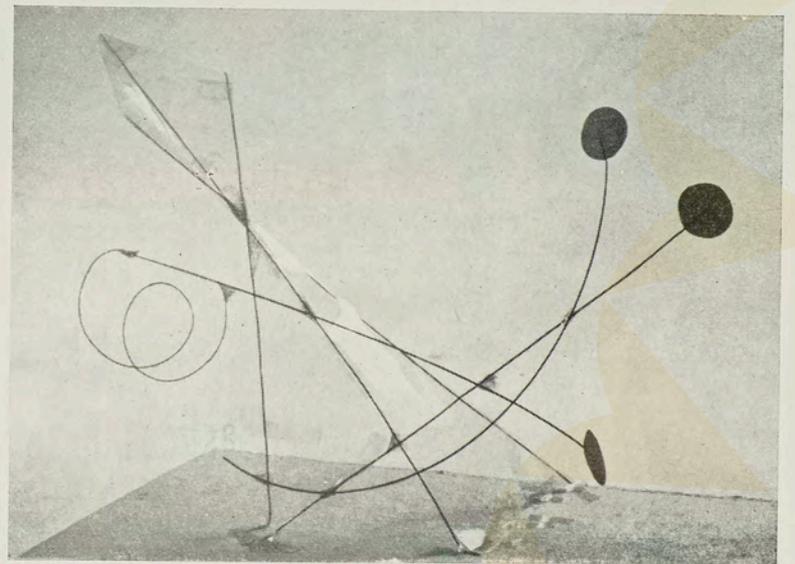
*Desenhos de Leopold Haar*



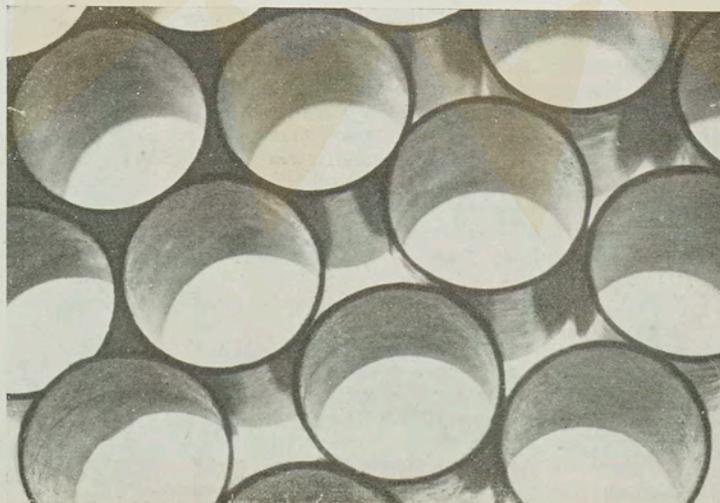
*Mão e teclado de máquina de escrever*



*Modelo visto de lado*

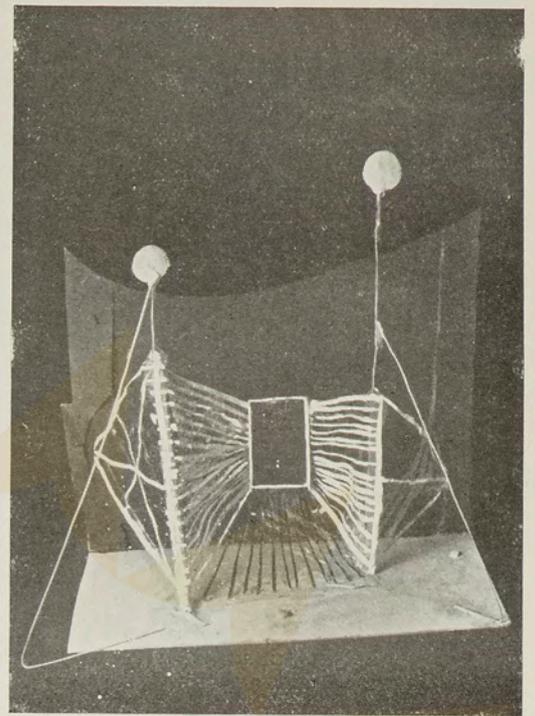
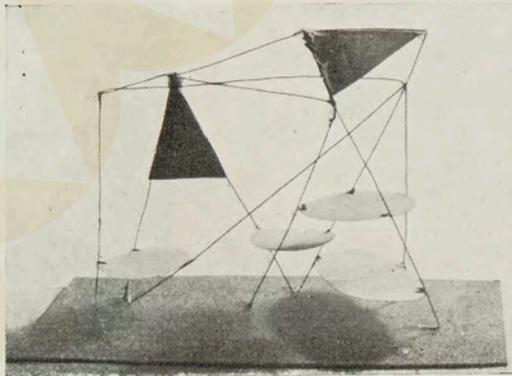


*Willem Hogarth gostaria disto*



*Fotografia colaboradora do inventor de linhas (Fotos de Zygmunt Haar)*

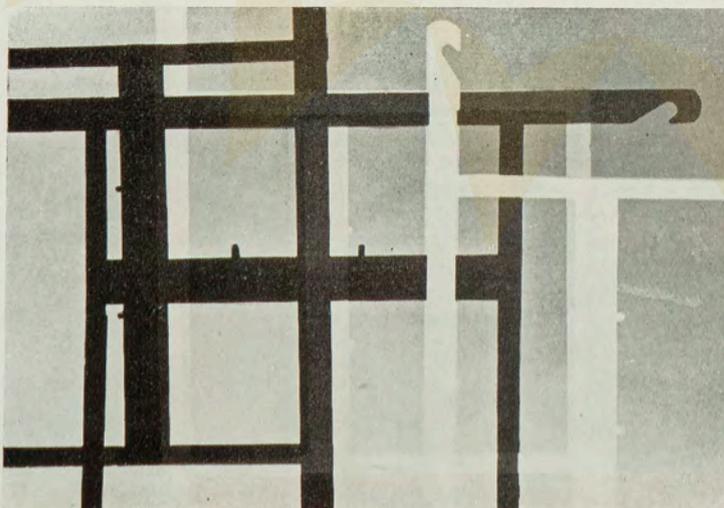
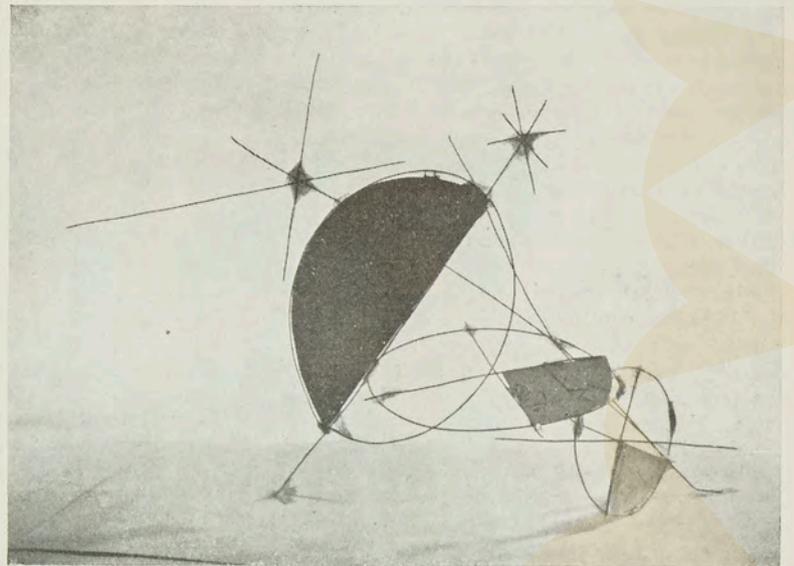
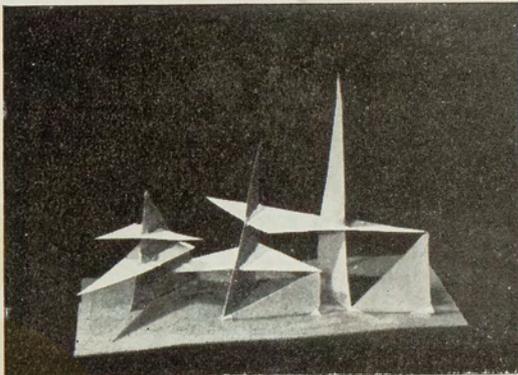
*Triângulos, discos e ovais*



*Maquete duma vitrina*

*Composição*

*Intersecção de planos*



*Fotografia de cavaletes*

## Vitrinas

As vitrinas são o espelho imediato, a denúncia rápida da personalidade duma cidade, e não somente da personalidade, como do carácter mais profundo. A vitrina é o "meio" para vender o produto, é algo muito apegado ao dinheiro, é uma luva de veludo que sob a aparência decorativa e indiferente esconde as garras complicadas de cálculos de "custos", "margens", "lucros", colunas de cifras frias. Uma verdadeira teoria (chamada "ciência" pelos interessados), uma psicologia especial, um cálculo de possíveis probabilidades ocultado pela aparente indiferença, pela aparente "homenagem ao transeunte" duma vitrina, uma pequena ratoeira com mercadoria-queijo para o transeunte-rato. Nasce dessa forma os "saldos-queijo do edifício", as "falências-queijo", e isto tudo acompanhado por cartazes, escritas, flechas. E as vitrinas gritam "queremos vender, vender, vender, vender por força X e Y, comprei, comprei, queremos dinheiro, DINHEIRO". Dinheiro. As corôas de flores, os vasos de giz, os sorrisos dos manequins, os planejamentos de veludo gritam esta palavra, deixam transparecer a "psicologia" do vitrinista que na "decoração" se preocupou somente com o vaso-queijo, o veludo-queijo, para o comprador-rato.

No entanto a cidade é uma sala pública, uma grande sala de exposições, um museu, um livro aberto a todos no qual podem-se ler as mais sutis nuances, e quem tiver uma loja, uma vitrina, um buraco qualquer fechado por um vidro e queira expor naquela vitrina, quem quiser ter um papel "público" na cidade, toma a si uma responsabilidade moral, uma responsabilidade na qual não pensa porque o faz rir, a êle homem de negócios, "prático", a idéia que a "sua" vitrina possa contribuir para formação do gosto dos moradores, possa contribuir em dar fisionomia à cidade, denunciar a ausência.

Fotografamos ao acaso algumas vitrinas, de modas, de objetos para esporte e até objetos religiosos, nos quais os elementos que nos séculos passados foram obra de arte, aparecem agora debilitados e trágicos, de pauperados das formas puras e coerentes da época; fotografamos bateadeiras e maquina-

nhas elétricas para café, apresentadas no meio de estuques barrocos e flores de papel, querendo quase corrigir com isto e fazer esquecer suas formas tão estritamente utilitárias.

As multidões de manequins, a elegância reduzida a capitoné e braços de papel, denunciam desta forma o gosto mesquinho, de pequeno burguês, burguês e "nouveau riche", alimentando vícios antigos e velhos hábitos, com uma força quase invencível pela violenta capacidade de contacto imediato e difusão pública da vitrina, não comparável ao trabalho persuasivo dos artigos, das salas de exposições, dos livros, que devem ser procuradas. As vitrinas da cidade podem destruir anos de trabalho feitos no sentido de corrigir e dirigir o gosto. Dissemos de propósito pequeno burguês, burguês e "nouveau riche" (podemos acrescentar quase sempre também a pequena elite), porque as vitrinas populares são excluídas, porque como na arte o gosto não contaminado pelos falsos intelectualismos do povo não erra. As vitrinas dos bairros realmente populares, os mercados, as feiras, são inspiradas portanto pelos movimentos espontâneos e alheios a qualquer rotina snobística da "arte" (na acepção mais corrente, atribuída a esta palavra desde o fim do século XIX) e ajudam a criar uma atmosfera pura, aquela atmosfera obtida das classes "cultas" somente através duma disciplina duríssima e duma seleção severa.

Publicamos, com claro intuito polêmico, o trabalho dum vitrinista que considera as vitrinas como tribunas públicas ou salas de exposições, que, sobretudo, não se importa com o "queijo-ratoeira", mas procura pôr em evidência o produto seguindo só os ditames de sua moral, seu senso de responsabilidade coletiva.

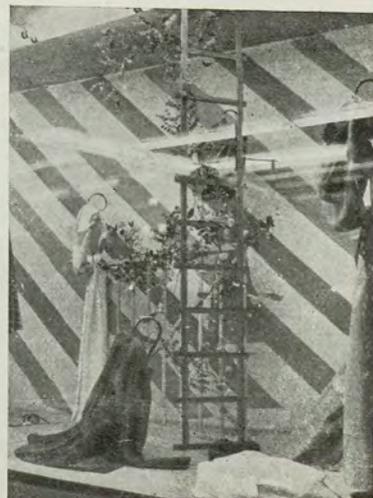
O diretor da firma, por nós interpelado, confirmou os excelentes resultados deste gênero de publicidade, selecionada e rigorosa; o público não se assustou, pára, olha, entra, compra, reconhecendo na honestidade daquela apresentação uma "limpesa" comercial, um não-saldo, não-incêndio, não-liquidação de falência, uma não-ratoeira.

L. B.

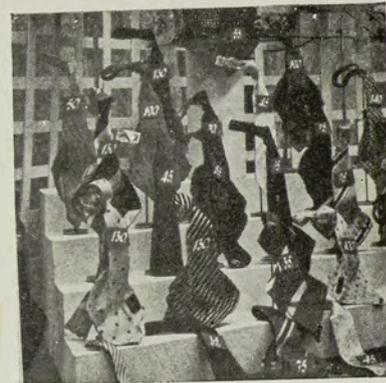
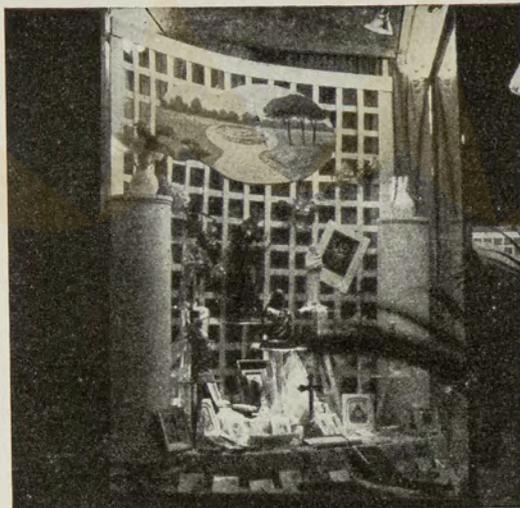


*Os manequins são o único recheio das lojas de vestidos*

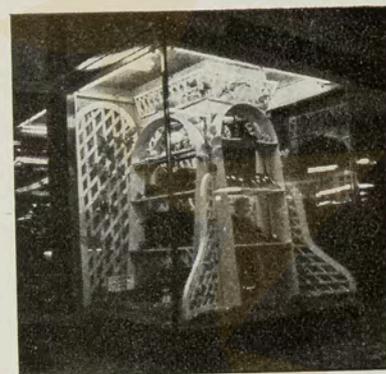
*Eis as últimas novidades em idéias*



*A escolha de uma gravata é possível em meio desta confusão?*



*Os castelos*



*Tipo de vitrina normal e de rotina*



*A pseudo-moderna*

Parece incrível que haja comerciantes acreditando num tipo de vitrina como este. A quantidade de objetos forma um bric à brac no qual o adquirente não sabe como e onde se orientar. Não há nada de pior para o adquirente do que ter em frente demais coisas para escolher. Como o leitor sabe, a esta mania de exibir quantidades demais exageradas de objetos, reagiu-se expondo nas vitrinas somente uma ou duas coisas. Também este é um sistema talvez não muito comercial. E' claro que entre o sistema do número excessivo de coisas expostas e o número por demais limitado, existe a via do meio, que pode ser a via certa. E' necessário evitar os contrastes. Em todo caso, o que necessita é o bom gosto e a inteligência, que são as qualidades raras para a realização das coisas.



## Desenho industrial

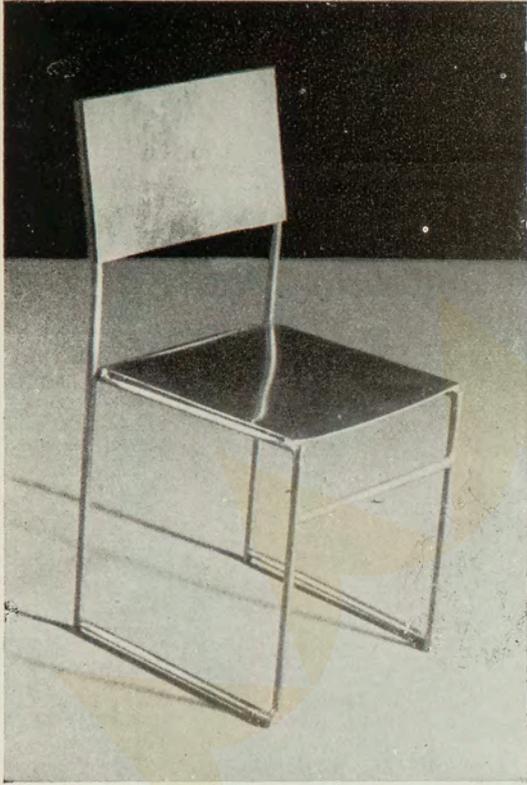
À base do desenho industrial contemporâneo há a procura duma forma denunciando sua lógica natural, sua coerência dentro das leis estabelecidas na natureza e portanto humanas, leis das quais o homem não pode escapar sem cair naquilo que se chama "arbitrário", isto é, fácil, gratuito, inútil. A obra de arte autêntica enquadra-se sempre dentro dessa lei; sem esta lei caminha-se para o arbitrário, como dissemos, naquele arbitrário definido pelos primeiros arquitetos racionalistas e determinado até como fato "moral". Às vezes esta "lógica", esta base científica, torna-se ela mesma objeto de exibição, torna-se procura estéril. Uma cadeira, um objeto "mecânico" simulado, são

outro tanto falsos quanto uma cadeira Luís XV feita hoje em dia. Estabelecer os limites da zona fora da qual o objeto torna-se arbitrário e inútil, é problema delicado, pode-se chegar à afirmação que para fazer uma cadeira não vale a pena o trabalho de procurar uma solução, bastam um plano e quatro pernas, e para cabide basta um prego; o problema em plano absoluto não pode ser circunscrito por dentro de limites estabelecidos, mas é claramente definível em relação aos limites e às leis da época, na qual são produzidos os objetos dentro das normas estéticas e da função que aquela época define.

*Preguiçosa de cedro massiço e cisal natural*



*Desenhado por Lina Bo*



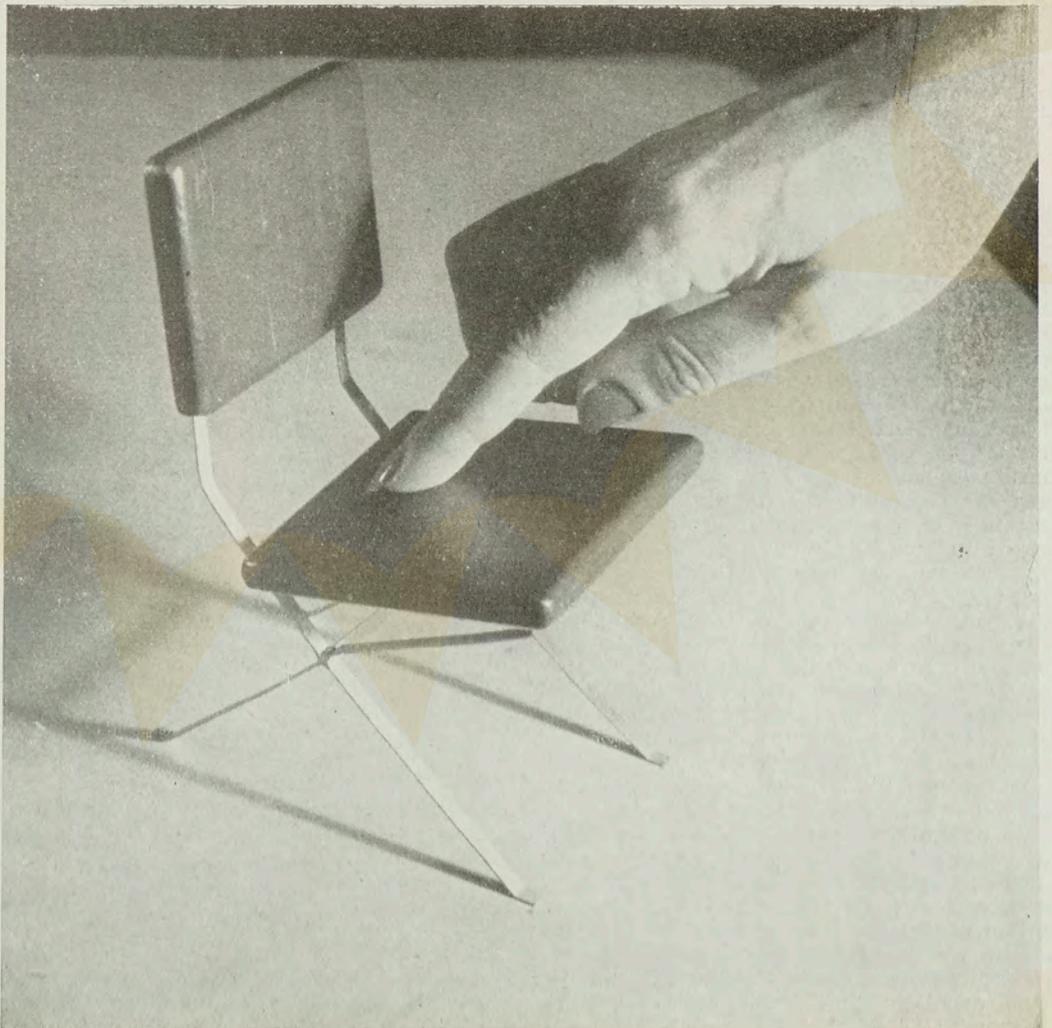
*Cadeira de tubo e chapa de alumínio*



*Cadeira de madeira compensada*

*Cadeira de repouso com movimento clássico do assento e encosto*

*Moveis desenhados por Lina Bo*



*Cadeira de tubo de alumínio e plástico*





*Garrafa com incrustações calcárias*

Estes dois objetos: uma "concha" para água feita por um caboclo com casca de côco e um pauzinho de laranjeira, e a garrafa com incrustações calcárias são objetos dos quais os arquitetos e os artistas "modernos" gostam muito, mas passam despercebidos ou quase ao observador qualquer. O observador qualquer pergunta-nos — porque são publicados, o que há de bonito nêles. Não há nada de bonito, o artista "moderno" os olha porque sente instantaneamente em suas formas aquela simplificação repleta de emotividade, aquela comunicação súbita implícita nas coisas que trazem ainda em si a marca da natureza, que possuem ainda uma "verdade". O artista assim procede quanto às descobertas dessas verdades, que mais tarde traduzirá, procurando comunicá-las aos poucos, lentamente, às demais pessoas, e anos e anos mais tarde o observador qualquer sustará para observar as conchas de côco e a garrafa modificada pelas incrustações calcárias. Mas naquele momento o artista estará observando outro objeto que, por sua vez, prenderá a atenção do observador qualquer anos e anos mais tarde.

Não se trata de conseguir "ver" as coisas ao mesmo tempo do artista, privilégio de poucos, trata-se de procurar "reconstruir" aqueles modos de vê-los, revivê-los. Porisso é que zangamos com o observador qualquer que se ria da garrafa (perdoamo-lhe em seguida), mas zangamos também com um jovem arquiteto "moderno" que se ria de Borromini.

## Dois objetos

*Concha para água, executada por um caboclo*



## Tecidos de Lilli

Lilli trabalha no Rio de Janeiro e vem se dedicando desde vários anos a tecidos para decoração; começou procurando os efeitos com a tecelagem, efeitos exclusivamente da técnica da mesma e não da impressão vistosa das cores, e agora estréia com tecidos estampados. Estes dois, com efeitos de branco sobre preto, lembram as folhas, os ramos, as algas do aquário do atelier carioca de Roberto Burle Marx, de quem é amiga e frequentadora assídua.



*Lilli Corrêa de Araujo, tecidos de algodão branco estampado com grande desenho preto*



## Morumbí

O novo bairro do Morumbí, em São Paulo, está se desenvolvendo bem, graças à ampla avenida aberta pela Prefeitura e companhias interessadas. Muito significativo é o fato de se ter providenciado a restauração da pequena igreja e de um artista já ter trabalhado nos afrescos das paredes. Agora surge o problema crucial daquele bairro magnífico: dentro de breve levantarão as primeiras construções, as primeiras casas por entre o verde belíssimo. Cada proprietário escolherá seu arquiteto; isto é justo, cada proprietário delineará sua casa conforme suas exigências: em breve, acontecerá o que normalmente acontece quando se constroem.

E se isto acontecer, tudo acabará no carnaval do tipo do Jardim América ou Europa, onde a fantasia mais doentia pôde se satisfazer em achados, recursos, idéias fúteis, brincadeiras que mal foram escondidas por uma natureza exuberante.

Estamos aqui agora a invocar que o novo bairro seja construído em moldes rigorosamente contemporâneos. Sabemos da dificuldade de convencer toda pessoa abastecida para com idéias inteligentes; no entanto o esforço poderia ser feito por parte das diversas companhias interessadas. Com essas companhias colaboram arquitetos como Osvaldo Bratke e Gregory Warchavchick: não seria possível estabelecer uma convenção para a arquitetura, salvando o mais bonito bairro de São Paulo? Isto coincidiria também com o interesse dos proprietários que não ficariam na história ao par de seus colegas do Jardim América ou Europa como pessoas de muito dinheiro, e também de muito mau gosto.



Lucia Suané



Lucia Suané, O batismo

## Numa igreja

Lucia Suané realizou uma série de afrescos para a velha Igreja do Marumbí, recentemente restaurada pelo arquiteto Gregory Warchavchik. O arquiteto destinou à pintora toda a parte reconstruída dos muros do batistério, procurando assim distinguir, perfeitamente, a parte antiga da nova. Aproveitando os contornos das velhas ruínas, imaginou a pintora uma série de figuras de anjos que assistem à cena do batismo; através dos muros os anjos como que retornam ao templo restaurado. Há em tudo aquilo profundo sentimento religioso que tão bem se coloca ao lado daquela arquitetura. Lucia Suané é nordestina. A paisagem da sua meninice foi o sertão — Canhotinho, Águas Pretas ou Águas Belas. No Engenho de Santo Antônio, em Águas Pretas, ela lembra ter visto a "mula sem cabeça" ou o "saci". Contaminou-se de uma atmosfera de credices e misticismo. Transforma agora as suas lembranças e sua fantasia num expressivo e singelo documento da pintura brasileira. O que há de autêntico naquelas figuras que por trás dos muros voltam ao velho templo nos dá um conjunto harmonioso de arte, digno de ser mostrado aos nossos visitantes que, no gênero, pouco ou nada encontram para vêr em São Paulo.



Anjos

Outros anjos





*Abilio M. Castro Filho, Composição tonal*

*Eduardo Salvatore, Por aqui passaram...*



*Jacob Polacow, Estudo com tambores*

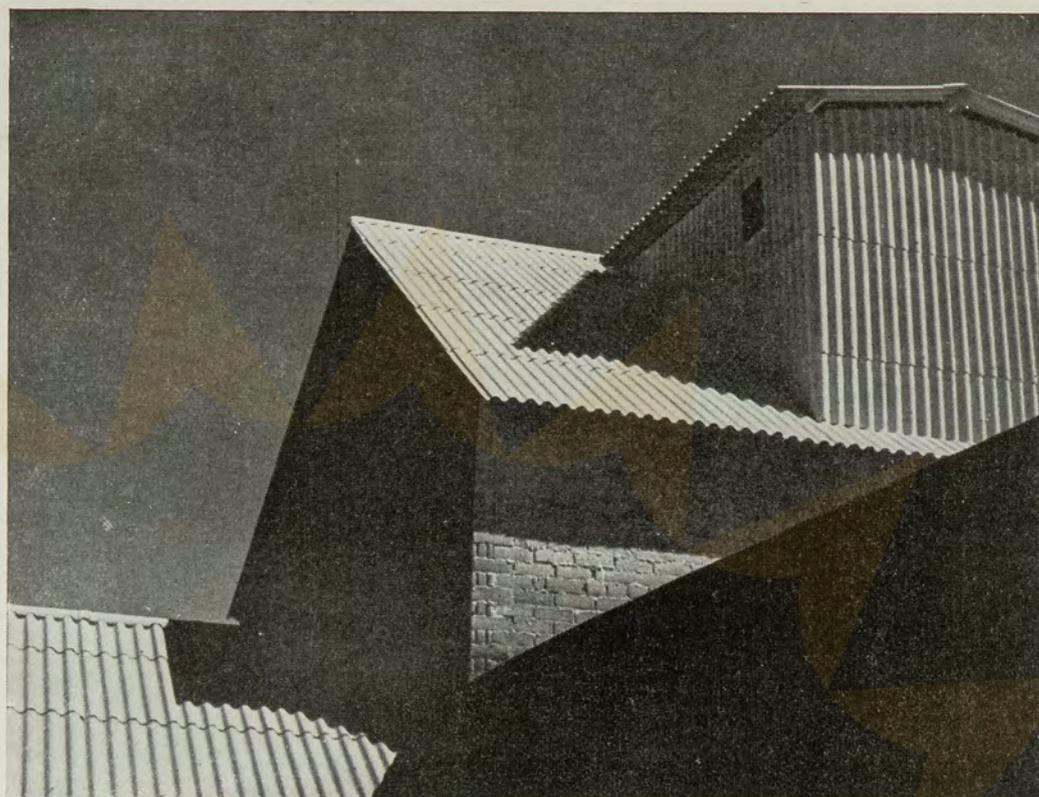


## Fotografia

Promovido pelo Foto-Cine Clube Bandeirante realizou-se a exposição do Xº Salão Internacional de arte fotográfica de S. Paulo, certame que goza de merecido e justo renome nos círculos artísticos fotográficos.

Confirmando a repercussão que êsse empreendimento da conhecida entidade dos nossos melhores foto-amadores obteve, basta assinalar que êste ano teve o Xº Salão a participação de nada menos que 40 países.

Concorreram 935 autores, com um total de 3.166 trabalhos, dos quais foram admitidos pelo júri de seleção 402 trabalhos, de maneira a constituir o Xº Salão uma das mais notáveis exposições de fotografias artísticas já levadas a efeito neste continente. Alcança assim o Brasil, através da realização do F. C. Bandeirante posição de real destaque, como um dos mais avançados centros cultores da arte fotográfica, conforme depoimento do dr. Maurice Van de Wyer, Presidente da Federação Internacional de Arte Fotográfica (FIAP) e que ao pronunciar algumas palavras, na cerimônia da inauguração do certame, afirmou que "O Salão de S. Paulo é um acontecimento acompanhado e desejado pelos mais conhecidos artistas fotografos de todo o mundo. Ter um trabalho exposto neste Salão, confere renome ao amador e consagra sua reputação de maneira definitiva".



*German Lorca, White Roofs*



*André Carneiro, Trilhos*



*Gaspar Gasparian, Paralelas*



Foto Geraldo Wilda

## Pinturas nas ruas

Esta bela fotografia de Wilda faz-nos lembrar dum problema da arte, pela importância do mesmo: a arte que se vende pelas ruas, nos fabricantes de móveis, nos vendedores de frutas, etc. Quando alguém *precisar* de pintura para colocá-la em sua casa, isto é, no momento de resolver o caso da *sua* arte, não se torna especialmente sisudo. Na maioria dos casos o futuro *amador*, não está familiarizado com o latino da arte, e tampouco pensa que existem história e crítica da arte. No entanto ele é crítico, pois sabe "a priori" que nada entende de abstracionismo, cubismo, dadaísmo ou tapeacionismo. Por outro lado sabe que a pintura destes movimentos é reservada àquelas pessoas timoradas, *obrigadas* a dizer que é bonito. Ele não se importa com aquelas *belezas*, porque gosta da sua beleza.

Qual é pois a beleza dêle? São as paisagens com *ovelhas* no pasto, as folhas cuidadosa-

mente pintadas, as mocinhas levando os feixes na cabeça, as paisagens com queimadas que o fazem lembrar dos fins de semana longe da cidade. E são ainda quadros com mulherzinhas nuas, em pose provocante (êste tipo de pintura é mais apreciado por solteiros). São cenas de gênero com frades obesos bebendo (êste tipo de quadros é mais apreciado por anti-clericais). Há, enfim, todos os demais gêneros de quadros que realmente *agradam*. Isto, porque o público simples, dos desprovidos, gosta da anedota, do conto simples. Não é questão de estética; é questão do conto. A arte moderna divorcia do público por esta razão; e justamente por isso nada valem os protestos contra o público que não entende; nós devemos educar o público a entender. Se não fizermos isto, o senhor que escolhe seu quadro no revendedor de arte da rua, continuará preferindo o borra-telas a Picasso.

# A Pinacoteca do Museu de Arte

As aquisições que o Museu de Arte vem fazendo periodicamente para enriquecer o patrimônio de sua pinacoteca, são sempre muito interessantes e encherão passo a passo as lacunas que fatalmente há em nossa coleção. O mercado das obras de arte não oferece sempre a possibilidade de satisfazer as exigências que aparecem na formação duma pinacoteca que pretende abranger a arte de todos os tempos e de todos os povos: ambição muito grande, poder-se-ia dizer quase temerária, se pensarmos nos séculos que foram necessários aos museus mundiais a fim de colecionar seu material. O próprio Metropolitan Museum da cidade de Nova York está trabalhando há quase oitenta anos. Pode-se entretanto dizer que o mais novo, o Museu de Arte de São Paulo, possui um ritmo de doações que dá muitas esperanças para o futuro. Após as aquisições já ilustradas e que estamos agora apresentando, obras de arte importantes estão para chegar de várias partes do mundo, que Habitat pontualmente ilustrará. Nesta nota pretendemos agora apontar ao público a alta benemerência e generosidade que possibilitaram as últimas aquisições do Museu de Arte.



Paul Gauguin, Autoretrato (Museu de Arte de São Paulo)

## Gauguin

O autoretrato de Paul Gauguin, pintado em 1896, nos familiarizará com a obra de um artista, do qual até agora não foi possível estudar um original em São Paulo. Falavamos muito sobre quadros do impressionismo francês, nesta revista, sempre quando chegava uma nova obra mestre para a pinacoteca do Museu de Arte. Esta pinacoteca ilumina também, com exemplos muito bons, o caminho pelo qual a pintura seguiu até a arte do nosso tempo. A "Arlesiana" de Van Gogh é um documento artístico, que nos pode dar muitos esclarecimentos neste sentido. Agora com a chegada do auto-retrato de Gauguin, nós poderemos ver e sentir mais a arte desta época, como também as expressões muito pessoais de um entre os mais importantes artistas a serem mencionados. É muito conhecida a história da vida de Gauguin, o qual começou a pintar, depois de já ter se dedicado a outra profissão. Teve um encontro dramático com Van Gogh, em Arles, no ano de 1888, e saiu para Taiti, em busca de formas originais, formas fortes e primitivas, para tornar mais clara e mais construtiva a sua obra. O nosso quadro, — auto-retrato com camisa verde e com uns fantasmas com cabeças, no fundo — foi pintado na segunda

estadia de Gauguin nessas ilhas. Gauguin procurou liberar-se da complexidade e do senso mórbido do "fin du siècle" e por isso adotou nova maneira de pintura. As formas compactas, muito fechadas e um certo arcaísmo servem como meios para este fim. Um misticismo penetra no seu mundo. Ele próprio aparece em trajés simples, com barba crescida e com um olhar muito velado. Pretende que o observador não sinta nele um homem muito civilizado; homem de Paris do fim do impressionismo, que sabia todas as finezas da arte e da vida daquela cidade. Pretende ficar como uma criatura simples, humilde, identificada com as coisas singelas e primitivas. A tragédia mostrou que isso só é possível até um certo ponto na arte, mas nunca para felicidade e calma de uma vida. Gauguin passou a sua existência nesta discórdia e podemos muito bem sentir esta tragédia em sua obra. Assim, este autoretrato não só reproduz as formas externas de Gauguin, mas também tudo que nele vive, que é ligado ao seu pensamento, aos seus problemas e à sua vida, a qual não foi tão feliz, como a existência dos primitivos de Taiti que ele nos mostra em quadros de uma magia tão bela, com formas e cores fortes, reunidos em complexos expressivos.



François Boucher, *Triunfo da sabedoria sobre a força* (de Veronese)



François Boucher, *Triunfo da honra e virtude sobre a morte* (de Veronese)

## Boucher

As duas telas aqui representadas, chegadas há pouco tempo em doação à Pinacoteca do Museu de Arte, representam um gênero muito interessante da pintura dos grandes mestres. São exemplos de como um pintor famoso copiou obras de outro pintor também famoso de outra época. As alegorias, muito decorativas, foram feitas pela primeira vez por Paolo Veronese, grande pintor do fim da Renascença, em Veneza. Veronese executou o "Triunfo da Honra e da Virtude sobre a Morte" e o "Triunfo da Sabedoria sobre a Força" com seu gosto para formas grandes, para movimento vivo, agitado e cores fortes. Assim uma impressão vital, salubre e original aprisiona o espectador e pega ele com os meios artísticos da grande pintura veneziana deste tempo que criou obras de força e dimensões enormes e assim ajudou abrir o caminho pelo barroco com a sua vitalidade ainda maior. Os mestres do barroco por isso admiravam a pintura dos Venezianos de Ticiano a Veronese e não envergonharam-se a copiar as obras dos antecessores, que assim, especialmente pelo colorido, influenciaram a pintura européia dos séculos 16 e 17 muito forte.

Mas esta influência ficou viva também o século 18; no tempo do Rococó francês ainda esteve vivo o senso pelos valores decorativos e aristocráticos ligados à pintura de telas como os nossos "triumfos". A aristocracia gostou muito de adornar os castelos e pa-

lácios com quadros grandes de mestres famosos. As duas alegorias de Veronese no século 18 se encontravam na coleção de Philippe Duc D'Orleans, Regente da França. Hoje elas podem ser visitadas na Frick Collection de Nova York. Na corte da França neste tempo o Duque D'Aneiro de Portugal tinha visto as telas e recebeu permissão do Regente da França para encomendar ao pintor favorito desse tempo, François Boucher, de copia-las. Estes exemplares passaram depois da morte do Duque a ser propriedade da família Bragança, da qual comprou-as o último colecionador. Depois dele estas telas, assim já com um significado especial para nós no Brasil, foram adquiridas para o nosso Museu.

Voltando para a primeira reflexão, nós agora podemos ver como o pintor que trabalhou no Rococó de Paris e particular para Mme. de Pompadour, traduziu a pintura do grande antecessor da Renascença. Como Boucher se afezava à maneira de Veronese, pode-se ver do fato de que as nossas telas de Boucher permaneceram até há pouco tempo atribuídas ao próprio Veronese, até que o conhecido historiador de Arte, Bernhard Berenson, depois de estudar cuidadosamente os quadros, procedeu à pesquisa que o ajudou a encontrar a assinatura de Boucher e estabelecer o histórico dos quadros. Boucher, que ao lado de Watteau e Chardin foi um dos maiores pintores do

século 18 (Paris 1707 a 1770). Em jovem sentiu-se influenciado pela arte italiana, especialmente pelos mestres da escola de Veneza, até Tiepolo. Esta tendência possibilitou-o a sentir bem os valores desta pintura e de tornar-se mais para o barroco internacional, mais para a grande pintura em formas fortes ao inverso de outros contemporâneos que se expressavam de modo mais íntimo e leve. Ligou-se assim a grande tradição de Rubens como dos Venezianos até o seu contemporâneo Tiepolo, também executando grandes obras para painéis e decorações em vez dos quadros de cavalete como as de Watteau. Assim Boucher foi o favorito da nobreza da França para telas decorativas como os nossos, decorador antes de tudo porque ele não precisou criar novos tipos de representações. Nos projetos para painéis, tetos e tapeçarias ele viveu livre num mundo antigo em esplêndidas alegorias, das quais a sociedade da época era grande apologista em sua quasi paixão pelos deuses da mitologia, representados em formas delicadas e cores bem lançadas. Estas considerações já nos abrem o caminho para ver as telas de Boucher, que fazem sentir bem a origem do mundo de Veronese pela largura da apresentação de formas e cores mas estão sobretudo exemplos brilhantes de pintura do mestre francês mesmo, que pode ser considerado um dos maiores gênios de elegância e refinêsse.

## Degas

Edgar Degas vive na memória de todos como o ilustrador clássico das dançarinas de bailado, como elas se apresentam no palco, como elas preparam os saiotes ou fazem a sua toilette. Com estas figuras, o artista mostrou o "charme" do mundo movimentado e instável sendo a dança uma arte em movimento. Na pintura foi possível mostrar isso com a maneira impressionista, da qual Degas para nós fica como um dos artistas mestres. Também outros assuntos de movimento êle escolheu para os seus quadros, como, por exemplo, as corridas de cavalo ou pessoas passeando. Nas duas obras, recentemente adquiridas para o Museu de Arte, vimos moças no banho, usando a toalha, também em movimento vivo. Para a maioria das representações de movimento, Degas usou a técnica do pastel, que permite deixar quasi no incerto a zona na qual o movimento próximo deve alterar o aspecto, conseguindo assim um aspecto cintilante e de leveza de matéria. Foram êstes trabalhos executados nesta técnica, que dá um aspecto sensível pela apresentação do nú. Na obra do artista êles devem ser considerados como exemplos da arte bem madura dêste gênero. Desenhadas em 1903, êles mostram a técnica elaborada e ainda forte do artista que nasceu em 1834 e desde 1874 tomou parte nas exposições dos impressionistas franceses.



*Edgar Degas, Nú, pastel (Museu de Arte de São Paulo)*

*Edgar Degas, Nú, pastel (Museu de Arte de São Paulo)*





Francisco Zurbarán, Santo Antônio (Museu de Arte de São Paulo)

## Zurbarán

Com a apresentação do quadro "S. Antônio" da autoria de Francisco Zurbarán (1598 — depois de 1664), entramos novamente no campo dos pintores espanhóis, dos quais o Museu de Arte já possui alguns quadros muito importantes e característicos. No grande retrato do Conde-duque de Olivares temos uma obra, quase da mesma época, que nos liga ao maior pintor espanhol do século XVII, Diego Velásquez, de quem Francisco Zurbarán foi amigo e contemporâneo.

O quadro que vai ser incorporado à pinacoteca do Museu de Arte representa Santo Antônio em oração, tendo uma visão do Menino Jesus no céu. Ao lado do Santo, que está ajoelhado, só vemos um livro de meditação e um ramo de lírios brancos. Nada mais. Isso já revela muito sobre a índole da pintura de Zurbarán, que é uma arte muito religiosa e até mística, em comparação com a de Velásquez. Assim, comparando os

pintores, Velásquez apresenta-se como um pintor do barroco representativo, do grande barroco: um pintor da aristocracia e da corte real, que nesse tempo, na Espanha, tinha uma soberania universal sobre os espíritos, dando uma certa nobreza a todas as documentações culturais ligadas à pintura. Podem ser bem caracterizadas essas manifestações; podem até mostrar coisas íntimas com um aspecto sarcástico.

Com estas observações entramos também no mundo da pintura caracteristicamente espanhola dos outros mestres da época, entre os quais se salienta El Greco, como pintor de temas religiosos. Eles ficaram quase totalmente no mundo cristão da contrarreforma militar, que caracteriza a Espanha desse tempo. Mas há bastante diferença entre as idéias e representações dos dois mestres. El Greco, o mais velho, ficou mais num sentido espiritual das coisas. Ele dava o símbolo, a força primitiva e direta do que surge

da fé. Zurbarán já é muito mais um pesquisador no sentido artístico. Ele pensa como dar a figura, a solução luminosa, dotando-a de formas mais plásticas. Zurbarán deste modo fixa a visão mais no plano terrestre. Ele procura uma composição bem equilibrada nas telas. Por esta razão também não distribue a luz com tantos contrastes, como, por exemplo, há na pintura de Caravaggio ou, falando de espanhóis, como fez Ribera, que ilumina apenas os movimentos principais da ação, no quadro, e abandona todo o resto às sombras. Zurbarán distribue com mais igualdade a luz sobre toda a figura representada no quadro. Isso não quer dizer que ele faz menos plástica a figura, mas sim mais colorística no sentido dum ilusionismo pictórico. Teremos brevemente a possibilidade de comparar melhor e mais corretamente estas observações nos quadros da Pinacoteca do Museu de Arte.

Jarro grande com decoração de flores e brasão heráldico e datado de 1538



Busto de Cristo com inscrição "Ecce Agnus", terracota com lustro, séc. XVI



## Mojólicas no Museu

Com a coleção de majólicas o Museu de Arte está ampliando a coleção de objetos de artes aplicadas, até agora reunida como coleção de exemplos de formas. Com as cerâmicas novas, entretanto, êste conjunto tornou-se também uma parte importante da coleção do Museu, pelas suas qualidades artísticas.

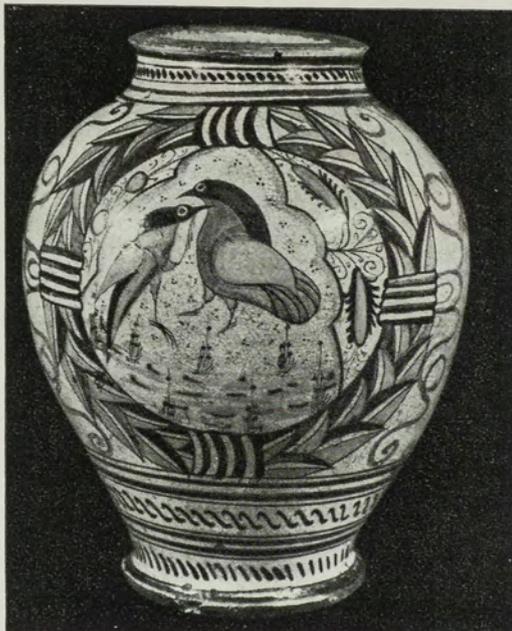
Na história da cerâmica as majólicas italianas dos séculos XIII até XVI estabelecem uma das épocas mais importantes e sugestivas. Fora das cerâmicas das culturas orientais, elas são as primeiras a usar todos os valores das côres e do lustro. Os produtos das manufaturas de Faenza, de Florença, de Orvieto, de Gubio ou de Deruta foram muito procurados desde o tempo da sua fabricação e estão êles hoje guardados como tesouros nos grandes museus de arte. A nossa escolha fêz parte da famosa coleção Al. Imbert, de Roma, e as peças de proveniência tão ilustre merecem serem olhadas com muito interêsse. Quando ainda na Europa se desconhecia a técnica chinesa de fabricação de porcelana, o aparecimento de majólica assume especial significado não só pelo apurado cuidado com a forma, mas também pelo caráter genuíno da pintura e do tratamento dos materiais.



Jarro de gargalo comprido, alças e ornamentos em relevo, Orvieto, fim do séc. XIV



O mesmo jarro visto de lado



Vaso de Faenza, fabricado no séc. XV, com decoração de duas aves e corôa de folhas



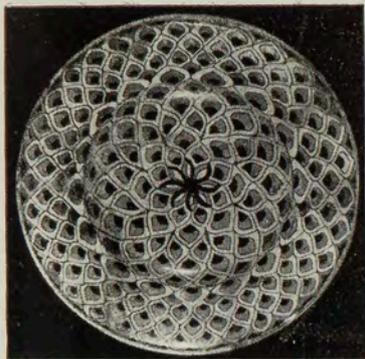
Grande jarro para vinho, com 4 alças, lustro preto, séc. XVI



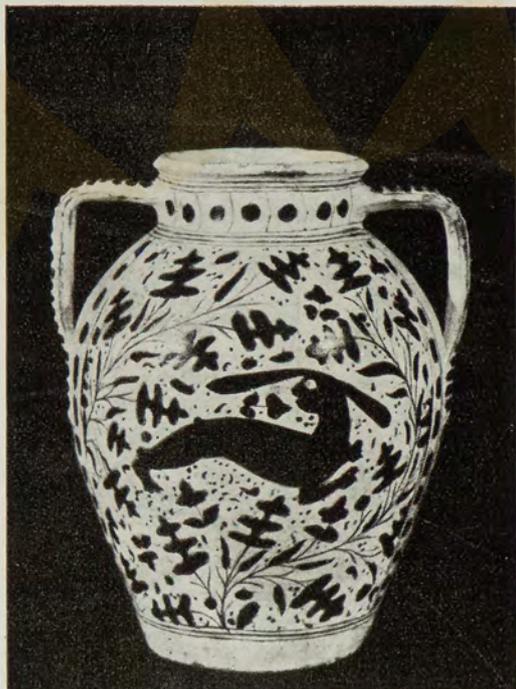
Pratinho, pintado com ave, Orvieto, fim do séc. XIV



"Bacino", vaso aberto com duas alças, fabricado em Orvieto, no fim do séc. XIV



Prato com decoração de "penas de pavão", lustrado. Fabricado provavelmente em Deruta no séc. XVI



Jara com duas alças, pintado num lado um coelho, no outro um cachorro. Fabricada em Florença no séc. XV



Prato fundo com flôr grande no centro. Manufatura de Orvieto, fim do séc. XIV



Vasilha com pé, pintada com figura de um anjo. Florença, séc. XV



Dois pratos grandes com figuras de moço e de moça e bandeirolas. Fabricados em Deruta, começo do séc. XVI



Vaso grande com duas alças, decoração de folhas estilizadas. Fabricado em Florença, no começo do séc. XV



## Coleções particulares



*Il Guercino, Magdalena (Col. Moacir Vieira Martins, São Paulo)*

### Um Guercino

Temos aqui um pintor da Romagna, nascido em Cento em 1591 e falecido em 1666, o qual foi um dos mais famosos artistas da sua época. G. F. Barbieri trabalhava com um só olho, sendo cego do outro. Chamaram-no por isso "Il Guercino", que em italiano significa justamente quase cego. Protegido pelo Papa Gregório XV (Ludovisi), grande mecenas dos artistas da Emília e da Romagna, o Guercino pintou a sua mais célebre obra embora talvez não a melhor, na vila dos Ludovisi: a *Aurora*, afresco grandioso pelas intenções e dimensões. Outra obra muito famosa executada para o mesmo Papa é o "Entêrrro de Santa Petronila", na Pinacoteca Capitolina de Roma.

Guercino foi também eminente gravador e desenhista. Em seus desenhos o jôgo dos claros-escuros é notável. Após 1530 foi grandemente influenciado pela arte de Guido Reni de Bolonha que no entanto sufocou algo seus dotes originais e temperamento ardente. Os críticos concordam quase todos julgando de qualidade inferior as obras do período avançado de sua vida, isto é, do período "reniano"; enquanto as suas obras primas pertencem tôdas ao prodigioso período de sua fase juvenil, tecnicamente mais tosca, menos presa por vínculos formalistas, mas sem dúvida de maior fôrça expressiva. Seu temperamento melancólico e extremamente sensual revelou-se naquele período. E é daquele tempo seu pincelar morbidíssimo, que com o alternar das luzes e das sombras

num jôgo puramente expressivo consegue uma côr altamente luminosa, uma côr grave. Entre suas esplêndidas obras juvenis consta a "Magdalena", que se encontra numa coleção de São Paulo, a do dr. Moacir Vieira Martins. E' uma figura forte, realisticamente intuída: uma figura de camponesa da terra do artista, que com naturalidade instintiva colma sua dôr de ênfase abismada: que é robustez, fôrça e plasticidade viril, profunda, violenta. A fisionomia, de aparência grosseira, as pálpebras acendidas, a bôca túmida: a carne clara, as feições exuberantes, a impostação forte, tudo contribue no Guercino para exprimir o senso da forma maciça e estática todavia nunca pesada. Aquele sentimento agitado que determina a atmosfera escura do fundo empresta indizível eloquência pictórica à obra.

Por sua concepção ousada, o Guercino jovem foi muito considerado e estudado quando os pintores do Oitocentos italiano sentiram a necessidade de procurar no emaranhamento dos fatos o fio duma intuição que se adaptasse aos seus temperamentos. E conseguiram uma fonte segura, embora não sempre bem interpretada.

Em todos os principais museus da Itália e da Europa, Guercino é representado com sua obra múltipla e variada. Nas coleções americanas pelo contrário aparece raramente, e esta tela que ilustramos, é sem dúvida a mais representativa.

## Exposição de reproduções

As obras gráficas dos grandes mestres deixam de ser apresentadas, em geral, ao público dos museus, contrariamente ao que acontece com quadros e esculturas. Apesar disto, são justamente as gravuras e as coleções gráficas dos velhos museus da Europa um patrimônio de valor inestimável. São elas conhecidas quase exclusivamente por entendidos de arte, sendo patrimônios ignorados pelo grande público. No entanto são obras que mais profundamente nos introduzem na essência da arte dos que as criaram. O desenho, como expressão espontânea da idéia e da forma artística, tem um significado especial e por isso muitas vezes é de rara beleza. O fac-símile tem grande valor para os que se encontram na Europa, e ainda muito mais para nós tão afastados dos centros históricos do desenvolvimento da arte européia. Uma boa reprodução de um desenho é perfeitamente capaz de nos comunicar a impressão do original, o que se dá de forma bem mais limitada tratando-se de uma pintura, devida à estrutura de sua superfície. Poderemos portanto estudar de um fac-símile, nos seus mais insignificantes detalhes, os traços de Dürer ou de Rubens; oportunidade esta de inestimável valor, para aqueles estudantes e apreciadores de arte que não tem a possibilidade de visitar a Albertina em Viena, os Uffizi em Florença, a Biblioteca Nacional em Paris ou o Rijksmuseum em Amsterdam. Devemos à Albertina de Viena, a antiga coleção gráfica dos Habsburgos, de termos podido apreciar um grande número de desenhos, dos mais bonitos, de Albrecht Dürer, e de seus contemporâneos, Mathias Gruenewald, Albrecht Altdorfer, Wolf Huber e outros. São documentos da incrível habilidade no desenho e na pintura, da concepção do retrato, da representação de paisagens, ou da reprodução de plantas e animais. São provas da dedicação e do amor com os quais o artista da Idade Média e da Renascença, se entregava à sua tarefa, representando o mundo visível em suas obras, e completando-as com valores espirituais. Estas obras nos demonstram com qual exatidão os artistas penetravam no âmago das cousas e como nas inúmeras tentativas conseguiam elaborar obras de valor.

Os fac-símiles de mestres mais recentes, quando bem executados, são também capazes de impressionar profundamente. Pensamos especialmente em Cézanne, Van Gogh, Turner ou Henry Moore, que em suas reproduções coloridas nos revelam tôdas as nuances da arte do desenho, deixando-nos admirados pela forma ponderada e pela composição acertada.

O Museu de Arte conseguiu a primeira destas exposições de fac-símiles por intermédio da Sociedade Goetheana de São Paulo, que presenteou com estas obras a Reitoria da Universidade de São Paulo e o próprio Museu.

Trata-se dos fac-símiles da Albertina, exemplos da arte da reprodução austriaca. A segunda exposição, patrocinada pelo British Council e pela Orion Publicidade de São Paulo, nos apresentou os "Ganymed Fac-Símiles" e os "Turnstile Prints" da Ganymed Press de Londres. Após intensos estudos conseguiram os ingleses executar gravuras tecnicamente equivalentes às alemãs de antes da guerra, contribuindo valiosamente desta forma no campo tão delicado da reprodução de obras de arte.

Os estudiosos de arte de São Paulo visitaram com grande interesse estas exposições e não há dúvida alguma ser a reprodução uma incomparável intermediária entre os originais dificilmente alcançáveis e o nosso público.



*Mathias Gruenewald, Santo romeiro (Desenho a crayon, Albertina, fac-símile)*

*Vincent van Gogh, Aldeia flamenga (Desenho a pena, Ganymed, fac-símile)*





Foto Alberto Lattuada

## Alberto Lattuada

Recentemente um nosso amigo teve a oportunidade de se encontrar na Itália com Alberto Lattuada, o diretor de cinema, considerado um dos mais inteligentes da Península. E passando algumas horas na bela casa do diretor, em Roma, nosso amigo pude conversar sobre uma quantidade de assuntos que nada tinham a ver com cinema, e tampouco com a notícia divulgada que o diretor de "O Bandido" está aprontando as malas para vir ao Brasil, a fim de estudar a possibilidade de realizar bons filmes brasileiros. No entanto, nada há de melhor que falar em diversos assuntos para descobrir a personalidade do interlocutor, quer dizer, é interessante saber quais sejam seus interesses culturais, qual seu campo de ação num sentido espacial, uma vez acertado que no campo específico da profissão, a pessoa tenha sua classe.

Alberto Lattuada, talvez muitos não sabem, é arquiteto. Provém portanto do estudo e do exercício duma arte que é por excelência plataforma para as mais variadas e imprevistas ações.

Os arquitetos vêm com os olhos da harmonia, pelo menos àquelles que têm a harmonia no espírito, e consideram as coisas *sub specie* construção, e de cada fato determinam uma razão lógica, estática, firme.

Assistindo a um filme de Lattuada, nosso pensamento volta logo à sua formação adquirida traçando linhas, fazendo planos, resolvendo problemas. Todo aquele trabalho escolástico que vem do desenhar constantemente, imprime um carácter de seriedade, de compreensão, de humanidade.

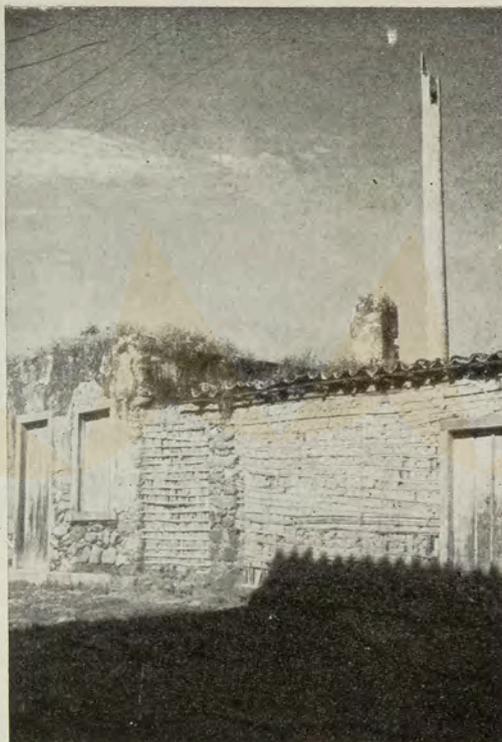
Em Lattuada, este carácter é acentuado. Ele constrói filmes antes de dirigi-los. Uma coisa deve ser sempre notada: o ambiente que Lattuada consegue. Nosso amigo olhava os objetos que o diretor possui em sua casa, a diversidade extraordinária de objetos de arte e de vida, algumas estátuas negras, um grande, raro tabú. Assim conversando, passaram a falar sobre arquitetura; Alberto mostrou então ao visitante uma fotografia, a fotografia acima reproduzida, que talvez dirá pouco ao leitor, mas que para nós é uma extraordinária emoção de arquitetura.

Que vemos aqui? A entrada duma porta antiga, numa casa de Capranica, no Lázio. É necessário salientar que naquela aldeia a crise do espaço é muito acentuada, as ruas são estreitas, as áreas minúsculas. Quem construía devia resolver o problema do espaço com muita inteligência, usando os miolos até a última miligrama de fósforo. Eis como um fulano solucionou o ingresso da escada: um degrau entrado aos lados, para permitir à porta de se abrir.

Um aplauso para o arquiteto anônimo de Capranica, e um aplauso para o arquiteto Alberto Lattuada, autor do "Olho quadrado".



As casas perecem, a palmeira sobrevive



O reboque caiu

*Há seis meses passados, Arturo Usai e Francesco Biagi, acompanhados de uma máquina de filmar, ir a Paratí, para rodar um documentário. A sua ambição era aproximar-se da Natureza e do Homem, como Flaherty de "Louisiana Story", sem visar outro fim senão fixá-los no celuloide.*

*Porém, por falta de recursos, ficaram apenas algumas fotografias e motivos para uma história cinematográfica.*

## CINEMA

## Argumento para um filme sobre uma cidade morta

O homem vivia na grande cidade. Comprara uma revista e lera: "Paratí, cidade morta do Brasil, a Bela Adormecida do Bosque. Paratí... onde seria?"

Transportou-se assim, deliberadamente, àquela cidade extinta. Seu espírito estava saturado da grande cidade, irritado com a agitação da vida moderna, esgotado e desgostoso pelos ecos das guerras inúteis e seus ainda mais inúteis horrores. Tornara-se um pessimista, um cínico. Odiava a humanidade, considerava-a uma diabólica expressão do universo e convencera-se de que nada merecia sua consideração. Irritava-o o progresso, as máquinas, os livros, tudo que representasse fruto do espírito e do trabalho humano. A cidade era para ele uma mistura de carne e de cimento. E nada valia toda aquela carne que pretendia pensar, e muito menos aquele trabalho febril dos operários que se agitavam na construção de altíssimos edifícios.

... A bomba atômica!... O último desdramatamento da fúria dos homens tudo destruiria num momento!...

Tudo isso ele vira e lêra naquela revista que reproduzia o excídio de Hiroshima e a explosão experimental de Bikini.

Convencia-se assim de que qualquer expressão da atividade humana era coisa vã. Doravante saberia guardar-se do trabalho, do trabalho que escraviza o homem!... Sobre tudo porque não lhe parecia haver o homem nascido para trabalhar, para agitar-se, mas para contemplar, pensar, viver tranquilamente... e que a Natureza pensasse o resto... Foi por isso que escolheu aquela cidade mor-

ta para seu "habitat". Ali se sentiria à vontade, satisfeitas todas as exigências do seu espírito. Quietos. Silêncio. E o tempo passando muito devagar...

Gozava quase com sadismo a visão daquele cadáver de cidade que fôra um centro ativo e se transformara em nada, inerte, calado, quase vazio. Era como se fôsse o seu patrão, o seu senhor... Na solidão das estradas, nas ruínas de suas casas, comprazia-se em considerar o drama do crepúsculo daquela cidade, daquela cidade nascida nos tempos do advento do ouro...

E ele bem conhecia a história daquela linda região fluminense, daquela velha cidade que alguém classificou romanticamente como "a bela adormecida do bosque". Sabia que Paratí esteve ligada aos melhores momentos da vida econômica do país nos dias do Império. Foi a "Chave" das comunicações entre a Côrte e as famosas "Minas Gerais". O ouro mineiro recebia o seu "batismo" em terras fluminenses. Nessa época Paratí orgulhava-se com o poder das riquezas que transitavam obrigatoriamente nas suas ruas e áreas. Depois, com a rarefação do ouro e o desvio das comunicações, a linda cidade entrou em declínio. Começou o triste crepúsculo de Paratí.

Os seus vastos casarões de azulejos e cobertos de telhas "pombinho", outrora ruidosos e coloridos, foram morrendo. Começou então o profundo sono de Paratí. A idade parou, envelheceu rapidamente, despovoou-se. Desviando-se ainda mais as comunicações, somente o mar permaneceu para ligar a cidadezinha aos grandes centros.

Acabou o ouro do Vale do Rio das Velhas, e a cidade também acabou envolta nas sombras do ocaso: o ouro e a estrada convencionalizaram outro destino...

Assim os caminhos rumorosos e alegres por onde passaram senhoras, cavalheiros, aventureiros e caçadores de ouro, são hoje o império da decadência, terra própria ao capim, pasto dos urubús, agourentos senhores e habitantes da região.

O Homem se satisfazia assim com a confirmação da sua filosofia, com a demonstração concreta da inutilidade humana. Esse era o destino de toda cidade! As inúmeras e imponentes igrejas que resistiam ainda a destruição do tempo estavam mudas e decadentes. A Igreja, a última a ceder, não suportava mais! Os bronzes sonoros, os sinos bimbalhantes, tudo se calara! Para aquele homem era um verdadeiro prazer viver numa cidade, mas longe da multidão, que sofre e se agita. Ficaria ali para sempre, não impressionando-se com a falta de gente, com aquele dez, cinquenta, cem casas deshabitadas. E como era estúpida a humanidade das grandes cidades que se afligia com problemas tão sem importância, de tão fácil solução: as habitações! Problema para toda aquela gente, penoso e capital, resolvido, apenas, quando vinha imiscuir-se num barracão infecto e perigoso equilibrado na Favela, cúmplice da confusão e do desconforto daquela Babilônia. Mas ali, quantas casas! Quantos tetos vazios!... Quanta coisa por fazer! E a terra como é boa e pródiga! Capaz de dar tudo! Capaz de rebentar-se em grãos...

Bela demonstraco da estupidez humana!... E era desta estupidez que o homem ria... Enganara-se porém em alguma coisa. Enganara-se como todos os turistas que não conhecem o Brasil. Enganara-se como todos os pessimistas desta terra. Algo vivia e se movimentava naquelas paragens, um punhado de pessoas, agricultores, camponeses, pescadores,

pequenos comerciantes e outros, todos lutavam heroicamente pela vida de todo o dia, eram afinal homens que não se conformavam com aquele marasma, que reagiam de qualquer forma a essa inexorabilidade histórica e que se agarravam tenazmente  ilusão de um renascimento...

O homem porém, continuava a sentir o inexoravel abandono da cidadezinha. De um lado a floresta a invadia, reclamando o antigo espaco perdido; do outro, o mar, lenta mas terrivelmente, ia cercando-a, inundando-a tôda quando a maré vazava. Uma hidra gigantesca ameaçava aqueles muros!...

E o homem sentia o sabor da tragédia grega e comprazia-se...

De repente, todavia, começou a duvidar da solene tranquilidade de seu espírito quando, com surpresa descobriu à margem do rio solitário uma igrejinha, uma capela em que um padre oficiava a missa. Um rapazelho chamava os poucos fieis agitando uma campanha. A Igreja vivia ainda naqueles ermos! Nunca morreria! Nunca poderia morrer! A igreja ressurgia daqueles destroços e aquele rapaz da campanha repicava pomposamente os sinos...

Mas outras surpresas esperavam o homem. Outro dia viu um garoto com dois livros em baixo do braço. Assaltou-o a dvida da existência de uma escola, dvida que se concretizou quando outros meninos iguais se dirigiam a uma casa grande. Era a Escola! Irritou-se, teve pena da juventude que por tantos anos se embotaria de tanta sabedoria inútil, da mesma sabedoria que conduzira o mundo  bomba atômica! Pobre juventude! Eis que de repente o oceano gigantesco se agita, a maré sobe, a água invade a cidadezinha. Essa manifestao de fôrça alegrou o homem e f-lo retornar à tese antiga: tudo isso era superior à humanidade, aos livros, aos juvenzinhos. E ainda um velho e um menino tentavam conter a água, construir a miniatura de um dique de pedra e de tábuas velhas.

sse esforço vo novamente provocou uma espécie de prazer, fe-lo sorrir ao mesmo tempo em que o irritava. E quando o velho e a criança se afastaram, destruiu o trabalho de ambos, abrindo o caminho às guas.

De outra feita numa das muitas estradas silenciosas, extranha animao aturdiu-o. Emigrantes que se encontravam havia pouco, empenhavam-se em reconstruir uma casa em ruina, enquanto outro menino os espiava... Revia agora aquele rapazelho em aberta campanha com os colonos e parecia-lhe que também le queria aprender a arte da terra! Com seus braços franzinos, sua minúscula fôrça, tentar imitar o trabalho daqueles homens na escavao e no planejamento. Caso perdido o menino! Sim, porque também le queria misturar-se  terra suja e dava-lhe prazer o trabalho!

Não, já não o estimava mais como homem. Outra desilusão esperava a extranha figura dêsse ente: solene, imponente, soou o ruído rítmico de um motor, um trator agrícola de linhas modernas que acabava de chegar e já vinha insolentemente quebrando o silêncio, roncando para ser usado pelos colonos. E como o provavam! Com que prazer, com que admirao acompanhavam as voltas daquele prodígio do engenho humano! E aquele menino, aquele menino danado, como subia no trator, exausto de ventura, fingindo conduzi-lo!

O homem começou a perder a tranquilidade que tanto gostava e que tão cara lhe era. Aquela cidade não lhe convinha mais, não



*As ruas perdem sua importância antiga e acabam sob as chuvas*



*A última pilastra da casa*

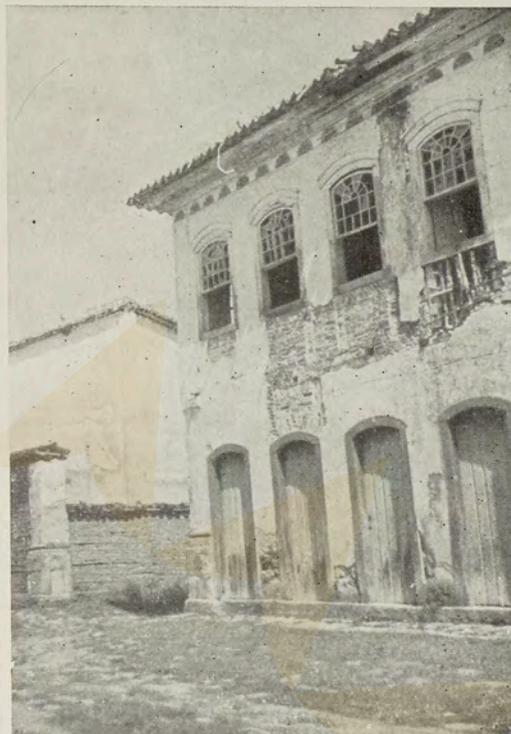
correspondia aos seus ideais. Um dia, dia penoso e decepcionante, chegou  conclusão de que tudo aquilo era insuportavel ao seu caracter e quando sabe de uma comissão de técnicos encarregada da abertura de uma estrada que ligar de novo a cidadezinha  metrópole, fazendo-a tornar, quem sabe, aos áureos tempos de outrora, resolve abandonar aquela região. Sim, porque uma estrada seria o renascimento da vida, o tráfego, o comércio, o movimento, gente que vai e vem, gente nova, cousas novas, a morte de seu isolamento que destruiria para sempre o mito da "bela adormecida do bosque". E que raiava agora daquele menino que bisbilhotava tudo e que se deliciava na sua frente com os petrechos de engenharia que os técnicos trouxeram consigo.

Ah! Mas isso não ficaria assim! Antes de ir embora, aquele tripé que sustentava o teodolito iria rebentar-se de encontro ao chão. Os técnicos não veriam, estavam longe... mas aquele menino!... Ah! menino... Até parece que pressentiu as intences do homem e se postou bem ao lado do tripé como co de guarda!...

O homem desistiu. E afastou-se completamente, abandonou o lugar resmungando contra a humanidade, resolvido a meter-se numa ilha deserta enquanto o seu corao sentia que terra ba, meninos, campos, mulheres e padres fazem muito barulho, que não se terá paz enquanto a luta diária pela existência impedir a morte das cidades...



*Descanço, antes de sair ao largo outra vez*



*Não se ouve mais o passo do homem nesta casa deserta*



*Sômente poucos homens defendem a terra da prepotente invasão do mato*



*E' um grande dia: algumas pessoas na rua principal*

*À espera das chuvas*

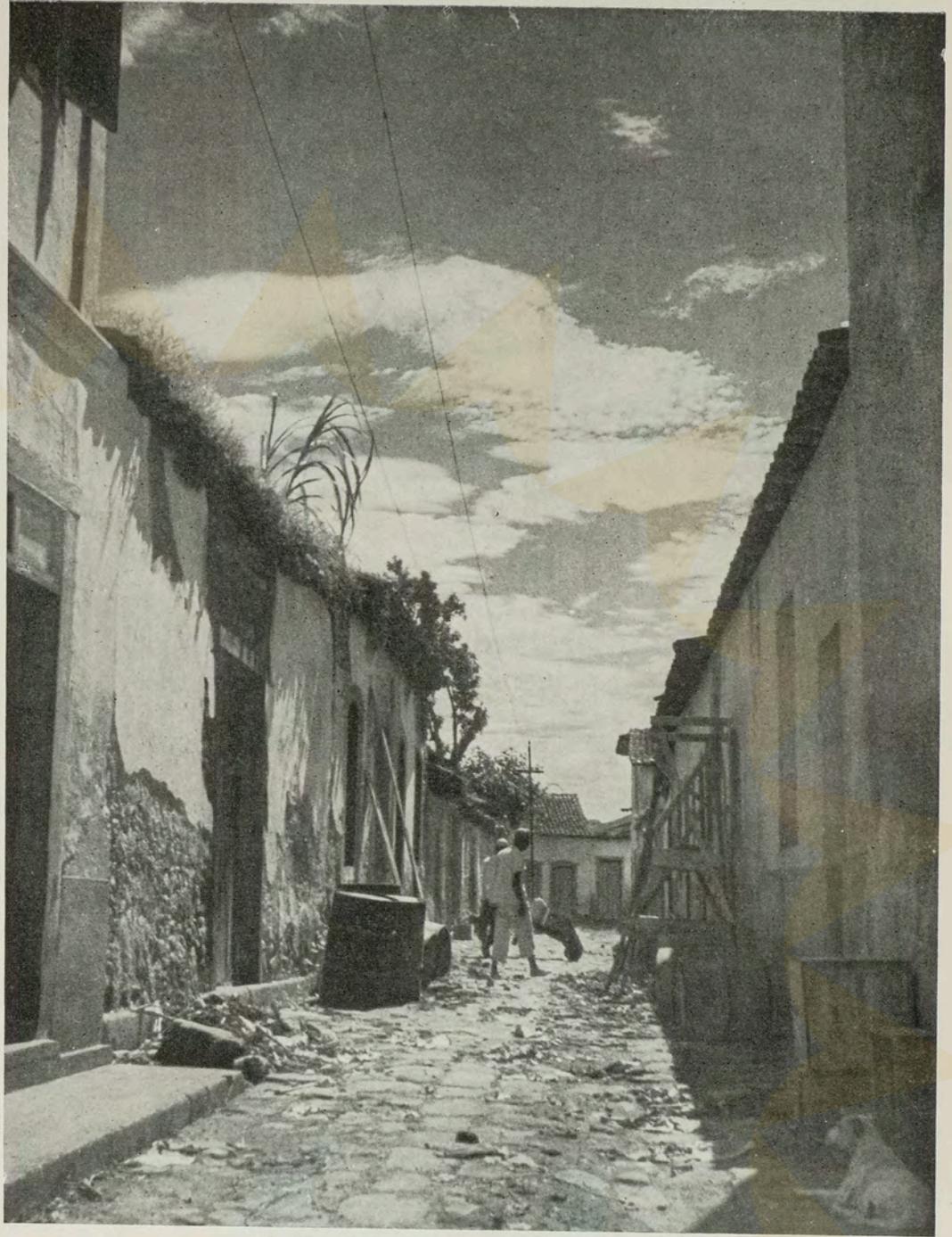


*Grande silêncio*





*O dia se acabou*



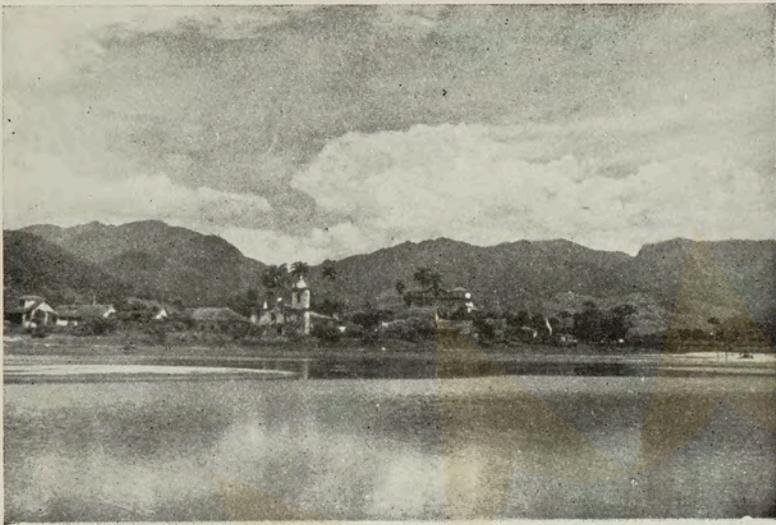
*Cidades antigas que o tempo está consumindo: Parati. Foto para um documentário fotográfico do sr. Arturo Usai*

*Silêncio e abandono*



*Impassível*

*Personagem extraordinária de Parati*



*Paisagem encantadora*



*Recantos de Parati*



*Das casas desprendem-se reboque e pedras, as esquadrias estão roídas*

## Tabú

*Revendo no Museu de Arte o clássico filme "Tabú", de Murnau e Flaherty, pensou-se muito nas extraordinárias possibilidades do cinema brasileiro, livre das rédeas de produtores sem cultura e sem espírito. Quantas e quais as possibilidades dum cinema nacional, aproveitando os elementos extraordinários que a natureza e o nosso povo, em suas diferentes proveniências, oferecem aos cineastas? Todos dormem, até não chegar um estrangeiro que descobrirá tudo*





*Degagé à la seconde (Conjunto Coreográfico Brasileiro)*

## BAILADO

### Notas para uma historia

Nêste artigo desejo, apenas, traçar alguns apontamentos, do meu ponto de vista, para endereça-los a quem mais tarde escrever a "História da Dança no Brasil".

Apesar de a matéria me parecer muito vasta, para ser estudada profundamente, acho que vale a pena pesquisar etnograficamente as três raças, dentro das suas diferentes épocas, num território vasto como o do Brasil, e com isso encontrar coisas mais do que curiosas e de grande interesse para o leigo na matéria. Abordando o assunto, eu dividiria a obra em quatro partes ou capítulos a saber:

- 1) "Dança do Índio".
- 2) "Dança do Negro".
- 3) "Dança Popular ou Folclórica no Passado e na Atualidade".
- 4) "Dança Teatral ou Ballet".

Iniciando com o índio, temos material sobre o interessante à nossa disposição. Remontando a época do descobrimento até a situação atual, encontramos várias tribus ainda pouco conhecidas ou de acesso difícil, especialmente os habitantes limítrofes com Venezuela, Colômbia, Perú e Bolívia. Dividido o assunto por épocas, tomaríamos o conhecimento com diversas tribus já desaparecidas ou extintas. A documentação a respeito pode ser encontrada nos livros dos viajantes, pesquisadores ou exploradores, os quais, durante quatro séculos, percorreram o Brasil, descrevendo os usos e costumes de nossos índios.

A dança do índio na época presente já é

mais fácil de colher e de registrar; até já foi filmada. Atualmente, podemos assistir, por exemplo, as danças "Jakui" e "Urua" dos Kamaiurus; "Aruanan" ou "Huruanã" dos Karajás; "Aroe" dos Bororós, etc., como também conhecemos as danças: "Vrucapi", "Totodidlte", "Guam", etc., das outras tribus. Hoje sabemos perfeitamente que os Chavantes (só os homens), dançam em círculo, as mãos dadas, e que as mulheres Kamaiurá dançam em fila e muitas com a criança no braço. Para completar nossos conhecimentos, bastaria percorrermos Goiás, Mato Grosso, Pará, Amazonas e os Territórios, colhendo, assim, um material bem copioso e às vezes ainda desconhecido.

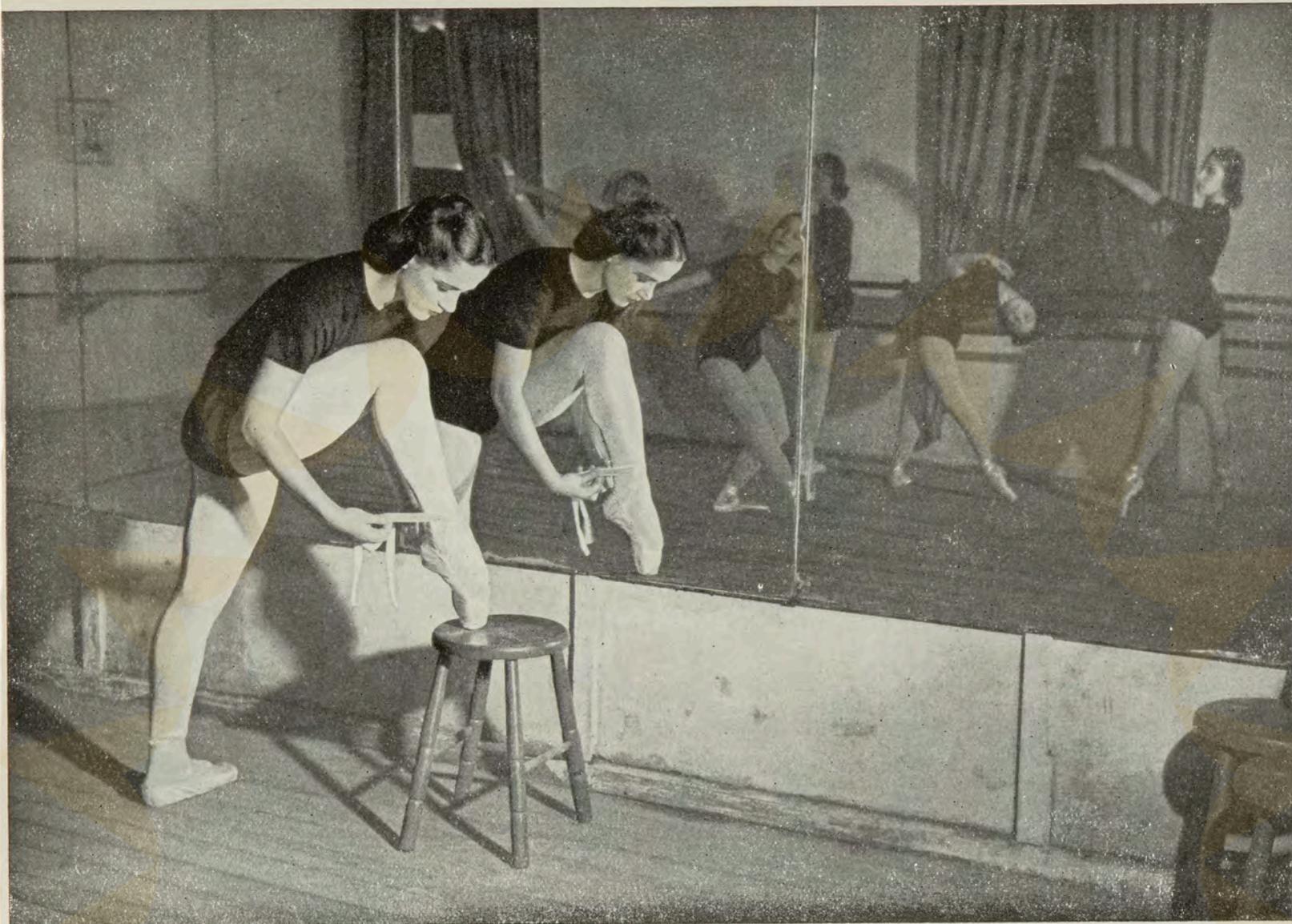
Na segunda parte da obra sugerida, tratando da dança do negro brasileiro a influência africana nos apareceria em toda sua extensão, abrangendo especialmente os rituais e as cerimônias. Atravessando as épocas, desde a chegada dos navios negreiros até aos nossos dias, vamos descobrir muitos usos e costumes já desaparecidos, restando, entretanto, as "Congadas", "Maracatús", "Candomblés", "Macumbas", etc., o que constitui uma fonte riquíssima para ser historiada.

A terceira parte seria consagrada à "Dança Popular ou Folclórica no Passado e na Atualidade". Parece-me a mais volumosa, porque guardada pelas gerações de quatro séculos. E' também a mais tradicional e ain-

*Attitude ouverte (Conjunto Coreográfico Brasileiro)*



da viva. Esta parte já tem os seus historiadores e peritos no assunto. Mário de Andrade, Luís da Câmara Cascudo, Oneyda Alvarenga, Renato de Almeida, Rossini Tavares de Lima, Alceu Maynard Araujo, Dante Laytano, Luís Heitor Azevedo, e tantos outros, que já descreveram nos seus livros passagens preciosas sobre a dança folclórica brasileira, contribuindo, assim, na parte mais importante da acima aludida "História da Dança no Brasil". A respeito dessa "História", é interessante assinalar que os usos e costumes do Brasil são às vezes desconhecidos de uma região para outra. Por exemplo: no norte do Brasil poucos sabem algo sobre a "Tyрана", "Chimarita", "Carangueijo", "Tatú", "Boi Barroso", etc., que são as danças do Rio Grande do Sul. E no sul do Brasil quem conhece os "Pastoris", "Chegancas", "Caboclinhos", "Bumba Meu Boi", etc.? Quem sabe que o "Samba" foi o nome do filho de um príncipe de Faraka na Nigéria Africana? E que "Semba" foi o nome da umbigada, durante o "Batuque", dançada em Loanda, na Angola, de onde talvez se originou o nome "Samba"? E que o "Quissamba" era uma dança guerreira dos feiticeiros negros da Luanda? Que o "Cateretê" já se dançou em 1790 em Cuiabá, é o que nos ensina a "Revista do Instituto Histórico", de São Paulo (volume IV, págs. 220-242). Falando por exemplo do "Frevo", sempre fui combatido quando dizia que o "Frevo" tem passos da dança russa. Agora posso defender-me com fato bem recente. No corrente ano de 1951, durante os festejos de 14 de julho, em Paris, um grupo de estudantes brasileiros saiu na rua, para jun-



"Clos-up" antes da aula (Conjunto Coreográfico Brasileiro)

tar-se aos parisienses, num entusiasmo bem latino. Munidos de pandeiros e outros instrumentos, foram ter ao Boulevard St. Germain a exhibir o "Frevo". Os parisienses, dançando nas ruas, como nos outros anos, acorreram para apreciar a novidade bem movimentada. Mas a polícia não gostou e prendeu os nossos patrícios, supondo que se tratava de... russos...

Que a dança popular no Brasil entrou até nas igrejas, introduzida pelos jesuítas, como atributo do antigo culto católico, informamos no Gentil de la Barbinais que, depois de sua passagem pela Baía, em 1717, escreveu no terceiro volume de sua "Nouveau Voyage autour du Monde" (pág. 216, livro editado chez Briasson, rue St. Jacques a Paris em 1728), falando de si mesmo: "bem ou mal, fizeram-nos dançar. Era, na verdade, muito interessante ver-se numa igreja, cheia de padres, mulheres, frades, cavalheiros, escravos — todos a dançar numa confusão louca, gritando: "Viva São Gonçalo do Amarante".

A quarta e a última parte seria destinada ao "Ballet" ou, como costumamos dizer, a "Dança Teatral". O leigo vai logo dizer que isso é fácil, porque no Brasil o Ballet data de pouco tempo. E' engano, porém. Em nossa pátria, a Dança Teatral ou no Teatro é bem antiga. Já em 1767, o Padre Ventura, homem pardo e corcunda, que era regente de orquestra e diretor da Casa da Ópera, subia frequentemente ao palco, para exhibir-se como bailarino, dançando vestido de ba-

rina. Em 1795, seu sucessor e também diretor do Teatro, Manuel Luís Ferreira, costumava tomar parte nas peças da companhia, apresentando-se como bailarino. Já na Europa, Manuel Ferreira estudara seriamente a dança clássica. E por isso, no palco como na rua, caminhava êle com os pés "três en dehors", forçando a primeira posição básica, quer dizer, juntando os calcanhares e separando as pontas dos pés, bem para fora. No seu livro "História do Teatro Brasileiro", Henrique Marinho assim refere-se a êle: "o português (Manuel Ferreira) sabia melhor dançar e agradar do que o Padre mulato (Ventura). Na companhia de Manuel Ferreira, estreou em 1800 a Bailarina "Rosina", colhendo grande sucesso, assim que os críticos da época chamaram-na "a exímia bailarina brasileira". Em 1813, no Real Teatro de São João, apresentou-se uma companhia francesa de bailados chefiada por Laurence Lacombe, bailarino e coreógrafo, trazendo sua companhia diretamente de Paris. Em 1822, ingressou com a idade de 12 anos, no corpo de baile do Teatro Constitucional Fluminense, a bailarina Estella Sezefreda, mais tarde esposa de João Caetano. Em 1824, José Maria Toussaint, diretor do corpo de baile, no Teatro Constitucional, estreou dia 1 de dezembro do mesmo ano, nos bailados da ópera "Engano Feliz", de Rossini. A esposa de Toussaint dançou os papéis principais na mesma noite. Em 1826, encontramos ainda Toussaint, mas desta vez no Teatro São Pedro de Alcântara, ladeado de sua esposa, de Madame Bourbon e de Mademoiselle Flacaux, como solistas. Em 1829,

Teresa e Yellé Bittencourt depois da aula



Luís Montani, maitre de ballet, e Mr. e Mme. Caton, bailarinos, desembarcaram no Rio, contratados para atuar no Teatro São Pedro, hospedando-se no Hotel do Horácio, na rua Quitanda. No mesmo ano dançou no Rio o bailarino José de Vecchi, o qual mais tarde encontramos na Baía, no Teatro de São João, mas desta vez como empresário, dirigindo a companhia dramática. Do contrato dele com a Prefeitura baiana, queremos apenas destacar a segunda cláusula, na qual consta: "ter duas ou três bailarinas para as exibir nos intervalos". Em 1866 a bailarina francesa Mademoiselle Chatenay, dia 15 de dezembro do mesmo ano, durante o espetáculo "Bela Helena", incendiou suas vestes, dançando perto de mais da ribalta, com os bicos de gás. As queimaduras foram tão graves que Mlle. Chatenay faleceu no dia seguinte, etc., etc. Com êstes presentes apontamentos eu quiz apenas dar uma pequena amostra, de que o ballet era já bem antigo no Rio e que a documentação para isso não faltaria.

Sôbre o Ballet ou Dança Teatral no Brasil na atualidade, a minha estadia de doze anos valeu muito para estudar o assunto "in loco" e mais ainda, para completar o meu fichário sôbre tôda a espécie de dança no Brasil. Como também valeu a minha experiência pessoal com o material humano da nação brasileira, que para mim deu excelentes resultados; por exemplo, minha aluna paulista Pauline Goddard, apresentando-se no exame de admissão para a "American Ballet School", em Nova York, espantou o júri dos professores chefiados pelo famoso Balanchine e abafou com a sua técnica (a qual, portanto, adquirida no Brasil). Pouco depois Pauline brilhou como solista no "Monte Carlo Ballet", dançando no Metropolitan Opera House, ao lado dos maiores bailarinos da atualidade. A segunda das minhas alunas, atuando no estrangeiro, foi Marília Franco, percorrendo tôdas as Américas, na "Companhia de Ballet Russo", do Coronel de Basil, também ao lado dos grandes astros da coreografia. Ainda o meu aluno Wilson Morelli, que levei comigo, em 1943, para atuar na temporada de bailados no Teatro Municipal do Rio, fixou-se definitivamente nos Estados Unidos, seguindo o seu segundo mestre Igor Schwetsof e atualmente está contratado no "American Ballet Theatre". Outro bailarino brasileiro, Adelino Palomanos ingressou já há algum tempo no Ballet da "Metropolitan Opera House", em Nova York e onde se encontra em plena atividade. Até agora todos os quatro bailarinos mencionados eram paulistas. Recentemente — uma das minhas alunas brasileiras — Beatriz Costa de Oliveira (esta é paranaense, de Antonina), a convite de Balanchine estreou em Covent Garden, de Londres, como integrante destacada da "New York City Ballet", dançando assim na Inglaterra e nos Estados Unidos, com bailarinos de fama mundial. Mencionando assim os meus alunos, os quais já dançaram no estrangeiro, devo com êste tema chegar ao ponto culminante, isto é, de citar o "Conjunto Coreográfico Brasileiro". Criado e formado por mim, e composto exclusivamente de brasileiros, êste grupo de jovens dançou em Montevideo e em Buenos Aires, o primeiro a apresentar a arte coreográfica brasileira fora das fronteiras como uma entidade. Orlanda, Yellé, Amélia, Tereza, Beatriz, Adelaide, Myriam, Yeda, Olga, Regina, Ana Maria, Clotilde, Hilda, David, Nilton, etc., já foram tão elogiados que não preciso repeti-lo. Este grupo, formado dos integrantes da "União das Operárias de Jesus", orfanato-educandário no Rio e dirigido por Clotilde Guimarães, me trás uma alusão coincidente. Que o verdadeiro bérço do famoso Ballet Russo nasceu no Orfanato de Moscou, fundado em 1763, o qual mais tarde forneceu ao mundo os maiores bailarinos.

VASLAV VELTCHER



Beatriz Costa de Oliveira, do "New York City Ballet"

## TEATRO

### Jaime Costa

Jaime Costa é, incontestavelmente, um de nossos melhores atores de comédia. E quem o vê no palco, vigoroso, maciço, dominador, poderia pensar nele como no único ator brasileiro de hoje capaz de ressuscitar certos papéis clássicos ou já com uma pátina de classicidade, que foram os cavalos de batalha dos "monstres sacrés" da cena européia do começo do século, aqueles a quem o crítico italiano Silvio D'Amico chama "os grandes matores": um Coquelin Aîné, um Lucien Guitry, um Ermete Novelli; numa gama de personagens que iria de Cyrano a Mercadet e a Shylok. O "physique du rôle", êsse grande trunfo da arte do ator, é o que não lhe faltaria, ao menos.

Mas eis que Jaime Costa faz anos que enveredou — e parecia em caráter definitivo — pelo chamado teatro comercial, decaindo até, por vezes, na pura chanchada. E' que ao lado de Jaime Costa há o empresário Jaime Costa, a segurar o primeiro pela aba do paletó e a coibi-lo de alçar vôo, impondo-lhe modéstia: "Modere-se, moço, e nada de estroinices!" Se algum Pégaso havia no ator, o outro passou-

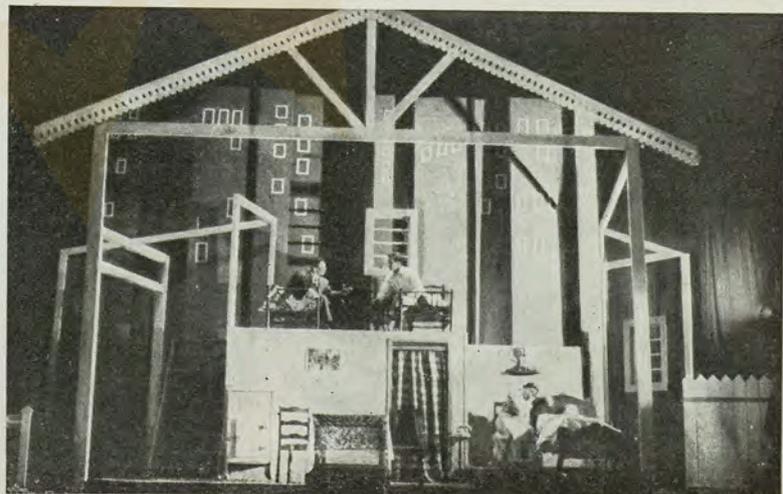
lhe o cabresto para atrelá-lo à carrocinha que leva alfaces ao mercado... Será essa, ainda, por ventura, a condição inevitável de nosso teatro numa sociedade de novos-ricos da guerra e da inflação, onde nada é mais fácil do que substituir, com quinze dias de ensaios, chanchada que cai por outra que provavelmente dará certo, mas onde o insucesso de uma peça de grandes responsabilidades artísticas, que em geral vão de pari passu com as responsabilidades financeiras, pode levar uma companhia à breca.

Mas Jaime Costa, que já tinha louváveis precedentes antirotineiros — ninguém esqueceu suas remotas interpretações de obras como "Anna Christie", de O'Neill e "Così è se vi pare", de Pirandello — resolveu, êste ano, fazer uma das suas: com belo gesto de prepotência e vencendo obstáculos e cepticismos sem conta, levantou de um só golpe o modesto nível da temporada teatral carioca ao montar a "Morte de um caixeiro viajante", de Artur Miller. Um ato de fé no bom teatro, uma esplêndida criação artística e um espetáculo que o redime de muitos êrros e fraquezas. Coragem, ator Jaime Costa, faça outras!

M. d. S.



Dois cenas de "Morte de um caixeiro viajante", no Teatro Glória, do Rio de Janeiro: 1) Jayme Costa, como Willy Loman, numa cena do III ato. 2) O cenário de T. Santa Rosa (numa cena do I ato; em baixo, J. Costa e Norma de Andrade; em cima, R. Duval e P. Monte)



## Correspondência

**G. S.** — Inúmeras são as razões pelas quais não podemos publicar o palacete do sr., e em primeiro lugar pelo fato de escrever-nos que não precisou de arquitetos para construir. Em vista do sr. ser médico, queira nos dizer o que pensaria se amanhã, nós, modestos jornalistas, inventássemos de curá-lo por enriquecimento cerebral.

**D. O.** — Tem se queixado de não publicarmos, às vezes nesta coluna, desenhos de amadores. Por que se queixa dos amadores? Fazem mal aos outros? Por outro lado queríamos saber quem compete a um pintor o título de pintor profissional? A escola certamente não, os críticos tampouco porque não existem, o público ainda menos porque não está em condição de julgar. Deixe sossegados os amadores e, pelo contrário, se conhecer alguém, mande-o aqui.

**D. Z.** — Não pense que os filodramáticos devem ser excluídos dos teatros. Um ator, antes de chegar a sê-lo, deve passar pela fase filodramática. Mais tarde, se possuir o talento, ganhará seu grau de ator; no caso contrário ficará filodramático a vida toda. O T.B.C. se nos afigura justamente formado por atores e por filodramáticos: dois ou três atores e o restante filodramáticos. Fazem o que podem, com muita boa vontade e devem ser louvados para isto. Sem filodramáticos nunca formar-se-á um teatro no Brasil, e será merecimento dos diretores italianos se conseguirem ainda alguns atores, além dos dois ou três que já existem.

**M. de L.** — O nosso ponto de vista sobre o cinema nacional já foi amplamente esclarecido. Somos contra o estabelecimento duma série de funcionários estaduais que conseguiriam somente apresentar a cinematografia nacional. Bastaria um homem capaz de dirigir os institutos que já existem: isto é mandar funcionar as leis que existem, e se não forem apropriadas, reformá-las, melhorá-las ou criar novas. Se fossemos as autoridades competentes exigiríamos dos muitos que se agitam, uma declaração no sentido que nunca se tornarão funcionários

públicos. Talvez acabaria o programa todo.

**C. Z.** — Sim, é verdade. Há artistas que aparecem de repente na cena, que recebem as costureiras quarenta colunas de elogios jornalísticos, com fotografias, entrevistas e tudo, que realizam "uma grande exposição, das que devem ser lembradas em letras douradas nos anais da história da arte", e mais tarde, ninguém mais fala no Fulano, à espera que apareça outro grande Sicrano.

**S. O.** — Tem toda razão: os museus de São Paulo deveriam partilhar suas tarefas, especialmente no campo museográfico. Uma das primeiras coisas a serem providenciadas é justamente a que mencionamos: aumentar a Pinacoteca do Estado de modo que o visitante encontra aí uma coleção completa da arte brasileira. Aquela pinacoteca, num dos mais belos palácios de São Paulo, deveria ser ampliada, tornando-se "Museu da arte brasileira". Os demais museus deveriam ceder à nova instituição o material que possuem.

**O. M.** — Nossa revista não pode publicar sua construção em estilo mexicano. Apesar de toda a simpatia que temos para o México, não é admissível que no Brasil se faça arquitetura mexicana, porque se assim fôr, poderíamos aceitar também arquitetura chinesa ou japonesa; esta última seria ainda justificada pela presença daquela simpática colônia. Siga meu conselho: acabe com os mexicanismos e faça arquitetura brasileira. E se possível, não a faça colonial.

**M. H.** — Quebre o sol quanto quiser em sua casa, mas tenha o cuidado de colocar o quebra sol do lado em que bate o sol, pois do outro lado o quebra sol nada poderá fazer. O quebra sol é uma espécie de vício, é como o fumo. O arquiteto moderno, ou presumido tal, não pode passar sem isto.

**P. F.** — Escreve-nos: "O "Correio da Manhã" do Rio de Janeiro, afim de celebrar seu cinquentenário, publicou uma seção dedicada à cultura, e entre outros enviou a São Paulo uma redator para escrever um artigo e os museus pau-

listas. Na bellissima reportagem a redatora atribuiu ao Clube de Arte Moderna um "Retrato" de Modigliani, que pelo contrário pertence ao Museu de Arte". Sim, tínhamos observado este lapso, que poderia ser uma piada; são cousas que podem acontecer no jornalismo. Porém a tela não foi atribuída a um Clube, mas sim a um Museu.

**B. H.** — Está se pensando em estabelecer um novo museu de arte em Belo Horizonte, por iniciativa do Governo com a colaboração dos Diários Associados. Sendo que este museu de Belo Horizonte será o mais recente dos museus, deveria ser também o melhor organizado. Isto é o que esperamos: um plano orgânico, inteligente, aprontado por pessoas competentes. Esta cidade nova, que já possui renome por ter algumas das mais belas arquiteturas modernas e por ser o centro do barroco do Brasil, deve estudar seu plano, da maneira mais diligente possível.

## Literatos

E' uma pena que a tradução não rende, porque seria engraçado e arrancaria gargalhadas. Leopardi fala num literato, cheio de si, seguro, palpiteiro, etc. Uma verdadeira caricatura dum personagem vaidoso, fátuo, inútil nas letras e inútil nas demais atividades porque somente de letras se enfarinha. E esses personagens encontram-se na universidade, e seu falar, correr para cá e para lá, seus cálculos de pequenos golpes, todo um trabalho meticuloso e calculado não tem outro intuito que o de continuar boiando, agarrados à política, às amizades, e enfim aos vencimentos mensais.

Todos falam bem desse tipo de literato que nunca fez uma linha de preto sobre o branco — sabendo que *verba volant* — e querendo alguém falar dele com reserva, assim se exprime: — Pobrezinho, não incomoda ninguém e quantos são os que prejudicam as Letras? Assim ele continua e estará no caminho de milhares de alunos durante os anos nos quais deveriam aprender as Letras.

## Críticos

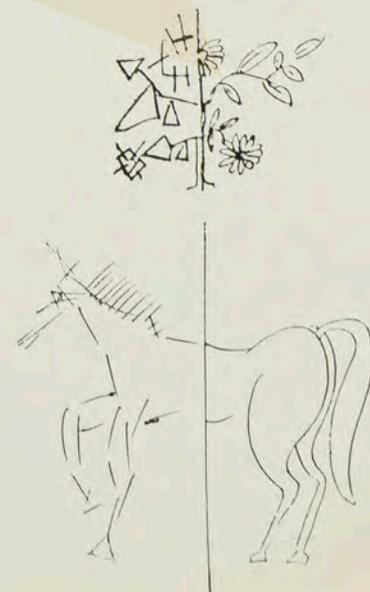
Parece houve o corajoso que atravessou o Oceano para ir ao

Congresso de Críticos. Outro a ser juntada à lista famosa de amáveis senhoras e turistas que fazem parte da Associação dos Críticos.

## Futuro

Há muitos pessimistas a respeito do futuro das artes no Brasil; isto é um absurdo, pois está se reforçando sempre mais o valor das artes, e justamente as artes, por exemplo a nova arquitetura, levam o país a uma posição destacada no campo da cultura mundial. Não há razão para pessimismo, quando se está progredindo com um alento que parece querer recuperar o tempo perdido, e quando a antiga mentalidade das manifestações artísticas amorfas, está se desacreditando sempre mais. O trabalho a ser realizado está apenas no início, e é muito grande. Faltam ainda os conservatórios de música, as escolas, as orquestras, os editores de arte, os críticos e assim por diante, instituições e categorias estas, indispensáveis à criação do clima de arte. Devemos aguardar com paciência e esperar que a geração que agora tem vinte anos, firme sua posição. Enquanto isto, devemos ter fé no amanhã e vencer-nos que o caminho é difícil e comprido. O restante virá por si, automaticamente.

*Flores e cavalo segundo as seções acadêmica e moderna*



## Manual

Queremos transcrever o seguinte trecho do "Manual de la dame aux arts", de Alencastre de la Forteresse (Paris, Dumolard, 1842):

"A senhora, dedicada hoje em dia ao renascimento das artes, deve, antes de mais nada, estar ao par da história das mesmas, conhecer os múltiplos fatos que compõem e determinam esta história, seguir o desenvolvimento do trabalho contemporâneo, saber fazer uma seleção e, sobretudo, uma distinção entre artistas e não-artistas, lembrando sempre que arte é atividade séria, a qual não é possível se aproximar com leviandade. (É claro que nem todas as senhoras dedicadas às artes são outras tantas Gertrude Stein, e por outro lado não podemos exigir que todos os artistas possuam o gênio de Picasso. As exceções são as cúspides desta pirâmide a Tiari, e sejam bemvindas todas as senhoras desejosas de contribuir ao ressurgimento das artes; e se não propriamente ao ressurgimento, à divulgação, à propaganda, à difusão daquelas atividades).

A senhora deverá, portanto, organizar-se da seguinte maneira:

1. Fazer um exame de consciência e decidir-se consigo, se pretende dedicar-se ao incremento da arte por um imperioso desejo moral, por altruísmo, ou se

considera esta atividade útil somente ao seu renome, à ambição de brilhar em sociedade, à sua consideração de senhora.

2. Uma vez resolvido o parágrafo 1, no sentido que a decisão é determinada por um íntimo estímulo do belo, do bom, a senhora deverá escolher um grupo de conselheiros que, sendo muito versados e profundos no tema da arte, possam dirigí-la como deverá organizar-se e o que deverá fazer. Se possível, evitar escolher estes conselheiros entre os assim chamados críticos, em primeiro lugar porque existem poucos críticos no mundo, e em segundo lugar por eles terem sempre idéias prefixadas e pre-estabelecidas; em todo caso, cuidado com os críticos que são artistas fracassados que desabam sua raiva contra os artistas sucedidos, e proporcionam seus amores aos colegas de fracasso).

3. Formando o grupo como no parágrafo 2, a senhora deverá providenciar ao seu salão, com o gosto mais requintado e ao mesmo tempo com severidade, colocando nas paredes telas de mestres, sobre os cavaletes belas estátuas e na biblioteca um interessante conjunto de livros que não seja o costumeiro amontoamento de "numerotés" (gênero fora de moda), mas sim uma biblioteca verdadeira, de maneira que o competente logo perceba que a senhora tem amor à boa leitura e não ambição para encadernações mais ou

menos famosas.

4. Aprontando assim o "templo da arte" como no parágrafo 3, a senhora deverá tomar um caderninho de endereços (não encadernado em couro da Rússia), e deverá perguntar a si mesma (porém com o conselho dos conselheiros): — Quais são as pessoas realmente interessadas em arte? Quais são os artistas? Quais os cultores? Quais os interessados? — Cuidado em não responder às perguntas sem a devida reflexão. Será necessário usar a balança de farmacêuticos e pesar os valores em centigramas. (A este ponto, mais uma advertência: há muitos maníacos, artistas auto-proclamados, que com a repetição continuada deste qualificativo, aos outros e a si mesmos, acabam acreditando nisto. É necessário realmente muito cuidado: deixá-los falar, deixá-los tapear, e por fim afastá-los dos banquetes durante os quais são enfrentados os problemas, graves ou alegres que sejam).

5. Escolhidos, portanto, os sacerdotes do templo, como no parágrafo 4, a senhora passará a organizar as primeiras reuniões, que são as mais difíceis a serem iniciadas as discussões. Terá ela o cuidado de não mostrar de saber tudo, será suficiente ela não abrir a boca para dar uma boa impressão, enquanto não estiver pronta aquela cultura necessária para conversar; poderá neste entretanto distribuir sorrisos, ser-

vir o chá, perguntando se o preferem com leite de cabra ou limão galego, e assim por diante. 6. O restante vem por si e o sucesso depende somente da aplicação dos parágrafos 2, 3, 4 e 5. Especialmente do parágrafo 5.

## Bibliofilia

Está se afirmando, em nosso meio, a bibliofilia. Vêm-se nas livrarias de antiquários, volumes raros, belíssimas edições. No entanto, os bibliófilos são ainda escassos, se considerarmos a importância que vêm tomando os problemas do espírito. Temos que encorajar um número maior de pessoas abastecidas para o colecionismo, e ver que se especializem em campos determinados. A moda das "Brasileiras" é uma bela moda, mas há outros campos de real interesse para os estudos.

## Beneméritos

Notamos com prazer como uma indústria de cristais e porcelanas de São Paulo, Cristais Prado, continua em sua iniciativa de produzir artigos numa forma fora do comum, apresentando sempre modelos de caráter contemporâneo, lindos e elegantes. Este trabalho, que procura caracterizar os produtos num sentido de arte, deve ser apontado como benemérito da expressão daquele bom gosto que contribui ao surgir duma civilização, em que a arte tem um papel de primeiro plano.

## Ministério

O Ministério da Educação e Saúde decidiu dar novo rumo à grande sala de exposições, organizando um programa de mostras dignas do lugar. Esta é uma coisa ótima, porque as exposições que aí se sucediam eram inexplicáveis pela heterogeneidade e arrumação e, o que é pior, pela qualidade. Falta absoluta de escolha e senso crítico presidiam naquelas espécies de feiras organizadas numa sala maravilhosa por parte de assim chamados artistas. Nisto, o Ministério era superado somente pelo saguão do Museu de Belas Artes. Agora tudo isto se acabou e louvado seja o céu. Agora só falta pôr a sala em boas condições de iluminação, inventar um arranjo típico e encontrar belas exposições: isto não é difícil com os meios de que dispõem e com a honra que se proporciona convidando a expor num edifício tão representativo da cultura e da arte. E se publicarem em seguida belos catálogos ilustrados, será possível facilitar a divulgação da arte no Rio de Janeiro. Temos a certeza de que tudo isto será realizado em breve, e disso o público se beneficiará. Rio é, sem dúvida, a cidade com maiores possibilidades para organizar belas exposições, quer pela presença das embaixadas, quer pela vida turística que existe durante quase o ano todo, quer, enfim, pelas belezas naturais que já por si são um espetáculo de arte.

O casal dirigindo o tapeceiro



## Armazenagem

A crítica continua em seu estado crítico, aprontando-se para os espetáculos da Bienal. Está armazenando um monte de adjetivos, a serem distribuídos em partes iguais entre todos os exportadores, de modo que não hajam queixas.

## Arte sacra

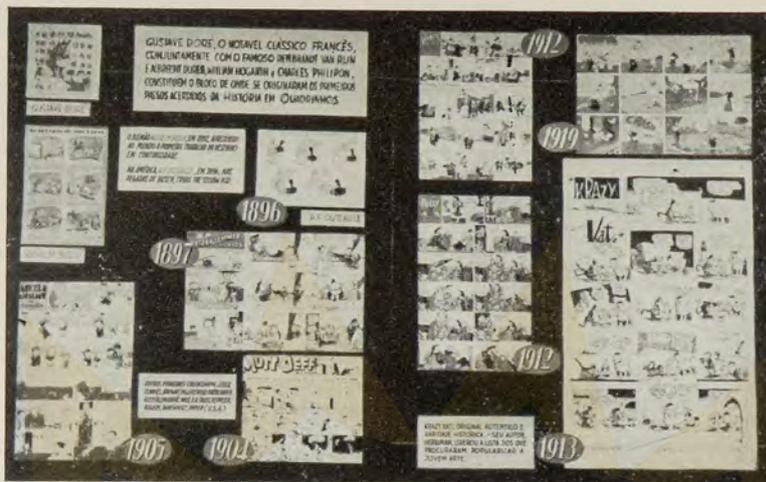
Gostamos muito dos padres do "Angelicum" que foram caros hóspedes do Brasil, oferecendo toda aquela fartura de bela música antiga italiana; mas, por serem justamente nossos amigos devemos falar que a Mostra de Arte Sacra realizada no Teatro Municipal, foi uma das mais memoráveis bagunças artísticas que já vimos. Três quartos das obras teriam podido permanecer na Itália, com benefício para a arte e para a religião.

## Prêmios

Vários artistas pensam que prêmios de arte sejam exatamente aqueles montinhos de cruzeiros que os "mecenas" entregam a um ou outro amigo que com arte pouco se importa, ou que, no máximo, chega a colocar em sua casa uma paisagem do golfo de Nápoles, em cujo primeiro plano vê-se um barco, moços cantando acompanhados pelo violão. Alguns artistas arregalam os olhos, pensam que os prêmios são a recompensa de seu trabalho. Não sabem que o verdadeiro prêmio da arte é a consideração por parte de alguns poucos, aptos porém a julgar uma obra de arte.

## Sérgio

O sr. Sérgio Buarque de Holanda — sem dúvida a personalidade mais destacada no campo da cultura paulista — disse a José Tavares de Miranda ("Fôlha da Manhã", 29 de julho) que, se dividirmos as literaturas em geral em quatro planos, o municipal, o estadual, o federal e o universal, a literatura brasileira estaria no plano estadual, hesitante de passar para o plano federal... Isto, olhando através de seus óculos e aguardando com um sorriso a tempestade, se vier.



Exposição de História em quadrinhos no Círculo Progresso

## Pequena história

Alguns gravadores realizaram no Círculo Progresso uma exposição internacional de "História em quadrinhos" e distribuíram entre o público um "Roteiro" que se inicia com as seguintes palavras:

1.º Bloco  
— Histórico — Produção  
— Arte Gráfica

**Histórico:** Gustave Doré, o célebre desenhista francês e ilustrador da "Gargantua de Rabelais" e outras grandes obras (1833-1883), foi um dos primeiros idealizadores da história desenhada em continuidade. Um pouco mais tarde, Albrecht Dürer, William Hogarth, Charles Philipon. Uma das primeiras idéias a respeito, no entanto, surgiu no século passado com o famoso Rembrandt, entre seus mil seiscentos e tantos desenhos do gênero histórico, costume, paisagens, etc. Depois, Herriman, o criador de "Crazy Kat", e um dos que mais lutou pela popularização da jovem arte, por volta de 1910 e 1913, há uns cinquenta anos, portanto!

Temos que observar que as datas de nascimento e morte dos artistas mencionados devem ser colocadas na seguinte ordem cronológica:

Albrecht Dürer — 1471-1528.  
William Hogarth — 1697-1764.  
Charles Philipon — (Séc. XIV).

Quanto ao grande Herriman, não está ainda registrado em nenhuma história de arte. Neste século grande é Walt Disney, do qual a mostra descuida por completo. A idéia da mostra é boa, pensamos no entanto que quando se pretende um certo esforço do público para ver uma "exposição internacional", seria necessário ler antes um manual, ou não falar então em história, que é uma especialização, como o desenho de história em quadrinhos.

Talvez aqueles gravadores, ótimos moços e bons desenhistas, pensaram que a história não tem importância e que a crítica (dos jornais) é generosa.

## Conservadores e modernos

"Foi aberto pela Sociedade Brasileira de Arte Cristã, um concurso para confecção de uma Imagem do Sagrado Coração de Jesus. A Imagem destina-se a fins de culto especialmente familiar; contudo, serão aceitas obras destinadas ao culto público. Poderão ser enviados trabalhos de pintura (convenientemente emoldurados), esculturas, gravura, cerâmica, vitral, etc., tanto da corrente conservadora como moderna".

Isto lemos nos jornais: — Corrente conservadora e corrente moderna.

## Arrabalde

Há outra urbanística pouco considerada ou apenas considerada: é a urbanística das assim chamadas "vilas" que surgem ao limite da cidade. Os planos são na maioria das vezes traçados pelos corretores de imóveis que, acreditamos, não estão atrás de interesses estéticos muito elevados. Com régua e lapis dividem eles os lotes, sobre os quais surgem sem controle casinhas outro tanto incômodas e modestas. Não poderia o urbanista penetrar no campo das "vilas", obrigar os proprietários de terrenos de tomar mais em consideração o fato que pessoas — e aliás, as melhores porque da classe trabalhadora — deverão morar aí? Não pedimos nada de extrava-

gante a esses bons especuladores de bens imóveis que compram por um e vendem por trinta.

## Saber

Muitas são as piadas sobre um jornalista que pretende passar por um crítico de artes plásticas; a melhor delas, é sem dúvida aquela espalhada por um humanista.

Conta ele de ter encontrado um dia o jornalista na casa duma senhora, numa reunião na qual dever-se-iam estabelecer as bases para grandes coisas. A senhora convidou o jornalista para o lugar mais importante da mesa e, para agradar o hóspede, disse à maneira do oráculo de Delphos, ser ele o homem mais sábio do Brasil inteiro. Este, muito lisonjeado, respondeu: "Agradeço sensibilizado, e respondendo com Sócrates: *Hoc unum scio, me nihil scire*", que traduzido em bom português significa: "Isto somente eu sei, que não sei nada". Comentou o humanista: "Era exato". O coitado não sabia nada.

## Figurinhas

Uma pessoa, pela aparência, homem de negócios e somente de negócios, observando o número de visitantes do Museu exclamou: — Em São Paulo ainda tem gente perdendo tempo atrás de figurinhas.

## "Advertizing"

O gosto está melhorando; em todo caso o gosto das vitrinas está piorando. Não há um só vitrinista em São Paulo capaz de descobrir uma idéia original.

Os vitrinistas folheiam os "Advertizing" americanos e vão copiando à vontade. Mas, o mais interessante é que os comitentes, que não lêem os "Advertizing" americanos, ficam entusiasmados com as realizações.

## Áreas

O desfrutamento do espaço na urbanística é algo de obsedante. Num país tão vasto como o Brasil, no qual deveria considerar-se o terreno com generosidade, assiste-se, pelo contrário, ao seu desfrutamento mesquinho, com espírito sovino e com resultados humilhantes. Reduzem-se mais as áreas das ruas, das praças e dos edifícios, comprime-se sempre mais o homem dentro de caixinhas nas quais os centímetros são desfrutados aos milímetros. Isto tudo leva a amesquinamento da nossa existência que, pelo contrário, precisa de luz, de espaço e de ideais que não sejam os ideais bancários.

Escova de dentes para pessoas aristocráticas



Como alguns críticos estrangeiros imaginavam o Brasil





Diógenes Duarte Paes realizou uma série de aquarelas fixando aspectos do folclore paulista. Estes trabalhos foram exibidos na pequena sala de exposições periódicas do Museu de Arte de São Paulo

### Patrimônio

Por proposta do "Museu de Arte", o secretário de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal constituiu uma comissão para elaborar o ante-projeto da lei que cria o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico do Município de São Paulo.

Através desta revista temos chamado a atenção sobre o descuido com que vêm sendo tratadas as nossas reservas históricas e artísticas que muito poderiam representar para a vida da cidade. Infelizmente atingimos um estágio quase irremediável. Pouca coisa nos resta. Entretanto, não era possível esperar mais. Foi elaborado o projeto de lei que a Comissão entregou ao Prefeito a fim de ser logo posto em execução, depois de preenchidas as formalidades legais. A idéia da criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico do Município foi concebida como uma fórmula através da qual a municipalidade possa concorrer e ampliar os trabalhos da Diretoria do Patrimônio Artístico Nacional, com sede no Rio de Janeiro.

A Diretoria do Patrimônio Artístico Nacional atende a todo Brasil e os seus recursos não permitem resguardar, naturalmente, todos os monumentos e assim muita coisa em nosso Estado se perde pela urgência com que aquela repartição se volta a outros monumentos. O ante-projeto seguiu a experiência da repartição federal, acrescentando alguns pontos que se julgou essencial, inclusive a parte relacionada com a paisagem, arquivos, etc. Segundo o ante-projeto o Serviço do Patrimônio Municipal formará um convênio com a repartição congênere estadual e federal para que cada um tenha sua tarefa previamente determinada dentro da zona urbana da Capital.

### Ainda quadrinhos

Fala-se tanto em educar o gosto, em formar a compreensão

para os fatos da arte, em criar uma geração que aprenda a ver a arte; no entanto, estas novas diretrizes deveriam ser aplicadas desde a idade mais tenra e maleável. É necessário começar com as crianças, nas quais as primeiras impressões marcam e determinam seu desenvolvimento, também no sentido do gosto. As leituras ilustradas que hoje em dia a elas vêm sendo oferecidas, não são por certo as mais apropriadas para dirigí-las no caminho avontado pelas escolas artísticas. Para elas são redigidas leituras e ilustrações, nas quais o gosto encontra raramente lugar: as ilustrações especialmente, que assumem uma importância singular nas simplificações das obras clássicas da literatura para a mocidade, estas histórias em quadrinhos que não exigem esforço e concentração nenhuma e que acabarão tornando iletrados os nossos filhos. Qual é a criança que empreenderá a leitura dos Três Mosqueteiros ou da Cabana do Pai Tomaz, se lhe são proporcionados em edições reduzidas a cinquenta páginas de quadrinhos? A fantasia, este dom maravilhoso das crianças, irá se atrofiando aos poucos e seu gosto futuro será moldado pelas primeiras figuras que prenderam sua atenção. Agora, porque não ativar, pelo contrário, suas possibilidades inventivas? Não seriam elas mais felizes se lhes fosse oferecido novo material sobre o qual enredar o mundo fantástico e irreal que todas elas espontaneamente possuem, e que é mais ou menos desenvolvido segundo a faculdade imaginativa de cada um.

Existem ainda, felizmente, por entre as pessoas "sérias", algumas que a elas dedicam mais do que os cuidados básicos: aquelas que pensam no prazer da descoberta que as crianças têm em contacto com o mundo tangível, e naquele prazer ainda mais sutil quando seu "humour" é despertado. Animais imaginários, fantásticos, histórias desprestigiando os contos tradicionais, desfechos imprevistos, são o de-

leite das crianças. Mas nisto, o gosto dos pequenos leitores deve ser pelo menos acertadamente dirigido, uma vez que na corrida da imaginação e da fantasia eles ganham de nós.

### O Cosmo cômico

Por entre os demais premiados da Bienal, há também um trabalho de Willi Baumeister, o notável pintor alemão. O título do trabalho premiado é "Gesto cósmico"; no entanto, no catálogo oficial lemos: "Gesto cômico" (pág. 182).

### Senhora

Uma senhora, recusada como pintora na Bienal, pediu-nos de examinar sua pequena tela. Nós a examinamos com todo prazer, constatando que o pequeno parto não era inferior de partos normais dos pintores que integravam a comissão julgadora.

### Cursos

Recebemos o seguinte convite: "V. S. e Exma. Família estão convidados para assistir a um curso, no local da exposição internacional de arquitetura, sô-

bre os temas: "Exposição", "Arquitetura", "Internacional".

### Debilitaram

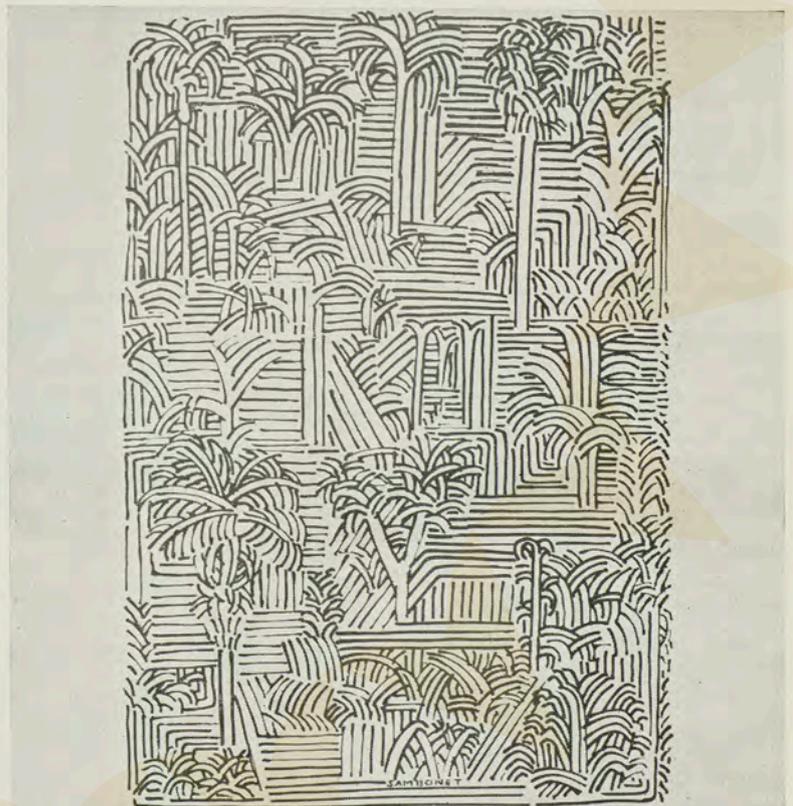
Eis um reclame algo original que vimos publicado num programa do Teatro Municipal:

"Lembrai-vos dos artistas velhos. Torne-se sócio mantenedor da "Casa do Ator" onde estão abrigados os artistas que em sua mocidade, debilitaram seu espírito.

Informações: Rua Conceição, 58 - 4.º andar - S. 409."

### Gatos

Os gatos (de quatro patas) do Teatro Municipal de São Paulo, além de caçar ratos que devem ser numerosíssimos naquêlo local, manifestam-se com miados demorados quando a orquestra toca. É claro que seus miados não são ouvidos durante os fortíssimos da orquestra; os gatos então, para serem ouvidos, gritam durante os piano. O público goza; o que é menos agradável, é o cheiro dos gatos para os que sentam nas primeiras filas de poltronas.



VISITE O MUSEU  
DE ARTE  
DE SÃO PAULO  
RUA 7 DE ABRIL, 230

Há os que procuram prestigiar a contribuição da arte contemporânea no cartaz. São homens de larga visão afeitos ao que diz respeito à educação do nosso povo. Veja-se o caso da "Graphicars F. Lanzara S/A" ao doar ao "Museu de Arte" dez mil cópias, primorosamente executadas, dum belo cartaz desenhado por Roberto Sambonet, diretor dos cursos de desenho do Museu.

## Espírito de porco

O sr. Quirino da Silva escreve no "Diário de São Paulo":

"Há sempre, em nossa terra, a tentar agredir as grandes realizações, pessoas que comumente chamamos de "espírito de porco"; armados de um vocabulário próprio dêsse "espírito" atiram-se sistematicamente à aventura — e, aventureiramente, procuram acutilar as coisas realizadas, certos de que poderão destruí-las, ou pelo menos impedir-lhes a gloriosa marcha. A carência de isenção de ânimo preside-lhes às assembléias, perturbando-lhes o raciocínio, impondo-lhes dêste modo um juízo pequeno diante das grandes coisas!

"Sabemos que são infelizes, incapazes de se elevarem mesmo quando se trata de erguer, de levantar-se o nível cultural de um povo que ainda ontem quase nada contava na enorme soma espiritual, em conjugação com outros povos evoluídos. São pessoas apegadas a migalhas, que sacudidas, janelas a fora, após o excelso festim do espírito, nada representam."

## Cabelos em dois

"Habitat" não está se dispondo a partir em dois o chapéu da arte. Sua ambição é, pelo contrário, contribuir a divulgar um pouco de bom gosto, onde o mau gosto é firmemente parafusado. E' porisso que hoje tocamos o problema das vitrinas, entregues à capacidade dos assim chamados vitrinistas, ótimas pessoas e em absoluta boa fé, que todavia nunca ouviram falar de bom gosto, de arte, de estética e assim por diante. Publicamos alguns exemplos de vitrinas que nos parecem não acertadas, sem porisso absolutamente infirmar a capacidade profissional de um ou de outro. Queremos pelo contrário convidá-los a refletir no assunto, a colaborar conosco para melhorar a vitrina e por conseguinte, a beleza das ruas da cidade. Sabemos que os verdadeiros culpados das vitrinas sem critério são os proprietários das lojas: mas mesmo eles não têm culpa, porque, com raras exceções, nunca pensaram que existe um problema de estética também na arrumação duma loja, duma vitrina.

## Obrigados

A propósito de conselhos: muitos nos oferecem seus conselhos. Obrigados, sabemos errar sôzinhos.

## Moral

Até que a propósito da Bienal, os interessados na polémica falarão de duas maneiras

1. maneira de falar em particular
2. maneira de falar em público não se chegará a nenhum esclarecimento sério do problema. A coerência da gente, isto é, a dignidade da própria coluna vertebral é muito mais importante que a arte. Porque não há arte sem moral.

## Conselhos

O primeiro fato a ser estabelecido no campo das artes é a cordialidade entre as pessoas que a elas se dedicam como profissão e como amadorismo, é o respeito para com os outros, numa palavra, o senso da civilidade nas relações. Se não houverem relações cordiais entre os artistas, os críticos (mesmo os de corda), os coitados de gatos pingados que de vez em quando — escondidos de suas esposas — compram um quadrinho, etc., não é possível lançar as bases para um plano de ação para as artes. Clubes e clubezinhos, bares e barzinhos, salões e salãozinhos (à sombra daquelas decorações que invocam vingança), todos eles não devem mais ser sede de pequenas brigas e mexericos, devem se tornar, pelo contrário, academias de belas e altas discussões.

E para êste fim, aconselhamos antes de mais nada lêr o livro "Como portar-se em sociedade".

## Registro

Para seguir as idéias de muitos, deveríamos publicar nesta revista as fotografias de todos os trabalhos premiados. Êsses muitos pensam que temos dinheiro para jogar fora com os clichês.

## Defesa

Se a campanha contra o sr. Francisco Matarazzo Sobrinho continuar dêsse passo, teremos nós mesmos de resguardá-lo. E' um fato já estabelecido que as coisas da Bienal não correram como tinha-se esperado; mas agora, não se exagere: o esfôrço do sr. Matarazzo foi colossal, e com o mero palavrear dos muitos palpiteiros não se teriam estabelecidas as bases para uma atividade artística de plano internacional, em São Paulo. E é bem porisso que subscrevemos de pleno acôrdo as palavras, devidas a um dos mais apaixonados solidários da obra do sr. Matarazzo, que está sacrificando tempo e nervos para o renascimento das artes, novo Lourenço Magnífico.

## Medalha de ouro

A medalha de ouro de Habitat, êste trimestre, vai ao sr. Arturo Profili, que obteve o máximo de publicidade no mundo para a Bienal de São Paulo. Uma medalha de prata ao compilador do número único da "Última Hora", dedicado à Bienal. A costumeira medalha de latão não foi conferida.

## Mesa redonda

Sim, queremos fazê-la, também para estabelecer que uma mosca levantou o vôo; mas antes de abrir a bôca, rapazes, vejamos se não falamos bobagens.

## Críticos de 1.ª, 2.ª, 3.ª

E' assim que um dos artistas premiados na Bienal chama (*O Tempo*, 4 de novembro) os críticos que conferiram os prêmios da mesma, afirmando que, para julgar acertadamente, eram necessários críticos de 1.ª categoria.

Pode-se dizer, sem medo dum desmentido, que, por exemplo o inglês Eric Newton, não é crítico de importância igual à de Read; que o italiano Marco Valsecchi está no início de sua carreira; que J. R. Brest é partidário do abstracionismo; que o americano René d'Harnoncourt é somente diretor de Museu; que Lassaigue não é Cassou; e assim em seguida. Mas não se deve subavaliá-lo o juri, e pelo contrário agradecer que personalidades estrangeiras tão eminentes vieram aqui a fim de contribuir, de alguma maneira, para o sucesso da grande manifestação. Por outro lado pensamos que nem sequer um dos artistas brasileiros premiados seja capaz de dar uma opinião sobre a crítica e os críticos: porque nunca leu as páginas, nem dos grandes nem dos menores críticos europeus, porque não resulta que por entre os premiados haja políglotas capazes de ler inglês, francês e alemão, possuindo um preparo filosófico, histórico e crítico de estar à altura de julgar. Por outro lado, pensamos, chegou a hora de não atirar pe-

dras e esconder o braço: de nossa parte, convidamos o artista premiado, que sabe tão bem dividir os críticos em

Críticos de primeira categoria  
Críticos de segunda categoria  
Críticos de terceira categoria  
o convidamos, dizíamos, a sair do incógnito e fazer uma conferência sobre a crítica contemporânea.

Nós, do auditório, pediremos apenas o seguinte: que escreva na pedra os nomes dos críticos que conhece e os títulos de seus livros que leu, possivelmente sem êrros de ortografia.

## Sic

Num alto panegírico, mais do que merecido, dedicado ao casal Matarazzo, panegírico ao qual não faltaram belas vibrações post-futuristas, o nosso caro Flávio de Carvalho falou também no "homen sapiensis". Talvez, nosso Flávio foi arrebatado no ímpeto oratório pelas recordações de várias reformas da língua, e não lembrou que devia dizer "homo sapiens", que é a terminologia científica com que Carlo Linneo (1707-1778) em seu "Systema Naturae" indica o animal homem, em contraoposição ao "homo sylvestris", que é o macaco. Pode-se concluir daí que "homo semper in os fert aliud, aliud cogitat", como dizia Publílio Siro, o espirituoso histrião cesáreo.

A sra. Paulo Franco visitando o novo *Re-noir* adquirido pelo Museu de Arte de São Paulo, em Paris



## Valladares

José Valladares, o distinto diretor do Museu Histórico da Baía, autor de um belo livro sobre os museus como instrumentos de cultura para o povo, acaba de publicar uma coleção de artigos de jornais de sua autoria sobre temas de arte: "Dominicais, crônicas de arte", com prefácio de Eugênio Gomes, editora Caderno da Baía, Baía. Trata-se de observações sobre assuntos diversos e ocasionais que refletem a vida de sua cidade sob o ponto de vista da arte: pintores que lá realizaram exposições, salões, trabalhos executados por artistas, ensaios, e também notas de viagens no estrangeiro. No Brasil, costuma-se reunir em forma de livro os artigos de jornais, e podemos afirmar que estes de Valladares, apresentados nesta forma, demonstram coerência e continuidade.

## Pedrosa

Se há um escritor no Brasil que se dedica ao estudo dos problemas da arte com profundidade, com ânsia de penetração, com inteligência e, sobretudo com visão do contemporâneo, da melhor contemporaneidade, este é Mário Pedrosa.

Para este escritor as artes representam um complexo unitário a ser considerado junto, sem limite de espaço e de tempo; vale dizer considerar a arte no seu desenvolvimento histórico, como resultado de história; dando ao julgamento da arte atual já um valor de história. Em suma, o crítico de arte — quando o atributo não lhe é dado por ele próprio ou por um grupo complacente de amigos, ou, o que é pior, por um instituto — é alguém que vê com os olhos do futuro. A obra de arte é sempre futura, disse Leopardi, e razão portanto, para que o crítico saiba descobrir este "futuro".

Pedrosa, quando vai à Europa, não se fecha nos cafés do lado de cá do Sena (caso grave: eles sempre surgem em torno das Beaux-Arts, fabricantes de artistas na incubatriz acadêmica), mas viaja pelas cidades em busca dos estúdios de história de arte. Foi assim que um dia Pedrosa pediu uma apresentação para Giorgio Morandi. Ele tinha visto aqui algumas pinturas do "pintor das garrafas" e queria a qualquer custo empreender viagem e ir até Bolonha, para se encontrar, como relatou na volta, dentro do mais modesto apartamentozinho daquela cidade, com uma saleta de visita tipo operário, pouca coisa, um velho relógio, uma toalha sobre a mesa. Mas, em compensação, em presença da mais alta consciência de pintor que vive hoje no mundo. Pedrosa foi um dos primeiros críticos americanos a compreender Morandi, antes que os telegramas U.P. anunciassem que, tendo ganho um prêmio em Veneza, podia ser reconhecido pintor (depois que o "Time" publicou a meia página, então, quanta gente procurou quadros de Morandi na Itália: bolas para as vítimas das grandes revis-

tas). Pode-se apreciar ao mesmo tempo Morandi e as fantasias engenhosas de Calder; e pode-se gostar também dos primitivos italianos. É este o modo de compreender: o crítico não deve andar com viseiras iguais às dos cavalos.

O intérprete, o apreciador, o ilustrador, o esclarecedor da produção artística é alguém que dispensa senhores, sempre pronto a compreender, a introduzir-se no pensamento alheio. E esta parece ser a verdadeira arte de Pedrosa: compreender, não por meio da cultura apressada, mas por meio de ideais afins, de sentimentos adequados, de paixões comuns com os artistas.

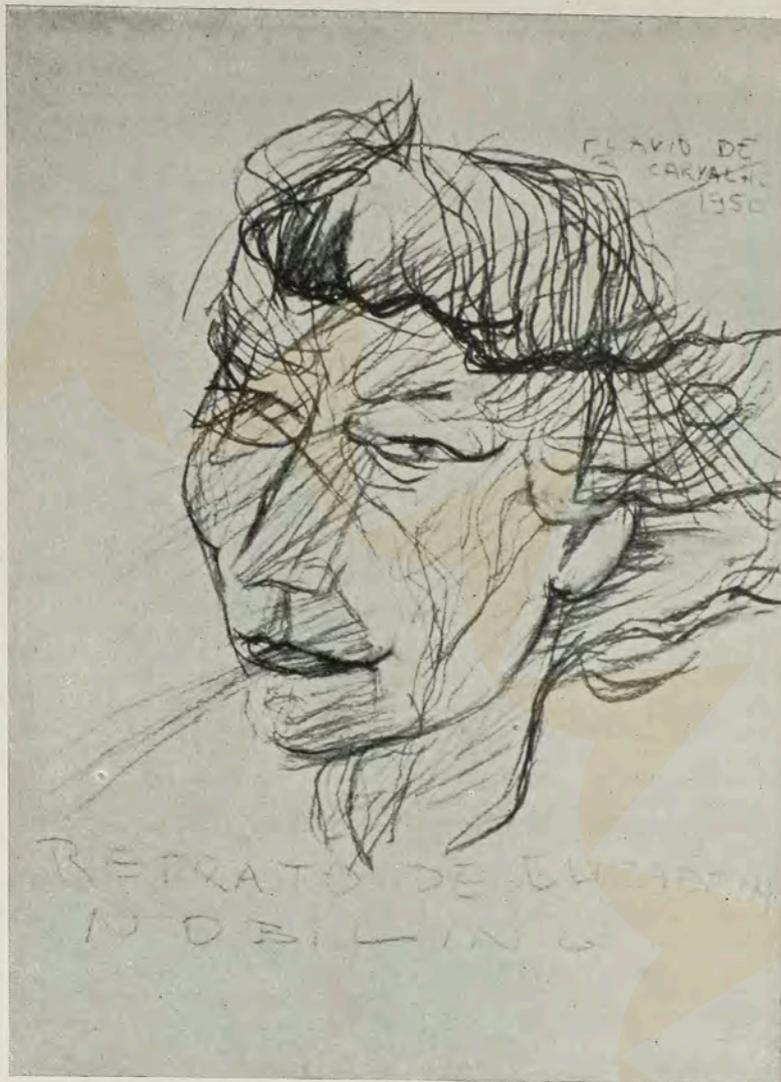
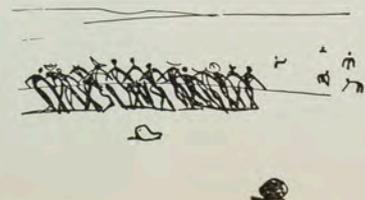
Existe sempre uma elegância de constatação no modo de observar de Pedrosa; mas ele tem a faculdade rara de pôr de parte, à primeira vista, o inútil, o desagradável, o destoante, para colher um dado positivo, íntimo, frequentemente o que salva um artista ou uma obra. O julgamento, ainda quando polêmico, é bem expresso, pensado e somente em casos indispensáveis, irônico. E o estilo, o prazer de escrever bem a própria língua, a inclinação literária sem malabarismos mas vigilantíssima, contribuem para valorizar as suas crônicas de arte, que não leremos mais no "Correio da Manhã", uma vez que Pedrosa deixou este jornal.

## Duplex

Costumamos levar tudo à brincadeira; porém o caso de separar os Salões em Seção Moderna e Seção Acadêmica é realmente um caso sério. Um caso de pesquisa patológica. Imaginem se houvessem tais seções em outras manifestações, digamos, no campo da medicina ou da física: os físicos da seção moderna levariam a sério Einstein, os da seção acadêmica zombariam dele e da fórmula atômica.

## Hoteis

Recomenda-se aos arquitetos que estão para construir hotéis, de não esquecer no projeto uma bonita sala de espera para os hóspedes, uma sala espaçosa e agradável, que não seja aquela salinha na qual, atualmente, na maioria dos hotéis, amontoam-se os balcões da recepção e da portaria, os elevadores, o depósito das bagagens, e até as vitrinas de publicidade e as bancas de jornais: graças a Deus que ainda não se fritam aí os pastéis.



Desenho de Flávio de Carvalho (Galeria Domus)

## Primitivos

Um teórico, para nós muito caro, Gian Paolo Richter, diz que a imaginação produtora, vale dizer a fantasia, pode construir seu mundo infinito com os fragmentos do mundo finito, porque guiada pelo "anjo da vida interior", elemento divino que vive em todos os homens e lhes ensina um outro modo de contemplar a vida e o mundo. Nos pintores assim chamados primitivos esse anjo da vida interior suscita emoções puras, e os fragmentos recompostos são sempre apresentados com delicada capacidade poética. Bem se entende que Frei Angélico possuía o anjo mais benigno descido do céu; Caravaggio um demônio em vez dum anjo. À cada qual o seu anjo. A José da Silva, por exemplo, o mais ingênuo e modesto dos anjos. É por isso que Silva, assim, com esta sua invasão, é um apelo a pensamentos críticos fora do comum, que vão além do tema da "pintura dominical", para atacarem o problema da arte nos seus aspectos mais atuais e universais.

Alguns dos assim chamados críticos, daqueles que têm a face cheia de lividez e a bílis extravazando nos olhos, gritaram até ao escândalo contra a importância que damos aos pintores primitivos. Mas eles estão entre os poucos pintores dignos desse nome.

## Transformação

Muitos pintores acadêmicos (daquêles que não conseguem abandonar o hábito languido de pintar, sem paixão, sem "frisson") imaginaram de passar ao abstracionismo; esses pobrezinhos pensam que ninguém perceba que continuam acadêmicos.

## Pergunta

Dirigimos ao Prefeito a seguinte pergunta: Não pensa que seria necessário instituir uma comissão para salvaguardar o decoro arquitetônico da cidade, para evitar, pelo menos que os mais estrambólicos projetos estilísticos (de estilos os mais incríveis e mais sem sentido inventados por uns coitados desenhistas arquitetônicos) sejam aprovados?

Um País, com a fama de ter os melhores arquitetos do mundo, deveria considerar seriamente o seguinte fato: para cada bôa arquitetura executam-se mil horrosas.

São Paulo deve ser uma cidade harmoniosa, exemplar do ponto de vista arquitetônico.

## Coragem feminina

A coragem das mulheres é grande, todavia a palma é para as mulheres pintoras que tentaram participar em massa da Bienal, com seus belos quadrinhos, ao lado de Matisse e Picasso.

## Cafagetismo

Transcrevemos do "Estado de São Paulo" (23 de outubro):

"Uma questão de ciúme primário foi a causa de uma "gaffe" incrível, durante as festas de inauguração da Bienal. Dentre os convidados a assisti-las, figurava o sr. E. Faure, ministro da Justiça da França, que, acompanhado da sra. Faure, veio especialmente a São Paulo. Acontece, porém, que os organizadores da Bienal, tratando-se da terceira autoridade do governo de um grande país, solicitaram ao Itamarati pusesse à disposição do ministro um dos seus funcionários graduados, que o acompanhasse a São Paulo. Isto se fez, mas foi o bastante para que se sentisse profundamente ofendido um funcionário, nomeado aliás pelo sr. A. de Barros. Esse funcionário jurou vingar-se contra o que interpretou como uma ofensa enorme feita a sua pessoa, e a vingança, em vez de recair sobre o Itamarati ou sobre a direção da Bienal, foi atingir a pessoa do próprio ministro nosso hóspede, alvo preferido por esse estranho servidor do Estado. De fato, tratando-se embora de uma altíssima autoridade estrangeira, o Governo do Estado deixou completamente abandonado o ministro Edgard Faure, ao ponto de este ter permanecido durante 45 minutos perdido na multidão à entrada do Trianon, sem poder entrar no recinto onde se realizava a cerimônia de inauguração da Bienal. Não ficou aí a desconsideração feita ao hóspede ilustre. O ministro Faure ficou abandonado em seu hotel, sem que aparecesse ninguém para ao menos orientá-lo em sua permanência em S. Paulo. Qualquer pequena autoridade tem direito a um oficial para acompanhá-lo, receber uma visita, e convidado a tomar contacto com as autoridades; mas nada disso aconteceu, porque o melindroso funcionário estava "queimado" com a presença de um membro dos quadros do Itamarati que ele mesmo classificou de intruso em terras de sua alta jurisdição. A história tem ainda o seu seguimento. Dada uma queda brusca da temperatura, a sra. Faure foi acometida de um violento resfriado que se transformou numa crise gripal, sendo obrigada a guardar o leito com febre alta. Nem isso amoleceu o coração duro do amigo do sr. A. de Barros. O ministro continuou abandonado, assistido apenas por representantes do Consulado francês, do representante do Itamarati e por alguns amigos particulares que possuía nesta Capital. À vista de tanta desatenção, que atingia menos à sua pessoa do que o governo que representava, resolveu o ilustre político francês não comparecer a nenhuma outra cerimônia, retirar-se de São Paulo e regressar ao Rio de Janeiro. À hora mesma em que deixava o hotel, dignou-se o supra dito funcionário ali aparecer, para engrolar um arremedo de explicação, dando como responsável por tudo o Itamarati, que invadira as suas fun-

ções, não tendo sequer avisado oficialmente o governo de São Paulo da chegada do ministro.

E' possível que ao nosso Ministério do Exterior caiba alguma responsabilidade, por não ter notificado o Governo do Estado oficialmente. Mas era motivo para a ofensa feita ao nosso hóspede, que nenhuma culpa tinha disso? Mais ainda. Dadas essas desculpas esfarrapadas, retirou-se esse importante representante dos Campos Eliseos, deixando que o ministro partisse só, pois ao seu embarque compareceram apenas cinco pessoas: um representante do Consulado Francês e mais quatro amigos particulares, que poderão dar testemunho das incríveis desconsiderações sofridas em São Paulo pelo ministro da Justiça de França. Especialmente convidado para aqui assistir a uma manifestação de cultura, foi testemunha apenas da mais lastimável prova de falta de educação, de descortesia, íamos mesmo dizendo de cafagetismo, que poderia dar alguém ao desempenho de tão delicado cargo." Tudo seria resolvido se fosse cancelado o cargo de chefe do cerimonial; ou procurar um chefe de cerimonial à altura.

## Prêmios

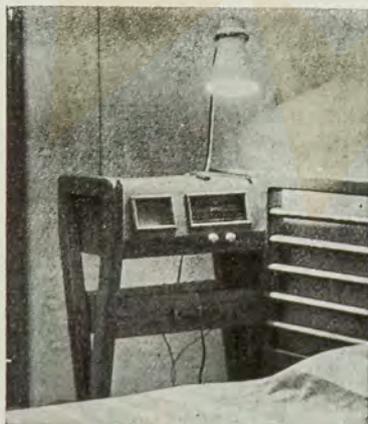
Todos protestaram por motivo dos prêmios da Bienal, com exceção dos premiados. Mas isto sempre foi assim. Por outro lado os expositores deveriam ter declarado que não pretendiam participar dos prêmios, querendo evitar o risco do julgamento.

## B.

Houve grupos que esperaram numa campanha contra a organização político-administrativa da Bienal, a fim de atacar a arte contemporânea. Isto não é justo: a arte deve ser julgada por si mesma e não em virtude de quanto a rodeia.

## Cogumelos

As academias de arte surgem como os cogumelos, e assim também as escolas de arte, por correspondência e pelo telefone. Todas elas prometem fazer um artista em seis meses. Quantos peixinhos caem na rede.



Boa solução para um rádio, do arquiteto José Scapinelli



Há pouco que estava lecionando no Museu de Arte, no curso do Instituto de Arte Contemporânea, um amigo caríssimo, o engenheiro agrônomo Mansueto Koscinski, que tinha inaugurado uma série de palestras sobre as florestas. O que tinha que ver esse ensino com os cursos para os jovens que um dia escolherão a carreira de desenhista, criador de formas, industrial, ou a das manufaturas ou das artes visuais, não aparecia muito claro aos alunos; quando todavia o sr. Mansueto começou a explicar como era a vida duma floresta, o que queria fazer, de uma árvore, quando vivia, como se reproduzia, como respirava e assim por diante, o modo com que o professor falou da natureza, era insólito e riquíssimo de poesia. Mansueto, agora morreu, e essa fotografia, tirada por um aluno, justamente no dia da aula de que falamos, no meio dos alunos, é a lembrança que dele temos. E à viúva dele exprimimos nosso pesar.



A convite de Villa Lobos, o Quarteto Haydn, do Departamento de Cultura dará um concerto no Ministério da Educação no Rio de Janeiro. Irão tocar, em primeira audição, o XII.º quarteto de Villa Lobos e também um quarteto de Vieira Brandão. Em novembro, o Quarteto Haydn iniciará uma série de apresentações no "Museu de Arte", concorrendo assim para difundir a música contemporânea, conforme o programa que vem desenvolvendo a instituição. O Quarteto é formado por Gino Alfonsi, primeiro violino; Alexandre Schaffman, segundo violino; Johannes Oelsner, viola e Calixto Corazza, violoncelo.

## Domeneghini

Faleceu no ano passado em Bergamo (Itália), o pintor Francesco Domeneghini, aos 90 anos de idade. Soubemos através da sua biografia que ele trabalhou, quando moço, no Brasil, executando inúmeros afrescos para Igrejas. A redação de Habitat teria grande interesse em saber onde e quando este pintor trabalhou. Pedimos aos que tiverem informações a respeito de nos comunicá-las.

## Cocktail

Entre um cocktail e outro, a arte moderna conquista partidários, e os organizadores de banquetes e festins aumentam seus lucros. Fazia-se a seguinte observação, numa roda de pessoas não tolas: Se todo o dinheiro gasto em recepções inúteis tivesse sido revertido em aquisições, os artistas, sim, que estariam contentes.



Ex-namorados num café

## Encencas

Há artistas que, em lugar de trabalhar, de passar o dia todo com sua arte afim de servir aos outros e por consequência a si mesmos, não pensam em outra coisa a não ser encencar. E encencam mesmo, como um elevador Otis, cabeçudos, não querendo funcionar direito.

O artista deveria ser mais delicado, mais *à la page* com a normalidade da vida, mais suave, pensando em ser, enfim, menos esquisito.

## Procurado

Procura-se um escritor, profundo conhecedor do português, a fim de executar a revisão da nossa revista. Não possuindo o candidato perfeitos conhecimentos de acentuação, inútil apresentar-se.

## Convênio

O leitor pode ver qual foi a importância da Mostra de arquitetura do Convênio Escolar; algo que honra São Paulo, o Brasil, e que terá na imprensa técnica internacional sua repercussão. No entanto os críticos de todas as imprensas paulista nem sequer escreveram uma linha, e isto pode ser explicado: eles sofrem do complexo de inferioridade da escola. Sabem que ainda devem frequentar uma escola.

Capa de Caribê



## Cine-jornal

Deve-se ainda salientar, a respeito dos documentários nacionais levados nos cinemas com pontualidade obsessante, que os banquetes entre amigos ou de homenagem a homens políticos, os casamentos das filhas dos que têm dinheiro para gastar em publicidade, as visitas a fábricas, indústrias, enfim todo esse material no gênero, deveria ser considerado enfadonho para o público. O público tem o direito de exigir desta cinematografia, que registra a vida do Brasil, documentários verdadeiros, atuais, reais, indicativos em lugar daquele provincialismo no tipo dos "Sociais" que não chega a ser instrutivo e tampouco é humorístico. Quando teremos um bom cine-jornal brasileiro que poderemos enviar ao estrangeiro, em troca dos muitos que recebemos? Será que o nosso Cavalcanti já previu em seu plano uma cinematografia nacional que responda a esta pergunta?

## Arte cristã

A Sociedade Brasileira de Arte Cristã organizou um concurso para a confecção de uma imagem do Sagrado Coração de Jesus para o culto familiar. Os artistas interessados podem obter informações no Museu Nacional de Belas Artes, Avenida Rio Branco, 199, Rio de Janeiro. Teremos afinal uma imagem que não seja aquela horrível litografia, ou pior aquela giz envernizado, ou pior ainda — se possível — aqueles bronzes sem graça que representam a imagem na maioria dos lares católicos.

## Exposições

Tivemos já ocasião de falar nas exposições do Angelicum de Milão: bom material, apresentado porém numa forma tremenda. E não fomos somente nós que o percebemos. Eis a opinião do "Correio da Manhã", do Rio, sobre a mostra: "A arrumação da exposição já bastava, em si, para afastar o visitante antes de tentar fazer uma triagem entre tantas, mas tantas, obras heteroclitas! Ao sair do elevador, tive um choque. Tinha a impressão de penetrar num bazar oriental ou num "bric-à-brac" de armarinho sírio. Havia quadros, estatuetas, cerâmicas espalhadas por toda parte, até no vestiário, até entre os dois elevadores, até nos bancos destinados aos visitantes cansados! A gente se sentia mais oprimida que em qualquer casa de antiguidades de segunda ordem. Este amontoado estava oposto à concepção moderna da exposição e também, aliás, à concepção antiga da arte. Onde estava o espírito de pureza do Angelicum? E nem mesmo era uma arrumação comercial, a não ser para tentar impressionar os menos educados, à procura de litogravuras ou estatuetas de estuque!

## Livrarias

Infelizmente os estudiosos que querem se documentar sobre a literatura, ciência e arte italiana, que neste momento apresentam inúmeras novidades, não têm outra possibilidade que a de se dirigir a entidades e estudiosos italianos para conseguir tais informações, pois o serviço das assim chamadas livrarias italianas de São Paulo deixam ainda muito a desejar.

## Um livro

A editora "O Construtor S. A." acaba de divulgar sob o título "Bases de Higiene na Arquitetura", um livro do arquiteto Benjamin de A. Carvalho, instrutor da Faculdade Nacional de Arquitetura e professor do IDOPP. O escritor técnico, autor de várias teses sobre arquitetura em Congressos de Arquitetura e Engenharia, divide sua obra em diversos capítulos, bem ilustrados, tratando dos setores modernos da Engenharia e Arquitetura, no ponto de vista higiênico.

O professor Felipe dos Santos Reis apresenta a obra num longo prefácio, comentando as bases higiênicas da arquitetura racional em que se apoia o livro. Trata o autor da arquitetura, higiene das habitações, com estudos minuciosos sobre a aeração, água, esgotos, instalações de lixo, radiações, insolação, iluminação natural, etc. O material é muito bem sistematizado, formando um ótimo manual, útil aos construtores e arquitetos. Aquelas ilustrações no livro, são as verdadeiras bases da arquitetura; muitas vezes descuradas nesta época em que o "artisticismo" arrebatou o desenhista de casas.

## Livreiros

Em São Paulo, os livreiros têm a mania (quem sabe de onde vem) de sujar o frontespício dos livros que vendem, com etiquetas e carimbos. Talvez não saibam que o frontispício e, em geral, todas as páginas dum livro são intangíveis; quando, por determinadas razões devem manchar as páginas, façam-no somente na capa de proteção. Mas esta recomendação acabará letra morta.

## Câmara

Na Câmara federal falou-se, a propósito do divórcio, da Igreja de Pampulha, que por um deputado foi chamada aleijão. Podemos ler nos jornais que veio então ao debate Afonso Arinos, para defender o pintor e o arquiteto (Portinari e Niemeyer), acentuando que a referida igreja, longe de ser um aleijão, constituía uma das mais puras expressões de arte religiosa, segundo opinião de eminentes figuras entendidas em assuntos desta natureza e que em sua companhia tinham visitado o templo de Pampulha. Medalha de ouro para o sr. Afonso Arinos.

## Aves de mau agouro

Ao sair esta revista, as aves de mau agouro predizeram que sua duração teria sido de um ou dois números, isto é, exatamente a duração habitual das revistas dedicadas à arte. Eis que as síbilas foram desmentidas e "Habitat", com este número entra no segundo ano de vida, constatando o aumento dos leitores e o fato que a revista está se difundindo em todos os países do mundo, curiosos e interessados em seguir os acontecimentos da arte brasileira, hoje muito conhecida.

Qual é o porquê deste sucesso? É um porquê muito simples: "Habitat" ilustra as artes, pesando e avaliando homens e fatos, sem atribuir àqueles "grandes artistas" e àquelas "grandes instituições" que tanto fazem falar os críticos de corda e os jornalistas com os tambores a tiracolo, sem atribuir a eles, dizíamos, nem sequer a mínima importância. O público dos amadores da arte que está se formando paulatinamente, tem aprendido tantas coisas e já tem compreendido que uma civilização da arte poderá surgir dentro de breve, mas somente através dum trabalho sério não de diletantes, realizado sem fins mundanos, no interesse dum ideal de arte não alheio ao ideal social.

Talvez as revistas de arte, ou aquelas assim chamadas, que nos precederam, fizeram o erro de sub-avaliar o público dos leitores, e de pensar que o público teria ingurgitado por um lado aquele panegírico dedicado aos diletantes, e por outro lado permitido a ignorância da atividade séria que vem se desenvolvendo no Brasil no campo da arte.

Habitat reestabeleceu este equilíbrio, achamos com amor à honestidade, e é bem por isso que as aves de mau agouro são hoje desmentidas com o sucesso da revista, que é do público e para o público.



Fim do texto da HABITAT 5

Os clichês foram executados pela Clichéria e Estereotípia "Planalto", Av. Brigadeiro Luís Antônio, 153, fone 33-4921 e 35-4048, São Paulo.



*Aspecto do bar do Hotel Claridge*

## Plavinil e a funcionalidade de um bar moderno

As novas e múltiplas aplicações dos tecidos plásticos, estão oferecendo aos decoradores e arquitetos um campo inesgotável para a concretização de ambientes confortáveis, belos e higiênicos. Dos tecidos leves, indicados para toalhas de mesa, aventais, cortinas de banheiro, a indústria de tecidos plásticos passou a pesquisar novos tipos, mais pesados, para estofamento de móveis e de automóveis. Tipos mais resistentes e mais fortes semelhantes ao couro, mas, quase sempre, mais duráveis e amol-

dáveis do que êle. São inúmeras as aplicações e vantagens do tecido plástico pesado, para a decoração de ambientes modernos e arejados, melhor diríamos, funcionais. Essa é, por excelência, a qualidade essencial do tecido plástico, de qualquer tipo que seja. E a funcionalidade de qualquer material, de acôrdo com as exigências da vida moderna, é hoje condição básica para a sua aplicação na casa, no hotel, no automóvel. Acima, por exemplo, vemos tecidos plásticos plavinil estofando pol-

tronas e dando a um bar de um grande hotel de São Paulo, uma nota de bom gosto e de distinção. Plavinil apresenta ótimas condições de durabilidade, impermeabilidade, firmeza de côres, incombustibilidade, aliando-se a isso, o fato de não manchar e de não ser sensível ao mofo. No ambiente acima — o bar do Hotel Claridge — recentemente inaugurado na Capital paulista, a aplicação de tecidos plásticos plavinil, revela que plavinil é o símbolo de uma nova era.



FOTO A

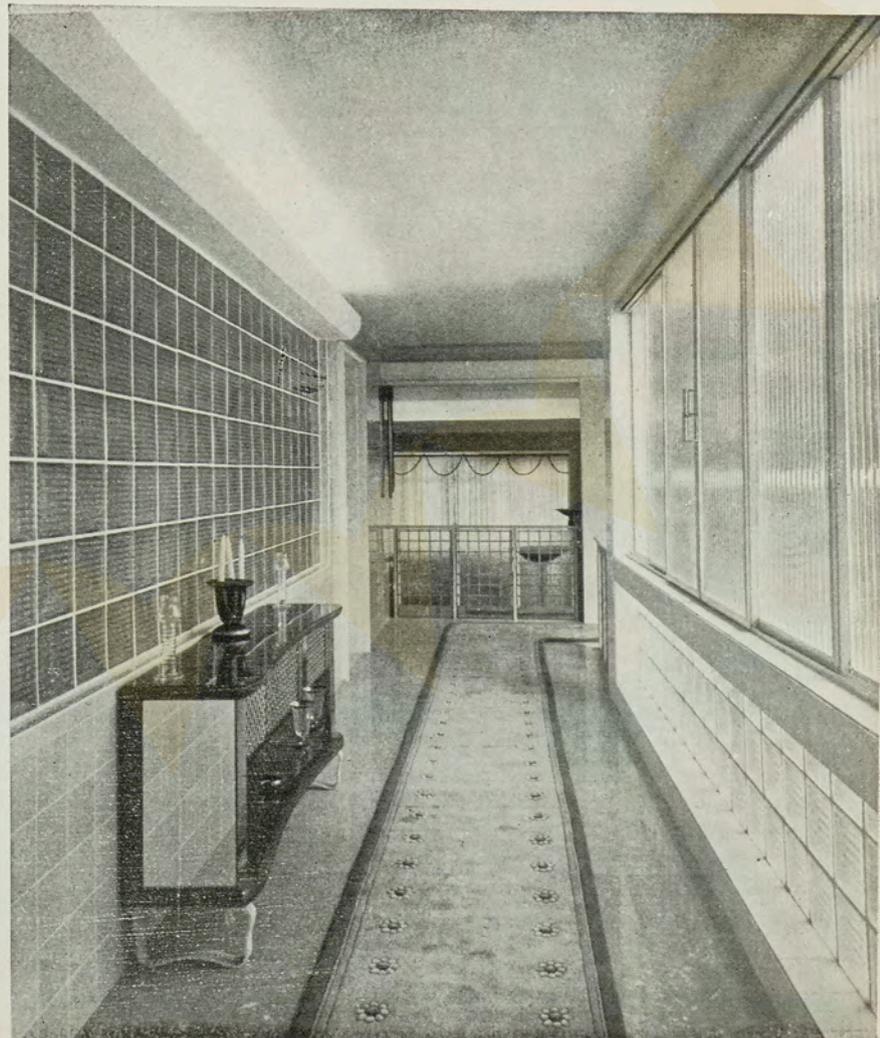


FOTO B

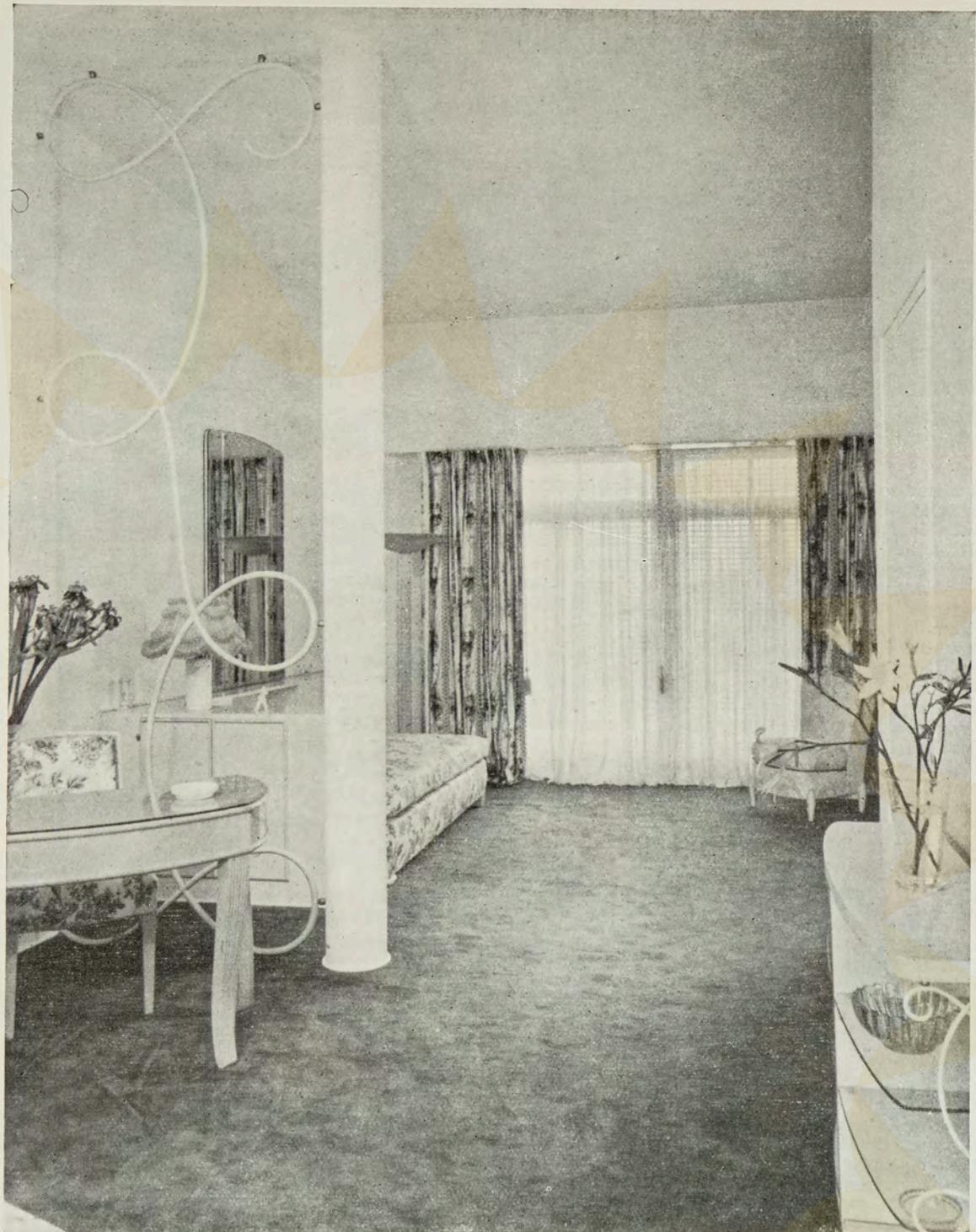


FOTO C

Residência da Snra. e Snr. Romeu Nunes  
 Projeto do prof. Felipe Dinucci  
 Execução de Dinucci Decoração de Interiores

FOTO A DORMITÓRIO PRINCIPAL

*Piso:* rosa antigo  
*Paredes:* cor pérola  
*Forro:* branco-leite  
*Armário:* forrado de pergaminho, com gravações douradas, saliente revestido de couro cor "bordeaux" e conjunto de espelho branco.  
*Cortina:* champanhe e pérola com ramagens policrômicas  
*Poltronas:* azuis  
*Mesinha:* em tom amarelo claro com gravações claras e espelho branco  
*Vasos e adornos:* de cristal de Murano, etc.  
*Papeleira:* vista ao lado. Em amarelo claro aplicado quimicamente, com gravações brancas e ornamentos geométricos coloridos

FOTO B CORREDOR

*Piso:* de mármore boticino  
*Paredes:* em azulejos verde-pastel, vidro-cimento e vidro canelado  
*Forro:* branco-leite  
*Movel-Porta - Adornos:* colorido quimicamente em bric, com gravações claras, laterais forrados de espelho branco, fundo gradeado amarelo-claro e pés pérola  
*Adornos:* em cristal e porcelana  
*Passadeira:* de fundo beije com ornamentação policrômica

FOTO C DORMITÓRIO DA MOÇA

*Piso:* rosa-antigo

*Paredes:* em cor pérola  
*Forro:* branco-leite  
*Cortina:* champanhe e pérola com ornamentações policrômicas  
*Escrivaninha:* levemente amarela, sob aplicação química, com gravações brancas e bric  
*Estante:* cor marfim, com prateleiras de cristal e ornamentos coloridos  
*Poltrona:* branco-salmão  
*Divan-Cama:* que tem também as funções de estante e camiseira, forrada de pergaminho, com gravações geométricas de cor e revestimento pérola com ramagens policrômicas  
*Cadeira:* forramento igual ao do divan-cama  
*Adornos:* em cristal e porcelana

## IV.º Congresso Nacional Hoteleiro

Realizou-se em Campos do Jordão entre os dias 20 e 23 de Outubro de 1951, o IV.º Congresso Nacional Hoteleiro, promovido pela Associação Brasileira da Indústria de Hoteis, órgão representativo da classe hoteleira do Brasil.

Os congressos hoteleiros que essa entidade vem promovendo visam não somente a discussão e solução dos problemas de classe, mas também a divulgação turística das localidades onde as mesmas se realizam.

Foi com estes objetivos que a ABIH realizou o seu IV.º Congresso em Campos do Jordão que, apesar do seu clima ser comparado ao de Davos Platz, na Suíça, considerado o melhor do mundo, e possuir o mais perfeito conjunto de hotéis do Brasil, além do mais deslumbrante cenário paisagístico, ainda é desconhecida da grande maioria dos Brasileiros.

Hoteleiros de todos os rincões do Brasil confraternizaram-se nessa maravilhosa estância climática, onde tiveram a oportunidade de visitar a primeira Exposição Industrial do Ramo Hoteleiro, realizada no Brasil entre os dias 20 e 28 de Outubro de 1951, fruto do trabalho incansável dos Diretores da ABIH, da firma Construtora Escr. Eng. J. O. Souza, com a colaboração do Decorador Landerset Simões.

O temário constou dos seguintes itens:

Turismo Nacional; Relações Inter-americanas e Internacionais; Relações com as agências de viagens; Ética profissional; Serviços que a ABIH já está prestando: Lista Especial e Guia Hoteleiro do Brasil; Publicidade; Revista; Ensino e Educação Profissional; Aumento do número de associados, propaganda referente à ABIH e colaboração entre os Setôres; Finanças da ABIH; Gorjetas; Proibição ou regulamentação do uso de cartazes de propaganda nas estradas de rodagem; Elaboração de contabilidade uniforme; Estatísticas hoteleiras; Uso de cheques e contas bancárias; Crédito hoteleiro; Tabelamento de preços.

O sr. Paulo Robell, Diretor-Superintendente das empresas Armações de Aço Probel S. A. e Molas No-Sag do Brasil S. A., fez uma conferência sobre o desenvolvimento histórico da Indústria Brasileira de molas e molejos para colchões de molas e móveis estofados. O auditório acompanhou com grande interesse a revelação do sr. Robell de que a indústria nacional, neste setor, já está a altura idêntica dos países mais industrializados do mundo. Para melhor servir os interesses dos hoteleiros, o sr. Robell sugeriu a elaboração de normas técnicas, de acordo com especificações adequadas, de molejos para todos os fins de artigos estofados adquiridos em quantidades sempre crescentes pelos hoteleiros.

Dentre as realizações da Associação Brasileira da Indústria de Hoteis, podemos citar o "Guia de Hoteis do Brasil", trabalho esse já iniciado e uma das resoluções do IV.º Congresso. Pelo que nos foi dado saber, a inclusão neste Guia será inteiramente gratuito, havendo apenas, por parte do hoteleiro que se inscrever no Guia, o compromisso de manter o seu estabelecimento em condições de ordem e higiene, que permitam recomenda-lo à preferência pública e à observância da ética profissional.

Basta este empreendimento para demonstrar o espírito sadio de que estão dotados os diretores da Associação Brasileira da Indústria de Hoteis. A eles, portanto, os nossos aplausos, e aos Hoteleiros do Brasil o nosso apelo para que dêem as suas adesões a essa louvável iniciativa.

Apuramos também que o V.º Congresso dos Hoteleiros se realizará em Poços de Caldas, possivelmente no mês de Setembro de 1952.

Deixaram-se representar no Congresso, o Dr. Getúlio Vargas, D.D. Presidente do Brasil; Eng.º Lucas Nogueira Garcez, D.D. Governador do Estado de S. Paulo; Com. Ernani do Amaral Peixoto, D.D. Governador do Estado do Rio; Dr. Jucelino Kubitscheck, D.D. Governador do Estado de Minas; Dr. João Carlos Vidal, D.D. Prefeito do Distrito Federal; Dr. Armando de Arruda Pereira, D.D. Prefeito da Cidade de S. Paulo; Dr. Diógenes Ribeiro de Lima, D.D. Presidente da Assembléia Legislativa de São Paulo. Além da presença de numerosos Congressistas, contava-se com a do Dr. Adhemar de Barros, Ex-Governador do Estado de S. Paulo e do sr. Paulo Cury, D.D. Prefeito de Campos do Jordão.

Apresenta Habitat, nesta curta reportagem, algumas vistas dos mais interessantes "stands" do certame.



Stand do Hotel Amazonas

Stand da Companhia Brasileira de Artefactos de Metais



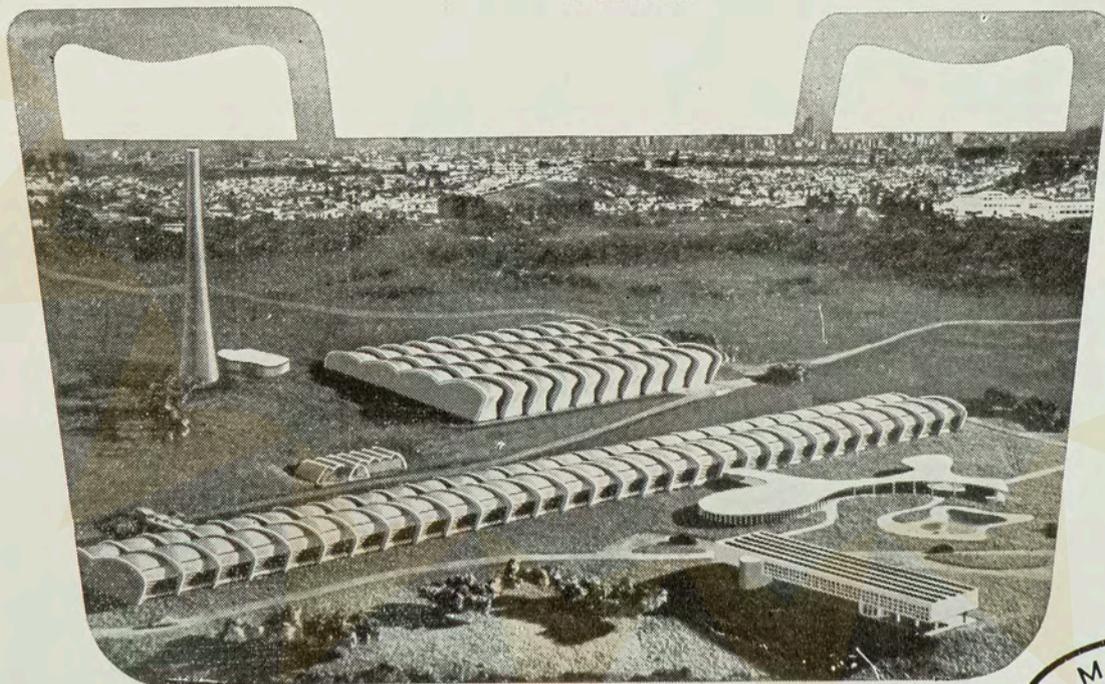
# Era uma vez um pequenino **tacho...**



— onde  
se caldeou  
uma grande  
organização  
industrial

Foi em 1897... na cidadezinha pernambucana de Pesqueira, que D. Maria da Conceição Cavalcanti de Britto iniciou o fabrico caseiro da goiabada, o “doce mais brasileiro”... E no entanto, ninguém poderia imaginar que, a desprerenciosa industriazinha fôsse a célula-mater que daria origem, depois de meio século de atividades,

à maior organização de produtos alimentícios do Bra-il. Fruto de um ideal trabalhado com Fé e perseverança, as Fábricas Peixe se espalharam por todo o país, atraindo também para a sua órbita outras firmas já consagradas pela Família Brasileira. E hoje, juntamente com a Fábrica Duchen, onde são feitos os mais saborosos biscoitos, as tradicionais Fábrica- Peixe representam a mais alta expressão da indústria alimentícia brasileira.



INDÚSTRIAS ALIMENTÍCIAS CARLOS DE BRITTO S. A.

Produtos Marca **PEIXE**



*O novo Hotel Amazonas, iniciativa do sr. Adalberto Ferreira do Valle. Arquiteto: Paulo Antunes Ribeiro; construtor: Engenheiro Luís J. da Costa Leite*



*Stand da Aluminio do Brasil S. A.*

# UM PARAÍSO EM PLENA AMAZONIA...

Houve um tempo em que a natureza dominava a Amazônia... Floresta bruta. Rio-mar. Feras, répteis, índios — inferno verde! Mas chegou a vez do homem... Em plena selva edificou uma metrópole; ao lado do *inferno* construiu um *paraíso* de conforto: HOTEL AMAZONAS! Hospede-se no Hotel Amazonas e goze as delícias de um paraíso tropical.

*Apartamentos comuns de luxo e super luxo com ar condicionado, bares, barbeiro, salão para senhoras, restaurante, boite e jardim tropical.*

Conheça o Inferno Verde  
gosando as delícias de  
um Paraizo



**HOTEL  
AMAZONAS**

AMAZONAS — MANÁUS — BRASIL

**Informações:**

Em todas as agências de turismo ou Depto. de Turismo do Hotel Amazonas Caixa Postal, 1843 - S. Paulo

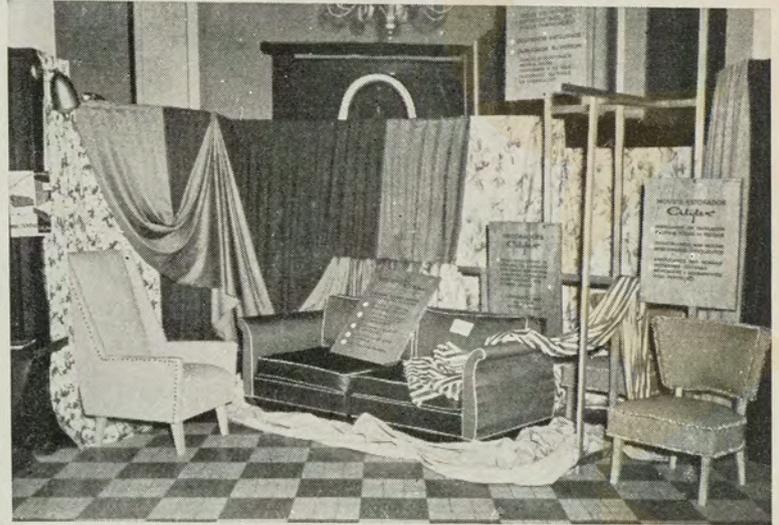


Propriedade da PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO

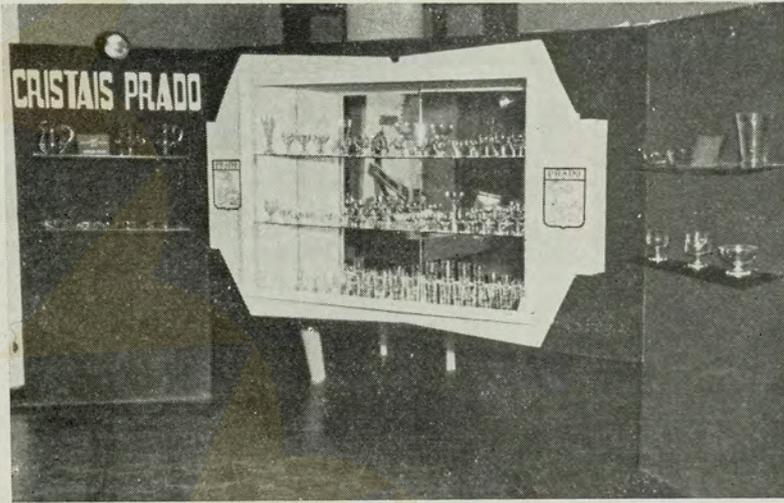


*Stand da Nadir Figueiredo S. A.*

A Organização da Exposição, como também a decoração dos diversos "stands", ficaram a cargo do Escritório de Engenharia J. O. Souza, com a colaboração do decorador Landerset Simões, Rua São Bento, 309, 1.º, S. 16, Fone 32-2307, São Paulo.



*Stand da Citytex*



*Vista dos dois stands da Indústria Alimentícia Carlos de Britto S. A.*



# Licores **BOLS**



*famosos desde 1575*



**TEL. 37-1746**

**RUA BARATA RIBEIRO, 323-B - RIO**

**Lettera 22**

**olivetti**

indispensavel como  
o telefone,  
o radio,  
o relógio...



**TECNOGERAL S.A.**

São Paulo-Rua 24 de Maio, 47

Fone : 35-5187 (Rede Int.)



**Studio Policromo Ltda.**

ESTRADA VELHA DA TIJUCA, 1251

FOTOGRAFIA INDUSTRIAL E COMERCIAL

TEL. 38-4221

RIO DE JANEIRO



LICORES  
**DUBAR**



uma  
"presença"  
indispensável  
nas Festas



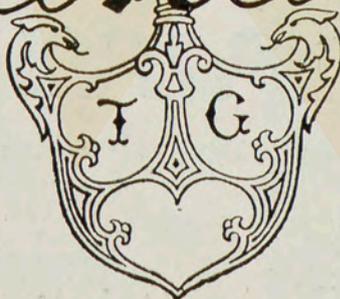
*Há uma delícia Dubar para cada paladar*



**DUBAR**

GRÁTIS - Envie seu endereço para a Caixa Postal 4100, S. Paulo e receberá um folheto com receitas dos melhores coquetéis Dubar

Tapetes  
**Granada** LTDA



T A P E T E S

FEITOS à MÃO

O SÍMBOLO DA BELEZA E QUALIDADE

Rua Barão de Itapetinga, 275  
7.º and., s/70, Fone: 36-1965

SÃO PAULO

Av. Um, N.º 330, Jabaquara  
Caixa Vasp 160, S. Amaro

VOCÊ SABIA QUE

68

CENTAVOS DIÁRIOS

**seguram sua casa contra fogo  
por Cr\$ 200.000,00 ?**

Por que não proteger a sua casa contra os riscos do fogo, que anualmente devora milhões de cruzeiros? Vale a pena precaver-se. O prêmio é realmente ínfimo! O prêmio de um seguro de Cr\$ 200.000,00 custa apenas Cr\$ 250,00 por ano. Procure ainda hoje a SATMA e verá como, com poucos níqueis diários, você poderá evitar prejuízos insanáveis de milhões de cruzeiros! Não há justificção para a imprevidência!

Veja como é  
pequeno o prêmio diário do seguro  
contra o fogo na SATMA!

SEGURO		PRÊMIO DIÁRIO
CR\$ 50.000,00		17 CENTAVOS
CR\$ 100.000,00	★	34 CENTAVOS
CR\$ 200.000,00		68 CENTAVOS

**E NOTE!**

Os prêmios para construção de cimento armado  
são ainda mais baratos!

**SUL AMÉRICA TERRESTRES, MARÍTIMOS E ACIDENTES**

A maior Companhia de Seguros em seu gênero da América Latina  
Rio de Janeiro

REVISTAS  
FOLHETOS  
BROCHURAS

TRICROMIAS  
PROSPECTOS  
CATÁLOGOS

Empresa **O PAPEL** Limitada.

Estabelecimento Gráfico

Escritório:

Rua Cons. Crispiniano, 404, 9.º andar  
salas 908 a 912; Telefone 34-8304

Oficinas:

Rua Lavapés, 538, Telefone: 36-3689

# Liquidificador



**VITAMINAS PURAS  
DE  
FRUTAS E LEGUMES**

LIQUIDIFICADOR EPEL, permite, com grande facilidade, obter vitaminas puras de frutas e legumes.

Habitue-se a usar diariamente o LIQUIDIFICADOR EPEL, enriquecendo ainda mais sua saúde!



A MARCA QUE RESPONDE PELA  
EFICIÊNCIA DOS SEUS PRODUTOS  
GARANTIDA PELA FÁBRICA

PRODUTO DAS **INDÚSTRIAS REUNIDAS INDIAN EPEL LTDA.**  
CAIXA POSTAL, 1460 - SÃO PAULO

# DOMINICI

Rua Xavier de Toledo, 310 - S. Paulo

*iluminação  
moderna*

# HABITAT

## N.ºs 1, 2, 3, 4

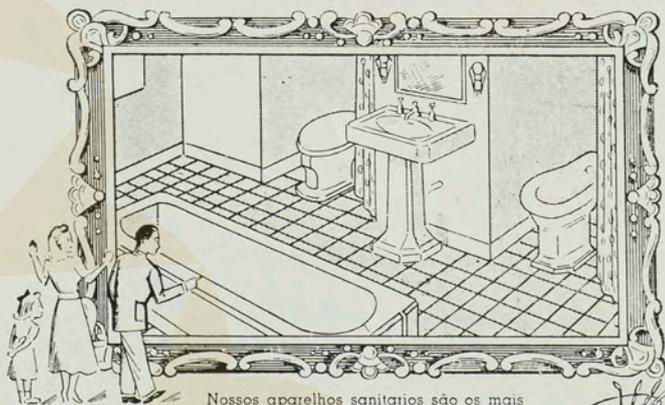
Encontram-se à venda, na administração da revista, alguns álbuns de HABITAT, do primeiro ano.

Preço: em couro ..... Cr\$ 500,00  
em pano chagrin ..... Cr\$ 450,00

Tratando-se de poucos exemplares, rogamos aos interessados dirigirem-se à Habitat Editôra Ltda., Rua Sete de Abril, 230, 8.º, sala 820, Fone 35-2837, São Paulo. Para os Estados, atendemos com pagamento em cheque ou vale postal. Não aceitamos pedidos de reembolso.



não devem faltar os aparelhos sanitários  
**SOUZA NOSCHESI**



Nossos aparelhos sanitários são os mais conhecidos porque são os mais perfeitos.

**VISITE NOSSAS EXPOSIÇÕES**

Em nossa loja:

Rua Marconi, 28 - Tel. 4-8876 - São Paulo

**SOC. AN. COMÉRCIO E INDÚSTRIAS**  
**SOUZA NOSCHESI**

São Paulo - Matriz: Rua Julio Ribeiro, 243 - Tel. 9-1164 - C. Postal. 920  
Filiais: R. Oriente, 487 - Tel. 9-5334 - S. Paulo - R. João Pessoa, 138 - Tel. 2055 - Santos

REPRESENTANTES:

V. TEIXEIRA & CIA. LTDA. Rua Riachuelo, 411 - RIO DE JANEIRO  
ALBERTO NIGRO & CIA. - Rua Dr. Muricy, 419 - CURITIBA



LINDAS CORES



DURABILIDADE



LINHAS PERFEITAS

## O QUE É O METRANGULO?

Marca Registrada

Patente n.º 31.753



HORIZONTE OU NIVEL

Certificado pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo

**E' UM INVENTO NACIONAL QUE VEIO ENRIQUECER A METROLOGIA DO MUNDO**

O "METRANGULO" foi inventado e feito para medir planos inclinados, assim como pisos, esgotos, encanamentos, sub-elevações de curvas em linhas de Estradas de Ferro e outras centenas de aplicações.

O METRANGULO, como nível, é de uma exatidão absoluta, proveniente da sua grande sensibilidade.

O METRANGULO é um aparelho relativamente pequeno que pode ser levado no bolso, de tamanho equivalente a um metro duplo com igual pêso.

O METRANGULO é de fácil uso porque dispensa conhecimentos técnicos, mas de grande utilidade nas aplicações em que está sendo usado, pois tem dado inúmeras soluções a problemas de aclives e declives, que anteriormente eram de trabalhosa solução.

À VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

PEDIDOS AOS FABRICANTES:

**GENNARI & GENNARI**

RUA 15 DE NOVEMBRO, 132, 2.º Andar; SÃO PAULO

**SOCIEDADE CONSTRUTORA CELBE, LTDA.**

ENGENHARIA E CONSTRUÇÕES

RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 20, 7.º, FONE: 34-6645; SÃO PAULO



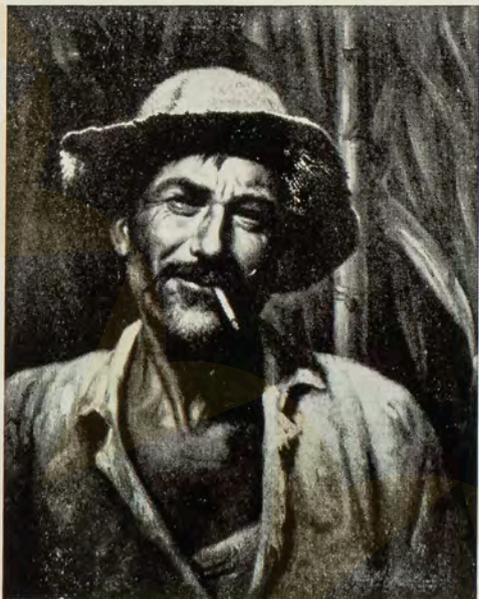
Gobelin feito por Pieter van Aelst para o Papa Leo X  
Os desenhos e os cartões foram feitos por Giovanni da Udine, aluno de Raphaelo

Origem: Coleção da Princesa Mathilde Bonaparte

**"GALERIA DE ARTE"**

Rua Almirante Gonçalves, 15-B, Copacabana  
RIO DE JANEIRO

**Quadros a Oleo**



"CABOCLO" um dos sugestivos trabalhos do conhecido e laureado pintor patricio EDMUNDO MIGLIACCIO

**Galeria 7 de Abril**

centro dos mais destacados mestres da arte plástica contemporânea

Rua 7 de Abril, 412 (São Paulo)



*Jóias* - escolher e privilegio de quem conhece... presentear a melhor escolha é uma virtude.

Fidél. 1-73

**CASA BENTO LOEB**

Servindo a Sociedade Paulista desde 1891

Rua 15 de Novembro, 331 - Fone: 32-1167 - São Paulo





É bom dispor de dois pares de óculos, não como luxo e sim como medida de prevenção, pois, assim, se evitam os inconvenientes ou os desconfortos a enfrentar quando, por infelicidade, um deles se quebra ou se extravia. Para evitar essas perdas de tempo e males, tenha óculos de reserva. Lutz Ferrando está às suas ordens para confeccioná-los com precisão. Encomende-os e... guarde-os — é prudência.

**LUTZ FERRANDO**  
ÓTICA E INSTRUMENTAL CIENTÍFICO S. A.

RUA DIREITA, 33

SE A VISTA LHE ESTÁ FALHANDO, VÁ AO OCULISTA... É A LUTZ FERRANDO

**JOHN GRAZ**  
DECORADOR

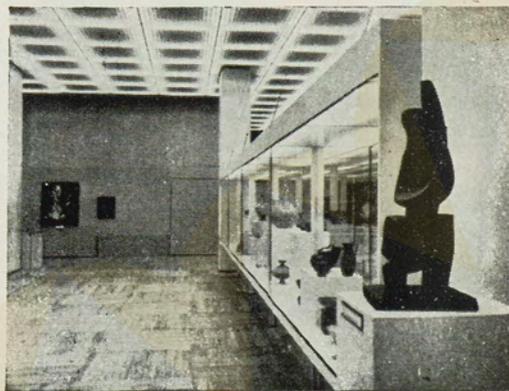
MOVEIS  
ANTIGOS  
MODERNOS

S.PAULO R AVANHANDA VA.38T.45928

## MODERNAS INSTALAÇÕES

LUZ para:

ESCRITÓRIOS — LOJAS  
VITRINAS — RESIDÊNCIAS  
TELEFONES INTERNOS — ETC.



FORÇA para: OFICINAS — FÁBRICAS — ETC.

**A LUZ MODERNA**

W. Stempien & Cia. Ltda.

ESCRITÓRIO

RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 275 — 1.º ANDAR  
SALA 4 — TELEFONE 35-1969 — SÃO PAULO



UM LANÇAMENTO DIGNO DA CIDADE  
QUE O INSPIROU!



Um artístico álbum em formato 18 x 27 cm que espelha fielmente a São Paulo de hoje, na pujança extraordinária de seu dinamismo industrial, sua florescente arquitetura, seu desdobramento multiforme, sua riqueza, seu colorido, vida e poder criador.

96 fotos documentando a prodigiosa São Paulo de 1951; vistas, peculiaridades, arquitetura, urbanismo, conjuntos fabris, obras de arte, tipos e costumes.

Uma edição preparatória às festividades do IV Centenário da Cidade.

Em tôdas as livrarias, papelarias e casas de arte ou, pelo Reembólso Postal, diretamente nas

**EDIÇÕES MELHORAMENTOS**

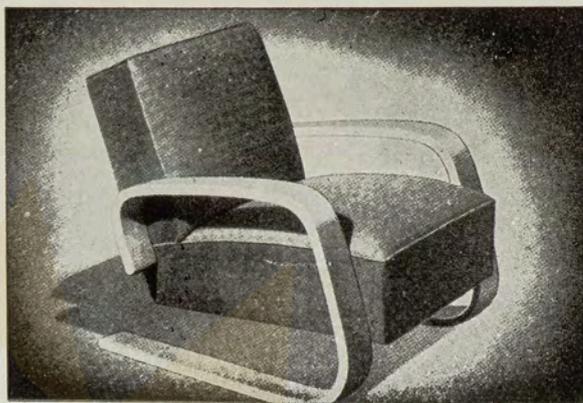
Caixa Postal 8120 — São Paulo



## LIVRARIA NOBEL S. A.

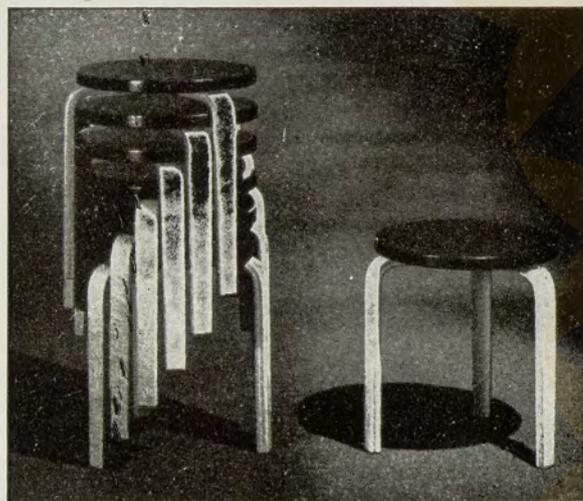
Livros nacionais e estrangeiros — Distribuidora da coleção "DOCUMENTI" — Portas, janelas, escolares, edifícios esportivos, lojas, residências, hotéis, casas, casas mínimas, etc. — Representante exclusivo das casas editoras: Antonio Vallardi, Zanichelli, Politécnico, Electa — Exclusividade da Revista Italiana "URBANÍSTICA"

RUA DA CONSOLAÇÃO, 49, TEL.: 34-5612, SÃO PAULO  
(EM FRENTE À BIBLIOTECA MUNICIPAL)



## MOVEIS E ARTIGOS DE DECORAÇÃO

Unico representante e importador no Brasil, dos moveis modernos suecos patenteados e desenhados pelo arquiteto prof. Aalto



Moveis originais, exclusivos e proprios para o nosso clima, fabricados com madeira de lei

Cristais de fabricação sueca

Ceramicas artisticas

Lustres e abatjourns modernos

Tapetes

Tecidos de Decoração.

Executamos projetos de decoração de hotéis, escolas, apartamentos e escritorios com os nossos moveis standard ou de acôrdo com os desenhos de nossos clientes, no genero moderno.

MOVEIS SUECOS "ARTODOS" LTD.

Av. Copacabana, 291;

Copacabana Palace Hotel

Tels.: 37-0513 e 45-2437

Rio de Janeiro



**Você já tirou Fotos como Estas?**



**Experimente a Câmera ultra-rápida  
com as vantagens de uma  
Máquina de filmar**

Para Robot não existem tarefas impossíveis. — Todas suas funções são automáticas e momentâneas. Dispare 50 vezes em seguida e obtenha 50 instantâneos nítidos e de máxima realidade.

★ Grande profundidade de foco. Velocidade 1/2 até 1/500 seg. 3 Objetivas Schneider: Xenon 1:1,9 - Xenar 1:2,8 e Tele-Xenar 1:3,8.



Procure

**ROBOT**

nas boas casas do ramo ou com  
**ARNHOLD S. A.**

PARA IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO  
São Paulo - R. 7 de Abril, 252 - 1.º - Tel. 33-5472  
Rio - Av. Calógeras, 15 - 11.º - Tel. 22-6938

**HABITAT**  
**editôra**

Distribuidora e editôra do Museu de Arte  
RUA 7 DE ABRIL, 230 - 8.º - SALA 820  
TEL. 35-2837 - SÃO PAULO

saíram

**MASSAGUASSÚ**, Paisagens e  
figuras pintadas por Roberto Sambonet  
Cr.\$ 80

**NEUTRA**, Residências/Residences  
(português/english) 2.ª edição/2nd edition  
Cr.\$ 40

**LE CORBUSIER**  
Leitura crítica/A critical review  
Cr.\$ 40

**VAN GOGH**, A Arlesiana  
Cr.\$ 10

em preparação

**ERNESTO DE FIORI**, Monografia

**WARCHAVCHIK**  
20 anos de arquitetura

**SEGALL**, Monografia de sua obra.

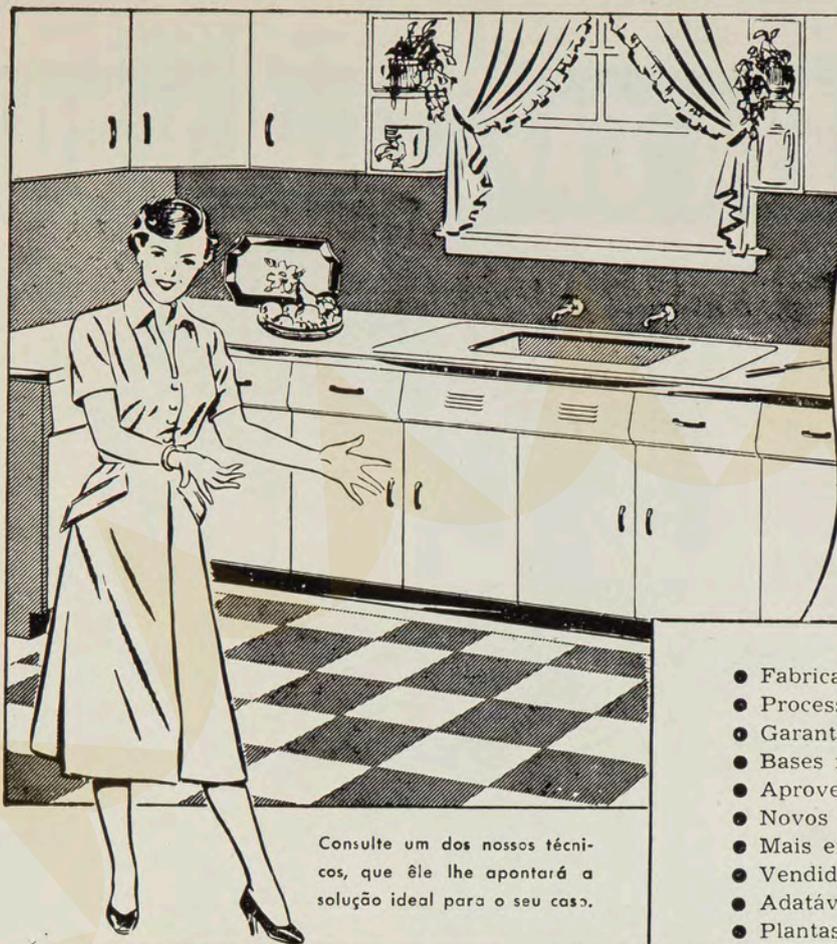
**HENRIQUE LIBERAL S. A.**

ARTE - DECORAÇÕES

SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO

ALAMEDA CASA BRANCA, 1.179

TELEFONE 8-3664 - SÃO PAULO



Consulte um dos nossos técnicos, que êle lhe apontará a solução ideal para o seu caso.

# FORTES RAZÕES

ATESTAM A  
SUPERIORIDADE  
DE **FIEL-COPA**

- Fabricada com chapa de aço de primeira qualidade.
- Processo especial de pintura.
- Garantida contra defeitos de fabricação.
- Bases removíveis de fácil substituição.
- Aproveitamento integral de espaço.
- Novos modelos de maior espaço útil.
- Mais eficiência nas tarefas domésticas.
- Vendida também em peças avulsas.
- Adaptável a qualquer residência.
- Plantas, projetos e orçamentos gratuitos.

**MÓVEIS DE AÇO FIEL, S.A.**

R. CACHOEIRA, 670 - TELS. 9-5544 - 9-5545 - S. PAULO



Artgraf

**SOCIEDADE DE  
INSTALAÇÕES TÉCNICAS LTDA.  
"SIT-LTD."**



INSTALAÇÕES ELÉTRICAS, HIDRÁULICAS E MECÂNICAS EM EDIFÍCIOS, RESIDÊNCIAS, ESCOLAS, FÁBRICAS E HOSPITAIS — USINAS HIDRO-ELÉTRICAS, LINHAS DE TRANSMISSÃO, SUB-ESTAÇÕES

PRAÇA DA SÉ, 371, 5.º ANDAR  
SALAS 503/6, FONE: 33-2097

BELO HORIZONTE

SÃO PAULO

RIO

Senhor Engenheiro

PROPORCIONE

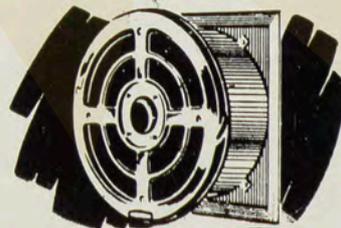
À SUA CLIENTE  
PERFEITA SATISFAÇÃO  
INSTALANDO NA

COZINHA

○



*Exaustor*



**Walita**

NAS CASAS DE  
APARELHOS ELÉTRICOS

ELETRO INDUSTRIA

"WALITA" S/A

Rua Alvaro Alvim, 79 - Tel. 70-4791  
SÃO PAULO

CARVALHO  
MEIRA S/A

COMERCIAL E INDUSTRIAL  
FERRAGENS  
ARTIGOS SANITARIOS

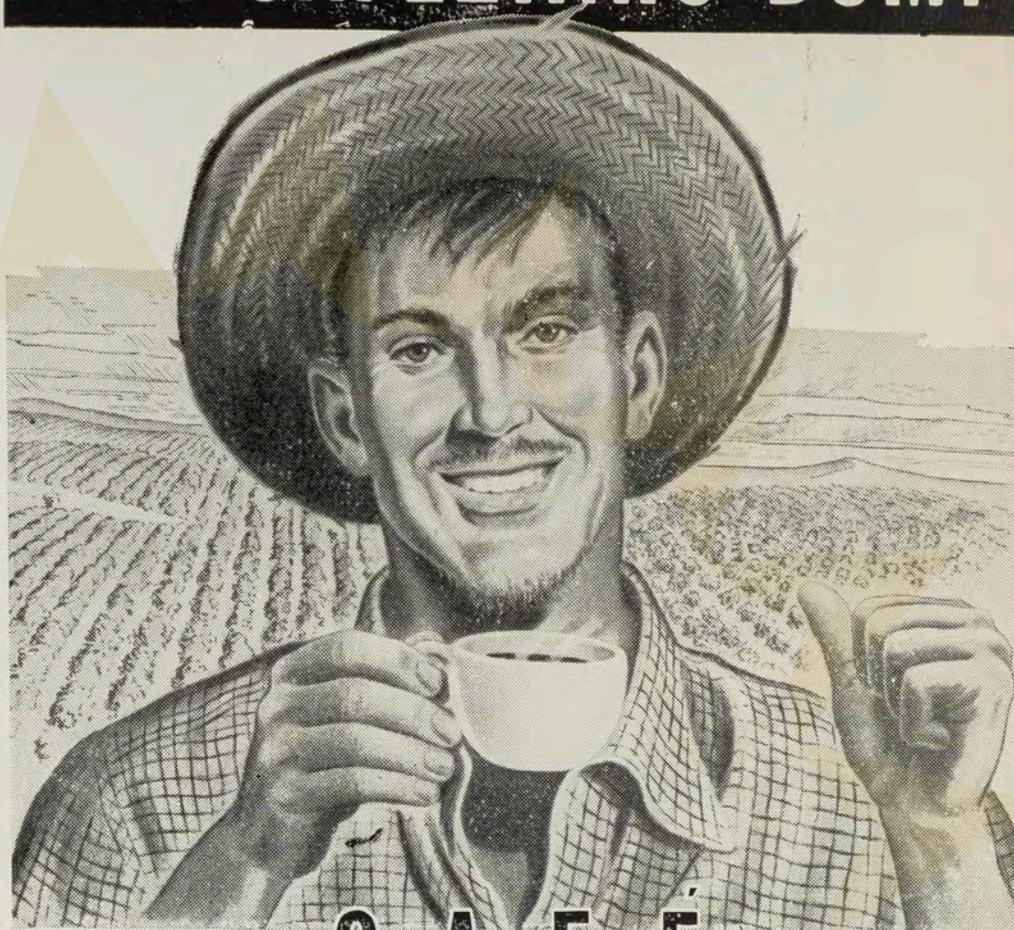


**LA FONTE**

A Fechadura que Fecha e Dura

RUA LIBERO BADARÓ, 605  
FONE: ESC. E LOJA, 33-3197  
SÃO PAULO  
END. TELEGRÁFICO "RODOL"  
CAIXA POSTAL N. 201  
BRASIL

**ÊTA CAFÉZINHO BOM!**



CAFÉ  
**Caboclo**

**COMPANHIA UNIÃO DOS REFINADORES**

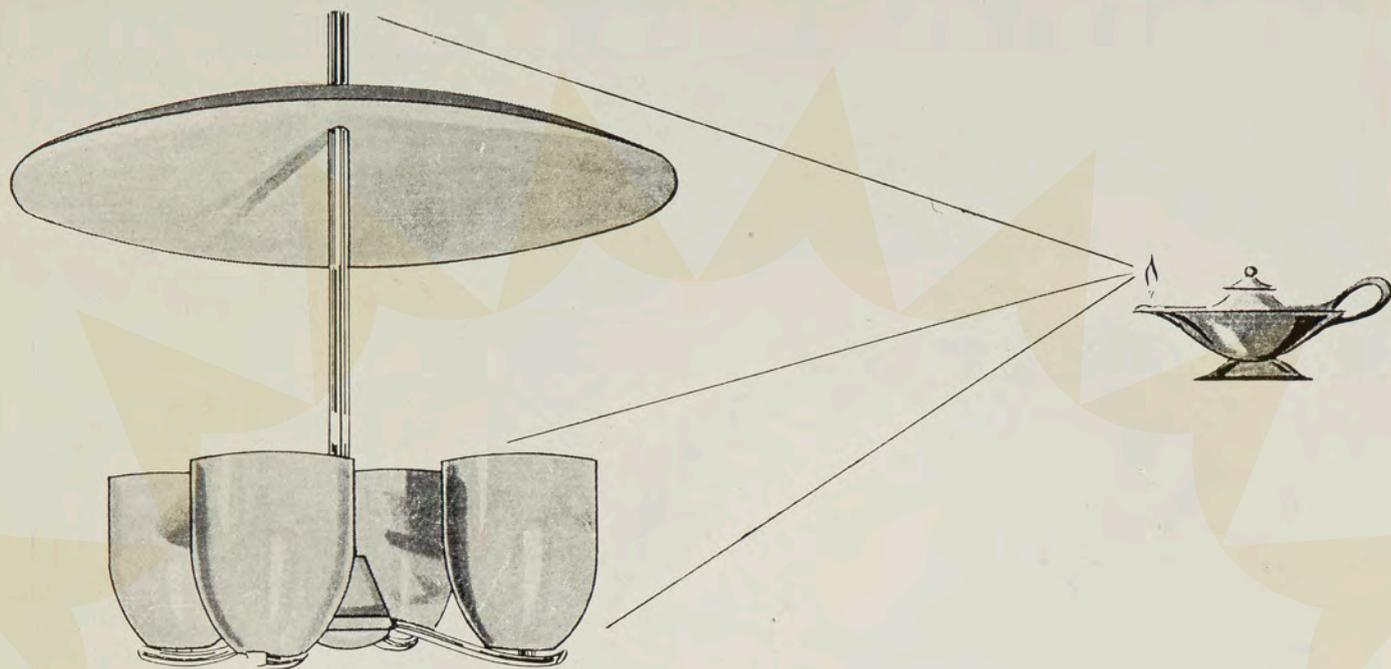
W A R C H A V C H I K

arquiteto

projetos e construções

escritório: 120, barão de itapetininga, fone 34-7502; s. paulo

FÁBRICA METALÚRGICA DE LUSTRES LTDA.



CREADORES DE APARELHOS DE ILUMINAÇÃO RESIDENCIAL DESDE 1924

RUA PELOTAS, 141, SÃO PAULO, TELEFONES: 70-4046 e 70-4053



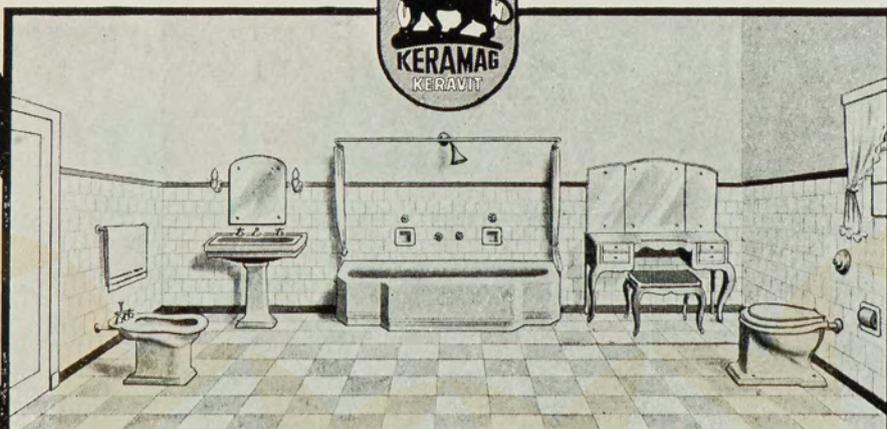
## CONJUNTOS DE BANHOS COLORIDOS DE LOUÇA VITRIFICADA ALEMÃ

KERAMAG



KERAVIT

CÔRES  
EXCLUSIVAS



MODELOS  
EXCLUSIVOS

NOVA REMESSA RECEM CHEGADA DA ALEMANHA

OKUSA INTERNATIONAL CORPORATION  
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA O BRASIL E DISTRIBUIDORES

# „SANITÉCNICA” S/A

EXPOSIÇÃO E VENDAS:  
RUA QUIRINO DE ANDRADE, 217  
EM FRENTE A BIBLIOTÉCA MUNICIPAL

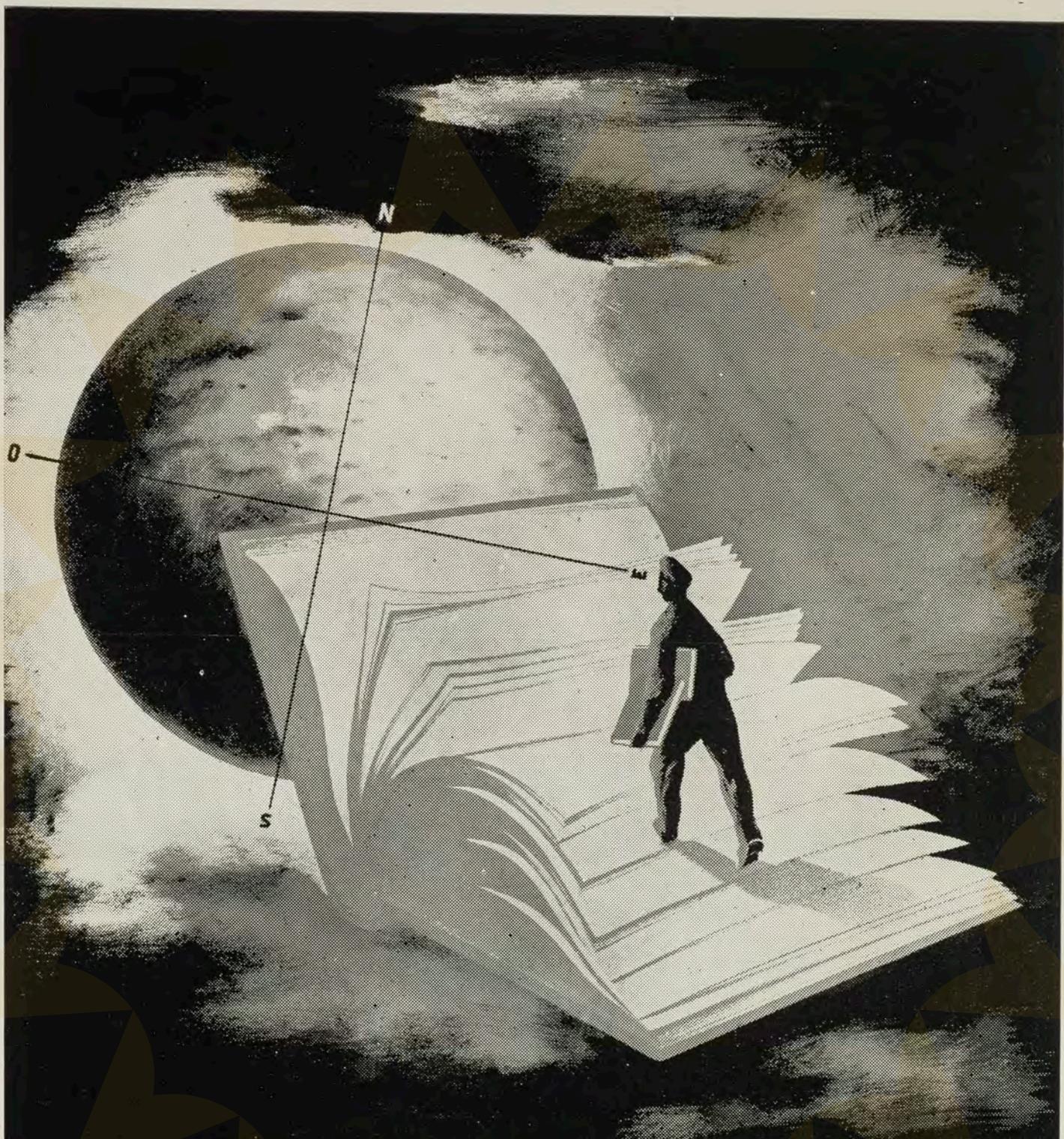


SÃO PAULO

FONE, 36-3620

BRASIL





# LIVROS O BOM CAMINHO

O IMPERMEABILIZANTE

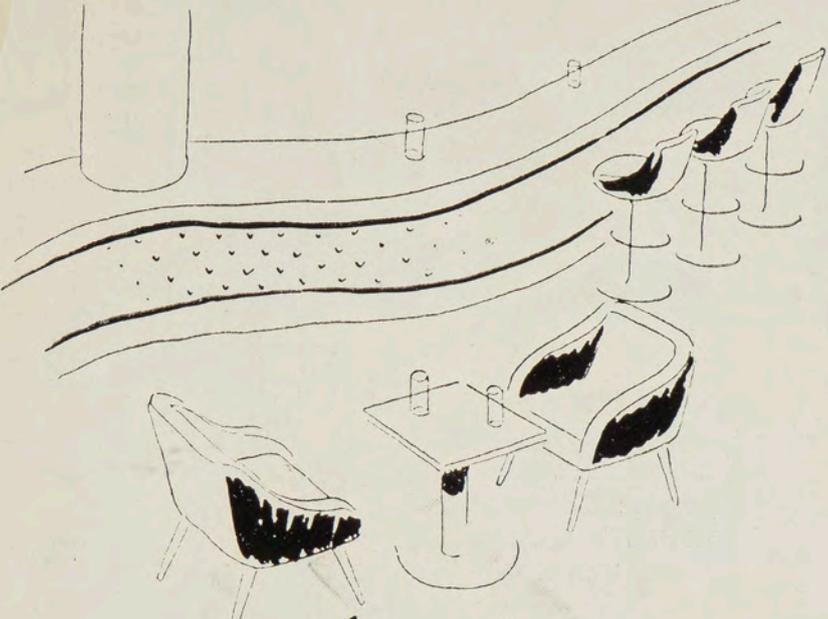
# VEDACIT

"DE AÇÃO PERMANENTE"

E' USADO COM GRANDE ÊXITO NAS IMPERMEABILIZAÇÕES  
DE ALICERCES, PAREDES ÚMIDAS, CAIXAS D'ÁGUA ETC.

**Otto Baumgart**  
ENGENHEIRO

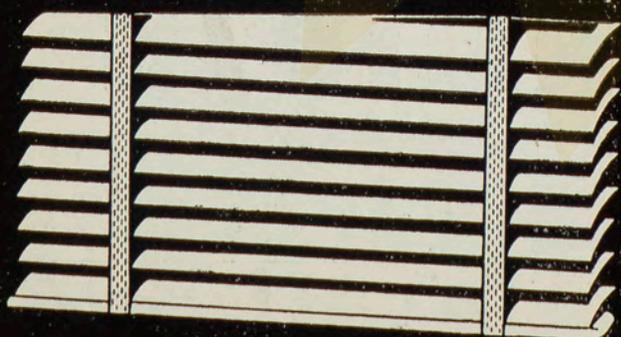
RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 352, TELEFONE 32-7280, C. POSTAL 3492; SÃO PAULO



HOSTESS - CANTORA *Claude Leroy* MELODIAS *Freddy*

COCKTAILS, DRINKS  
AR CONDICIONADO,  
PRACA DA REPUBLICA

CLUB "550"

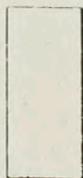
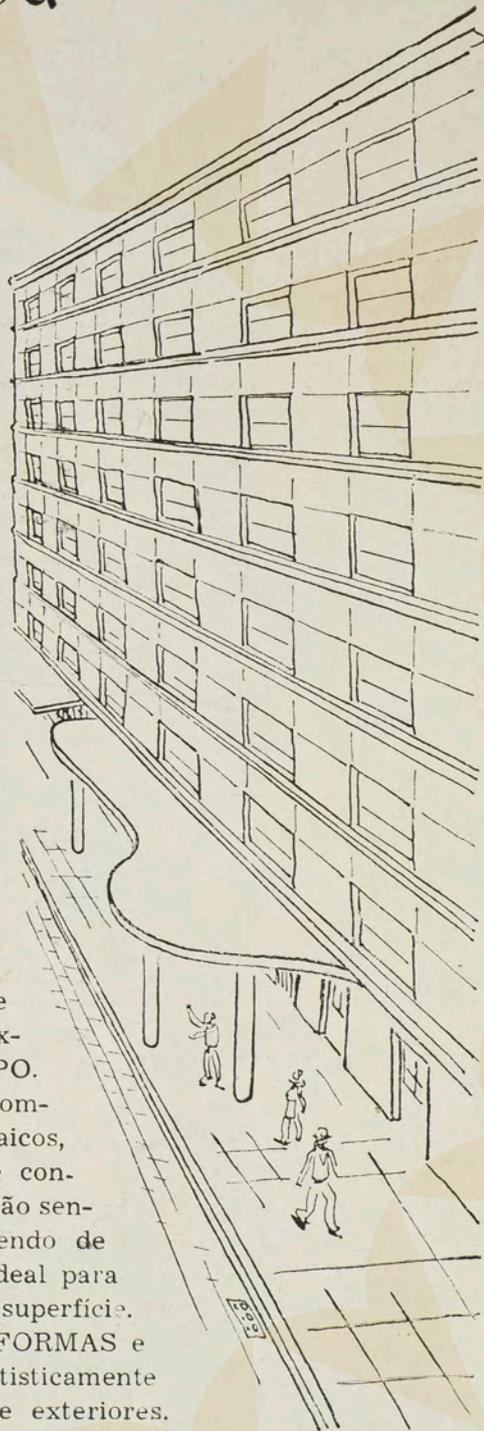
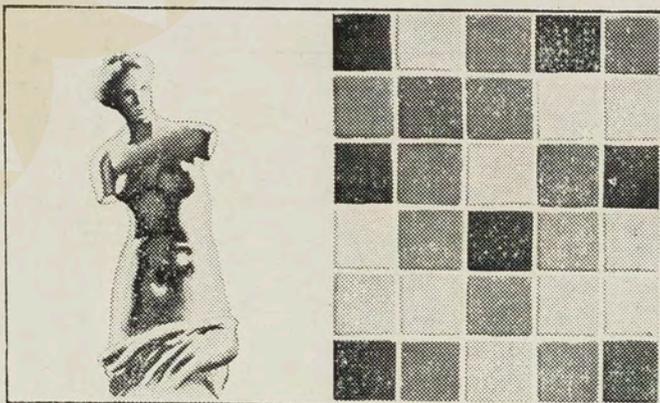


CONFORTO E BELEZA  
COM  
**PERSIANAS  
SOMBREOLAR**  
LTDA.

ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO

TEL. 33-2955  
SEC. DE VENDAS R. DO CARMO, 64-4º A.S. 41

# Beleza que fica para a ETERNIDADE!



VITROÍRIS é o mais fino MATERIAL DE REVESTIMENTOS porquê: Evita qualquer INFILTRAÇÃO. Não necessita de cuidados especiais para conservar-se BRILHANTE. Não perde suas qualidades quando exposto à AÇÃO DO TEMPO. A sua DURABILIDADE é comparável à dos antigos mosaicos, que até os nossos dias se conservam INALTERADOS. Não sendo ESCORREGADIO e sendo de fácil LIMPEZA, torna-se ideal para ser aplicado em qualquer superfície. É fabricado em VÁRIAS FORMAS e CÔRES, podendo ser artisticamente aplicado em interiores e exteriores.

PASTILHA VIDROSA

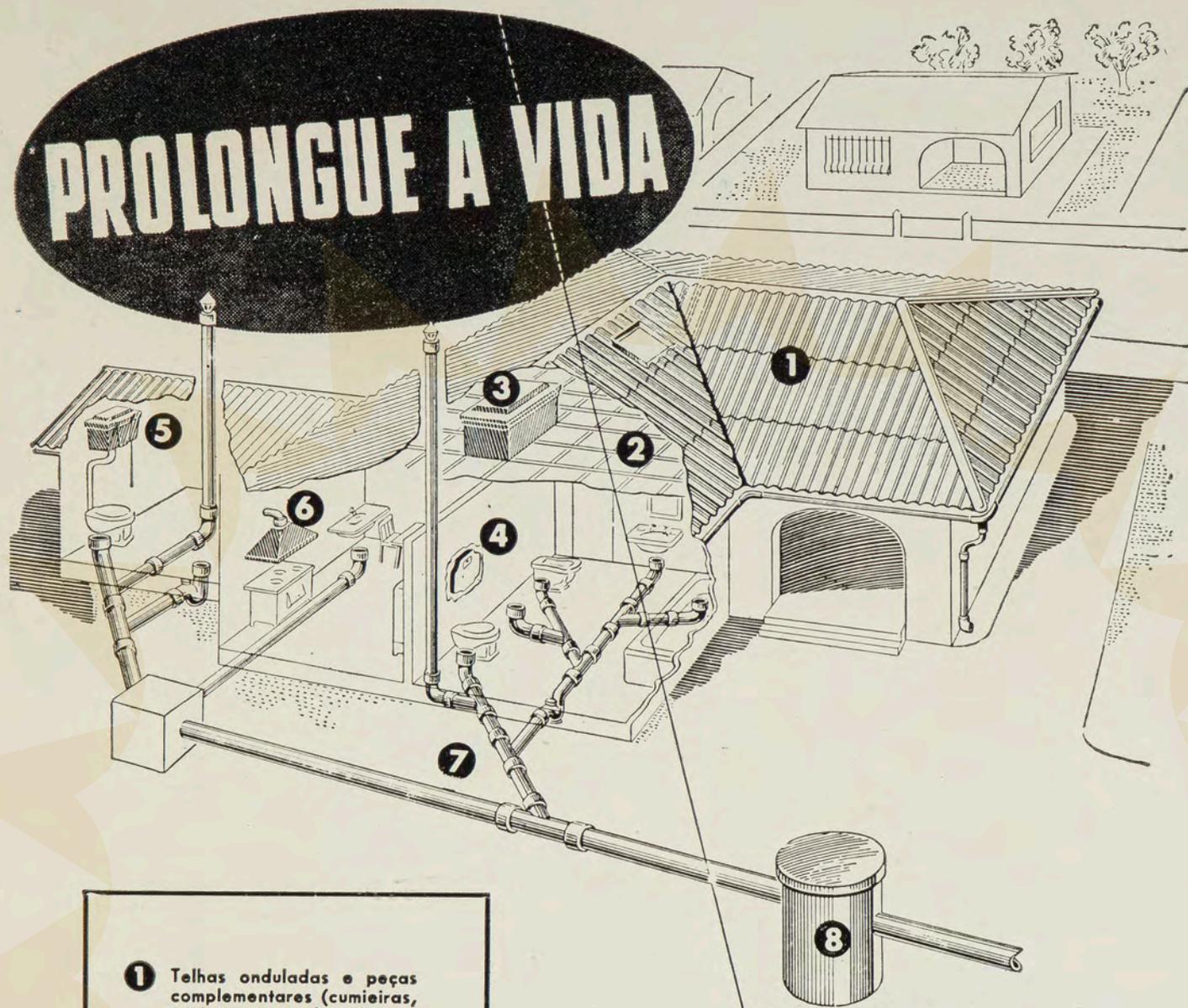


# VITROÍRIS

MOSAICO CRISTAIS veneza S/A

Fabrica: Av. Presidente Wilson, 4519 — Exposição: Rua da Quitanda, 96 - sala 109  
Telefones: 33-6072 - 32-5137 - Ramal 22

# PROLONGUE A VIDA



- 1 Telhas onduladas e peças complementares (cumieiras, espigões, águas furtada, clarabóias, calhas e condutores)
- 2 Chapas lisas para fôrro
- 3 Caixa para água
- 4 Caixa de descarga de embutir "Flu-max"
- 5 Caixa de descarga - externa
- 6 Coifa para fogão
- 7 Tubos tipo esgôto, para instalações domiciliares (coletores e ramais)
- 8 Fossa séptica

Há outros materiais Brasilit para fins específicos.



## DOS PONTOS VITAIS DE SUA CASA...

... empregando o material de cimento-amianto Brasilit. O telhado Brasilit oferece maior resistência à ação combinada e destruidora da umidade e do calor, dos ventos fortes e dos granizos; as caixas d'água e de descarga não estão sujeitas à ferrugem nem os tubos de esgôto à formação de crostas gordurosas que diminuem sua capacidade de escoamento. Brasilit é de instalação fácil e econômica. Fornecemos folhetos com explicações detalhadas sobre seu emprego.

### S. A. TUBOS BRASILIT

São Paulo - Rio de Janeiro - Recife - Salvador - Porto Alegre - Belo Horizonte

Séde em São Paulo: Rua Marconi, 131 - 7.º andar - Fone 34-4127

FÁBRICAS: SAO PAULO, RECIFE E PÔRTO ALEGRE

sonoridade...

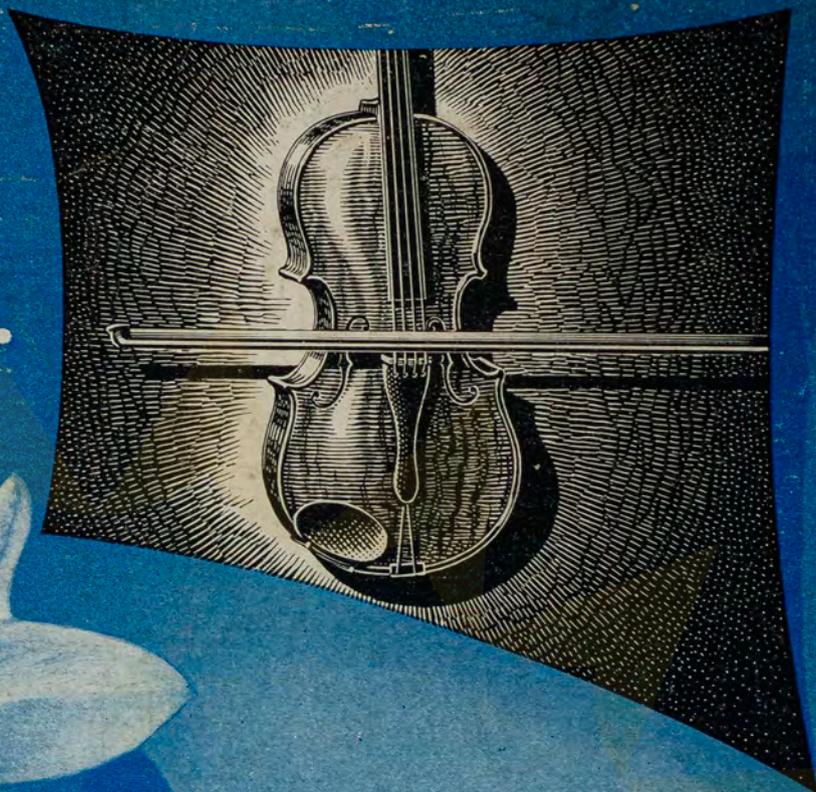
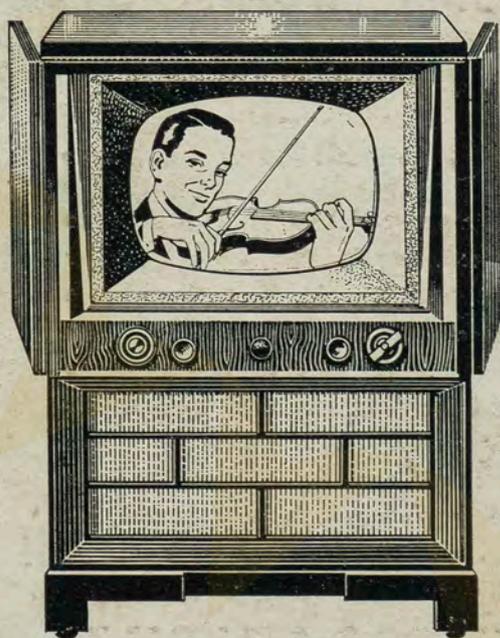


imagem perfeita...



PHILCO TROPIC — Mod. 4206 X

Belíssimo gabinete com todos os desenhos  
“de luxe” Philco. Imagem de 150 polegadas.

Televisão  
**PHILCO**  
“Balanced Beam”

*O presente mais fino que um lar pode receber...*